Sandra Conceição Silva Nogueira

O Mosteiro de Ermelo em Arcos de Valdevez. Um contributo para a sua história

Dissertação de Mestrado em Arqueologia
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Porto, 2010

Agradecimentos

Em primeiro lugar, destacamos o Zé, a quem grande parte deste trabalho se deve, pelo incentivo e ajuda.

À Paula Barreira por todo o apoio fornecido e pelas palavras de encorajamento.

Ao Ricardo Abranches pelas fotografias do espólio das escavações e para este trabalho.

À Filomena Ferreira pelo desenho das cerâmicas e pelas palavras de apoio.

À TopArcos, na pessoa do Nuno Moreira, pelo levantamento/desenho das paredes exteriores da Igreja de Ermelo.

À Cláudia Costa pela rapidez com que se disponibilizou na transcrição dos documentos manuscritos.

Ao Francisco Mendes.

Ao Dr. Luís Fontes pela disponibilidade e paciência demonstradas.

Ao Professor Doutor Mário Jorge Barroca pelo que me ensinou.

À Clara Lobo pelas fantásticas "aulas" sobre cerâmica arqueológica.

Ao meu pai e irmão pela companhia e ajuda e à minha mãe pelo apoio incondicional.

Às equipas das escavações em Ermelo, que tornaram com o seu labor, possível este estudo.

A todos o meu Muito Obrigado!

ÍNDICE

Agradecimentos

Abreviaturas

1. Introdução 6

2. Contextualização Geográfica e Geomorfológica 8

2. Localização do Mosteiro de Ermelo e Geomorfologia do espaço 8

2.1. Caracterização Geológica 9

2.2. Clima 10

2.3. Caracterização do solo e vegetação 11

2.4. Bacia do Rio Lima 12

3. O Monaquismo 14

3.1. Regra Beneditina e os Monges Cluciacenses 14

3.2. A reforma de Cister – a busca da austeridade 16

3.2.1. A Ordem de Cister em Portugal 22

3.2.2. Os Mosteiros Cistercienses e a procura da pureza da vida monástica 24

4. Génese e Evolução do Mosteiro de Ermelo 26

4.1. Tradição Cronística 26

4.2. Evolução do Mosteiro a partir da Documentação Escrita e Monografias 28

5. Arquitectura do Mosteiro de Ermelo. Reconstituição e Hipóteses 37

5.1. A arquitectura cisterciense segundo S. Bernardo 37

5.2. O conjunto monacal Cisterciense 40

5.3. A arquitectura da Igreja do Mosteiro do Ermelo: composição e paralelos 42

5.3.1. O que dizem os vários autores sobre o Mosteiro de Ermelo? 43

5.3.2. Descrição da Igreja do Mosteiro do Ermelo 48

5.3.3. A Igreja de Ermelo e o Românico de Tui 59

5.3.3. Quadro métrico da Igreja do Mosteiro de Ermelo 60

5.3.4. Intervenções da DGEMN na Igreja de Ermelo 61

5.4. Siglas de Pedreiro. Análise 61
5.5. O Espaço Monacal- Claustro 64

6. Arqueologia do Mosteiro de Ermelo: Intervenções e resultados 66
6.1.Primeira Fase: Sondagens Arqueológicas de Avaliação 66
6.2.Segunda Fase: Acompanhamento Arqueológico 74
6.3.Terceira Fase: Sondagens Arqueológicas no terreno da Paróquia 76
6.4.Vestígios Funerários 81

7. Considerações Finais 83
8.Referências Bibliográficas 86

Anexos:

Anexo Documental
Anexo Gráfico

Índice de Abreviaturas

ADB- Arquivo Distrital de Braga

ANTT- Arquivo Nacional da Torre do Tombo

IGESPAR- Instituto de Gestão do Património Arqueológico e Arquitectónico

DGEMN- Direcção Geral dos Monumentos Nacionais

DMP- Documentos Medievais Portugueses

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui efectuado teve como objectivo estudar o mosteiro do Ermelo, em Arcos de Valdevez, incidindo particularmente na sua evolução arqueológica e arquitectónica.

No contexto da valorização do sítio monástico, coordenámos uma primeira intervenção arqueológica na envolvente da Igreja e ruínas do Mosteiro de Ermelo, conseguindo assim obter uma série de elementos sobre as características do edifício da igreja. Como esta fase não revelou nenhum tipo de informação quanto à vivência do espaço regular do mosteiro, realizamos uma nova intervenção arqueológica no espaço de terreno, que é pertença da Fábrica da Igreja de Ermelo, e que se localiza junto à arcada que ainda resta do claustro. Esta nova intervenção tinha como objectivo comprovar a existência física do mosteiro. A necessidade de contextualizar os resultados das intervenções e de compreender o impacto do mosteiro na organização do espaço e da comunidade envolvente exigiu o cruzamento e a análise de documentação medieval e moderna que persistiu sobre o mosteiro e a igreja do Ermelo.

Dividimos a nossa abordagem em vários fases.

Numa primeira fase, fazemos, de forma muito simples o enquadramento geográfico e geológico do Mosteiro de Ermelo.

Num segundo momento, elaboramos uma pequena incursão sobre a introdução da Regra de S. Bento como regra única de vivência monacal, relacionando-a também com a introdução da Ordem Beneditina em Portugal. Posto isto, expomos os desvios da ordem de S. Bento à vivência da regra, o que provoca o início de uma reforma religiosa dentro da própria Ordem Beneditina- Os cistercienses. Estes monges procuram voltar à austeridade e pureza da vivência da Regra de S. Bento. Sintetizamos a introdução desta nova Ordem religiosa em Portugal e os princípios básicos em que ela se fundamenta, o que nos remete para a existência cisterciense do Mosteiro de Ermelo.

Numa terceira fase tentamos marcar um traço evolutivo e perceber a história do mosteiro de Ermelo ao longo dos séculos, a partir da análise dos dicionários corográficos, enciclopédias, documentos manuscritos, inéditos e já publicados e estudos monográficos.

De seguida começamos por tentar perceber a influência de S. Bernardo e a ideia de austeridade defendida pela Ordem de Cister na arquitectura românica. Elaboramos uma

descrição da igreja e do que resta do claustro do Mosteiro de Ermelo e comparamos as formas escultóricas patentes nos capitéis da igreja com outras igrejas da região do Alto - Minho, inserindo-os no foco românico do Alto Minho e Tui.

Num último momento fazemos uma síntese das intervenções arqueológicas realizadas na envolvente da igreja e espaço junto ao claustro e dos seus resultados. Contudo, como não nos foi possível atingir a cota de circulação do mosteiro de Ermelo, ficaram muitas questões por responder.

2. Contextualização Geográfica e Geomorfológica

2. Localização do Mosteiro de Ermelo e Geomorfologia do espaço

Este estudo incide sobre o Mosteiro de Ermelo, que se implanta na vila do mesmo nome, junto à fronteira Sul do Parque Nacional da Peneda–Gerês. Pertence, administrativamente, à freguesia de Ermelo, concelho de Arcos de Valdevez, distrito de Viana do Castelo.

A vila de Ermelo está situada na vertente Norte das Serras da Peneda e Soajo junto à vertente Norte do Rio Lima (cf. Fig. 1 do Anexo Gráfico).

Para chegar a esta localidade segue-se em direcção a Arcos de Valdevez, aí rumamos ao Soajo e depois a Ermelo. Podemos também a partir de Ponte da Barca seguir para o Lindoso, pela Estrada Nacional 203 e em Britelo virar em direcção da Central Eléctrica da EDP e após passar a ponte do Rio Lima seguir em direcção ao Soajo e a meio do percurso virar à esquerda para Ermelo.

No lugar de Ermelo, devido às características do terreno observam-se dois anfiteatros, um delimitado pelas serras e outro por um conjunto de alvéolos. Aqui o rio Lima apresenta-se como uma lagoa de águas serenas favorável à existência de uma enseada, devido à recente construção da barragem do Alto-Lindoso (Brás 2009, p. 76).

A população de Ermelo está muito envelhecida, sendo a média etária dos seus habitantes de cerca de 70 anos de idade. Dedicam-se à agricultura, de que se destaca a produção de laranja - já patenteada e conhecida por "laranja de Ermelo", exportada em grande parte para a vizinha Espanha. Também exercem o pastoreio de gado caprino e bovino. A maioria da população está emigrada, regressando à "terra" nos meses de verão.

Apesar do objecto de estudo se centrar unicamente num pequeno espaço, convém percebermos o contexto geomorfológico e geológico que o rodeia. Assim Ermelo insere-se na vasta área do Alto-Minho. Toda a zona constitui uma região natural com originalidade geomorfológica, resultante não só da natureza geológica do solo, mas também do clima e da cobertura vegetal (Brás 2009, p. 57).

A área em estudo integra o Maciço Antigo ou Maciço Hespérico, que "*consiste no conjunto das rochas paleozóicas afectadas pela orogenia hercínica, dobradas, metamorfizadas e granitizadas*" (Brito 1994, p. 45).

Pela observação do mapa hipsométrico que se apresenta (cf Fig. 2 do Anexo Gráfico) percebemos que as zonas de maior altitude se localizam no espaço mais interior e à medida que se aproxima do litoral o relevo é mais aplanado. Assim, a área em estudo localiza-se junto dos pontos mais altos, com cerca de 1416 m de altitude máxima da Serra do Soajo e 1373 m da Serra da Peneda.

Estes pontos mais altos são separados por vales da fractura de orientação ENE- OSO, com as vertentes e rios encaixados de vales profundos como os Rios Minho e Lima (Brás 2009, p. 59). A bacia do Rio Lima em território português é assimétrica, apresentando maior notoriedade para Norte, donde se destacam as bacias afluentes do Rio Vez e do Rio Laboreiro (Almeida 1987b, p. 13).

2.1. Caracterização Geológica

Tal como já referimos o Alto Minho localiza-se na parte Central do Maciço Hespérico que "*é constituído por xistos argilosos, xistos calcários, mármores, grauwackes, quartzitos, filites, micaxistos, derrames diabásicos e porfíricos, atravessados por possantes intrusões dioríticas e, sobretudo, graníticas"* (Ribeiro 2004, p. 8). (Ver Figura 3 do Anexo Gráfico.

Nos fenómenos magmáticos ocorridos deram origem aos diferentes tipos de granito, presentes ainda na região, com idades que variam entre os 325 e os 280 milhões de anos, dos períodos Carbónico superior e Pérmico inferior da Era Primária. Desde esta era que o Alto-Minho deve ter estado sujeito à acção dos agentes erosivos, pois não existem rochas mais recentes. Existem sim, depósitos pouco espessos de areias, cascalheiras, lodos, normalmente pouco consolidados, de idade recente, da Era Quaternária. Estes depósitos normalmente constituem as baixas pluviais, praias, dunas, antigas praias e terraços fluviais (Almeida 1987b, p. 16-17).

A orogenia hercínica determinou, nos granitos e xistos, fracturas e falhas, com direcções ENE- WSW, NNW-SSE, WNW-ESSE, originando uma densa rede de facturação nas rochas da região (Almeida 1987b, p. 17). (cf. Fig. 4 do Anexo Gráfico).

2.2. Clima

Tal como já foi referido, o Alto-Minho possui pontos de altimetria média, como as Serras do Soajo e Peneda, mas também níveis aplanados, entrecortados por várias escarpas de falhas com várias direcções: NNW-SSE, N-S ou NE-SW. Carlos Alberto Ferreira de Almeida concluiu que as serras de Arga e de S. Paio foram levantadas por falhas, constituindo um horst-bloco de território elevado em relação ao território vizinho por acção de movimentos tectónicos (http://pt.wikipedia.org/wiki/Horst); outro conjunto seria formado pelas serras da Boalhosa, de Corno do Bico e de Oural; entre esses dois horsts estaria uma área que abateu - fossa tectónica; o conjunto das Serras da Peneda, do Soajo, do Laboreiro e de Pernidelo constituiria mais um horst e a área compreendida entre Monção até Sul de Ponte da Barca seria outra fossa tectónica (Almeida 1987b, p. 18).

Em espaços embutidos entre as serras são observados extensos níveis de aplanamentos, como o de 700-900m, na Serra de Arga e da Boalhosa; o de 450-650m na Serra de Santa Luzia e S. Paio embutido nas Serras da Boalhosa e Corno do Bico. O nível de aplanamento dos 150-250m extenso a sudeste, perto do rio Neiva, aparece em pequenos retalhos, ao longo dos rios Minho e Lima até à fronteira luso-espanhola (Almeida 1987b, p. 18).

Ao longo do tempo geológico os rios foram-se encaixando a partir de cada nível de aplanamento sendo o seu trabalho facilitado pela rede de fracturas existentes como zonas de fragilidades. Isto explica porque muitos cursos apresentam bruscas mudanças de direcção, como o rio Vez. Ver Figura 5 do Anexo Gráfico.

Pequenas depressões aplanadas, designadas por alvéolos, são muito comuns no Alto-Minho, que se desenvolvem em rochas cristalinas como os granitos em contacto com xisto.

Existem, ainda, áreas onde se observam os efeitos dos glaciares, nos finais do Pleistoceno, como no vale superior do rio Vez e na serra Amarela (Almeida 1987b, p. 19). (cf. Fig. 6 do Anexo Gráfico).

Em termos climáticos, no Alto Minho, nomeadamente nos vales dos Rios Minho e Lima observamos um Verão quente e um Inverno fresco, graças ao abrigo do relevo montanhoso. Nos cumes das montanhas interiores o Verão é fresco e o Inverno é frio ou muito frio, derivado essencialmente à altitude. (cf. Fig. 7 do Anexo Gráfico).

Tal como já foi referido, as convulsões tectónicas acarretaram a formação de um grande número de vales que se apresentam dispostos em socalcos até ao mar e para os grandes rios. Estas grandes aberturas facilitam a penetração dos ventos marítimos que sopram pelos vales e contra as montanhas, obrigados a subir, condensam muitas vezes a humidade que carregam em chuva. Por isso as zonas mais altas são também as mais pluviosas (Brás 2009, p.67). (cf. Fig. 7 do Anexo Gráfico).

2.3.Caracterização do solo e vegetação

O solo é a camada de transição entre a rocha e a atmosfera. É esta camada o suporte da agricultura e da vegetação natural constituindo um estrato poroso onde as chuvas se infiltram, alimentando os lençóis freáticos mais profundos e mantendo o escoamento dos rios (Brás 2009, p. 69).

O solo do Minho não é favorável à agricultura, uma vez que carece de cal e de ácido fosfórico. Contudo a terra é muito permeável por ter como rocha-mãe, predominantemente, o granito de grão-grosso ou médio e onde na sua superfície está cheia de fissuras por onde as águas facilmente penetram.

Assim, a abundância de água e o seu aproveitamento, bem como a acção constante do homem sobre as terras, incluindo o estrumar dos campos, fazem com que esta região apresente uma possante vegetação e um permanente e enorme manto vegetal. A utilização mais frequente e metódica das águas para o regadio das culturas não só permitiu drenar e ocupar os solos mais fundos como possibilitou uma poderosa e persistente estruturação do solo agrícola em parcelamentos (Brás 2009, p. 69).

As manchas arbóreas da região do Minho são bosques de carvalho, onde podemos encontrar também o azevinho e o medronheiro. Ainda subsistem, principalmente acima dos 900m, em vales húmidos e resguardados do Parque Nacional da Peneda-Gerês, manchas arbóreas apresentando uma grande variedade de espécies que correspondem às

florestas temperadas da região euro-siberiana, como o pinheiro-silvestre, o teixo e o bidoeiro (Brás 2009, p. 71).

As características geológicas e geomorfológicas do Alto-Minho permitem a penetração das influências marítimas e facilitam a muitas terras dos vales uma razoável defesa e abrigo dos ventos do norte e noroeste. Assim, apresenta as melhores condições para os cultivos da Primavera e de Verão e em alguns casos, em alvéolos com boa exposição solar, para o cultivo da vinha, da oliveira e da laranjeira. Assim, entre as veigas e as rechãs de ervas ou de milhos e a mancha superior dos montes, por onde os gados sobem quase todos os dias, há um grande contraste.

O Alto-Minho é uma zona em trabalhos contínuos e repetitivos, de modo a atingir um equilíbrio entre o habitat disperso e uma certa organização de campos e florestas, e entre a criação de gado e de pastos e a produção de cereais e de vinho.

2.4. Bacia do Rio Lima

O Rio Lima nasce em Lamas de Xinzo, Serra de S. Mamede, na província de Ourense, em Espanha, a cerca de 900m de altitude. O seu curso estende-se por 108 km, dos quais 67 km são em território português.

O clima da bacia hidrográfica do rio Lima, que cobre 2480 km^2, sendo 1177 km^2 em Portugal, vai de muito húmido a pouco húmido, situando-se nas Serras do Gerês e Soajo com valores mais altos de pluviosidade (Atlas de Portugal 1988, p.53).

Próximo da fronteira portuguesa o seu leito estreita devido à topografia do terreno, passando entre as duas Serras de Laboreiro, a Norte, e a Serra Amarela, a Sul. Nestas zonas corre apertado, o que possibilita, tanto do lado português como galego um bom aproveitamento hidráulico para electricidade. Do lado português destacamos, como mais antiga, a Central Eléctrica do Lindoso, que foi a primeira central hidroeléctrica construída em Portugal, em 1922, aproveitando a vertente geográfica e a força do caudal para produzir energia, distribuindo dessa forma electricidade às aldeias mais próximas. Mais recentemente, foi construída a barragem do Alto-Lindoso, muito próxima da fronteira, dentro do Parque Nacional da Peneda-Gerês, que foi projectada em 1983 e concluída em 1992. A sua utilidade é a produção de energia eléctrica, sendo o maior e

mais potente produtor hidroeléctrico em Portugal. É uma das mais altas construções de Portugal.

Do Lindoso à foz, em Viana do Castelo, ocorrem-lhe inúmeros ribeiros, no geral, bacias muito pequenas, com águas muito aproveitadas para regadios e alguma moagem. Destes afluentes destacam-se o rio Vez, Vade e os riachos de Labruja e Estorões. Existem ainda curtos ribeiros de montanha, a que chamam "corgas", de águas ruidosas que ocorrem em épocas mais chuvosas.

Desde o Lindoso até Viana, a mancha ribeirinha é sempre acompanhada por montanhas, relativamente próximas "*que a aconchegam e nos dão bastantes esporões, que a enchem de alvéolos e de microclimas, nos quais o vinho atinge boa qualidade, e onde as oliveiras, e mesmo os laranjais, têm grande desenvolvimento. À paisagem multicolorida, densa e diversificada do vale opõe-se, lá no alto, a montanha, muito despida que só na segunda metade do séc. XX com a florestação, de pinheirais, começou a cobrir*" (Almeida 1987b, p. 68-69).

(cf. Fig. 9 do Anexo Gráfico)

3. O MONAQUISMO

Como o nosso objecto de estudo se trata de um conjunto monacal justifica-se uma pequena introdução, embora sem aprofundar a matéria, ao monaquismo.

3.1. Regra Beneditina e os Monges Cluciacenses

S. Bento terá sido o fundador do monaquismo ocidental. Nasceu em Núrsia, Itália Central, no séc. VI. Foi abade de Monte Cassino, mosteiro que fundou e onde terá morrido. Escreveu a Regra para os seus discípulos procurando definir, de uma forma simples e moderada, a vivência religiosa no espaço de um mosteiro. Este texto tinha como objectivo regulamentar e disciplinar a vida comunitária nos mosteiros, renunciando à criação de uma rede de dependências ou obrigações entre as várias casas. Cada mosteiro era autónomo e tinha um superior próprio, o abade, eleito pela comunidade, com funções de carácter espiritual e administrativo (Sousa 2006, p. 40).

Contudo, só começou a adquirir o carácter de norma de outras observâncias quando foi recomendada a todos os monges do Império Carolíngio nos *Capitularia Monastica* dos Sínodos de Aix-La-Chapelle de 816 e 818-819, inspirados por S. Bento de Aniano (Sousa 2006, p. 38). Desta forma unificam-se todos os mosteiros existentes sob a regra Beneditina.

Data do século IX a planta de um mosteiro ideal segundo a Regra - o Mosteiro de Saint- Gall, na actual Suíça.

O plano deste Mosteiro reúne uma pequena cidade religiosa e auto-suficiente, organizada em torno de uma igreja abacial e o seu claustro. O templo está orientado segundo um eixo longitudinal Este-Oeste, que assinala a direcção da Terra Santa, com o acesso principal ao mosteiro a partir do lado Oeste da Igreja. (cf.Fig.10 do Anexo Gráfico)

Desde o séc. IX a Regra de S. Bento tornou-se o mais influente documento para a vida monástica ocidental, sendo ainda hoje seguido e adoptado pelas comunidades religiosas cristãs, como por exemplo o Mosteiro de Singeverga, em Santo Tirso, Portugal.

As abadias de inspiração beneditina, nomeadamente a partir do Mosteiro de Cluny (séc. X), centro espiritual e cultural, dinamizador do monaquismo, espalhavam-se por toda a Europa e os seus monges acabariam por exercer um papel importante no plano religioso, bem como no plano social, económico e cultural.

Para melhor perceber o que se vai escrever sobre a reforma cisterciense, promovida por um grupo de monges cluniacenses, convém perceber a Regra Beneditina. O monge beneditino encontra no mosteiro e na comunidade que o habita um lugar privilegiado de experiencia com Deus, que seria o elo de ligação a todos os monges, pois o mais importante ensinamento da regra seria o *"amar a Deus de todo o coração, com toda a alma, com todas as força"* (*Regra do Patriarca S. Bento*, Singeverga, 1992, citada por Brás 2009, p. 38-41). A experiência de Deus vivia-se no silêncio dos claustros, das celas e durante os trabalhos nos campos.

A vida monástica segundo os preceitos da a Regra de S. Bento- *Ora et Labora*- tinha como característica principal a leitura e escuta da palavra de Deus no recolhimento e na contemplação, sendo o louvor a Deus na oração pessoal e na Liturgia da Igreja muito importante. O monge deveria ser obediente ao seu abade, valorizar o silêncio e ser comedido nas suas palavras e atitudes, isso promoveria a estabilidade fraterna da comunidade monástica. Além da oração e trabalhos nos campos deveriam promover o tratamento e hospedagem de doentes, peregrinos ou outros monges de passagem. O trabalho dos monges copistas, no *scriptoria monastica*, era muito importante, por isso muitas obras de clássicos de filosofia antiga e de religião se deram a conhecer na Europa.

Até ao final do séc. XI, as numerosas fundações monásticas que existiam no condado portucalense adoptavam os costumes da região baseados num conjunto de regras, entre as quais predominavam, no Noroeste Peninsular, a de S. Fructuoso de Braga - *Regula Comunis.*

Em Portugal, a Regra de S. Bento, como norma exclusiva da vida monacal, foi introduzida entre os anos de 1080 e 1115 em vários mosteiros antigos, por decisão do Concílio de Burgos em 1080, dos quais Bernardo Vasconcelos e Sousa destaca os de Rates (1100), Santa Justa de Coimbra (desde 1102) e de Vimieiro (desde 1127) (Sousa 2006, p. 42).

Segundo o Professor José Mattoso a Península Ibérica poderá ter sido *" a última região da Europa a adoptar o sistema de regra única, numa época em que o monaquismo ocidental observava à muito a Regra de S. Bento"* (Mattoso 1996, pp.73-

74). O isolamento da Península Ibérica, segundo o autor, explica as diferenças de tradições e observâncias. (Mattoso 1996, p.74)

Ainda segundo José Mattoso a penetração da reforma monástica na península está intimamente ligada à influência cultural francesa e romana nesse espaço durante os séculos XI e XII. Quebra-se o isolamento cultural anterior, dando-se uma abertura às instituições políticas e culturais, bem como aos movimentos sociais e económicos do Ocidente (Mattoso 1996, p.74).

Os mosteiros da ordem de Cluny eram ocupados por monges que deveriam rezar e ocupar o seu tempo fora das liturgias divinas no trabalho manual de subsistência. Era pedido o despojamento de riquezas e luxos. Contudo, acabariam por não funcionar sem benesses de reis, que faziam testamentos e ofertas para obtenção da salvação da alma, de nobres, que forneciam o dote para estes admitirem os seus filhos segundos e filhas e dos pobres, que procuravam a salvação da alma dando o que tinham (Duby 1997, p. 13).

3.2 - A reforma de Cister – a busca da austeridade

O luxo, a riqueza, a vaidade exterior, isto é, a não observância das normas da Regra Beneditina provocou fracturas ideológicas dentro do monaquismo de Cluny, surgindo um novo ramo beneditino com o intuito de reforma - a Ordem Cisterciense. Este movimento reformador propunha devolver ao monaquismo a sua pureza primitiva, restaurando literalmente a Regra de S. Bento. Valorizavam o trabalho manual, em oposição aos hábitos cluniacenses, que privilegiavam a liturgia.

Em 1098, com a fundação do *novum monasterium* (Novo Mosteiro) conhecido por *Citeaux* (Cister), na Borgonha, pelo monge Roberto de Molesmes (1024-1111) e os seus continuadores Alberico (1099- 1109) e Estêvão Harding (1109-1133), inicia-se o projecto de conduzir uma reforma monástica pelo ramo Cisterciense dos Beneditinos, tentando ultrapassar o monaquismo tradicional cluniacense e regressar à observância literal da Regra de S. Bento.

Foram elaborados documentos que funcionaram como normas de vivência e fundação das abadias de Cister: o *Exordium Paruum,* aprovado pelo Papa Pascoal II, que traçava as linhas de evolução desta nova observância religiosa; e a *Carta de Caridade,* atribuída normalmente a Estêvão Harding e a cerca de 1114, mas que, segundo Aires A.

Nascimento, apresenta acrescentos posteriores que se prolongam por cerca de 50 anos. Esta última é o documento básico onde se fundamenta a unidade entre as várias fundações abaciais, tendo sido tornado público por um conjunto de irmãos que o aprovaram num Capítulo Geral da Ordem, e este seria assim «*…o vínculo indissolúvel de caridade espiritual a haver entre os monges cistercienses, dispersos fisicamente pelas abadias das diversas partes do mundo.*» (Prólogo da Carta de Caridade - Nascimento 1999, p. 68).

Para não nos prolongarmos na referência às normas que regulavam a vida monacal da Ordem de Cister, apresentaremos apenas o Índice dos capítulos da *Carta de Caridade.*

«Índice de Capítulos»

"I- Nenhum contributo em bens materiais seja exigido por uma comunidade-mãe à comunidade-filha.

II- A regra seja interpretada de uma só e única maneira por todos e assim observada.

III- Todos tenham os mesmos livros e os mesmos costumes litúrgicos.

IV- Estatuto geral das relações entre as Abadias.

V- Uma vez por ano a Abadia-Mãe visita a Abadia-filha.

VI- Reverência a usar pela filha nas relações com a mãe.

VII- Capítulo Geral dos Abades em Cister.

VIII- Indicações respeitantes às relações entre aqueles que têm a sua origem em Cister e aqueles que dela se reclamam; dever para todos de estarem presentes no capítulo geral; a exigência de perdão e a penitência para aqueles que evitem dirigir-se lá.

IX- Quanto aos Abades que demonstram desprezar a Regra ou a Ordem.

X- Regulação das relações entre as Abadias sem laços de fundação.

XI- Da morte e eleição dos Abades.» (Nascimento 1999, p. 68-69).

Os Capítulos Gerais da Ordem Cisterciense estabeleciam determinações (*definitiones*) que se tornaram orientações para todas as comunidades.

Vale a pena conhecer as decisões defendidas pelos primeiros padres da Ordem, que foram acrescentadas à *Summa Cartae Caritates,* e que correspondem aos XXVII primeiros estatutos anteriores a 1134, e assim também poderemos perceber quais os objectivos deste movimento reformador, em busca de pureza e austeridade:

«I. Não é nas cidades, castelos ou aldeias, que se hão-de construir os nossos mosteiros, mas em locais afastados do convívio dos homens.»

«II. Para preservar perpetuamente a indissolúvel unidade entre as abadias, foi estabelecido em primeiro lugar que a Regra de S. Bento será interpretada de um único modo e de um único modo será observada; depois, que haveria os mesmos livros no que respeita ao divino ofício; haja a mesma alimentação, o mesmo vestuário, os mesmos costumes litúrgicos.»

«III. Missal, epistolário, evangeliário, colectário, gradual, antifonário, Regra, himnário, saltério, leccionário, calendário, sejam em toda a parte os mesmos.»

«IV. O vestuário seja simples e pobre, sem guarnições, camisa de lã, como descreve a Regra.»

«V. Aos monges da nossa Ordem o alimento deve provir do trabalho das suas próprias mãos, do cultivo da terras, do cuidado dos rebanhos, pelo que é lícito possuirmos para nosso usufruto águas, florestas, vinhas, prados, terras, afastadas de lugares habitados por gente secular, e possuirmos bem assim animais… (…). Para os domesticar, manter e guardar, seja perto seja longe, podemos ter granjas, que serão guardadas pelos conversos, contanto que não fiquem a mais de um dia de caminho.»

«VI. A um monge, para quem o lugar próprio de habitação por Regra deve ser o claustro, é permitido deslocar-se às granjas, sempre que aí for mandado; mas não ficar aí muito tempo.»

«VII. Excluía toda a ocasião quer de armazenar alimentos quer de sua conservação ou de trabalhos para o mosteiro, como a necessidade, o convívio com mulheres é-nos totalmente interdito a nós e aos nossos conversos; por isso, não lhe é permitido ficarem a viver nas residências das granjas nem passar da porta dos mosteiros.»

«VIII. Os trabalhos nas granjas devem ser executados pelos conversos e bem assim por assalariados; efectivamente aos conversos, mediante licença episcopal, assumimo-los como pessoas necessárias e ajudantes sob nosso cuidado e, tal como se fossem monges, como irmãos e participantes dos nossos bens, tantos espirituais como materiais, considerando-os iguais aos monges.»

«IX. As igrejas, altares, sepulturas, dízimas de trabalhos alheio ou de produtos alimentares, aldeias, aldeãos, tributos de terras, rendas de fornos e de moinhos, bem como de outras coisas contrárias à pureza monástica, a instituição do nosso nome e da nossa ordem exclui-os.»

«X. As tolhas dos altares, os paramentos dos ministros, com excepção da estola e do manípulo, não sejam de seda; a casula, porém, seja de uma só cor; todas as peças de serviço do mosteiro, copos e outras, sejam sem ouro ou prata ou gemas, com excepção de duas, do cálice e da colherinha, os quais se permitem que sejam dourados e prateados, mas não de ouro.»

«XI. Se algum dos monges, clérigo ou leigo, quiser dirigir-se a alguma das nossas comunidades com intenção de nela permanecer, não o dissuada alguma outra comunidade nem o retenha mesmo que ele queira ficar… (…) quem, depois de chegar a uma lugar em que pretendia viver, mudar de intenção e não quiser ficar, parta livremente. Mas se tiver frequentado o noviciado e daí tiver sido expulso por acção viciosa ou ele próprio tiver saído, não seja acolhido por nenhuma comunidade da nossa fraternidade sem carta de recomendação, pois se poderia gerar um foco de discórdia entre as comunidades por tal motivo. O mesmo determinamos sobre o monge fugitivo que tenha sido recebido em algum dos nossos locais e tenha saído de qualquer modo.»

«XII. Serão doze os monges a enviar com um abade, que fará o número treze, a fundar novos mosteiros; não sejam para aí destinados enquanto o local não estiver fornecido com livros, casas e as coisas indispensáveis: por livros entenda-se o missal, a Regra, o livro de usos, o saltério, himnário, o colectário, o leccionário, o antifonário, o gradual; por casas, o oratório, o refeitório, o dormitório, a cela de hóspedes e de porteiro; por coisas indispensáveis, mesmo de carácter material, aquelas que tornam possível aí viver e aplicar a regra sem tardar.»

«XIII. Proibimos que nos livros das nossas comunidades haja peças, que usualmente recebem o nome de fechos, que sejam de ouro ou de prata ou mesmo prateados e dourados, nem haja códice algum recoberto de brocado.»

«XIV. (…) …que nos nossos mosteiros se não faça pão branco, mesmo que seja nas festas principais, mas seja ele grosseiro, isto é, feito com farelo. Onde houver falta de

trigo, é permitido fazê-lo com centeio. Esta exigência não se aplica aos doentes.» O mesmo acontecia com os hóspedes.

«XV. Nas nossas comunidades não haja cogulas com pêlo por fora e o calçado de dia não seja de cabra ou de cordovão, mas de vaca.»

«XVI. Se algum monge ou converso, por falta sua, sair de alguma comunidade e for para outra, seja persuadido a regressar à primeira. No entanto, se o abade ou o prior daquele local perceber que ele não quer regressar ao seu lugar, não o deixe ali ficar mais de uma noite e mande que lhe seja tirado o hábito… (…). Ao converso, porém, nada se lhe deixe das coisas do mosteiro para além de um hábito simples e pobre.»

«XVII.O monge fugitivo, se chegar a algum mosteiro para aí ficar e aí em razão da vizinhança ou de informação da sua comunidade, não puder ser recebido, não se albergue mais tempo na casa de hóspedes, por esta razão, para enquanto se demora, ou por algum expediente ou por demanda de alguma pessoa eclesiástica ou secular, que costuma ser de violência, não seja arrancado à força pelo seu abade.»

«XVIII. Dado que os nossos antecessores e pais vieram inicialmente da igreja de Molesme para o lugar de Cister, e que aquela igreja é dedicada à bem-aventurada Virgem Maria e daí também nós tivemos origem, por isso mesmo decidimos que todas as nossas igrejas e as dos nossos sucessores sejam fundadas e dedicadas a Santa Maria, Rainha do Céu e da Terra.»

«XIX. Nós os dez abades, ao chegarmos a Cister, como costumamos de ano a ano, certa vez rogámos ao Abade Dom Estêvão e aos irmãos que não nos fossem apresentadas no refeitório as pitanças costumadas depois dos dois pratos quentes da Regra; ….»

«XX. Proibimos que haja esculturas ou pinturas nas nossas igrejas ou quaisquer dependências do mosteiro, pois quando se olha para elas, deita-se logo a perder a utilidade da boa meditação ou a disciplina da gravidade monástica. No entanto, temos cruzes pintadas que são de madeira.»

«XXI. Não é oportuno construir fora de portas do mosteiro alguma dependência de habitação, a não ser que seja de animais; a razão é que pode daí nascer perigo espiritual.»

«XXII. Haja a certeza de que nós que assumimos a milícia monástica devemos nos nossos mosteiros manter uma gravidade honesta e uma disciplina regular e não nos entregaremos a ligeirezas ou jogos e por isso afugentaremos dos lugares santos os focos dos vícios, como seriam veados, ursos e grous ou outros incitamentos a ligeirezas.»

«XXIII. Se clérigos ou leigos construírem algum lugar à honra de deus e quiserem concedê-lo a algum dos nossos mosteiros com o fim de ser útil para transferir uma abadia, o abade do mosteiro a quem é solicitada anuência, examine o local e receba-o se quiser. Quanto aos clérigos ou leigos, porém, se quiserem submeter-se ao jugo da santa Regra, ou aguardem que se faça naquele lugar uma abadia ou dêem entrada no noviciado do mosteiro do referido abade, para fazer a sua provação regular. No entanto, se escolherem sair para alguma das nossas comunidades ou fazer outra coisa da própria iniciativa, façam-no livremente. Uma coisa, todavia, por nós deve ser evitada sumamente, que tanto eles como outros se associem ao nosso grémio de qualquer maneira sem provação regular, sendo excepção os monges que S. Bento acolheu.»

«XXIV. Dentro do mosteiro, ninguém coma carne ou gordura além dos doentes declarados e artesãos contratados. Do mesmo modo, dentro das residências das granjas, a não ser nas mesmas circunstâncias e em caso de assalariados.»

«XXV. Em todo o Advento, exceptuando o primeiro domingo, segunda e terça-feira antes da Quaresma, na vigília de Pentecostes, nos jejuns das Quatro Têmporas, nas vigílias dos Santo João Baptista, Pedro e Paulo, Lourenço, Santa Maria da Assunção, Apóstolo Mateus, Simão e Judas, Todos os Santos, Apóstolo André, apenas comemos como no jejum quaresmal. Por isso, nestes dias, não se ponha queijo nem ovos nas nossas hospedarias.»

«XXVI. Não consentimos que haja sociedade com seculares na criação do gado ou no cultivo de terras, seja sem dar seja em receber de meias ou ao ganho.»

«XXVII. Para a confissão, para a sagrada comunhão, para a sepultura, não recebemos ninguém estranho, dentro do mosteiro, além dos hóspedes e dos assalariados; ou seja, recebemos os mortos, mas não para a oblação, à missa, na comunidade, a não ser na Purificação de Santa Maria. Para a sepultura, no entanto, apenas dois à nossa escolha, de entre os amigos, dos nossos criados com as suas esposas.»

«XXVIII. Se alguém desejar ser monge e largar o mundo e vier ter com algum dos nossos abades para lhe dar conhecimento do seu desejo e se entregar a ele ou a algum dos monges daquela comunidade, se isso acontecer antes da sua petição ser apresentada regularmente em capítulo, não seja tido como noviço, mas como criado.»

«XXX. Se algum contencioso se levantar em capítulo em Cister, por falta espontaneamente confessada ou por acusação feita, seja ele dirimido por comum acordo de todos os abades, se for possível fazê-lo harmonicamente. Se, no entanto, houver dissentimento, com razões de sensibilidade de parte a parte, como muitas vezes acontece, o Abade do mosteiro de Cister, com quatro outros abades para tanto idóneos, defina quem tem razão e o que julgar mais útil toda a assembleia ali reunida o admita sem contestação.»

«XXXI. Determinamos que ninguém presuma constituir privilégio contra o que está estabelecido, mas o que dispuserem os santos varões nossos antecessores e continuam a dispor hoje em salutar conselho, permaneça ratificado e estável. Se, no entanto, alguém, contra o estabelecido pelo capítulo, presumir tomara alguma coisa, vende-la ou construir algum edifício, sem contar com qualquer dispensa, os edifícios sejam deitados ao chão, percam-se as despesas e as obras.»

«XXXII. As granjas das diversas abadias distem entre si pelo menos duas léguas.» (Nascimento 1999, p. 81-85).

Após aprovação Papal em 1137, todas as decisões dos Capítulos Gerais vão sendo anexas aos mesmos, pois não se deveriam introduzir alterações ao já aprovado por sua Eminência Santíssima.

Mantêm o voto de estabilidade, típico da Regra Beneditina, mas procuram fugir à tentação de viver à custa de dádivas. Conservariam, no entanto, o princípio de propriedade comunitária de bens, podendo o terreno de fundação ser cedido por um rei, ou um nobre, mas depois, pelo seu trabalho, os monges deveriam ser garantes do seu próprio sustento. Desta forma, não aceitariam dádivas de dinheiro, não teriam servos a trabalhar em vez deles, não administrariam paróquias ou outros benefícios eclesiásticos. Também na sua forma de vestir se irá notar a influência da austeridade, albergando

burel rude, sem tingir, esbranquiçado. Daí que eles tenham ficado conhecidos como "monges brancos", por oposição aos cluniacenses, vulgo "monges negros".

Não comeriam carnes nem beberiam vinho, mas eles próprios, cultivariam as suas terras, amanhariam os campos e granjas, semeando os cereais, plantando as hortas e vinhas, apascentariam os rebanhos e eles próprios construiriam os seus mosteiros e casas. Para melhor harmonizar a oração e o trabalho, esta Ordem vai abrir-se a um grupo de trabalhadores criando a classe dos *irmãos conversos* ou *leigos*, não dedicados ao culto divino propriamente dito, logo estariam mais livres e disponíveis para os trabalhos manuais (Dias 1999, p. 21-23).

A Ordem de Cister possuía uma organização flexível, respeitando a autonomia dos mosteiros. A Abadia-Mãe tinha o direito e o dever de visitação anual através do seu abade sobre o mosteiro filial, e periodicamente, todos os superiores deviam-se reunir em Cister para o Capítulo Geral, onde se tomavam as decisões relativas a toda a Ordem, que devia seguir o rigor da disciplina comum.

A Abadia–Mãe, Cister, e as suas quatro primeiras filiais, La Ferté (1113), Pontigny (1114), e Claraval e Morimond (1115), tornar-se-iam as chefes das cinco grandes filiações às quais se ligaram todas as casas da Ordem.

Artisticamente, nos edifícios promovidos pelos monges brancos, recusa-se a fantasiosa decoração escultórica, a artificialidade dos vitrais coloridos, o excesso de alfaias litúrgicas em materiais preciosos e a rica ornamentação. A arquitectura dos mosteiros cistercienses é assim, uma arquitectura de formas simples e claras, construída de forma a optimizar recursos e soluções técnicas e recusando o excesso ornamental, reduzindo as decorações nos capitéis a formas vegetalistas e substituindo os vitrais por simples vidraças que se rasgam nas paredes (Pereira 1995, p. 206).

Este movimento reformista rapidamente alastrou por toda a Europa, principalmente graças a S. Bernardo - "obreiro do sucesso da Ordem Cisterciense" (Duby 1997, p. 9). A Ordem de Cister em 1119, após 21 anos da sua primeira fundação, contava com 19 abadias. Em 1134 contava com 34 abadias. No ano da morte de S. Bernardo (1153) somava 343 mosteiros, dos quais 66 foram fundados ou restaurados pelo Santo. No fim do século XII contava o número de 523 abadias fundadas, tendo mesmo sido contrariadas as decisões do Capítulo Geral Cisterciense de 1152, de não fundar mais abadias novas Cistercienses (Dias 1998a, p. 68).

Tendo em conta o princípio das abadias-mães, o Mosteiro de Claraval foi o que atingiu um maior índice de fundações, contando com 355 abadias filiadas na França, Ilhas Britânicas, Escandinávia e Península Ibérica (12) (Dias 1998a, p. 68).

3.2.1 - A Ordem de Cister em Portugal

A entrada da Ordem de Cister em Portugal ocorre em plena fase de expansão do novo instituto monástico, durante o século XII. Ao mesmo tempo Portugal lançava-se como pequeno estado independente. É durante o governo do nosso primeiro rei português, D. Afonso Henriques, que se estabelecem entre nós as primeiras fundações cistercienses.

Os Cistercienses, mesmo vivendo e procurando lugares afastados das povoações, ajudaram a criar uma nova visão do mundo, como facto de através do trabalho favoreciam e estimulavam a ocupação de terras recém conquistadas (Dias 1998a, p. 78).

O tema das primeiras fundações cistercienses em território português continua a suscitar algumas dúvidas. A primeira referência documental explícita aos cistercienses em S. João de Tarouca, perto de Lamego, remonta ao ano de 1144, altura em que D. Afonso Henriques doa o eremitério de Santa Eulália a esse Mosteiro (DMP, DR, I, pp.251-252, nº203). Este Mosteiro já tinha recebido carta de couto em 1140 (Marques 1998a, p. 84 e 85).

Contudo, Maria Alegria Marques defende que o mosteiro de S. Cristóvão de Lafões, no concelho de S. Pedro do Sul, terá sido o primeiro a receber monges de S. Bernardo, baseando-se num autor do séc. XVII - D. Rodrigo da Cunha, que refere que em 1138, D. João Peculiar, então Bispo do Porto terá doado a ermida de S. Donato, em Ovar, ao mosteiro de S. Cristóvão de Lafões (Marques 1991, p. 168). No entanto, o primeiro documento explícito a Lafões é de 1163, tratando-se da doação da igreja de Valadares pelo Bispo de Viseu ao Mosteiro de Lafões (Dias 1998a, p. 79).

José Ignácio de La Torre Rodrigues defende que terá existido uma primeira tentativa de estabelecimento de uma comunidade cisterciense em Lafões, mas que não terá passado de uma experiência sem frutos, tendo os monges se transferido para Tarouca, onde fundaram realmente a primeira comunidade cisterciense em Portugal documentada pelo documento acima referido (Sousa 2006, p. 93).

Não cabe neste trabalho dar primazia a nenhum dos mosteiros. Todavia encontram-se os dois ligados a eremitérios, o que atesta a fidelidade ao espírito eremítico dos primórdios da Ordem de Cister (Dias 1998a, p. 80).

Após fixação em Portugal, apoiados pelo monarca e bispos, os cistercienses expandiram-se. No século XII são só mosteiros masculinos, inicialmente instalados nas serranias da Beira Alta e Beira Litoral, como Sever do Vouga em 1141, Salzedas em 1152, Maceira Dão em 1173. Estenderam-se ao resto do território português com Alcobaça em 1153, Seiça, doado em 1195 por D. Sancho I ao Mosteiro de Alcobaça, Tomarães, perto de Tomar em 1172, S. Pedro das Águias, cerca de 1170, Santa Maria de Aguiar entre 1170- 1176, Santa Maria de Bouro em 1162, Fiães entre 1173 e 1194. Já no século XIII, os mosteiros de Santa Maria da Estrela de 1220, S. Paulo de Almaziva de 1221, Santa Maria de Júnias, em Montalegre de 1247-1248 e Santa Maria de Ermelo, que a autora Maria Alegria Marques refere ser anterior a 1271 (Marques 1991, p. 177).

Apesar do número de fundações de mosteiros masculinos ter diminuído no século XIII, surge o impulso de fundações cistercienses do ramo feminino, graças às Infantas, filhas de D. Sancho I: D. Sancha fundou o Mosteiro de Celas, cerca de 1215; D. Teresa patrocinou a mudança de regra do Mosteiro de Lorvão, entre 1206 e 1210: e D. Mafalda processo idêntico em S. Pedro de Arouca, em 1214. Seguiram-se os Mosteiros de Santa Maria de Cós, anterior a 1241, S. Salvador de Bouças, em 1249, S. Bento de Castris, posterior a 1278, Santa Maria de Almoster, entre 1287 e 1310 e S. Dinis de Odivelas, posterior a 1294 (Marques 1991, p. 177-178). (cf.Fig.11 do Anexo Gráfico).

Todos os Mosteiros portugueses estavam filiados a Claraval. Só Tarouca, Alcobaça e Fiães é que se filiaram noutros mosteiros. Neste último caso terá filiado o Mosteiro de Santa Maria de Ermelo, objecto deste trabalho.

Em meados do século XV surgiram as primeiras tentativas autonomistas em relação à Ordem, tentando criar uma Congregação Cisterciense Portuguesa. Neste intuito surge a figura do abade comendatário, com o apoio dos cardeais D. Afonso e D. Henrique, em que a atribuição de comendas pelo rei ou pelo Papa, obrigavam as comunidades a pagar determinadas rendas a senhores, leigos e cavaleiros de ordens militares, em troca da sua protecção ou como forma de pagamento por serviços militares (http://pt.wikipedia.org/wiki/Abade). Devido a isso, a partir de finais do Século XV e inícios do Século XVI grande parte dos mosteiros entraram em ruínas, tal como pôde

comprovar o abade de Claraval, D. Edme de Salieu, enviado a Portugal pelo Capítulo Geral entre 1531-1533, para visitar todas as abadias portuguesas de Cister.

Contudo, a Ordem continuava em decadência. Só com a criação da Congregação Portuguesa de Alcobaça em 1567 e afastamento dos abades comendatários é que se deu um novo impulso aos mosteiros cistercienses (Sousa 2006, p. 92-93).

Os Abades Gerais desta Congregação promoveram uma série de restauros, demolindo tudo o que estava em ruínas, conservando o essencial, isto é, a planta cisterciense. Desta época datam as construções das fachadas monumentais das igrejas de Alcobaça, Seiça e Bouro e mais tarde de Salzedas (Brás 2009, p. 48).

No século XVIII procedeu-se ao embelezamento dos edifícios, sendo a maior parte dos templos ornamentados com talha dourada. Isto estaria bem distante do purismo dos primeiros cistercienses.

As calamidades do início do séc. XIX, as invasões francesas e movimentos anticlericais levaram à estagnação do desenvolvimento dos mosteiros. O decreto de Maio de 1834 que promoveu a extinção das ordens religiosas levou ao fecho dos mosteiros masculinos. Muitos depois de saqueados foram vendidos, outros transformados em pedreiras, outros deixados ao abandono, caindo em ruínas (Brás 2009, p. 49).

Os mosteiros femininos não foram eliminados, contudo foram fechados a todo o recrutamento de noviças. A última religiosa cisterciense Madre Carolina de Castro e Silva, morreu em 1909, com 93 anos e com ela desapareceu Cister em Portugal (Brás 2009, p. 49).

Nos últimos anos, vai crescendo o sonho de refundar uma comunidade da Ordem de Cister em Portugal, ideia muito defendida pela Associação Portuguesa de Cister e pelo Mosteiro de Oseira, na Galiza, na voz do seu Abade frei Juan Javier Martín.

3.2.2 - Os Mosteiros Cistercienses e a procura da pureza da vida monástica

Os monges brancos tinham preferência para implantação dos seus mosteiros, em locais resguardados, longe de algo que os possa distrair da sua função divina, mesmo nos casos em que se constituíram por filiação de cenóbios ou eremitérios pré-existentes. Assim, o isolamento necessário à ascese a que se votavam os monges, exigia locais ermos ou afastados das cidades e dos povoados, mas como o mosteiro teria de ser auto-

suficiente, a sua implantação também exigia a proximidade de recursos agrícolas, pecuários, florestais e o acesso fácil à água.

Em regra, os cistercienses dedicavam os seus mosteiros à Virgem Maria. A devoção à Virgem Maria era muito forte, o que podemos confirmar na observação de pinturas em que estão representadas as aparições de Maria a S. Bernardo ou a figura do aleitamento de S. Bernardo por parte de Maria. Em Portugal são numerosos os mosteiros dedicados a Santa Maria, como os mosteiros de Santa Maria de Alcobaça, Santa Maria de Bouro, Santa Maria de Fiães e Santa Maria de Ermelo, entre outros.

A adopção de um local para estabelecimento de um mosteiro era um processo complexo, porque dele dependeria a fiabilidade e sucesso da fundação, como o isolamento, jurisdição própria que evitasse conflitos com os poderes estabelecidos, e recursos económicos que garantissem a subsistência da comunidade, para além das condicionantes impostas pelos promotores/doadores, circunscritas à área do território/couto doado. A importância destes factores é de tal forma grande que não é estranho encontrar processos de transferência das comunidades e mosteiro. Podemos ver isso em Santa Maria de Bouro, tendo inicialmente sido implantado no monte de São Miguel, depois transferido para a Senhora da Abadia e só depois para o local onde o encontramos. O mesmo se terá passado com o mosteiro de Santa Maria de Ermelo, inicialmente fundado na freguesia de S. Pedro dos Arcos, actual freguesia de S. Pedro de Vale e mais tarde foi transferido para o Ermelo (*PMH - Inquisitiones*, Iª Alçada, pp.388 e 389).

A Igreja constitui o mais importante elemento na implantação do Mosteiro Cisterciense. No entanto o Claustro, a nível formal, era o epicentro do espaço monástico, sendo que três dos seus lados correspondem às funções essenciais: *espiritual* a norte (igreja), *anima* a este (sacristia, sala do capítulo, salas de trabalho intelectual), *corpo* a sul (cozinha, calefactório, refeitório, latrinas). O quarto lado do claustro, a oeste, é aberto aos Conversos (celeiro, dormitório, refeitório, latrinas). Segundo Ana Maria Tavares Martins a oposição entre o lado do espírito e o lado do corpo sugere a dicotomia terra-céu e matéria-espírito (Martins 2006, p. 93).

4. GÉNESE E EVOLUÇÃO DO MOSTEIRO DO ERMELO

"Quando os monges, durante séculos e séculos, /
Impressionaram com a sua marca uma terra, / ainda que não ficasse da moradia
Dos monges/ senão uma pedra que se desagrega, / senão um grão de areia que se
Esboroa, / a pedra, a areia falam dos monges. / Mesmo que a pedra e o grão de areia/
Por seu turno desaparecessem, / a terra, a velha e nobre terra, / a terra sobre a qual
Os monges se debruçavam, / o vale em que rezavam, / as árvores que plantaram /
Continuariam a falar deles. / Porque, durante séculos e séculos, / os monges impressionaram
Com a sua marca uma terra" (Cocheril 1965b, p.17)

4.1. Tradição Cronística

Não existem certezas quanto à data de fundação do Mosteiro de Santa Maria de Ermelo. Existem várias versões sobre a sua origem. Interessar-nos-á, aqui, fixar cronologicamente a tradição das crónicas e corografias sobre esta questão, para depois avaliá-la face à documentação manuscrita e escrita disponível.

Frei Leão de S. Tomás, na sua obra *Benedictina Lusitana,* publicada entre 1644-1651, refere *"que fica claro ser o mosteyro de Hermelo Benedictino, e fundado quando menos pella Era de 666 que hé o anno de Christo 628, é a mesma Era que estava aberta na pedra"* (Tomas 1974, p.417). Esta proposta cronológica deve ser aceite com sérias reservas, pois como bem sublinha o Professor José Mattoso nos seus comentários críticos a esta mesma obra, não existem suportes documentais fidedignos para a grande parte das datas apontadas por Frei Leão de S. Tomás que, sistematicamente procurou recuar as fundações beneditinas ao período da Alta Idade Média (Tomas 1974, pp.53-55).

O Padre António Carvalho da Costa na sua *Corografia Portugueza …,* publicada em 1706-1712*,* mantém o ano de 628 para a fundação do mosteiro, referindo que "*foi Mosteiro de Frades Bentos (…) he Curado annexo à Igreja de Nossa senhora do Valle no termo da Villa dos Arcos"* (Costa 1706-1712, p.261).

Pinho Leal, na obra *Portugal antigo e moderno…,* publicada entre 1873 e 1890, mantém a versão de ter sido D. Urraca a fundadora do mosteiro em 915 e crítica a data proposta por Frei Leão de S. Tomás sugerindo que o painel referido nessa Obra Literária com a data 666 da Era de César terá sido provavelmente mal copiada (Leal 1884, pp.46- 47).

No *Dicionário Histórico Bibliográfico*, de 1885, é referido que *a egreja matriz e suas dependências era um antigo convento de frades da ordem de S. Bento, que dizem ter sido fundado pela infanta D.Urraca, filha de Ordonho II de Leão pelos annos de 915.* Observa ainda que foi extinto em 1427 por um Breve do papa Martinho V, contudo em 1515 ai existia outro convento com frades beneditinos (Dicionário… 1885, p.164).

O autor de *O Minho Pittoresco*, de 1886, não refere o ano de fundação, mas mostra a tradição de associar a fundação deste mosteiro à filha do rei Ordonho de Leão, D. Urraca, acrescentando que o rei prometeu dar à filha todas as terras que se avistassem do sítio escolhido por ela para fundar o mosteiro. Contudo, quando esta escolhe o ponto mais elevado de Outeiro Maior, onde se via grande parte da Galiza e de Portugal, revogou a promessa e a sua filha terá então escolhido o local mais ermo - a baixa de Ermelo. Observa ainda que em 1515 o mosteiro estava ocupado por monges beneditinos (Vieira 1886, pp.341-342).

Com o estudo de uma inscrição funerária de um confrade- D.Ordonho, descoberta numa casa na actual freguesia de S. Pedro do Vale, antiga freguesia de S. Pedro dos Arcos, por Félix Alves Pereira, em 1902, a versão da fundação do mosteiro num local e posteriormente a sua transferência para Ermelo ganha força **(Ver Doc. Nº1 do Anexo Documental)**.Este autor data esta inscrição do séc. XII (Pereira 1902). Mário Barroca tendo estudado a mesma inscrição, propõe a sua datação crítica para a segunda metade do séc. XII. Concluindo o seu estudo, observa que Ordonho estaria ligado a uma instituição monástica que se terá erguido em S. Pedro dos Arcos e mais tarde foi deslocada para Ermelo (Barroca 2000, pps.592-598).

Em 1903 José Cândido Gomes não refere data de fundação, contudo observa que o "*primitivo mosteiro de Ermello ficava no logar dos Arcos"*, sendo que a rainha D. Teresa dou-lhe o seu reguengo de Britelo e que D. Afonso Henriques o coutou por padrões, demarcando-lhe o terreno com jurisdição própria. Mas, o abade e os frades com medo das constantes lutas de fronteira entre portugueses e galegos abandonaram o local e instalaram-se em Ermelo (Gomes 1903, p.109).

Américo Costa, em 1938 repete o que o Padre António Carvalho da Costa observou quanto ao ano da fundação do Mosteiro, contudo faz também referência à lenda associada a este cenóbio, o da sua fundação por D. Urraca, filha do rei Ordonho de Leão (Costa 1938, p.230).

Na *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, s.v. "Ermelo", vol. 5, Lisboa, Ed. Verbo, s/d, p. 791 refere que a "*igreja matriz e as suas dependências são o que resta do*

mosteiro beneditino que ali existiu, fundado cerca de 628 por D. Urraca, filha do rei Ordonho de Leão e que ainda subsistia em 1515".

4.2. Evolução do Mosteiro a partir da Documentação Escrita e Monografias

A alteração desta tradição, materializada nestas variantes que fazem recuar o mosteiro à Alta Idade Média, só ocorrerá a partir da utilização e investigação de documentação produzida pelas várias entidades a que está ligada a história do mosteiro. O aprofundamento da investigação deveu-se aos trabalhos de vários autores, ao longo das últimas gerações, particularmente de Maur de Cocheril, de Avelino Jesus da Costa e de José Marques. Serão estes os resultados que procuraremos sintetizar de seguida.

Desde já, talvez seja importante referir que, ao contrário de outros mosteiros, não foi possível, por circunstâncias diversas, conservar aquilo que seria o arquivo próprio do mosteiro de Ermelo. A reconstituição possível da sua história exige, pois, o cruzamento de documentos de múltiplas proveniências, como o Arquivo Distrital de Braga, A Torre do Tombo- no Fundo do Mosteiro de Fiães, em Melgaço e documentos já publicados em monografias.

A primeira referência ao Mosteiro de Ermelo a ter em conta é a que é produzida nas inquirições régias de 1220, do rei Afonso II, no Julgado de Valdevez. As testemunhas ouvidas referem que D. Teresa doou a sua terra reguenga de S. Martinho de Britelo (Ponte da Barca) ao mosteiro de Ermelo **(Ver Doc. Nº2 do Anexo Documental)**.

Ainda nas Inquirições de 1220 se percebe que a situação económica do Mosteiro de Ermelo seria mais ou menos estável, pois possuía alguns casais nas freguesias próximas **(Ver Doc. nºs 3-5 do Anexo Documental)**.

Nessa obra aparece pela primeira vez a referência ao facto de D. Afonso Henriques ter coutado o Mosteiro de Ermelo e que segundo as testemunhas inquiridas este cenóbio foi construído inicialmente em S. Salvador dos Arcos e só mais tarde é que foi transferido para a freguesia de Ermelo **(Ver Doc. Nº 6 do Anexo Documental)**.

Nas Inquirições de 1220 realizadas na freguesia de S. Martinho de Britelo, as testemunhas referem que Britelo não possui reguengo pois a rainha D. Teresa deu-o ao Mosteiro de Ermelo **(Ver Doc. Nº 7 do Anexo Documental)**.

O mosteiro parecia ter uma certa importância, que se comprova com o facto de em 1221 o Rei D. Afonso II, em testamento ter concedido 100 morabitinos pela celebração do aniversário da sua morte **(Ver Doc. Nº 8 do Anexo Documental).**

Nas Inquirições de 1258, do rei D. Afonso III, novamente as testemunhas ouvidas na freguesia de S. Salvador dos Arcos referem que D. Afonso Henriques o coutou ao mosteiro de Ermelo, que esteve inicialmente construído nesta freguesia. Devido a essa acção do primeiro rei português refere-se nesse documento que o mosteiro de Ermelo não é padroado real mas sim couto por padrões. **(Ver Docs. Nºs 9 e 10 do Anexo Documental)**

Contudo, nos anos de 1258/9 na Lista do padroado das igrejas do bispado de Tui no julgado de Valdevez, é referido que o mosteiro de Ermelo é padroado real **(Ver Doc. Nº 11 do Anexo Documental)**.

Este cenóbio continuaria a possuir uma certa importância, pois tal como D. Afonso II, o rei Afonso III concede ao Mosteiro de Ermelo a quantia de 50 libras para celebração aniversário da sua morte **(Ver Doc. Nº 12 do Anexo Documental)**.

Sendo padroado real percebe-se que entre 1280 e 1283, respectivamente, o rei D. Dinis apresente, Estêvão Martins e Pedro Martins Real, respectivamente como abades de Santa Maria do Ermelo **(Ver Docs. Nº13 e 14 do Anexo Documental)**.

O mesmo monarca entrou em litígio com os moradores do Soajo por causa do padroado do mosteiro de Ermelo, como podemos ver pela sentença dada pelo Bispo de Tui, a que pertencia a jurisdição eclesiástica do mosteiro, em Dezembro de 1283 **(Ver Doc. Nº 15 do Anexo Documental)**.

Convém perceber porque o bispo e Tui possui autoridade sobre um mosteiro localizado em território português. Esta administração sócio-religiosa sobre o território localizado entre os rios Lima e Minho é uma realidade histórica que remonta ao período suévico, com a consagração como diocese de Tui na administração eclesiástica do reino suevo, promulgada pelo rei Miro, em 569, com sede em Tui. Era constituída pelos territórios compreendidos entre os rios Lima e Lérez, na zona de Pontevedra. Mesmo com criação da fronteira política entre Portugal e Espanha, no séc. XII, a Sé de Tui seria o centro sócio-religioso desta vasta região, permanecendo assim até à cisão operada em 1381 (Marques 2004, p.699). Com a morte do papa Gregório XI (27-03-1378) surge o Cisma do Ocidente. Espanha obedecia a Clemente VII, papa de Avinhão e Portugal a Urbano VI, papa de Roma. Por isso em 1381 os portugueses, reunidos em Valença

elegeram um vigário que governasse independentemente de Tui. Em 1441 o território correspondente à diocese de Tui é anexado a Ceuta, sendo que em 1512 passa para a diocese de Braga (Aldea, Vaquero *et alii* 1975, p.2599). Este espaço permaneceu assim até à criação da diocese de Viana do castelo, em 1977. (Rosas 1987, p.12)

Em 1305 D. Dinis confirma a eleição a abade do mosteiro de Ermelo, do seu frade João Eanes **(Ver Doc. Nº 16 do Anexo Documental)**.

Em 1320-21, o mesmo monarca manda fazer um catálogo de todas as Igrejas, Comendas e Mosteiros que havia em todo o reino de Portugal, com a lotação de cada uma delas, bem como a taxa que recebe pelos benefícios eclesiásticos do bispado de Tui, situados em território entre os rios Minho e Lima. O mosteiro teria uma taxação de 200 libras, sendo dessas 120 libras da parte do abade. Parece-nos que sua situação económica seria regular **(Ver Doc. Nº 17 do Anexo Documental)**.

O rei D. Pedro I confirmou a eleição de frei Estêvão Lourenço para abade do mosteiro de Ermelo, em 1361, bem como a apresentação do mesmo ao Bispo de Tui **(Ver Docs. Nº 18 e 19 do Anexo Documental)**.

A sobrevivência deste cenóbio acabou por sofrer com a crise e recessão geral do século XIV. Às más condições climatéricas dos fins do séc. XIII juntaram-se maus anos agrícolas provocando fomes por toda a Europa. Com a vulnerabilidade física das pessoas mais rapidamente se propagou a Peste Negra que terá matado milhares de pessoas por toda a Europa. Portugal sofreu também com a crise social e demográfica provocadas pela fome e a epidemia, contudo existiam mais factores de crise, com o Interregno devido à morte de Fernando I, em 1383, e ao facto de a sua única filha – Beatriz, estar casada com D. João I de Castela. A probabilidade de perda de independência se esta subisse ao poder não agradava aos nobres, mercadores e povo. O mestre de Avis, D. João, filho natural de D. Pedro foi nomeado regedor e defensor do reino. Contudo, os castelhanos entram em Portugal e batem-se com as forças portuguesas em Aljubarrota. Após a vitória do exército português D. João é aclamado rei de Portugal nas Cortes de Coimbra pelos representantes da nação. (Sousa 2007, p.185)

D. Frei João Martins, abade do mosteiro de Ermelo pede ao rei D. João I a anexação das igrejas do Soajo e Britelo, de modo a aumentar a rendas deste cenóbio, o

que o monarca fez em 1388. Neste instrumento de doação confirmamos mais uma vez, que inicialmente o Mosteiro de Ermelo terá sido fundado em S. Pedro dos Arcos por intenção de D. Teresa e só depois foi transferido para Ermelo **(Ver Doc. Nº 20 do Anexo Documental)**.

Em 1391, o rei D. João I apresenta o Abade João Martins para o Mosteiro de Ermelo **(Ver Doc. Nº 21 do Anexo Documental)**.

No ano de 1441, em Julho, D. Afonso V, mais propriamente o regente D. Pedro, apresenta Afonso Eanes para pároco da igreja de Santa Maria de Ermelo **(Ver Doc. Nº 22 do Anexo Documental)**. Contudo, nesse mesmo ano, no mês de Novembro, consignou-se o auto de extinção e redução do mosteiro cisterciense de Santa Maria de Ermelo a igreja paroquial, como podemos constatar pela leitura do **Doc. Nº23 do Anexo Documental**.

Em Agosto de 1448 o monarca D. Afonso V apresenta o abade Rodrigo Gonçalves para o mosteiro de Ermelo.

O Mosteiro de Ermelo tinha sido suprimido e reduzido a igreja paroquial em 1441, decisões tomadas durante a regência de D. Pedro, tio de Afonso V. Contudo o próprio D. Afonso V anos mais tarde reactiva o cenóbio, ao apresentar abade.

Quando o rei D. Duarte faleceu D. Afonso tinha então 6 anos, sendo nomeada regente a sua mãe D. Leonor de Aragão. Esta foi passada para D. Pedro, Duque de Coimbra, tio de D. Afonso. Em Junho de 1448 este atinge a menoridade e assume o reinado. Tornou-se um rei protector da igreja, o que pode explicar esta resolução de reactivação do mosteiro (Sousa 2007, p.215).

(Ver Doc. Nº 24 do Anexo Documental)

Nos fins do séc. XV, Ermelo volta a citar-se como mosteiro. Em 1497 D. Manuel I confirma todas as honras e privilégios que lhe foram concedidos pelos reis anteriores a ele **(Ver Doc. Nº 25 do Anexo Documental)**.

Em 1502 Frei D. Pedro, abade do Mosteiro de Santa Maria de Ermelo, mandou fazer uma lista das propriedades que possuía a igreja que geria. Na qual se percebe que possui terras e casais espalhados por várias freguesias como Soajo, S. Pedro dos Arcos, S. Jorge, Vilarinho do Souto, Vilarinho da Graça, Parada Monte (em Ponte da Barca), dos quais recebia cereais, pão, vinho, etc **(Ver Doc. Nº 26 do Anexo Documental)**.

Entre 1514 e 1532 o mosteiro de Ermelo tinha como rendimento de 72 reis, o que sabemos por um documento que terá sido elaborado entre a data de incorporação da

comarca Valença no Arcebispado de Braga, em 1514, e a morte de D. Diogo de Sousa, em 1532, que apresenta os benefícios que as igrejas e mosteiros da Comarca eclesiástica de Valença possuía para o Arcebispado de Braga **(Ver Doc. Nº 27 do Anexo Documental)**.

Quando em 1533 D. Edme de Saulieu, Abade Geral de Claraval, visitou o Mosteiro do Ermelo, encontrou-o sem religiosos e em péssimo estado, pois não tinha rendimentos nem condições para um único frade. Assim sendo, o Abade geral mandou suprimi-lo, o que podemos confirmar no documento sobre a visita deste abade, em versão portuguesa elaborada em pública forma, a pedido de Fr. António de Aljubarrota, abade de Tomarães e prior de Alcobaça **(Ver Doc. Nº 28 do Anexo Documental)**.

Após a sua supressão os bens do Mosteiro de Ermelo foram anexados ao colégio universitário de S. Bernardo de Coimbra, em 1561, juntamente com os dos mosteiros de Tomarães e Estrela, que também não possuíam rendimentos. (Costa 1981p.37)

Entre 1545 e 1549 Rui Fagundes, vigário da comarca de Valença manda fazer a avaliação dos benefícios da mesma, estando o Mosteiro de Ermelo taxado em 22 mil reis **(Ver Doc. Nº 29 do Anexo Documental)**.

Em Junho de 1546 o Cardeal Infante D. Henrique manda o Frei António Palhas fazer uma visitação para ver o estado do mosteiro. Este encontra-o sem monges e pelo que os vizinhos e ocupantes do mosteiro lhe disseram não se rezava missa há muito tempo. As alfaias litúrgicas mais valiosas estavam guardadas com o abade clérigo deste mosteiro que vivia noutro local (seria S. Pedro do Vale). O frei terá encontrado as casas do mosteiro habitadas por casais e filhos, bem como por animais. (**Doc. Nº 30 do Anexo Documental)**

Talvez devido a esta visitação é nomeado um novo Abade no ano de 1547, que presta juramento de não renunciar ao mosteiro de Ermelo. Pela observação da certidão deste juramento parece que o faz ao Abade do Mosteiro de Fiães prometendo que as rendas do mosteiro de Ermelo se pagarão ao Mosteiro de Fiães. Ainda neste documento podemos conferir que a abadia do mosteiro de Ermelo recebeu várias doações. (**Doc. Nº 31 do Anexo Documental).**

Em 1551 D. Frei Baltazar Limpo manda fazer uma listagem sobre a situação canónica dos benefícios eclesiásticos da Comarca de Valença do Minho, na referência à

freguesia de S. Pedro dos Arcos, percebe-se que o Mosteiro de Ermelo estaria anexa a S. Pedro do Vale e que não possuía padre como podemos constatar no **Doc. Nº 32 do Anexo Documental.** No mesmo documento, mas na referência à freguesia de Santa Maria de Ermelo lê-se que o Mosteiro de Ermelo é padroado real **(Ver Doc. Nº 33 do Anexo Documental)**.

Em Janeiro de 1619, surge uma certidão mandada executar pelo abade do mosteiro de Fiães que quer saber a quem pertenciam as apresentações das igrejas que pertenciam a esse mosteiro. A certidão refere que o Mosteiro de Ermelo é padroado real. Aqui aparece pela primeira vez a referência a uma possível filiação do Mosteiro de Ermelo ao de Fiães em Melgaço, embora de padroado real. **(Ver Doc. Nº 34 do Anexo Documental)**.

Do mesmo ano, mas do mês de Fevereiro, é elaborado um documento que novamente indica que o mosteiro de Ermelo estaria filiado ao mosteiro de Fiães em Melgaço. Trata-se de uma lista de títulos de correspondência entre os dois mosteiros da Ordem de Cister. É seguro que os abades de Ermelo consideravam a filiação deste mosteiro a Fiães. Estes documentos, já na época da elaboração desta lista estavam desaparecidos, apenas se conhecia o sumário, tal como podemos ver na nota do escrivão. **(Ver Doc. Nº 35 do Anexo Documental)**.

Em Março de 1630, que tem acrescento de 13 de Novembro do mesmo ano, é realizada uma petição sobre o direito que tem o rei D. Sebastião sobre o Mosteiro de Ermelo, e porque este ao instituir a nova Congregação do Real Colégio de S. Bernardo de Coimbra, não contou com o Mosteiro de Ermelo, de filiação do Mosteiro de Fiães. **(Ver Docs. Nº 36 e 37 do Anexo Documental)**.

Em Agosto de 1630 é elaborada uma petição pelo escrivão da câmara Valença a confirmar que o Mosteiro de Ermelo e a sua Anexa S. Pedro do Vale é Padroado Real. Neste documento observa que D. Sebastião em 1577 apresentou João de Mendonça como abade de Ermelo e da sua anexa S. Pedro do Vale e que por falecimento deste abade, no ano de 1608 foi apresentado pelo rei D. Felipe I um novo abade- António de Brunhosa **(Ver Doc. Nº 38 do Anexo Documental)**.

A primeira referência ao abade comendatário em Ermelo surge em 1546, que dirigia a igreja de Ermelo e de S. Pedro do Vale, freguesia vizinha. Contudo, tal como aconteceu com outros mosteiros em Portugal, o desinteresse do abade comendatário levou a que a igreja e o mosteiro ficassem quase em ruínas. Devido a isso o Visitador do Arcebispado de Braga, em 1754, manda que o Abade de Vale, proceda a várias reparações da igreja, nomeadamente proceder à redução de três para uma nave, utilização de uma das capelas laterais para sacrista **(Ver Doc. Nº 39 do Anexo Documental)**.

Em 1758, o Marquês de Pombal fez remeter uma série de perguntas para todos os párocos do reino, que se integravam em interrogatórios sobre as paróquias e povoações, pedindo as suas descrições geográficas, demográficas, históricas, económicas e administrativas, bem como algumas questões sobre os estragos provocados pelo terramoto de 1 de Novembro de 1755. As respostas foram trabalhadas pelo Padre Luís Cardoso. Estes interrogatórios ficaram conhecidos por *Memórias Paroquias de 1758*. Neste documento, em relação a Ermelo, o pároco dá uma visão muito simplista da vila. Mantém a versão do padroado real desta igreja, contudo nem sequer faz referência à existência do convento de religiosos, embora refira que a igreja possui 3 naves **(Ver Doc. Nº 40 do Anexo Documental)**. Apresenta uma descrição pormenorizada da paisagem que rodeia a vila de Ermelo, pouco diferente do que hoje observamos.

Ainda nas Memórias Paroquias s.v. "Vale" faz-se referência ao facto de o mosteiro de Ermelo ter sido inicialmente fundado nesta freguesia, a mando da rainha Dona Teresa sendo depois transferido para Ermelo, mas não foi acabado, acabando por ser abandonado devido ao isolamento. Contudo, e segundo o pároco descritor, tornou-se anexa desta igreja do Vale e o Rei foi sempre nomeando um abade, pois era padroado Real. Os abades de Ermelo residiam em S. Pedro do Vale, o que foi acelerando a ruína dos edifícios da Igreja e Mosteiro de Ermelo, bem como o próprio culto divino. (**Ver Doc. Nº 41 do Anexo Documental)**.

Em 1760 as obras de redução da igreja estavam já concluídas e tinha sido construída uma Casa para o pároco, tal como constatou o visitador Dr. Gonçalo Pinto de Carvalho Medeiros, protonotário Apostólico e Comissário do Santo Ofício **(Ver Doc. Nº 42 do Anexo Documental)**.

A construção da Casa Paroquial terá destruído o que restava da parte mais a norte dos edifícios regulares, como a sacristia e Sala do Capítulo, mantendo-se um arco do claustro no seu interior.

Apesar das obras feitas e da redução da igreja, em 1824 a igreja encontrava-se abandonada, sendo que o visitador refere que a culpa dessa situação seria do Abade de Vale que não tratava da manutenção da mesma **(Doc. 43 do Anexo Documental).**

O estado miserável referido atrás prolonga-se até ao séc. XX, como atestam os estudos de Avelino Jesus da Costa e Maur de Cocheril. O primeiro autor conta a história do monumento baseando-se em leituras de documentos manuscritos e dicionários corográficos referidos anteriormente (Costa 1981a e 1981b). Maur de Cocheril, em 1986 faz uma descrição de todos os mosteiros cistercienses existentes em Portugal. E descreve Ermelo de forma muito semelhante ao que existia aquando da visitação do Abade Geral da Ordem de Cister, contudo acrescenta a descrição arquitectónica. (Cocheril 1986, pp.47-52)

Na década de 60 do séc. XX o organismo "Direcção Geral dos Edifícios e monumentos Nacionais" no âmbito de preservar a igreja como elemento único da Arquitectura Românica, promove o início do processo de candidatura do conjunto monástico a Imóvel de interesse Público. Seria, também, segundo o seu director uma forma de evitar mais alterações tal como as que tinha sido sujeito no séc. XVIII **(Ver Documento 44 do anexo Documental).**

Em 29 de Setembro de 1977 a Igreja e Mosteiro de Ermelo são classificados como Monumento Nacional. Contudo as obras promovidas pela DGEMN não foram além das de manutenção e conservação do telhado, pavimento e tecto.

Actualmente s igreja está relativamente bem conservada, sendo muito bem cuidada pela Fábrica da Igreja de Ermelo, tendo sido o seu perímetro objecto de obras de valorização.

Pelo leitura dos estudos, dicionários e documentos poderemos pensar que terá existido um convento, inicialmente fundado em S. Pedro ou S. Salvador dos Arcos, actual S. Pedro do Vale, sendo transferido mais tarde para o lugar de Ermelo. D. Teresa e D. Afonso I doaram coutos a este mosteiro. Terá sido padroado real durante a sua existência, sendo filiado no Mosteiro cisterciense de Fiães, em Melgaço. Inicialmente

terá professado a ordem beneditina, passando para a Ordem de Cister no séc. XIII, possivelmente aquando da filiação ao Mosteiro de Fiães. Foi objecto de pequenas quezílias entre os monarcas e nobres e entre monarcas e religiosos, devido essencialmente a quem pertencia o seu padroado.

Trata-se pois de um mosteiro rural que terá existido com muitas dificuldades, mesmo possuindo no primeiro século de existência alguns bens que lhe poderiam fornecer estabilidade económica. As dificuldades também se podem explicar pelo facto de não ter existido um número de monges suficientes para a manutenção da vida fraterna monacal. O facto de o local do mosteiro estar tão afastado de tudo não deveria de atrair muitos monges, embora fosse um dos requisitos para busca de austeridade, defendida pelos monges cistercienses.

Todavia, durante o seu curto tempo de existência- cerca de dois séculos, foram aí produzidos dois livros, tal como podemos perceber na leitura dos **documentos 45 e 46 do Anexo Documental**.

5. ARQUITECTURA DO MOSTEIRO DO ERMELO: RECONSTITUIÇÃO E HIPÓTESES

"Quid est Deus? Longitudo, latitudo, sublimitas et profundum" -S. Bernardo de Claraval[1]

A arquitectura da igreja do Ermelo foi analisada, ao longo do tempo, por vários autores. A maioria deles defende que se trata de um edifício inacabado. Neste contexto, o nosso interesse é tentar, através das intervenções arqueológicas já efectuadas e aquelas que ainda se podem executar num futuro próximo, bem como da análise de alguma documentação histórica e da bibliografia específica, confirmar no terreno as hipóteses de reconstituição levantadas pelos estudiosos e poder avançar na leitura de alguns detalhes construtivos.

Assim, procedemos a uma revisão da literatura que faz referência à arquitectura do mosteiro, inserindo-o no programa arquitectónico da Ordem de Cister, profundamente influenciada pelos ideais de S. Bernardo, expressos na *Carta de Caridade,* na *Apologia a Guilherme* e no estilo românico.

5.1. A arquitectura cisterciense segundo S. Bernardo

A reforma introduzida com a fundação do *Novum Monasterium,* em Cister, no ano de 1098, tinha como objectivo regressar à pureza da vida monacal segundo a Regra de S. Bento, consagrando a austeridade, a pureza da regra, a auto-subsistência de uma comunidade monástica e uma arquitectura de formas simples e sem ornamentação.

Com a entrada de S. Bernardo na Ordem, em 1112, este com o seu carisma e a sua palavra guiou a arte de Cister, bem com toda a vida dos que professavam a Ordem de Cister.

S. Bernardo defendia que toda a arte é fundada sobre a palavra de Deus. E pela Arte o homem pode fazer nascer em si a *forma* que o torna filho de Deus. O local propício a este desabrochar será o mosteiro onde tudo é disposto para dissociar o invólucro do velho homem, para descobrir a essência preciosa que ele encerra, onde se

[1] "O que é Deus? É comprimento, largura, altura e profundidade" (cit. por Martins 2006, p. 107).

conserva intacta, a traça da obra do Pai e todo o sabor das alegrias angelicais (Duby 1997, p. 105-106).

Para S. Bernardo nada deveria distrair o monge do olhar e do espírito de Deus, podendo este encontrar o amor espiritual e Deus na libertação dos bens materiais e da dádiva. "*Desde o plano das abadias à simplicidade dos matérias escolhidos tudo se conjuga para elevar a procura de Deus e a busca de santidade*" (Martins 2006, p. 91).

A crítica exercida por S. Bernardo na *Apologia ao abade Guilherme* do Mosteiro de S. Teodorico, em Reims (1125), constitui um texto elementar, onde está patente o novo modo de encarar a arte e a arquitectura. Neste documento observam-se as diferenças entre as duas observâncias da Regra Beneditina que deste modo opunham "beneditinos cluniacenses" a "beneditinos cistercienses".

Através da crítica ao luxo e aos excessos de ornamentação, às deformações e distorções fantásticas da arte românica, aos excessos das proporções usados pelos beneditinos, os cistercienses privilegiavam a interioridade, o recolhimento, a austeridade como elementos que guiam os monges no itinerário espiritual à procura do conhecimento de si mesmos para chegar ao conhecimento de Deus. Bastava-lhes a nudez das igrejas, a harmonias dos volumes, a simplicidade das paredes caiadas, o claro-escuro da luz para se elevarem para Deus e se representarem nas Imagem impressionante de Jerusalém Celeste (Dias 1997, p. 15).

Desta forma, S. Bernardo abre caminho para uma estética da moderação ornamental onde a necessidade e a utilidade constituem os novos critérios estéticos. Bernardo de Claraval uniu a experiência estética e a religiosa (Martins 2006, p. 93).

No texto da *Apologia a Guilherme*, S. Bernardo critica a vaidade do cenário, porque resulta da espoliação dos miseráveis, que "*à vista de coisas sumptuosas admirando vaidades, os homens são levados mais a fazer ofertas que a rezar*" (Dias 1997, p. 65). Critica também a busca de esplendor por parte das igrejas cluniacenses em detrimento da necessidade dos pobres, pois na rica ornamentação das igrejas "*os curiosos encontram com que deleitar-se e os miseráveis não encontram com que sustentar-se*" (Dias 1997, p. 67).

Todas as ideias de S. Bernardo repousam sobre a rejeição do sensual. Por isso defende que o "*uso de cruzes de ouro será interdito, deverão servir-se de cruzes de madeira; bastará um único candelabro de ferro, símbolo do ardor e perpétua oração; a luminária não será banida do santuário; os turíbulos serão de cobre e em ferro, as casulas em cânhamo, linho e lã, sem bordados de ouro ou prata; as alvas e os amictos*

em tecido de linho; quanto aos pluviais, dalmáticas, túnicas e pallanium o seu uso deve ser completamente proscrito. Os cálices e as píxides não serão mais em ouro, mas em prata ou em prata dourada. Os manípulos deixaram de ser em ouro ou prata. A toalha dos altares será feita de linho, sem qualquer decoração e as galhetas sem ornamentos de ouro ou prata" (Duby 1997, p. 158).

Em 1134, no Capítulo Geral, que todos os anos se reunia em Cister, com os abades de todas as casas da Ordem, edita pela primeira vez regras a propósito da arte sagrada, que serão acrescentadas à *Carta da Caridade.* Assim, nas igrejas e outros locais dos mosteiros não era permitida decoração esculpida ou pintada; proibia-se o uso de vitrais coloridos e limitava-se a ilustração dos livros às iniciais capitulares (Duby 1997, p. 13).

Em 1139 inicia-se a construção do Mosteiro de Fontenay, em Dijon, fiel aos rigores que S. Bernardo defendia, possuindo um traço severo. (cf Fig. 12 e 13 do Anexo Gráfico)

O edifício que constitui um mosteiro cisterciense "*é quadrado como a cidade de Deus e esta quadratura evoca no espírito meditativo, simultaneamente, os quatro rios do Jardim do Éden, as quatro nascentes que são os Evangelhos, as quatros virtudes cardeais; enfim a quaternidade primordial que reside no ser do próprio Deus*" (Duby 1997, p. 153).

Assim é a igreja cisterciense tipo, como o caso de Fontenay, que se ajusta ao Plano Bernardino, de igrejas em planta de cruz latina, de cabeceira plana, onde se inscrevem uma série de quadrados reguladores que aludem à forma da Cidade de Deus, segundo o Apocalipse. É esta planta que desenha Villard de Honnecourt no seu Caderno, no século XIII, descrevendo-a como "*esta é uma igreja feita de quadrados para a Ordem Cisterciense*" (Martins 2006, p. 93).

A "arquitectura bernardina" constituirá uma novidade «*desenhada a esquadro e modelada em 1:2*» (Almeida, Barroca 2002, p. 35). As suas igrejas caracterizam-se por possuírem uma cabeceira com três capelas planas e escalonadas, largo transepto e corpo de três naves. Todo o edifício é coberto de pedra com abóbadas em arco quebrado, utilizando também as abóbadas de cruzaria de ogivas, o que permitiu avaliar na arquitectura cisterciense os indícios da transição para o Gótico (Bracons *et alii* 2006, p. 149).

Segundo Duby, "*à unidade genética, que é a da ordem, deve a arte cisterciense a sua própria unidade, que marca com um ar familiar as suas arquitecturas [...]. No entanto, os mosteiros não são cópias e a construção cisterciense não é monótona. Cada edifício ajusta-se à mesma «forma» exemplar. Mas é deixado espaço para alguma singularidade*" (Duby 1997, p. 108-109).

5.2. O conjunto monacal Cisterciense

Fixemo-nos, mais detalhadamente, no plano do mosteiro cisterciense. Segundo Maur Cocheril, a implantação e construção de um mosteiro segue uma série de regras, chamando-lhe mesmo *"un plan cistercien"* (Cocheril 1972, p. 26). A arquitectura defendida pelos Cistercienses seria de traço austero, de grande simplicidade, sem esculturas nem pinturas de nenhum tipo. A defesa da austeridade e simplicidade preconizada por S. Bernardo vai-se impor nas igrejas cistercienses, especialmente nas filiadas em Fontenay e Claraval II, como é o caso de S. João de Tarouca, Fiães e Ermelo (cf.Fig.14 do Anexo Gráfico).

O plano ideal seguido na construção de um mosteiro servir-nos-á, mais à frente, de orientação para uma leitura e interpretação do que actualmente resta dos edifícios em Ermelo. Tenha-se em atenção que estes edifícios possuem uma história multissecular e quase todos sofreram grandes remodelações e ampliações. Portanto, o que vemos hoje será um modelo seguido, mas depois terá sido transposto e adaptado às condições topográficas particulares deste sítio.

A arquitectura e o plano de um mosteiro seguem a composição duma comunidade organizada em dois grupos com ritmos e funções diferentes - o dos monges e o dos conversos. Existiam espaços reservados a uns e a outros, ocupando alas distintas, de cada lado do claustro, com dormitório e refeitório separados. A Ala dos Monges desenvolve-se na perpendicular da cabeceira da igreja, no prolongamento do transepto. Os ofícios litúrgicos levavam-nos à igreja sete vezes por dia, havendo mesmo uma ligação directa desta com o dormitório. A Ala dos Conversos ocupa a posição frontal, perpendicular à fachada da igreja, e geralmente é mais saliente do que ela.

Esta distinção mantém-se na igreja. Os monges ocupam o coro situado junto ao transepto, mais próximo da cabeceira e os conversos ocupam o espaço mais próximo da fachada ocidental. Também as portas de acesso à igreja são diferenciadas. Uma é a

Porta dos Monges e uma outra é a dos Conversos. Dentro da igreja, os espaços destes dois grupos estão separados, usualmente por armações de madeira ou ferro. No espaço entre os coros, um tramo da nave estava reservada aos velhos e aos doentes que podiam assistir aos ofícios. Era denominado por Coro dos Enfermos.

O presbitério situava-se na cabeceira da igreja. Esta era mais alta e abrigava o altar-mor. A igreja do mosteiro estava reservada unicamente à comunidade monástica e funcionava em função dela.

Na fachada oeste existia um átrio, que desapareceu, embora em alguns casos ainda se possa ver o seu traçado nas fachadas. O átrio ou nartex era um espaço funerário, destinado aos fregueses e patronos do mosteiro, porque os cistercienses não permitiam enterramentos dentro da igreja

O mosteiro desenvolve-se em volta de um claustro quadrado, com galerias (ou alas) sendo que um dos lados encosta-se à igreja, de planta em cruz, com três naves e transepto saliente.

O claustro era uma parte essencial do mosteiro, dada a contínua utilização do seu espaço na vida litúrgica, festiva e quotidiana da comunidade. É o centro à volta do qual pulsa todo o mosteiro. Cada lado do quadrado que é o claustro, aponta para um dos pontos cardeais.

Procurava-se sempre que a cozinha e os refeitórios, localizados do lado oposto da igreja, se situassem junto a um curso de água, natural ou conduzida através de trabalhos de engenharia hidráulica, que os monges cistercienses tão bem conheciam. Veja-se, por exemplo, o sistema de adução de água no Mosteiro de Alcobaça e também o de S. João de Tarouca.

O mosteiro deveria ser um espaço fechado, do qual os monges não tivessem necessidade de sair, possuindo uma igreja, respectivos espaços regulares e cerca monástica com terrenos de cultivo, moinho e oficinas. O tempo regulava-se pela hora solar. O monge deitava-se ao cair da noite, depois do ofício de Completas, e levantava-se à oitava hora para celebrar o ofício das Vigílias.

No prolongamento do transepto da igreja e sob o Dormitório dos Monges localizava-se a Sacristia, a Sala do Capítulo e a Sala de trabalho dos monges. A Sala do Capítulo seria, tal como a igreja, um dos espaços mais decorados do mosteiro, normalmente possuindo uma cobertura abobadada assente em colunas. Tinha como função a reunião da comunidade para as eleições, receber emissários, questionar e resolver os passos mais significativos da sua vida interna.

O Calefactório é, juntamente com a Cozinha, o único espaço aquecido do mosteiro. Junto ao Calefactório encontra-se o Scriptorium- local onde trabalham os copistas.

No claustro existe um lavatório para asseio antes das refeições. Ambos os refeitórios são servidos por uma cozinha comum. O Refeitório dos Monges possui um púlpito a partir do qual se efectuam leituras sagradas durante a refeição, que é tomada em silêncio.

Em síntese, Cocheril conclui que «*l'unité du plan d'ensemble est ce qu'il y a de plus remarquable dans les abbayes cisterciennes. Les quelques exceptions que l'on recontre sont dues à des causes independantes de la volonté des moines. Quelle que soit l'orientation, [...] la distribuition des lieux réguliers est partout la même. C'est ici que la volonté d'unité des péres fondateurs de Citeaux s'impose avec force. Elle prévoit les moindres détails jusqu'au nombre des cloches, leur poids, leur place et celle des lampes de l'église. Plusieures décisions des chapitres géneraux ordonnent de détruire toute construction qui ne serait pas conforme à la régle et aux status*» (Cocheril 1972, p. 36).

5.3. A arquitectura da Igreja do Mosteiro do Ermelo

O que resta do mosteiro medieval de Ermelo constitui um dos mais enigmáticos casos da nossa arte românica, discutindo-se, ainda, quer a cronologia da obra que sobreviveu até aos nossos dias, quer o contexto em que foi criada.

Assim, existem duas visões antagónicas sobre a arquitectura do conjunto monacal a que se junta a discussão sobre as origens do mosteiro, tal como vimos no Capítulo 3 deste trabalho. A primeira defende que se terá construído no início do século XII uma igreja com planta de três naves, que seria contemporânea da fundação de D. Teresa, e que teria sido alterada um século mais tarde aquando da passagem para a observância cisterciense. A segunda visão remete para o facto da existência de capelas quadrangulares e três naves, a decoração de alguns modilhões e capiteis com temas que se repetem em igrejas tardias, bem como a decoração das colunas do interior da capela-mor, com bases bolbiformes, que estará conotado com as directivas estéticas cistercienses, já da primeira metade do século XIII. O mesmo acontece quanto ao facto do mosteiro ter sido ou não acabado.

Vale a pena perceber o que dizem os vários autores especializados.

5.3.1. O que dizem os vários autores sobre o Mosteiro de Ermelo?

A igreja do mosteiro de Ermelo, na sua forma original, seria um edifício de três naves e cabeceira tripartida com três capelas.

Em 1926, Aguiar Barreiros na sua obra *Igrejas e Capelas Românicas da Ribeira Lima*, fez uma síntese histórica e da evolução arquitectónica da Igreja e ruínas do Mosteiro de Ermelo. Num desenho, propõe qual seria a planta original da igreja medieval (ver Fig. 15 do Anexo Gráfico).

Segundo Aguiar Barreiros, da igreja medieval apenas restava parte da fachada Norte, desde o lado Este da Torre sineira culminando com o arco cruzeiro, da qual sobressai a rosácea. Também na fachada Oeste se conserva o que seria a nave principal e que corresponde ao actual espaço de culto. No interior da Igreja observam-se as colunas onde assentariam os arcos que formavam as naves laterais, nas intercessões das paredes actuais, a Este e nas extremidades do Arco Triunfal. Neste último caso as paredes faceiam exteriormente com os fustes das colunas que desapareceram dos arcos laterais, ou seja das capelas laterais.

Das capelas laterais ou absidíolos restam os arcos, assentes em capitéis e fustes decorados. O arco sul encontra-se na parte exterior da igreja, no local original e sem nenhuma construção associada, enquanto o da parte Norte se insere dentro do espaço que funciona como sacristia, obra do século XVIII. Aguiar Barreiros defende que «*faz ainda parte da sacristia uma quadra aquem do arco, limitada, a norte, por um trecho aproveitado da antiga parede da nave lateral, e, a poente, pelo muro do campanário*» (Barreiros 1926, p. 76).

Sobre a rosácea, o autor refere que esta se encontra adiantada relativamente ao primeiro período ogival a que corresponde, porque à excepção de Fonte Arcada, na Póvoa do Lanhoso, que é já do século XIII, nenhuma das que se apresentam do século XII se apresenta mais desprendida do traço e da ornamentação imposta pelo cânone românico, sendo bem grande a variedade que este estilo soube dispor. É assim, uma rosácea de desenvoltura e arrojada concepção, que se distingue das outras. Também a rosácea da Igreja de Bravães possui uma forma radiante, do século XII.

Artur Nobre de Gusmão, em 1956, defende também que a igreja de Ermelo, originalmente, teria três naves cobertas de madeira e abside ladeada por duas capelas rectangulares na forma característica dos cistercienses, diferindo do tipo de Fontenay

por conter apenas duas capelas a abrir para o transepto, em vez de quatro. Refere, todavia, que a igreja poderá ter sido acabada no século XV, mas que pela unidade decorativa presente nos capitéis à entrada da cabeceira e das capelas laterais não iria além do século XII. Na figura 16 do Anexo Gráfico podemos observar a analogia arquitectónica entre a Igreja do Mosteiro de Ermelo e a Igreja do Mosteiro de Fiães, num quadro comparativo utilizado por Artur Nobre de Gusmão (Gusmão 1956, p. 209-212).

Maur Cocheril, em 1963, argumenta que a Igreja de Ermelo, tal como Fiães, Alcobaça, S. João de Tarouca e Salzedas, são do "tipo clássico Bernardino" (Cocheril 1965, p. 292).

Vale a pena ler a descrição deste freire cisterciense, que andou em visita a todos os mosteiros que a sua Ordem fundou na Península Ibérica, e que revela o cenóbio de Ermelo como um pequeno mosteiro que vegetava tranquilamente longe da agitação nas margens do Rio Lima:

«*Mas os cistercienses suprimiram o pequeno mosteiro no século XVI. Com os seus rendimentos, dotaram o Colégio de São Bernardo de Coimbra. Os edifícios conventuais foram deitados abaixo. Construíram-se, com as pedras cuidadosamente dispostas, as pobres casas que ainda hoje se encolhem em redor da Igreja. Alguns arcos da abóbada do claustro resistem. A igreja perdeu as suas naves laterais como o atesta um arco que continua de pé. O telhado foi remodelado, abaixado. A rosácea do arco triunfal destaca-se no céu. Um retábulo sem valor dissimula uma janela românica e os restos de um fresco. Uma igrejinha muito humilde, desfigurada, mas onde se vêem ainda os vestígios da arquitectura que os Monges Brancos apreciavam. Adivinha-se o frontão da fachada, semelhante ao de Fiães. Encontram-se modilhões esculpidos. Os arcos quebrados recordam também os de Fiães*» (Cocheril 1965b, p. 34).

Carlos Alberto Ferreira de Almeida, em 1971, defendia que durante as obras da construção do mosteiro de Ermelo, este poderia ter enfrentado dificuldades económicas que teriam impedido de terminar tão grandioso projecto, que começou por ser programado para três naves, acabando por ficar só com uma.

O mesmo autor observa que as «*três capelas ficaram incompletas por se ter abandonado o programa inicial do edifício de três naves para uma só. Na parte da cabeceira as obras parecem ter começado pelo levantamento da entrada das absides*» (Almeida 1971, p. 84).

Na sua Tese de Doutoramento sobre a *Arquitectura Românica de Entre-Douro-e-Minho*, em 1978, defende que a igreja do Ermelo foi inicialmente concebida com três naves, mas que a sua construção foi finalizada ainda na Idade Média apenas com uma nave, deixando de fora os arcos cruzeiros dos dois absidíolos. Já no século XVIII a capela lateral do lado Norte foi ocupada pelo espaço da sacristia. Restam a rosácea radiada, na empena cruzeira, acima do actual telhado, bem como uma fresta na capela-mor, com uma dupla arcada. Os capitéis do arco cruzeiro são semelhantes aos que se observam em Valdreu (Terras do Bouro), Fervença (Celorico de Basto) e Ferreira (Paços de Ferreira), que pertencem à escola galega, evoluída. Propõe para os inícios do século XIII a datação da cabeceira desta igreja, juntado a estes últimos elementos as características, como as bases bolbiformes, de plinto decorado (Almeida 1978, p. 216-217).

Frei Maur Cocheril, em 1986, reafirma que "*Ermelo n'est plus un monastére depuis la fin du XVIº siécle. Seule fut achevée son église. Les bâtiments conventuel ne furent jamais terminés et, au XVIIIº siécle, l'église fut mutilée.*" (Cocheril 1986, p. 48). Defende ainda, tal como Aguiar Barreiros, que originalmente a igreja teria três naves sem transepto, a cabeceira seria quadrada acompanhada por duas capelas laterais, o que era uma característica defendida no projecto arquitectónico cisterciense. Faz, também, uma descrição do actual estado da igreja e, sem querer repetir dados, apenas farei referência ao que ainda não foi observado. Assim, a nave central primitiva estaria mais elevada do que a actual, que apresenta 15,40 m por 6,22 m. Compara os modilhões que ornamentam a cornija com os que se observam na Igreja de Fiães, em Melgaço, referindo que os da igreja de Ermelo, se caracterizam pela variedade e originalidade, sendo uns ornamentados com motivos geométricos e outros com uma cabeça de homem, ou de animais (como cavalo, gato e porco, entre outros). O arco triunfal apresenta-se como um arco quebrado, sóbrio, com robustas aduelas, sem ornamentos, são suportados por dois capitéis decorados com folhas de acanto (Cocheril 1986, p. 50).

No mesmo ano de 1986, Carlos Alberto Ferreira de Almeida sugere que teria existido em Ermelo um mosteiro ligado a D. Teresa, mas de cuja arquitectura nada se sabe. E que, quando passou para a regra de Cister, nos inícios do Século XIII, é que se terá iniciado a construção do edifício que se conhece ainda hoje. Do projecto primitivo de "estilo" cisterciense, ou seja, um templo com três naves, sem transepto e três capelas quadrangulares na cabeceira, sendo a central mais desenvolvida e alta do que as laterais, ainda se pode observar a capela-mor, as arcadas da entrada para as capelas laterais, parte

do arranque oriental das paredes exteriores das naves e uma parcela da fachada principal. O autor «*não acredita que se tenha concluído alguma vez o programa inicial desta igreja. Certamente até ficou inconcluso o projecto da cabeceira, embora se tenha delineado e iniciado a construção do corpo do templo, que deveria apresentar três naves, separadas por pilares*». (Almeida 1986, p. 65).

Gerhard Graf, em 1987, defendeu que o estado actual da igreja não resulta de uma redução do plano inicial ainda durante a Idade Média, mas sim após uma visitação datada de 1723, que devido ao seu estado devoluto, recomendou a redução de três para uma nave, diminuindo assim o volume global da igreja, passando a nave central medieval a ser a única nave da igreja actual, abaixando-se o nível do telhado, e a capela colateral norte foi transformada em espaço de sacristia e arrumação. Refere que «*l'abside principale et le fenêtre axiale, dont l'ornamentation compte parmi les plus belles réalisations de la fin de l'époque romane au Portugal, furent maintenues.*» (Graf 1987, p. 33).

Por seu turno, Manuel Real, em 1982, defendia que as comunidades beneditinas em Portugal terão criado a chamada "planta beneditina portuguesa", para igrejas de três naves, destacando os exemplos das igrejas de Fiães, em Melgaço e de Ermelo, que mais tarde aderiram à regra cisterciense. A Igreja de Fiães possui na sua organização interna, três pares de pilares, que poderá constituir uma reminiscência anterior. Na Igreja de Ermelo o autor refere que os arcos das capelas laterais poderão ser "*contemporâneas da obra iniciada no tempo de Dona Teresa. As impostas são de um tipo mais arcaico que as da entrada da capela-mor e os seus capitéis têm algo a ver com os do portal de Manhente e das absides de Travanca. Assim sendo, tanto eles como o plano das naves devem remontar a um período anterior à passagem dos cistercienses para aquele local. Estes parecem ter depois introduzido algumas modificações na cabeceira, como se comprova pela decoração em que assenta o arco triunfal. O seu estilo é muito mais evoluído, podendo comparar-se ao dos arcos congéneres dos fins dos séculos XII e princípios do XIII, como Ferreira, Fervença, S. Vicente de Sousa (…) e Valdreu. É também de admitir que tenha havido uma mudança de absides redondas para rectangulares, mais concordes com o espírito de Cister*" (Real 1982, p. 120-122).

Lourenço Alves, no ano de 1988 fez uma pequena descrição da igreja como actualmente possuindo uma só nave, mas que terá sido concebida para três naves, conservando do românico a porta principal e uma lateral, os modilhões a todo o correr

da cimalha, sem grande decoração, bem como as colunas e capitéis do arco cruzeiro e a rosácea na cabeceira, com decoração tipo bracarense (Alves 1988, p. 70-71).

Novamente Manuel Real, em 1998, defende que a introdução da ordem de Cister no Mosteiro de Ermelo só se terá dado nos inícios do século XIII e que estaria "*então interrompida a construção de uma igreja com programa relativamente ambicioso, de inspiração beneditina. Pressuponha a clássica planta de três naves, com quatro tramos, e encontrando-se concluída apenas a cabeceira tríplice. Ao aceitar a regra de S. Bernardo, a antiga comunidade decerto depauperada e com poucos apoios, preferiu restringir o programa, tendo a igreja românica sido concluída com uma só nave, de carácter muito sóbrio, deixando no exterior os absidíolos laterais da cabeceira*". (Real 1998, p. 47).

O autor sintetiza a particularidade da arquitectura cisterciense em Portugal não se caracterizar tanto pelas afinidades arquitectónicas internacionais, mas, sim, com algo mais de cariz regional, referindo-se mesmo à aproximação entre os templos beneditinos de três naves e os de Cister. Assim, temos por exemplo: as igrejas com cabeceiras de três absides escalonadas, que tomaram, na Ordem de Cister, a planta quadrangular como de Tarouca, Fiães, Águias e Ermelo. Segundo o autor é mesmo uma solução rara no campo internacional.

O arquitecto António Brás, na sua tese de mestrado, em 2006, defende que a cabeceira da igreja foi construída na sua totalidade, ao nível dos fundamentos, procedendo-se mesmo à sua implantação global, na Idade Média, nos inícios do séc. XII, a que ele denominou primeira fase construtiva. Numa segunda fase, ainda na Idade Média, fins do séc. XII e inícios do XIII, ter-se-á encerrado o templo ao nível da nave central, pondo-se de parte o projecto inicial de três naves. Seguia-se o lançamento e construção dos alicerces da nave, elevando-se depois as paredes exteriores, por lanços até à cobertura. A terceira fase ou momento construtivo corresponde aos acrescentos modernos (séc. XVIII) da sacristia, do campanário e remates da empena do frontispício da igreja. A última fase construtiva corresponde à edificação da torre do relógio, no séc. XX (Brás 2009, p. 106-122).

5.3.2. Descrição da Igreja do Mosteiro do Ermelo

Fachada Exterior Ocidental

A fachada ocidental, com 7,93 m de largura e 8,96 m de altura, apresenta um aparelho de construção pseudo-isódomo, com alguns silhares siglados. O portal ocidental em arco quebrado e sem colunelos, possui tímpano com cruz vazada. Por cima deste rasga-se uma estreita fresta sem qualquer ornamentação. O remate superior da empena é acrescento de Época Moderna, com moldura de toro-escócia. Nos ângulos tem uns pináculos barrocos e ao centro uma cruz latina.

A fresta não parece estar na posição original, pois o aparelho à volta dela é um pouco mais irregular e pelo que se observa por cima da parede da rosácea, esta igreja terá sido mais alta.

Nas extremidades laterais da fachada, principalmente na confluência entre esta fachada e a Sul, nota-se diferença de aparelhos, um aparelho mais irregular composto por pedras de vários tamanhos, liga-se com pedras miúdas e uma argamassa acinzentada ao aparelho já descrito anteriormente. Poderá corresponder às obras de redução do templo documentadas no século XVIII.

No lado Norte, embora se note a diferença, não é tão evidente, com excepção das pedras onde assenta o pináculo.

Percebem-se duas pedras salientes na fachada.

(cf. Fig. 17 do Anexo Gráfico)

Face Exterior Parede Sul

A face exterior da parede Sul, que até ao pórtico da capela lateral Sul mede 16,19 m de comprimento e 6,87 m de altura, apresenta um aparelho irregular, com um número considerável de silhares siglados. A porta lateral de acesso à igreja é em arco quebrado e sem colunelos, possui tímpano sem qualquer decoração. Rasgam-se duas frestas, estreitas, sem ornamentação visível, paralelamente alinhadas e distanciada uma da outra cerca de 4,47 m.

Por cima do portal Sul percebe-se um sulco vertical, correspondente ao desgaste provocado pelo uso contínuo da corda que ligava a um sino, hoje desaparecido (Brás 2009, p. 118). A cornija caracteriza-se por lajes finas com canelura, ligadas entre si por

cimento e pouco alinhadas. Assenta em modilhões decorados com variados motivos como formas geométricas, entrelaçados, cabeças de animais (uma cabeça de porco, uma cabeça humana e animais completos, como o cão e o gato) e motivos vegetalistas. (cf. Figs.18-26 do Anexo Gráfico)

Esta parede, tal como a principal é mais baixa do que as paredes do pórtico da capela lateral e encosta a esta. Mostra uma construção menos cuidada do que a das paredes exteriores Oeste e da capela, levando a pressupor que se poderá tratar da redução do templo documentada no século XVIII.

Este facto foi observado aquando da escavação arqueológica no adro da igreja. O alicerce e embasamento da parede eram pouco espessos e o aparelho construtivo muito irregular, assentando directamente na terra, sem vala de fundação. (cf. Fig.27 do Anexo Gráfico)

Ainda nesta fachada se observa uma inscrição que indica um nome e uma data:

"MANOEL JOZE 1788 (L)"

Poderá corresponder ao nome do mestre pedreiro que orientou as obras de redução do templo (cf. Fig.28 do Anexo Gráfico).

O tramo entre o pórtico da capela lateral e a junção entre as paredes exteriores Sul e Este, possui 7,22 m de comprimento e 5,86 m de altura.

O aparelho construtivo confunde-se, pois tanto se apresenta desalinhado, com pedras de tamanho variável, ligadas com argamassa ou cimento, como se apresenta alinhado, o que indica uma série de alterações.

Apresenta alguns silhares siglados.

A partir da 4ª fiada a contar da cornija, desde o pórtico até à janela com gradeamento, existe um ressalto, de cerca de 5 cm, na horizontal, em relação ao resto da parede. Na 3ª fiada a contar paralelamente ao topo da janela gradeada, existe um alinhamento de buracos de travejamento de um telhado. Estamos perante o que resta da parede interior Norte da Capela Lateral da Igreja medieval de Ermelo.

A janela gradeada, que terá rasgado a parede, possivelmente contemporânea das obras de demolição das capelas, no século XVIII, possui 1 m de largura e 2 m de altura. Paralelamente a esta, com dimensões mais reduzidas – 1,46 m por 1,07 m –, observa-se um pequeno espaço, entaipado, que parece corresponder a uma janela interior que ligaria a capela-mor à capela lateral. Na parede interior Sul da sacristia observa-se algo semelhante (cf. Fig.29 do Anexo Gráfico).

As lajes de travejamento do telhado ou cornija são mais simples do que as do lado Oeste do pórtico da capela lateral, e mais espessas, encontrando-se melhor alinhadas.

Os modilhões possuem decorações com motivos geométricos, vegetalistas e duas cabeças de animais (lobos). (cf. Figs.30 e 31 do Anexo Gráfico).

Pórtico da Capela Lateral Sul

Actualmente, só se conserva o pórtico de acesso à capela lateral, que apresenta vestígios de desgaste, devido essencialmente ao facto de estar no exterior da igreja, tendo desmoronado já parte da empena. As fachadas do pórtico apresentam um aparelho construtivo pseudo-isódomo. Pelo que se observa na parte que se encontra semi-desmontada, seriam paredes espessas, medindo 1,16 m de espessura. (cf. Fig.32 do Anexo Gráfico).

Observam-se alguns silhares siglados.

O arco quebrado é encimado por uma estreita fresta, voltada a Este, com dois ressaltos, decorado com uma flor (quadrifólio) gravada na parte superior. (cf. Fig.33 do Anexo Gráfico).

Do lado Norte do arco, este termina numa imposta sem decoração, que assenta num capitel decorado com uma pequena flor central, ladeada por duas volutas que assentam em três grandes folhas estilizadas. O capitel assenta num fuste sem decoração. A base tem forma bolbiforme, possuindo uma decoração quase apagada e simples, percebendo-se um conjunto de linhas formando uma rede. Nos cantos da base, apesar de uma delas estar partida estão representadas duas garras. (cf. Figs. 34-36 do Anexo Gráfico)

Do lado sul, o arco do pórtico termina numa imposta simples, sem decoração, assentando num capitel com uma flor na zona central do ábaco, ladeada por volutas vegetais que saem de folhas lisas estilizadas, rematadas em dente de serra. Tal como o do lado norte, o fuste não possui decoração e termina numa base decorada com estrias. Nos cantos da base, apesar de partidas, parece representar-se duas garras. (cf. Figs. 37-39 do Anexo Gráfico)

Do lado Oeste do pórtico da capela, apoiando-se na parede exterior norte do edifício da Junta de Freguesia de Ermelo, percebe-se o arranque da nave lateral da igreja medieval para Oeste. Observa-se, junto ao acesso inferior aos lavabos da Junta de Freguesia e à Casa Paroquial, o alicerce e embasamento em ressalto desta mesma parede da nave lateral (cf. Figs. 40-42 do Anexo Gráfico)

Face Exterior da Parede Este

Com telhado de duas águas, esta parede possui de largura total 10,08 m e de altura 7,73 m.

A parede foi construída com boa cantaria granítica, com paredes espessas composta por silhares montados em fiadas horizontais regulares, desenhando um aparelho pseudo-isódomo (cf. Fig.43 do Anexo Gráfico).

No vértice da empena, vemos uma Cruz de Malta, gravada no cilhar em baixo relevo e inscrita num círculo (cf. Fig.44 do Anexo Gráfico). Alguns silhares apresentam siglas gravadas.

Na parte central da parede observamos uma estreita fresta ladeada por colunelos e encimada por um arco de volta perfeita. O arco, do lado Norte, termina numa imposta decorada com uma linha contínua formando SS entrecruzados. Assenta num capitel decorado com volutas sobre folhas de acanto muito estilizadas. O colunelo é liso e firma-se numa base bolbiforme, simples, sem decoração. O plinto ostenta o tema cordiforme. O arco, do lado Sul, termina numa imposta com um friso, que assenta num capitel decorado com volutas apresentando o cesto preenchido com o tema das pontas de lança. O colunelo, igualmente liso, assenta numa base bolbiforme semelhante à anteriormente descrita (cf. Figs.45- 47 do Anexo Gráfico).

Cerca de 2,83 m desde do cunhal desta parede com a Sul até ao cunhal com a parede Norte existe um acrescento executado em continuidade com o original, que corresponde ao fechamento do espaço que correspondia à capela lateral Norte, para se converter no espaço onde funciona actualmente a sacristia (cf. Figura 43 do Anexo Gráfico).

A fissura que se detecta junto deste acrescento revela que ele terá sofrido assentamentos ao longo destes dois últimos séculos. Na década de 80 do século passado (data inscrita no cimento) terá sido executado o preenchimento da mesma.

O aparelho deste tramo acrescentado foi executado com pedras de granito, muito espessas, faceadas, de tamanho grande e muito grande, possuindo um aparelho irregular. Mais ou menos na sua área mais central existe uma pequena janela com gradeamento.

Face Exterior da Parede Norte

Parede Norte da Sacristia

Possui, desde o cunhal com a parede Este 7,23 m de largura e mede 4,35 m de altura. Possui aparelho um pouco irregular, composto por pedras de grande e muito grande dimensão, ligadas por cimento. Possui uma porta de acesso ao interior da sacristia. Trata-se da parede levantada nas obras do século XVIII para transformar o espaço da capela lateral Norte em sacristia (cf. Fig. 48 do Anexo Gráfico).

Tramo de parede entre a Sacristia e a Torre Sineira

Esta parede possui de largura 6,63 m. Se medirmos a altura a partir do rebaixamento sofrido, terá 4,61 m, se medirmos até ao cimo da empena/parede onde se situa a rosácea mede 11,31 m de altura.

O alicerce e embasamento da parede possui um ressalto, tal como o observado na parede que seria a parede da nave lateral Sul da Igreja Medieval, para melhor aguentar o assentamento de uma aparelho de boa cantaria, composto de pedras de granito dispostas em fiadas horizontais regulares. Observa-se um número considerável de silhares siglados.

É rasgada por uma fresta estreita, sem ornamentação (cf. Fig.49 do Anexo Gráfico).

A parede original, rebaixada, tal como se percebe pela empena acima da rosácea, suportaria um telhado de duas águas. Esta parede que coincidiria com o arco triunfal da igreja na época medieval. Expõe uma rosácea de três arquivoltas concêntricas, adornadas com motivos geométricos envolvendo um espelho vazado, que se conserva (cf. Fig.50 do Anexo Gráfico).

Do seu centro maciço parte um feixe irradiante de colunelos, ligados nos seus extremos e que se afastam de forma equidistante por uma coroa de arquinhos vazados, em cada um dos quais no desvão se abriga uma pérola. As três arquivoltas exteriores foram adornadas por uma vergôntea, preenchidas as curvas que se alternam em sentido contrário, por uma folha de figueira estilizada. Na do meio salientam-se cabeças abonadas de cravos fundidas em cruz, mas a distâncias diferentes, devido ao facto de ser levantadas a meio de aduelas desiguais. A do interior tem gravado losangos duplicados e sucessivos. (Brás 2009, pp.113 e 114)

Tal como a rosácea da igreja de Bravães (Ponte da Barca), a de Ermelo encontra-se na parede do arco triunfal, à entrada da capela-mor. Não nos parece que tenha existido uma rosácea na fachada Oeste, por isso a iluminação seria garantida pela rosácea do arco cruzeiro e a fresta ai vemos. A função deste elemento decorativo é iluminar a igreja. Nas Igrejas de Paço de Sousa, em Penafiel (séc. XII/ XIII), na de S. Salvador de Travanca (séc. XIII), em Amarante e na Igreja de Cete (séc. XIII) também se observa a presença de uma única rosácea e localizada na parede do arco triunfal. Contudo, a rosácea da Igreja do Mosteiro de Ermelo destaca-se dessas pela decoração e tamanho, sendo maior do que as referidas anteriormente. O alçado do arco cruzeiro caracteriza-se por ser construído em boa cantaria de granito, embora já tenha sofrido alterações, pois colocaram cimento nas juntas entre as pedras. Do lado Sul a parede encontra-se parcialmente desmontada, coincidindo com o pórtico da capela lateral Sul.

Conservam-se dois modilhões no fragmento de cornija que ainda resta, sendo um com uma figura de animal e o outro com tema vegetalista, não se percebendo muito bem de que se trata, pois este tramo conserva muito musgo, devido à intensa humidade e pelo tempo diminuto que está exposto ao sol (cf. Fig.51 do Anexo Gráfico).

Observam-se vários silhares siglados.

A Torre Sineira ou Campanário, construção do século XVIII, possui dois andares, sendo o primeiro composto por um aparelho regular de silhares de tamanho e formas variadas. O segundo andar é composto por um pano de paredes com dois arcos de volta perfeita sobre imposta saliente e onde se podem ver os sinos. Sobre estes arcos apoia-se um entablamento coroado por um frontão com três pináculos, um no centro e dois nas extremidades (Brás 2009, p. 121). (cf. Fig.52 do Anexo Gráfico).

Da Torre Sineira ao cunhal com a parede Oeste

Este tramo de parede possui 6,72 m de largura e 5,90 m de altura. Está parcialmente tapado pelas escadas de acesso à Torre Sineira.

É rasgado também por uma porta, que se encontra entaipada e que terá funcionado como acesso exterior ao coro da igreja, desmontado na década de 80 do século passado. Na envolvente da porta entaipada o aparelho é bastante irregular, com pedras de granito de variado tamanho e ligadas entre si com cimento. Contudo o que resta da parede visível apresenta um aparelho regular, pseudo-isódomo, com um número considerável de silhares siglados (cf. Fig.53 do Anexo Gráfico).

Percebe-se o ressalto do alicerce e embasamento da parede junto ao cunhal com a fachada ocidental, ainda da construção medieval.

As lajes de travejamento do telhado estão ligadas de uma forma mais ou menos nivelada, unidas por cimento. Assentam em vários modilhões que possuem decoração geométrica, como entrançados, formas geométricas, uma cara de homem com barba e um animal (lobo?) (cf. Figs.54- 57 do Anexo Gráfico).

Face Interior da Parede Ocidental

A parede interior Oeste, com 6,25 m de largura e 8,96 m de altura, apresenta um aparelho de construção pseudo-isódomo. Pode observar-se um número considerável de silhares siglados (cf. Fig.58 do Anexo Gráfico).

O portal ocidental em arco quebrado e sem colunelos, possui tímpano com cruz vazada. Por cima deste rasga-se uma estreita fresta, ladeada por um ressalto e no topo apresenta um animal esculpido. O remate superior do tecto de madeira tapa parte da fresta (cf. Fig.59 do Anexo Gráfico).

Observam-se dois pilares, nos cunhais com as paredes Norte e Sul, que parecem ter funcionado como suporte e arranque das naves laterais (cf. Figs.60- 62 do Anexo Gráfico).

Percebem-se os buracos dos barrotes que sustentariam o coro da igreja, e que foi desmantelado na década de 80 do século passado.

Junto ao cunhal com a parede norte, na parte inferior percebe-se o ressalto original da parede medieval (cf. Fig.63 do Anexo Gráfico).

Face Interna da Parede Sul

A parede interior Sul, com 14,25 m de comprimento e cerca de 9 m de altura, apresenta um aparelho de construção pseudo-isódomo. Contudo nalguns pequenos tramos percebem-se algumas irregularidades (cf. Figs.64 e 65 do Anexo Gráfico). Apresenta-se rasgado por duas frestas, que para o interior possuem um ressalto em arco quebrado e que no seu topo apresentam esculpidos um sol (a do lado Oeste) e motivo geométrico (do lado Este). (cf. Figs.66 e 67 do Anexo Gráfico).

O portal lateral Sul em arco quebrado e sem colunelos, apresenta o tímpano sem decorações. Observam-se ainda um número considerável de siglas de pedreiro gravadas, principalmente junto ao arco cruzeiro.

Face Interior da Parede Norte

A parede interior Norte, com 14,32 m de comprimento e cerca de 9 m de altura, apresenta um aparelho de construção pseudo-isódomo, tendo sido rasgado pela porta de acesso ao coro alto e que actualmente se encontra entaipada (cf. Fig.68 do Anexo Gráfico).

A fresta e a porta lateral Norte encontram-se entaipadas devido à construção da torre sineira no século XVIII. Ao contrário das outras, esta fresta não apresenta decoração no seu topo (cf. Fig.69 do Anexo Gráfico).

A porta lateral Norte, em arco quebrado possui, no tímpano, esculpida uma cruz de braços curvos, vazada esculpidos (cf. Fig.70 do Anexo Gráfico).

Nos lintéis observam-se motivos geométricos (cf. Figs.71 e 72 do Anexo Gráfico).

Próximo do arco cruzeiro a parede foi rasgada, na parte superior por uma abertura que serve de acesso ao púlpito em madeira e na parte inferior por uma porta de entrada na sacristia (cf. Fig.73 do Anexo Gráfico).

Observa-se um número considerável de silhares siglados.

Capela-mor

O arco cruzeiro caracteriza-se por ser um arco de volta perfeita, que assenta em duas impostas decoradas com o conhecido tema cordiforme ou dos corações invertidos. Os seus capitéis vegetalistas, com folhagens muito movimentadas e recurvadas sobre os ângulos, filiam-se na corrente do Românico de Tui ou do Alto Minho (cf. Figs.74- 76 do Anexo Gráfico).

Os pilares com meias colunas adossadas nos seus extremos não apresentam decoração e assentam em bases bolbiformes. Abaixo destas vemos uma moldura prismática, do lado esquerdo com um *x* desenhado no interior de um quadrado e do lado direito com vários *x* ligados entre si (cf. Figs. 77 e 78 do Anexo Gráfico).

(cf. Figs. 79- 80 do Anexo Gráfico)

A parede Norte da capela-mor apresenta aparelho de construção pseudo-isódomo, rasgado pela abertura da porta de acesso à sacristia (cf. Fig.81 do Anexo Gráfico).

Vemos vários silhares siglados.

A parede Sul da Capela-Mor, apresenta aparelho de construção pseudo-isódomo muito alterado devido à colocação da janela e de um pequeno nicho em arco quebrado. Também se observam vários silhares siglados.

Ainda se observam dois pilares, junto ao arco, um de cada lado, que corresponderiam à separação entre a nave central e as laterais (cf. Figs. 83 e 84 do anexo Gráfico).

O altar-mor situa-se frente de um retábulo em madeira, e decorado com talha dourada, ladeado por São Pedro do lado direito e Senhora da Conceição, do lado esquerdo (cf. Fig. 85 do Anexo Gráfico).

Existem fragmentos de pintura mural no tardoz do retábulo-mor, que representam a figura de São Bento, a Virgem Maria, a cena da Anunciação, e do lado direito a figura do Apóstolo Santiago (cf. Figs. 86-88 do Anexo Gráfico).

Ainda no tardoz do retábulo-mor se observa o interior da fresta da cabeceira que se caracteriza por um arco quebrado. Este, do lado Sul assenta em duas impostas, com uma fila de triângulos que assentam em entrançados. Encimam dois capitéis decorados

com folhas estilizadas e ainda com amplos vestígios do acabamento pictórico. A zona das impostas apresenta fundo cinzento-escuro e o tema encordoado pintado a amarelo ou dourado. Num dos capitéis o fundo é igualmente cinzento-escuro, enquanto que no outro se apresenta em vermelho. Os temas vegetalistas, estilizados, são, no primeiro caso, semelhantes aos dos capitéis da fresta da parede exterior Este, enquanto que no segundo se assemelham a caules vegetais rematados em espirais, quase lembrando gavinhas de videira. Os colunelos, lisos, apresentam-se pintados com uma fita enrolada em espiral, pintada a ocre. A base ostenta toro decorado com linha incisa, simulando o tema cordiforme (cf. Figs. 80-91 do anexo Gráfico).

Do lado Norte o arco que encima a fresta termina em duas impostas decoradas com losangos, num dos casos simples, noutro duplos, pintados a amarelo, cinza escuro e ocre. Apoiam-se sobre capitéis vegetalistas estilizados, semelhantes aos descritos anteriormente, também com abundantes testemunhos de camada pictórica. O capitel mais a Norte possui, ao centro, a cabeça de um bovídeo esculpida. Os colunelos são simples, pintados com linhas espiraladas a ocre, e são suportados por bases achatadas, ladeadas por garras. Uma delas apresenta o toro ornamentado com linha incisa. Assentam em plintos decorados em baixo relevo com estrias incisas imitando cordas (cf. Figs. 92 e 93 do Anexo Gráfico).

O espaço do tardoz do retábulo-mor apresenta pavimento lajeado de granito, irregular, onde se percebe a ausência de qualquer tipo de manutenção (cf. Fig.94 do Anexo Gráfico).

Sacristia

A sacristia ocupa o espaço que terá correspondido à capela lateral Norte da Igreja Medieval. Esta foi demolida no século XVIII, sofrendo remodelações.

(cf. Figs. 95 e 96 do Anexo Gráfico)

O acesso a este espaço faz-se através de uma porta ainda integrada no lado Norte da nave do templo. Junto à porta, do lado esquerdo encontramos as escadas de acesso ao púlpito.

A parede do lado Norte apresenta um aparelho construtivo de boa cantaria e pseudo-isódomo, com vários silhares siglados. Observam-se sulcos onde terá assentado algum tipo de travejamento, que é perceptível também na parede Sul, ao mesmo nível.

Observa-se uma estreita fresta em ressalto, sem qualquer tipo de decoração (cf. Fig. 97 do Anexo Gráfico).

Observa-se um ressalto no embasamento da parede que se prolonga até ao pórtico da capela, precisamente onde assenta o pórtico (cf. Fig.98 do Anexo Gráfico).

O pórtico da capela lateral Norte em arco quebrado assenta, no lado Norte, numa imposta simples, lisa. O capitel decorado com folhas estilizadas que rematam em volutas. O fuste não apresenta decorações e assenta numa base bolbiforme, ladeada por garras (cf. Figs.99-101 do Anexo Gráfico).

Do lado Sul o arco é suportado por uma imposta simples, que assenta num capitel decorado com folhas de videira estilizadas. O fuste é simples, sem decorações assentando numa base bolbiforme com garras (cf. Figs.102-104 do Anexo Gráfico).

O arco é encimado por uma estreita fresta, em ressalto e que não apresenta decorações. A fresta encontra-se parcialmente tapada pelo telhado em madeira (cf. Fig. 105 do Anexo Gráfico).

O aparelho construtivo da parede do pórtico é regular, pseudo-isódomo, com alguns silhares siglados.

A parede do lado Sul da sacristia possui um aparelho construtivo mais irregular, notando-se várias alterações sofridas. Possui duas aberturas entaipadas, uma ao nível do chão, que daria acesso ao tardoz da capela-mor (cf. Fig. 106 do Anexo Gráfico). A segunda não se percebe até onde se estenderia, pois encontra-se tapada por um grande armário em madeira, que serve de apoio ao culto Divino. Contudo, parece prolongar-se da parte superior da parede, junto ao tecto até ao nível do chão. Assim sendo, esta abertura poderá corresponder ao arranque da parede original Este da capela Norte (cf. Fig. 107 do Anexo Gráfico).

Esta parede é ainda rasgada por uma porta que dá acesso directo da sacristia ao presbitério. A espessura desta parede é de 1,45 m.

Ainda nesta parede observam-se os caboucos onde assentaria o travejamento de um tecto.

Do lado Norte e Este as paredes possuem aparelho de construção regular, composto por pedras muito grandes e de cantaria fraca. A Norte é rasgada por uma abertura de acesso ao exterior, onde a espessura de parede reside nos 0,76 m.

5.3.3. A Igreja de Ermelo e o Românico de Tui

A Igreja de Ermelo pertence ao foco do Românico de Tui, ou seja, dentro do românico que se filia na escola da Sé de Tui e do Alto Minho, que se caracteriza, em termos escultóricos *"por uma decoração rica, com folhagens gordas, com muita e inflamada decoração animalesca e atarracadas esculturas humanas"* (Almeida 1971, pp.88-89). Lúcia Rosas refere a existência de dois grupos que se inserem nesta corrente, o primeiro, onde estão representadas as igrejas de S. Salvador de Ganfei, Sanfins de Friestas e S. João de Longos Vales, cuja cronologia será de meados do séc. XII. Caracterizam-se por os seus capitéis apresentarem "*tipos comuns na forma do cesto e na escultura de massas muito volumosas. Todos possuem robustos caulículos que se enrolam nos cantos superiores e também no lugar do dado"* (Rosas, 1987, p.36). Um segundo grupo, em que se estão representadas as igrejas de Chaviães, Fiães, Orada, Paderne e Valença, cuja decoração será mais contida, pois caracterizam-se por uma temática vegetalista e geométrica e os capitéis são sobretudo de dois tipos, um de cesto estreito e arredondado, prolongando o fuste e separado deste por colarinho liso. As folhas destacam-se ligeiramente e só nas extremidades é que se enrolam, podendo apresentar uma ou duas ordens de folhas, que se enrolam em espiral, bolas ou pequenos pipos. O outro tipo destaca-se pelo *"cesto apresentar forma trapezoidal e as folhas tenuamente relevadas, podendo apresentar enrolamentos superiores, salientes, em forma de voluta"* (Rosas 1987, p.54).

Lúcia Rosas aponta a cronologia deste segundo grupo para o séc. XIII, apresentando já uma tendência goticizante (Rosas 1987, p.34).

Pela visita a algumas destas igrejas, sem contudo, ser possível observar os seus interiores, e comparando com os motivos escultóricos da igreja de Ermelo, percebe-se

que os capitéis do arco cruzeiro deste templo e da fresta da parede Este, tanto do lado interior como o exterior, se inserem no primeiro grupo definido por Lúcia Rosas, em que estes se apresentam volumosos. Todavia, os capitéis que se podem observar nos pórticos das capelas laterais apresentam uma escultura mais contida, com massas pouco salientes. (cf. Figs. 108-114 do Anexo Gráfico).

Poderemos confirmar a partir desta observação que a igreja do mosteiro de Ermelo terá tido duas fases de construção, uma em meados do séc. XII, correspondente à fase da sua fundação e uma segunda no decorrer do séc. XIII, a quando da passagem para a Ordem de Cister. Lúcia Rosas sublinha que o tipo de capiteis correspondente ao segundo grupo do Românico de Tui e do Alto- Minho é adoptado *"quase sistematicamente nos templo ocupados ou construídos pelos monges cistercienses"* (Rosas 1987, p.55).

Na igreja, em comparação com as igrejas de Paderne, Orada, Fiães e Chaviães, predominam as cornijas com cachorros vegetalistas e *geométricos "de proa e de planos sobrepostos"* (Rosas 1987, p.61). Mas podemos também observar em Orada, Chaviães e Ermelo muitas cabeças de animais e humanas. (cf. Fig. 115- 117 do Anexo Gráfico)

5.3.4. Quadro métrico da Igreja do Mosteiro de Ermelo

Foram tiradas as medidas da Igreja, cujos valores estão apresentados quadro métrico que se pode observar na Fig.118 do Anexo Gráfico.

A largura foi medida paralelamente junto à respectiva parede como no caso das paredes da nave, da capela-mor e da sacristia. A altura foi contada sempre entre o chão e o tecto de madeira, no caso da nave e sacristia, contudo nos pórticos e arco triunfal mediu-se até à base do arco. Na estrutura medieval detectada em escavações mediu-se a altura das duas fiadas que se observavam e a largura do embasamento das paredes. A espessura contabilizou-se medindo o espaço dos portais, janelas e portas da igreja.

Pela leitura efectuada dos valores registados no Quadro foi possível perceber que as paredes que possuíam menor espessura eram as Paredes Lateral Norte e Sul da nave e Parede Interior Norte da sacristia. As que apresentam maior espessura são do Arco Triunfal e Parede Interior Sul da sacristia. As outras paredes, onde foi possível precisar a espessura, apresentavam medidas que vão desde os 95cm e o 1,13m.

De uma forma muito simples, podemos concluir que as espessuras maiores correspondem às paredes edificadas na primeira fase de construção da igreja. As paredes que apresentam as medias entre os 95cm e o 1,13m corresponderam à segunda fase de construção/reconstrução da igreja, com os cistercienses. E por último as paredes que apresentam espessuras menores correspondem às obras de redução que a igreja sofreu no séc. XVIII.

As medidas de altura e largura não foram contabilizadas de forma a ser possível aferir alguma conclusão, pois dificilmente nos poderão dar leitura sobre o edifício original, este que foi desvirtualizado desde a Idade Média até ao séc. XVIII.

5.3.5. Intervenções da DGEMN na Igreja de Ermelo

Após consulta do arquivo da antiga Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais percepcionou-se que este instituto foi responsável por obras de conservação e reparações várias, ao longo das décadas de 80 e 90 do século passado, sendo que nenhuma delas terá alterado a fisionomia da mesma, exceptuando a remoção da película de cal que cobria as paredes interiores e exteriores da igreja. Essas intervenções encontram-se sintetizadas na Fig.119 do Anexo Gráfico.

5.4. Siglas de Pedreiro. Análise

As siglas de canteiro são marcas incisas executadas na pedra por um canteiro. Segundo Rodrigo de La Torre Martín-Romo estas podem utilitárias ou de identidade. As primeiras servem de referência às diversas acções patenteadas na montagem de elementos pétreos, o talhe das peças e montagem dos muros. As siglas de identidade completam as utilitárias, sendo a assinatura do trabalhador para justificar o trabalho realizado, adquirindo uma distinção pessoal. As siglas de identidade podem ser

individuais e colectivas, neste último caso podem pertencer a corporações de canteiros (Martín-Romo 1986).

Para Tito Sousa Larcher "*as siglas seriam os sinais com que os canteiros firmavam as pedras que trabalhavam, quer o fizessem a jornal, quer de empreitada ou tarefa, permitindo assim avaliar o trabalho de cada um em quantidade e qualidade"* (Larcher 1928, p.140)

As siglas de canteiro podem ser sinais simples, letras, abreviaturas de nomes, a representação de objectos ou animais.

J. M. Cordeiro de Sousa refere que estas marcas devem ser a indicação do trabalho produzido pelo canteiro, para ser contado o pagamento da empreitada (Sousa 1929, p.48).

A sigla deveria ser esculpida com alguma rapidez, tendo de ser aberta na face da pedra em que o aparelho fosse mais perfeito para não exigir uma gravura muito profunda, que teria de demorar mais tempo. Seriam marcadas antes das pedras serem colocadas na parede, o que explica o facto de vermos a mesma marca em várias posições (Sousa 1929, pps.51-52).

M. Van de Winckel admite que a sigla "*foi inicialmente a marca de uma «oficina», como escola que transmitia o conhecimento técnico por meio da prática diária no local de construção- composta por vários artífices e aprendizes. Dentro de cada oficina em acção vão-se formando pouco a pouco variações da sigla base: estas variações irão individualizar os homens* (Winckel 1964, p.65).

Luís Miguel Toribio ao fazer o estudo das siglas de pedreiro no Mosteiro de Santa Maria de Moreruela, em Zamora, notou várias diferenças na leitura das mesmas e assim, existiam marcas com grandes similitudes, contudo as várias versões repetiam-se várias vezes, supondo que se tratavam de marcas diferentes. Estas diferenças podiam explicar-se por questões de parentesco. O ofício de canteiro, bem como quase todos os outros ofícios na Idade Média, transmitiam-se de pais para filhos e as marcas também se herdavam, mas com pequenas variantes no desenho (Toribio…..,p.65).

Este autor referencia *que das 211 siglas diferentes observadas, 169 aparecem exclusivamente em zonas concretas do templo e 42 vão-se repetindo em pontos distintos. Conclui que as 169 siglas corresponderiam a canteiros pertencentes a grupos itinerantes ou operadores que realizavam o seu principal trabalho em obras próximas, ou até noutros lugares do mosteiro"* (Toribio p.66).

Assim, as siglas de canteiro são produzidas por este, em cada pedra, podendo representar a marca individual de cada um ou a marca da "oficina". Essas marcas poderiam ser de diversas naturezas, contudo quase todos os autores defendem que seriam para um cálculo do trabalho desse canteiro/oficina.

Carlos Alberto Ferreira de Almeida aponta que em Portugal existe um grupo espacial de siglas, que é o cisterciense, que pode dar uma evolução cronológica de determinado edifício, neste caso o da Igreja do Mosteiro de Tarouca, em que na sua fundação as siglas utilizadas seriam muitos simples, mas nas obras posteriores a essa data as siglas são mais cuidadas e elaboradas (Almeida 1978, p.35).

O levantamento das siglas nas paredes da Igreja do Mosteiro de Ermelo realizou-se em duas fases. A primeira foi o levantamento das siglas, directamente, para os desenhos dos alçados exteriores da igreja (cf. Figs. 120- 125 do anexo Gráfico). Numa segunda fase, procedeu-se à observação das siglas nas paredes interiores da igreja e elaboração do quadro demonstrativo (cf. Fig.126 do Anexo Gráfico).

Foi possível observar em quase todas a paredes existentes, de cronologia medieval, siglas de canteiro, existindo maior representatividade nas paredes interiores da igreja do que nas exteriores. Na parede exterior Este observa-se um número muito reduzido de marcas de canteiro. Poderá ser por as pedras estarem mais desgastadas e cobertas por uma camada de musgo.

No geral, pela observação dos dados recolhidos, e atendendo que o edifício que se vê hoje está bastante diferente do que o original, concluiu-se que existiram 29 canteiros e que as suas siglas se repetem mais ou menos uniformemente, contudo existem casos que só se observam nas paredes das capelas laterais e capela mor, como é o caso das siglas nº 20 e 24, do quadro representativo. Serão dos canteiros da primeira fase da construção da Igreja? As siglas nº 3, 8 e 14 do quadro são muito semelhantes, mas repetem-se várias vezes. Poderemos estar perante um caso de familiaridade ou de dois canteiros pertencerem a uma mesma oficina?

Existe um pequeno grupo de siglas, um pouco mais compósitas, mas que não se repetem, como é o caso de 7, 17, 20, 24, 27, 28 e 29. Pertencerão a algum mestre pedreiro?

O número total de canteiros parece-nos um pouco excessivo, considerando a "*Catedral de Salamanca terá tido 31 canteiros e a Sé de Coimbra pouco mais de vinte*" (Rodrigues 1995, p.208). Contudo, considerando que a igreja de Ermelo teve duas fases

de construção, a existência de duas oficinas de trabalho já explica este número total de canteiros.

5.5. O Espaço Monacal- Claustro

A Sul da Igreja e abaixo do edifício da Casa Paroquial, são perceptíveis algumas arcadas pertencentes à estrutura da área regular do mosteiro, que segue no sentido Norte e que também se observam no interior da Casa Paroquial (cf. Fig. 127 do anexo Gráfico).

As arcadas localizam-se numa parcela de terreno que sempre foi conhecida por pertencer ao padre, tal como aparece descrito num Prazo elaborado no século XVIII, que designa este espaço como "*orta ou Passeal do Cura*" (ADB, Registo Geral, Lv. 216, Fl. 133v). Actualmente pertence à Comissão Fabriqueira de Ermelo. O terreno possui de desnível para a plataforma inferior Sul e Este cerca de 3 ou 4 m. Neste espaço do claustro restam dois arcos quebrados, tendo o localizado mais a Norte 1,88 m de largura e o localizado a Sul 1,92 m de largura. Ambos possuem 1,02 m de espessura.

O arco a Sul possui uma pequena imposta sem decoração tal como se percebe na Fig.128 do Anexo Gráfico.

No interior da Casa Paroquial observa-se um arco do claustro. É um arco quebrado, com 1,81 m de largura e 0,91 m de espessura (cf. Figs. 129 e 130 do Anexo Gráfico).

Quando se procedia ao levantamento dos degraus das escadas de acesso aos lavabos da Junta de Freguesia e à entrada Norte da Casa Paroquial, para rebaixamento e posterior colocação de lajeado de granito, observou-se um alinhamento de pedras de tamanho médio e grande, algumas faceadas, com sentido Sul-Norte, junto ao degrau de acesso à porta Sul da Igreja.

Este alinhamento parece corresponder ao alicerce de um muro que poderia, na Idade Média ligar a Igreja à zona regular do Mosteiro, isto é, será parte da parede com arcadas que se observa numa das paredes interiores da Casa Paroquial e que continua para Sul, terminando no terreno da paróquia.

Quando se procedia ao levantamento dos degraus das escadas de acesso aos lavabos da Junta de Freguesia e à entrada Norte da Casa Paroquial, para rebaixamento e posterior colocação de lajeado de granito, observou-se um alinhamento de pedras de

tamanho médio e grande, algumas faceadas, com sentido Sul-Norte, junto ao degrau de acesso à porta Sul da Igreja. Este alinhamento parece corresponder ao alicerce de um muro que poderia, na Idade Média ligar a Igreja à zona regular do Mosteiro, isto é, será parte da parede com arcadas que se observa numa das paredes interiores da Casa Paroquial e que continua para Sul, terminando no terreno da paróquia (cf. Fig. 131 do anexo Gráfico).

Durante a escavação arqueológica no terreno da paróquia não nos foi possível definir a cota de circulação do mosteiro. Só uma nova intervenção arqueológica pode responder a esta questão.

6. ARQUEOLOGIA DO MOSTEIRO DO ERMELO: INTERVENÇÕES E RESULTADOS

As várias intervenções arqueológicas resultaram do facto de, numa primeira fase, ter sido necessário executar sondagens arqueológicas prévias a um conjunto de obras de valorização e requalificação, projectadas para o espaço envolvente à Igreja do Ermelo. Numa segunda fase procedeu-se ao acompanhamento arqueológico, tal como foi preconizado nas conclusões dos resultados das escavações arqueológicas da primeira fase. Já numa terceira fase procedeu-se à escavação de 5 sondagens no terreno que pertence à Paróquia, onde ainda subsiste a parede do Claustro do mosteiro medieval. Iremos, neste capítulo, acompanhar os principais resultados dos trabalhos desenvolvidos nas três fases.

6.1. Primeira fase: Sondagens Arqueológicas de Avaliação

As sondagens arqueológicas de avaliação realizaram-se no âmbito do Projecto de Recuperação do Adro da Igreja do Ermelo, promovido pela Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.

As ruínas do Mosteiro e Igreja do Ermelo estão classificadas como Monumento Nacional, pelo decreto-lei nº 129/77 (DR 226 de 29 de Setembro de 1977), o que, legalmente, implica a adopção de medidas específicas de protecção aquando de qualquer intervenção no seu perímetro. Protege-se, assim, o conjunto classificado de modo a mitigar eventuais impactes negativos sobre o mesmo.

Assim, no contexto de valorização da envolvente do conjunto monástico – igreja e ruínas do antigo espaço monacal - foi necessário fazer uma intervenção arqueológica. Esta intervenção, prévia ao início das obras, incluiu a abertura de 8 sondagens, em locais onde estrategicamente se iriam executar revolvimentos de terras, para posterior colocação de infra-estruturas (cf. Fig. 132 do Anexo Gráfico).

A metodologia utilizada nas intervenções arqueológicas baseou-se na *Matriz de Harris* de Unidades Estratigráficas, através da decapagem por camadas pela ordem inversa à sua deposição, às quais foi atribuída uma ficha de Unidade Estratigráfica, que por sua vez se encontra associada a uma ficha de espólio. Foi também efectuado o

registo gráfico à escala 1:20 (desenhos de plantas e cortes) e fotográfico em diapositivo e fotografia digital.

A numeração das unidades estratigráficas terá sido independente para cada sondagem, iniciando-se pela centena correspondente (ex. S.1- UE. 100, S.2- UE. 200). Na sondagem 6, e uma vez que se esgotou a centena, adoptou-se como sequência a UE 1000. Por imposição do caderno de encargos, todas as sondagens foram escavadas somente até à cota do projecto, isto é, até cerca de 0,80 m de profundidade. Após os trabalhos de escavação todas as sondagens foram isoladas com manta geotêxtil e novamente aterradas.

Os materiais recolhidos foram objecto de tratamento e inventariação.

As oito sondagens abertas foram implantadas tendo em conta a localização das infra-estruturas que seriam colocadas, no âmbito das obras de requalificação do espaço envolvente das ruínas do mosteiro e da Igreja do Ermelo.

Sondagem 1 (terreiro inferior à igreja)

A Sondagem 1 foi implantada na área a Sudoeste da Igreja do Ermelo, imediatamente à frente do acesso ao Adro da Igreja e ao terreiro inferior que liga às casas e campos a Sul da Igreja.

Esta sondagem encontrava-se muito próxima de um local onde desaguava uma linha de água vinda de Norte e que aqui se dirigia para a zona do claustro, sendo aí desviada para as terras de cultivo, que se localizam a Sul do terreno onde se encontra o que resta do espaço claustral.

Pela disposição das camadas e pelo facto do solo geológico estar a cerca de 80/90 cm de profundidade, parece tratar-se de um espaço aterrado ao longo dos tempos (cf. Figs. 133-134 do Anexo Gráfico).

As camadas registadas caracterizavam-se por serem de natureza argilo-arenosa, com inclusões de material de construção, areias, gravilha, essencialmente composta por detritos que se foram acumulando ao longo do tempo, não sendo de ignorar o facto de esta sondagem se encontrar num caminho de água, o que pode explicar a matriz mais arenosa da estratigrafia (cf. Fig. 135 do Anexo Gráfico).

O espólio recolhido caracterizava-se por fragmentos de cerâmica com vidrado de chumbo e faianças, de cronologia muito recente.

Sondagem 2 (terreiro inferior à igreja)

A Sondagem 2 foi implantada na área a Sudoeste da Igreja do Ermelo, distanciada para Sul da Sondagem 1 cerca de 7,50 m, junto ao acesso da casa particular que se encontra no centro do terreiro inferior ao adro da Igreja.

Pela disposição das camadas e pelo facto do solo geológico estar a cerca de 50/60 cm de profundidade, parece tratar-se de um espaço aterrado e revolvido ao longo dos tempos, observando-se camadas com inclusões de material de construção e algum lixo, talvez proveniente da construção da casa imediatamente ao lado.

Tal como na Sondagem 1 o espólio revelado durante a escavação arqueológica caracteriza-se por fragmentos de cerâmica comum, vidrado de chumbo e faiança de cronologia moderna e contemporânea (cf. Figs.136- 138 do Anexo Gráfico).

Sondagem 3 (terreiro inferior à igreja)

A Sondagem 3 foi implantada na área a Sudoeste da Igreja do Ermelo, distanciada para Sul da sondagem 2 cerca de 2,30 m, no término do terreiro inferior ao adro da Igreja, em frente a um edifício em ruínas.

Pela disposição das camadas e pelo solo geológico estar a cerca de 80/100 cm de profundidade, pode tratar-se de um espaço aterrado ao longo dos tempos, mas as camadas superficiais apresentam algum revolvimento provocado pela presença de raízes de uma videira que se encontra junto à sondagem.

As unidades estratigráficas que antecedem o substrato natural possuíam inclusões de cerâmica, material de construção, revelando cronologias muito recentes (cf. Figs.139-141 Anexo Gráfico).

Sondagem 4 (lado oeste da arcada do claustro)

A Sondagem 4 foi implantada na área a Sudeste da Igreja do Ermelo, distanciada, para Sul, da Casa Paroquial de cerca de 2,50 m, no espaço junto às ruínas dos arcos do Mosteiro do Ermelo.

Esta sondagem atingiu uma profundidade de cerca de 2 m. A estratigrafia revelou-se de aterro e também de revolvimento, devido à presença de um tubo de água, paralelo ao corte Este.

Identificaram-se dois interfaces de forma arredondada, abertos numa camada muito compactada, um localizado no centro da sondagem e outro na junção dos cortes Norte e Oeste. Pelos dados recolhidos não é possível determinar a funcionalidade destes interfaces. Contudo, encontravam-se a uma profundidade significativa, podendo ser contemporânea do uso do claustro, pois na 3ª fase de trabalhos arqueológicos os níveis selados detectaram-se sensivelmente a esta cota.

Nesta sondagem o espólio recolhido revelou-se um pouco mais homogéneo embora muito pobre. Juntamente com fragmentos de cerâmica comum de Tipo Prado, de cronologia a partir do Século XIII, recolheram-se fragmentos de cerâmica com vidrado de chumbo e faiança, de cronologias mais recentes (cf. Figs.142-145 do Anexo Gráfico).

Sondagem 5 (canto sudeste da casa do centro do terreiro)

A Sondagem 5 foi implantada na área a sudeste da Igreja do Ermelo, distanciada para sul da Casa Paroquial de cerca de 11 m e da Sondagem 4 cerca de 6,50 m, no espaço junto às ruínas dos arcos do Mosteiro do Ermelo. Estava encostada no canto Sudeste da casa de habitação do centro do terreiro.

Esta sondagem não foi escavada até à rocha base por uma questão de segurança, chegando a uma potência estratigráfica de cerca de 1,30 m de profundidade (cf. Figs. 146-149 do Anexo Gráfico).

A estratigrafia apresentava características de revolvimento, devido à presença de um tubo de água, que seguia no sentido nordeste-sudoeste, atravessando o espaço da sondagem e devido ao facto de se encontrar muito próxima da vala de fundação para construção da casa acima citada, bem como de aterro, o que se percebe pela presença de pedras de grande dimensão recolhidas no centro da sondagem e inclusões frequentes de material de construção. Também se poderá explicar o revolvimento do solo na existência de uma fossa que se encontra a cerca de 1 m para Norte desta sondagem (detectada em contexto de acompanhamento de obra).

O espólio recolhido caracterizava-se por uma variedade de fragmentos de cerâmica de cronologias recentes.

Sondagem 6 e alargamento (adro da igreja)

Sondagem 6

A Sondagem 6 foi implantada paralelamente à fachada exterior Sul da Igreja do Ermelo, desde o canto Sudoeste do edifício até cerca de 22 m para Este, à excepção de um espaço de 3 m de comprimento, em frente à porta de Sul de acesso à igreja.

Esta sondagem não foi escavada até à rocha base, mas sim até à cota prevista no projecto para as obras de requalificação do espaço, ou seja de cerca de 80 cm de profundidade.

Para facilitar o registo gráfico e fotográfico, bem como a separação do espólio arqueológico, optou-se por dividir a Sondagem 6 em lado Oeste (espaço a Oeste da porta de acesso Sul da Igreja) e lado Este (espaço a Este da porta Sul de acesso à igreja).

Lado Oeste

Após levantamento do cimento que se encontrava nos espaços a sondar no Adro da igreja, junto ao canto sudoeste do edifício da Igreja, observou-se um alinhamento de pedras com sentido Sul-Norte, que parecia ser o que restava do alicerce da Igreja medieval (cf. Fig.150 do Anexo Gráfico).

No espaço de sondagem que medeia a estrutura medieval e o bloco de terra não escavado, em frente à entrada Sul da Igreja, a estratigrafia observada caracteriza-se por revolvimentos associados aos enterramentos que se fizeram no adro da Igreja até, pelo menos, 1915, ano de que data o cemitério civil, construído junto ao acesso Sul à aldeia.

Deste lado da sondagem foram detectadas quatro sepulturas em caixão e uma em vala, sem caixão, tanto com orientação S-N como com orientação O-E (cf. Figs. 151-154 do Anexo Gráfico).

Nenhuma das sepulturas foi exumada, pois segundo os registos paroquiais fornecidos pelo pároco, os últimos enterramentos foram realizados já no século XX, por

volta de 1915. O aspecto das peças ósseas exumadas do Ossário UE: 815 aponta também para enterramentos pouco antigos, segundo a antropóloga responsável pelo levantamento do mesmo, Maria Teresa Ferreira, que realça ainda, que não seria de descartar a possibilidade de se ter encontrado inumados ainda com tecidos moles. Tendo em conta a faixa etária avançada da actual população de Santa Maria do Ermelo e a cronologia recente das inumações, e uma vez que estas não seriam afectadas pela obra, evitou-se o impacto social que acarretaria a sua exumação (Ferreira 2008, p. 10) (cf. Fig.155 do Anexo Gráfico).

Foi possível observar que o aparelho do alicerce e embasamento da fachada exterior Sul da igreja se revela muito irregular. Isto prova que esta parte da igreja terá sido reduzida mais recentemente, mais concretamente no século XVIII, tal como nos revela a bibliografia (BARREIROS 1926, p. 75 e 76) (cf. Figs. 156-158 do Anexo Gráfico). Foram reutilizados silhares das paredes da igreja medieval, pois observaram-se dois silhares com siglas de pedreiro gravadas.

Lado Este

Neste lado revelaram-se sedimentos com características de revolvimento, devido não só a enterramentos como à colocação e manutenção de infra-estruturas.

No espaço sob o arco da antiga capela lateral Sul da Igreja Medieval, observou-se um lajeado superficial, de pedras pouco espessas e pouco trabalhadas, assentes em terra. Poderá ser contemporâneo das obras de redução do templo no séc. XVIII (cf. Figs.159-160 do Anexo Gráfico).

Das sepulturas observadas, 5 são em caixão e 1 em vala. Tanto apresentam orientação O-E como N-S, e parecem ter pertencido a crianças ou adolescentes, pois o seu tamanho é reduzido (cf. Figs. 161-164 do Anexo Gráfico). Nenhum dos enterramentos foi levantado.

Pela cota atingida não nos foi possível detectar o arranque ou alicerce da capela lateral Sul. Contudo pelo aparelho revelado no alçado Norte da Igreja, estaríamos perante a parede interior Norte da capela lateral da igreja medieval (cf. Figs. 165-169 do Anexos Gráfico).

O espólio revelou-se muito misturado nos níveis directamente afectados pelos enterramentos modernos. Nos níveis mais profundos observaram-se alguns fragmentos de cerâmica comum, de coloração cinzenta, romana tardia ou Alta Idade Média, com

influências regionais ou locais, associada a uma moeda que se encontrava muito desgastada e em mau estado de conservação (cf. Fig. 170 do anexo Gráfico).

Sondagem 6 – Alargamento

Em virtude de se ter detectado o que restava do alicerce e paredes Oeste e Sul da Igreja Medieval, foi decidido com a tutela e a Câmara Municipal de Arcos de Valdevez o alargamento para Oeste, para Sul e para Este, de forma a confirmar a possível continuidade da estrutura pétrea e também a sua vala de fundação (cf. Fig.171 do Anexo Gráfico).

Do lado Oeste da estrutura medieval detectou-se o alicerce do muro do adro da igreja, observou-se um enterramento em caixão e quatro sepulturas em vala, duas de criança, e outras duas que não foram escavadas, pois prolongavam-se para o Corte Oeste (cf. Figs. 172- 176 do Anexo Gráfico).

Já do lado Este da mesma estrutura observaram-se duas sepulturas escavadas na rocha, uma (UE.699) já tinha sido superficialmente detectada durante os trabalhos de escavação da Sondagem 6 (cf. Fig. 177 do Anexo Gráfico).

Confirmou-se a profundidade e continuidade do alicerce das paredes Sul e Oeste da Igreja Medieval, bem como a sua vala de fundação, embora não se tenha recolhido espólio que ajude a datar, de forma segura, a sua construção (cf. Figs. 178- 182 do Anexo Gráfico).

O alicerce é composto por pedras de tamanho grande e médio, alinhadas de forma a nivelar o terreno. Os embasamentos das paredes Oeste e Sul da Igreja Medieval eram compostos por silhares de tamanho médio e grande, denotando um aparelho pseudo-isódomo, possuindo um deles uma cruz gravada (cf. Figs. 183- 186 do anexo Gráfico).

Escavou-se até atingir um sedimento barrento que parece ser o nível geológico, comparando com o que foi visionado na Sondagem 4, revelando-se uma estratigrafia bastante revolvida, devido, essencialmente, à presença de enterramentos e ao facto de muito próximo do local onde se abriu o alargamento ter existido um cipreste, o que se pode confirmar através de fotografias antigas do espaço.

O espólio recolhido revelou-se bastante variado e misturado devido essencialmente à presença de enterramentos. No sedimento que enchia a vala de fundação do alicerce, o espólio exumado não foi conclusivo para poder datar a fundação e construção da igreja.

Sondagem 7 (adro da igreja)

A Sondagem 7 foi implantada encostada à fachada Este da Igreja do Ermelo, afastada 1,91 m para Norte, a partir do canto Sudeste, e 4,19 m para Sul do canto Nordeste da Igreja.

A estratigrafia apresentava características de revolvimento, devido à presença de dois tubos de água (um deles activo e outro inactivo, que atravessavam o espaço da sondagem) e pela existência de vários enterramentos. Pelas estas mesmas razões o espólio recolhido revelou-se variado e relativamente recente.

Nesta sondagem foram detectadas três sepulturas, duas em caixão e da terceira apenas se detectou o enchimento pois encontrava-se embutida no corte Este. A sepultura correspondente às UEs 710 e 711 encontrava-se encaixada no corte Sul. Todas elas aparentavam ter a orientação Norte-Sul (cf. Figs. 187-190 do Anexo Gráfico).

Pela observação do alicerce da parede Este da igreja, pode-se confirmar a forma de construção do embasamento das paredes na época medieval, em ressaltos (cf. Figs. 191-192 do anexo Gráfico).

Sondagem 8 (adro da igreja)

Esta sondagem localiza-se encostada à parede Norte da Igreja, estrategicamente implantada de modo a observar-se os alicerces da Torre Sineira e da Igreja Medieval. Assim, foi aberta a cerca de 2,22 m para Este do canto Noroeste da Torre Sineira e 11,46 m para Oeste do canto Nordeste da cabeceira da Igreja.

O nível geológico, em forma de saibro desagregado, de granulometria grossa, foi detectado em grande parte do espaço da sondagem imediatamente por baixo do cimento, tendo sido escavado para os enterramentos.

Observaram-se três sepulturas em caixão, duas de adulto, com orientação Norte-Sul e uma de criança, com orientação Oeste-Este, bem como um amontoado de ossadas que pertenciam a um mesmo indivíduo (cf. Figs.193-195 do anexo Gráfico). Este

conjunto de ossos revolvidos foi exumado por uma antropóloga física (Ferreira, 2008) que no seu relatório refere que se trata de uma deposição secundária, ou seja, terão sido remexidos ou colocados para um canto, para poder inumar um outro caixão, que neste caso será a Unidade Estratigráfica [829] - Caixão em madeira, de criança.

À excepção das ossadas revolvidas, nenhuma das sepulturas foi levantada. O espólio recolhido revelou-se muito variado e bastante recente, devido exclusivamente ao facto da estratigrafia desta sondagem se encontrar muito revolvida pelos vários enterramentos (cf. Figs. 196-198 do Anexo Gráfico)

Com a escavação desta sondagem foi, também, possível observar as diferentes características arquitectónicas dos alicerces da igreja medieval e da torre sineira, construída no séc. XVIII. Assim, o alicerce da igreja medieval possui um embasamento com dois ou três ressaltos que avança para um pano de boa cantaria, com paredes grossas, composto por silhares esquadrados montados em fiadas horizontais, formando um aparelho pseudo-isódomo (cf. Fig. 199 do Anexo Gráfico).

O alicerce e o aparelho construtivo da torre sineira estão compostos de uma forma irregular, com pedras de vários tamanhos, não faceadas.

6.2. Segunda Fase: Acompanhamento Arqueológico

Após a realização das sondagens arqueológicas e como medida de minimização dos impactes das obras nas ruínas do mosteiro, bem como sobre a estrutura correspondente ao alicerce medieval da igreja do Ermelo, houve necessidade de acompanhamento arqueológico de todos os trabalhos de revolvimentos de terras e demolição de muros.

Os trabalhos iniciaram-se com o levantamento do pavimento de cimento no adro da Igreja, nos locais onde ainda prevalecia. Do lado Sul, imediatamente sob o piso e da camada de assentamento deste observou-se o que ainda resta do alicerce da fachada Sul da igreja medieval (cf. Fig.200 do Anexo Gráfico).

Desmonte do muro que ladeia o adro da igreja

Acompanhou-se o desmonte do muro do adro da igreja de Ermelo, no pano em frente à fachada Oeste da Igreja, com cerca de 11,50 m (incluindo o espaço do portão em ferro que existia para o acesso ao adro e igreja) e, no pano em frente à fachada Sul

da Igreja, com cerca de 6 m (desde a confluência com o muro do lado Oeste no sentido Este) (cf. Figs. 201-204 do Anexo Gráfico).

O desmonte destes panos de muro deu-se em duas fases. Na primeira, tanto do lado Oeste como do Sul, retiraram-se as 3 fiadas superiores, detectando-se o alicerce da igreja medieval, do lado Sul, o que fez parar o desmonte. Na segunda fase, realizou-se só do lado Oeste, procedendo-se ao desmonte total do muro que restava, para ai puder assentar um novo muro, em betão, onde culminaram os degraus de tipo anfiteatro que dão para o terreiro inferior a Sul da igreja (cf. Figs. 205-208 do Anexo Gráfico).

A estrutura antiga foi totalmente isolada com manta geotêxtil e coberta por uma camada de saibro.

O espólio recolhido foi em pouca quantidade e de cronologia muito recente.

Sondagem 9 (adro da igreja)

O objectivo desta sondagem era avaliar o interesse arqueológico da área de modo a permitir (ou não) a passagem de um tubo de escoamento de águas pluviais. Foi aberta encostada ao interior da fachada Sul do muro medieval. Encontrava-se afastada do canto Sudoeste do alicerce medieval cerca de 4 m para Este e do portão de ferro de acesso à porta sul da igreja 1,20 m para Oeste.

Escavou-se, por lote, até à rocha base, pois a estratigrafia revelou-se muito semelhante à detectada durante a escavação da sondagem 6 - lado Oeste (cf. Figs. 209-212 do Anexo Gráfico).

Na vala de fundação do alicerce recolheu-se um fragmento de cerâmica de cronologia tardo-romana ou altimediévica, de tradição local (cf. Fig.213 do Anexo Gráfico).

Alicerce do claustro

Quando se procedia ao levantamento dos degraus das escadas de acesso aos lavabos da Junta de Freguesia e à entrada Norte da Casa Paroquial, para rebaixamento e posterior colocação de lajeado de granito, observou-se um alinhamento de pedras de tamanho médio e grande, algumas faceadas, com sentido Sul-Norte, junto ao degrau de acesso à porta Sul da Igreja.

Este alinhamento parece corresponder ao alicerce de um muro que poderia, na Idade Média, ligar a Igreja à zona regular do Mosteiro, isto é, será parte da parede com

arcadas que se observa numa das paredes interiores da Casa Paroquial e que continua para Sul, terminando no terreno da paróquia (cf. Figs.214- 217 do Anexo Gráfico).

Não foi recolhido espólio significativo.

Valas para infra-estruturas

Foram acompanhados todos os trabalhos de abertura de valas para colocação de tubos de condução de água e cabos de electricidade, bem como valas para colocação de caixas de ligação de tubos. A grande maioria das valas não possuía mais de 80 cm de profundidade.

A estratigrafia observada aquando da abertura das valas revelou-se, no geral, muito revolvida, devido essencialmente à existência de outras infra-estruturas.

No terreiro inferior, após observar a estratigrafia das valas e olhando para o alçado Sul do muro que envolve o Adro da Igreja, é possível aferir que esta área foi alvo de diversos desaterros, ao longo dos tempos, até ao nível do assentamento deste muro e do medieval.

6.3. Terceira Fase: Sondagens Arqueológicas no terreno da Paróquia

A terceira fase de trabalhos arqueológicos localizou-se no terreno da Paróquia de Ermelo, parcela que ao longo dos séculos foi sempre terreno pertença do padre ou pároco. Este espaço encontra-se a Sul da Igreja e Casa Paroquial junto à parede do claustro que ainda subsiste. A intervenção foi apoiada pela Fábrica da Igreja de Ermelo e teve como objectivo perceber se o Mosteiro de Ermelo foi realmente construído.

Foram abertas 5 sondagens, sendo uma delas aterrada por falta de segurança (Sondagem 15) e uma outra não foi escavada mais de 1 m de profundidade (Sondagem 14) pois despendemos o tempo para as outras 3 sondagens.

Em nenhuma das sondagens foi atingido o solo de base, sendo a profundidade média alcançada cerca de 1,80 m, tendo sido esgotado o prazo previsto para a execução desta fase (cf. Figs.218 -219 do Anexo Gráfico).

Sondagem 11

A sondagem 11 foi aberta junto ao arco que se encontra mais a Sul no terreno da Paróquia. Previamente, foi retirado um nível de pedras amontoadas, parecendo o derrube que corresponderia à parte da reconstrução do espaço entre os arcos numa época recente.

Os níveis iniciais encontravam-se cortados por um rego de água escavado na terra e ainda em uso (cf. Fig.220 do Anexo Gráfico).

A cerca de 1,20 m de profundidade detectou-se um novo derrube de pedras de tamanhos variados, sendo que poucas se apresentavam faceadas (cf. Fig. 221 do Anexo Gráfico). A corresponder ao derrube da parede do claustro o aparelho seria um pouco tosco, muito diferente do aparelho pseudo-isódomo que ainda hoje se observa no claustro. Estaremos perante uma reconstrução efectuada, a nível local, nos séculos XV ou XVI? Ou corresponderia ao derrube de construções ai existentes e que são referidas em documentos do séc. XVIII (ADB, Registo Geral, Lv. 216, Fl. 133 v).

As camadas superficiais do interior do arco foram profundamente perturbadas, constatando-se a presença de lixos muito recentes.

A cerca de 1,70 m de profundidade foi detectado um nível de material de construção, nomeadamente telhas, que corresponderá ao nível de colapso do telhado do mosteiro. Este nível de telhas caracteriza-se por telhas de tamanhos variados e coloração entre o bege e o vermelho claro. Revelam um fabrico artesanal, pois a pasta é muito porosa e os desengordurantes são de grande dimensão. Algumas possuem sulcos digitados (cf. Figs.222-223 do Anexo Gráfico).

Finalizamos a escavação quando foram detectadas três unidades estratigráficas, sendo que uma delas parece corresponder ao um piso, devido essencialmente às suas características. Estaríamos assim perante um nível de ocupação.

Como não foi possível escavar até à rocha base, só numa nova intervenção conseguiremos observar o nível do alicerce, o embasamento da parede do claustro e perceber onde andaria o nível de circulação do edifício (cf. Fig. 224 -226 do Anexo Gráfico).

Sondagem 12

A Sondagem 12 foi aberta junto ao canto Nordeste do terreno paroquial, encostando-se ao muro que limita a Este esta parcela.

A cerca de 0,70 m de profundidade revelou-se associado a uma camada escura com carvões, um pequeno fragmento de um prato ou testo, em cerâmica de cor cinzenta, de paredes grossas, com pasta da mesma cor mas muito porosa. Possui decoração com incisões na base e no colo interior e na aba umas caneluras. Este tipo de cerâmica comum, decorada, foi já identificado em escavações arqueológicas no Castelo do Lindoso e em Braga, onde foi associada a níveis do século XIV e XV (cf. Figs. 227-229 do Anexo Gráfico)[2]. Ainda deste tipo de cerâmica recolheu-se dois fragmentos de um testo, decorados com linhas incisas. (cf. Fig. 230 do Anexo Gráfico)

Paralelamente a esta camada deparamo-nos com um conjunto de sedimentos que pelas características, compacidade, coloração e inclusões de carvões, bem como restos osteológicos expostos a alta temperatura, parecem corresponder a um nível de combustão. Este nível localiza-se junto aos cortes Oeste e Sul. Não foram encontradas pedras ou negativos destas, associados ao nível de combustão (cf. Fig. 231- 232 do Anexo Gráfico).

Contemporâneo a este conjunto de camadas escavou-se uma unidade estratigráfica na qual se recolheu uma quantidade considerável de fragmentos de cerâmica comum, grande parte dela com marcas de ter sido exposta ao fogo.

O grupo de cerâmica observado é composto essencialmente por cerâmica tipo Prado, de produção desde o século XIV, onde se incluem as cerâmicas cinzentas de paredes finas, de boa cozedura, ou de paredes alaranjadas, também de boa cozedura. Alguns fragmentos possuem decoração nas paredes exteriores onde se percebem linhas riscadas em formas onduladas, riscos verticais paralelos, e alguma decoração plástica. Também se observam alguns fragmentos de cerâmica de cor cinzenta escura, com uma pasta muito porosa e sem decorações, a qual poderá corresponder a uma produção local (cf. Figs.233-234 do Anexo Gráfico).

[2] Esta informação foi fornecida pelo Dr. Luís Fontes da Universidade do Minho.

Sondagem 13

A Sondagem 13 foi aberta junto ao muro Este do limite do terreno, afastada cerca de 7 m para Sul da Sondagem 12.

As camadas superficiais encontravam-se revolvidas devido à presença de uma laranjeira junto ao Corte Oeste da sondagem.

A cerca de 0,60 m de profundidade observou-se um alinhamento de pedras muito rudimentar que poderá ter correspondido a uma construção bastante tosca de apoio à lavoura ou currais, tal como aparece descrito num Prazo elaborado no século XVIII, que designa o espaço onde incidiram os trabalhos arqueológicos como "*orta ou Passeal do Cura*" (ADB, Registo Geral, Lv. 216, Fl. 133v.) (cf. Fig.235 do Anexo Gráfico).

Sob uma camada com inclusões muito frequentes de pedras de diversos tamanhos, não faceadas, detectou-se, a cerca de 1,60 m de profundidade, um nível de material de construção, nomeadamente telhas, que corresponderá ao colapso do telhado do mosteiro. Este nível de telhas caracteriza-se por telhas de tamanhos variados e coloração entre o bege e o vermelho claro. Revelam um fabrico artesanal, pois a pasta é muito porosa e os desengordurantes são de grande dimensão. Algumas possuem sulcos digitados (cf. Fig.236 do Anexo Gráfico).

Em comparação com a Sondagem 11 encontra-se ao mesmo nível de profundidade, o que comprova ter existido nesta parcela de terreno uma construção com telhado. Por baixo deste nível foi escavada uma camada muito escura que revelou uma grande quantidade de fragmentos de cerâmica comum, grande parte deles Tipo Prado, bem como alguns fragmentos que pela decoração e fabrico se associam ao Pichel de Braga, peça característica de cerâmica Tipo Prado que tinha como função servir líquidos e que se encontram em diversas escavações arqueológicas realizadas por todo o norte de Portugal. Esta cerâmica tem cronologia entre os séculos XIV e XV (cf. Figs.237-238 do Anexo Gráfico).

Finalizamos a escavação desta sondagem, pois como já foi referido anteriormente, não foi possível escavar até à rocha base, com a detecção de uma camada de terras muito escuras, muito compactadas, que parecem corresponder a um piso. Assim, estaríamos perante um nível de ocupação, que só poderá confirmar-se com uma nova intervenção (cf. Figs.239-242 do Anexo Gráfico)

Sondagem 14

A Sondagem 14 foi aberta junto à parede Oeste do terreno, afastada da sondagem 11 para Sul 3,45 m.

Tal como as anteriores, esta sondagem não foi escavada até à rocha base, tendo ficado nos níveis superficiais, onde se observaram várias estruturas de distribuição de água, uma das quais tem continuidade com a já identificada na sondagem 11. Trata-se de um pequeno rego aberto nas terras que transporta a água aos campos de cultivo que se encontram no patamar inferior, a Sul do terreno intervencionado.

Observou-se ainda um alinhamento rudimentar de pedras. No entanto, não foi possível perceber a sua finalidade devido a estar embutido no corte Este da sondagem (cf. Figs. 243- 244 do Anexo Gráfico).

O espólio recolhido revelou-se de cronologia muito recente, nomeadamente fragmentos de cerâmica com vidrado de chumbo e faiança.

Sondagem 15

A Sondagem 15 foi aberta junto ao canto Sudeste do terreno da paróquia. Contudo a escavação foi interrompida a cerca de 1 m de profundidade devido a um deslizamento de terras ocorrido junto ao muro Sul, limite do terreno.

No espaço que foi possível escavar, os níveis intervencionados correspondiam aos aterros e revolvimentos da Sondagem 13 e percepcionou-se que o muro Este tinha continuidade nesta sondagem, bem como o cunhal com o muro Sul.

Percebe-se na leitura dos aparelhos dos muros referidos, no espaço que concerne a sondagem, a Este e Sul, que terá ocorrido uma perturbação que poderá ter dado origem a um derrube e posteriormente a uma reconstrução. Assim, o aparelho utilizado para construção do cunhal caracteriza-se pela utilização de pedras do mesmo tamanho, perfeitamente faceadas - aparelho pseudo-isódomo, típico da arquitectura românica -, enquanto que no espaço a Este da sondagem o muro é composto por pedras de variados tamanhos, dispostas de forma rudimentar (cf. Figs. 245-246 do Anexo Gráfico).

O espólio recolhido nas camadas escavadas caracterizava-se por ser de cronologia muito recente.

6.4. Vestígios Funerários

Junto à fachada exterior Sul, mais concretamente encostado às escadas de acesso à Torre Sineira, encontra-se um Sarcófago, que nós designamos por **Sarcófago 1**. Durante os trabalhos de desmonte do muro do adro da Igreja, detectou-se embutida no mesmo em frente à fachada Oeste da Igreja, um fragmento de outro Sarcófago, a que nós designamos de **Sarcófago 2**.

Os Sarcófagos são constituídos por um arcaz, espaço onde se depositava o corpo do defunto e uma tampa monolítica. Contudo, nos nossos exemplos não se detectaram as tampas nem vestígios de algo semelhante. Estas peças monolíticas destinavam-se à inumação de um defunto, embrulhado num sudário ou vestido. O morto seria deposto em *decúbito supino*, directamente na peça monolítica (Barroca 1987, p. 320).

Os sarcófagos monolíticos seriam peças caras e exigiriam conhecimentos técnicos especializados, só podendo ser pagos por pessoas que detinham riqueza. Neste caso específico poderiam ter pertencido ou aos abades do mosteiro ou a bem feitores do mesmo.

Sarcófago 1

O arcaz desta caixa possui configuração trapezoidal, com cabeceira com contorno quadrangular em arco ultrapassado e de silhueta trapezoidal. A cabeceira encontra-se num plano levemente superior ao da cavidade destinada ao corpo. Segundo Mário Jorge Barroca este tipo de solução, criada para uma melhor adaptação anatómica, para permitir um apoio eficaz do occipital, começou a utilizar-se a partir do século XIII (Barroca 1987, p. 320-321). (cf. Figs. 247-249 do Anexo Gráfico)

Sarcófago 2

Este exemplar é um fragmento de cabeceira de um arcaz, não se percebendo a sua configuração. Parece-nos contudo, que possui, tal como o Sarcófago 1, a cabeceira num plano levemente superior ao da cavidade destinada ao corpo. Assim, sendo também se poderá datar do século XIII. (cf. Figs.250- 251 do Anexo Gráfico).

7. Considerações Finais

Pela análise documental e monográfica referente ao Mosteiro cisterciense de Ermelo, em Arcos de Valdevez, podemos concluir que terá existido um convento, inicialmente fundado na freguesia de S. Pedro ou S. Salvador dos Arcos, actual freguesia de S. Pedro do Vale, de Arcos de Valdevez, sendo mais tarde transferido pela comunidade para o lugar de Ermelo. Os monarcas D. Teresa e D. Afonso I doaram coutos a este mosteiro. Terá sido padroado real durante a sua existência, sendo filiado no Mosteiro cisterciense de Fiães, em Melgaço. Inicialmente, terá professado a Ordem Beneditina, passando para a Ordem de Cister no séc. XIII, possivelmente aquando da filiação ao Mosteiro de Fiães. Foi objecto de pequenas quezílias entre os monarcas e nobres e entre monarcas e religiosos, devido essencialmente a quem pertencia o seu padroado.

Trata-se um mosteiro rural que terá existido com muitas dificuldades, mesmo possuindo no primeiro século de existência alguns bens que lhe poderiam fornecer estabilidade económica. Estas dificuldades também se podem explicar pelo facto de não ter existido um número de monges suficientes para a manutenção da vida fraterna monacal, e para isso poderá ter contribuído a localização deste cenóbio, pois estaria muito afastado de centros cívicos, o que não deveria de atrair muitos monges, embora fosse um dos requisitos para busca de austeridade, defendida pelas comunidades cistercienses.

Após a análise e descrição arquitectónica da igreja de Ermelo, comparando com os estudos dos vários autores e baseando-nos nos paralelos dos temas escultóricos, que integram este cenóbio no foco do Românico da Alto Minho e Tui, poderemos aferir que o processo construtivo da igreja de Ermelo terá passado por 4 fases. A primeira corresponderá à refundação no local de Ermelo, quando a comunidade professava a Ordem Beneditina, na segunda metade do séc. XII, o que se pode comprovar pelos motivos escultóricos dos capitéis do arco cruzeiro e da fresta da cabeceira da igreja nas suas faces interior e exterior. Uma segunda fase corresponderá à adopção da comunidade da observância cisterciense, que se caracteriza pela reformulação da igreja de três naves, com capelas quadrangulares escalonadas, bem como utilização de uma escultura mais contida, ainda inserida no foco do Românico de Tui, já no séc. XIII. Foi também possível perceber a existência destas duas fases iniciais pela análise das siglas

de canteiro que mostram, pelo menos, a existência de duas oficinas destes artífices. A terceira fase, no séc. XVIII, corresponderá às obras de redução de três naves para uma, sendo a central a existentes, demolição das capelas laterais, com reaproveitamento do espaço da capela lateral Norte para sacristia. Ainda nesta fase é construída casa Paroquial, que destrói a ligação entre os espaços regulares e a Igreja. Dá-se também a construção do campanário. A última fase corresponde à construção da Torre do Relógio no séc. XX. Foi demolida aquando das obras de requalificação do Adro da Igreja.

Após os trabalhos arqueológicos realizados na envolvente deste Monumento Nacional, podemos concluir que todo o seu perímetro foi objecto de profundas transformações ao longo dos séculos. Assim o podemos comprovar pelo facto de na plataforma inferior a Sul da igreja, especificamente a zona entre a casa existente no centro do terreiro e o adro da igreja, a rocha natural se ter detectado a cerca de 80 cm de profundidade e por durante os trabalhos de acompanhamento de abertura de valas para infra-estruturas não se ter detectado estruturas correspondentes a edifícios ou negativos das mesmas. Assim, é possível aferir que este espaço não terá tido nenhum tipo de construção associada ao mosteiro de Ermelo. Contudo, não podemos descartar a hipótese de toda esta zona ter sido remexida ao ponto de não de ter encontrado nenhum tipo de vestígio de um edifício.

Em relação ao edifício da Igreja, a leitura dos vestígios medievais foi muito dificultada, além dos já referidos, devido essencialmente ao facto do espaço do Adro da igreja ter sido utilizado como local de enterramentos até ao ano de 1915. Foi possível comprovar a construção de uma igreja com três naves, projecto de enorme envergadura, típico da Ordem Cisterciense. Percebeu-se que a actual parede exterior Sul da Igreja está assente em terra, sem vala de fundação.

A construção da Casa Paroquial mantendo a arcada do claustro ajudou a preservar o alinhamento e a perceber a continuidade da mesma que se encontra no exterior, no sentido Norte.

A leitura possível das Sondagens junto ao claustro leva-nos a afirmar que parte do mosteiro foi construído e ocupado durante a Idade Média. Não foi possível identificar um nível de circulação com pavimento estruturado, como lajeado ou equivalente, mas a estratigrafia mostra a existência de um piso térreo, sobre o qual se depositou o abatimento do telhado. Este nível medieval apresenta-se a uma cota muito inferior à actual, o que leva a colocar a questão: como seria vencido o desnível entre esta zona e o claustro dentro da casa Paroquial? Para conseguir tirar todas as dúvidas relativamente à

definição das cotas de circulação será necessário levar a cabo mais trabalhos de escavação arqueológica, incluindo dentro da Casa Paroquial, até para confirmar a existência deste desnível.

Na sondagem 12 identificaram-se vestígios de combustão associados a uma grande abundância de cerâmica. Contudo pela localização e pela ausência de estruturas associadas, parece estranho que correspondam à cozinha monástica. Pela observação das plantas do modelo típico de um mosteiro Cisterciense (cf. Fig.14 do Anexo Gráfico) a cozinha monástica localizar-se-ía mais a sudoeste. Todavia, se o projecto do mosteiro nunca foi concluído, na sua totalidade, tal como a igreja, poderá admitir-se que a organização funcional dos espaços também nunca tenha sido concretizada e, nesse sentido, essa zona pode ter funcionado como área de serviços e ter servido como espaço de cozinha. Será que corresponde ao calefactório - a sala aquecida de um mosteiro?

Pela ausência de vestígios arquitectónicos, como alicerces e embasamentos de paredes associado ao facto de não se ter atingido a cota da rocha base, não foi possível perceber se existiam divisórias de compartimentos, nem se o edifício se estenderia mais para Sul até ao limite do terreno paroquial ou se seria mais reduzido.

Muitas questões ficam em aberto. Respostas às mesmas só com uma intervenção em toda a área do terreno da paróquia.

8. Referências Bibliográficas

Fontes Manuscritas

PMH, I*nquisitiones*, Iª Alçada, pp. 38;
PMH - Inquisitiones, Iª Alçada, p.236.
PMH - Inquisitiones, Iª Alçada, pp.388 e 389.
PMH - Inquisitiones, Iª Alçada, p.413
P.M.P., *Inquisitiones*, 1ª Alçada, p.389.
Arquivo Distrital de Braga, *Colegiada de Valença, 65, Mç. 3.*
Arquivo Distrital de Braga., Registo Geral, Lº 330 (Censual de D. Diogo de Sousa), fls. 380- 485.
Arquivo Distrital de Braga, Registo Geral, L.º nº 330, fls.336- 340v;
Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Fundo de Santa Maria de Fiães, Maço 5, caixa 14*

-AZEVEDO, Rui Pinto (1962) - *Documentos Medievais Portugueses- Documentos Régios*, Lisboa, Vol. I, Tomo II, p. 517.
-ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.)- "*Valdevez Medieval, Documentos 950- 1299"*, vol. I, Arcos de Valdevez, 2000, docs. Nº 30, 48, 49, 54, 58, 61, 62.

-ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.)- "*Valdevez Medieval, Documentos 1300- 1479"*, vol. II, Arcos de Valdevez, 2000, doc. nº 5, 42, 43, 59, 63 ,114, 125.
-BARREIROS, Manuel Aguiar, *Egrejas e Capelas Românicas da Ribeira Lima*, Marques Abreu, Porto, 1926, pps. 75 e 76.
-CAPELA, José Viriato (2005), *As Freguesias do Concelho dos Arcos de Valdevez nas Memórias Paroquiais de 1758*, "As Freguesias do Distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758. Alto-Minho: Memória, História e Património", Arcos de Valdevez, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, pp.39-40.
-*Chancelarias Portuguesas. D. Pedro I (1357- 1367),* org. A. H. Oliveira Marques, Lisboa, INIC- Centro de Estudos Históricos, 1984, doc. Nº 604, p. 275.
-COSTA, Avelino Jesus da (1981a) *A Comarca Eclesiástica de Valença do Minho (Antecedentes da diocese de Viana do Castelo)*, I Colóquio Galaico- Minhoto, I, Ponte de Lima, Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1981a, I, doc. 14, pp. 235 e 238.
-GOMES, Saúl António, "*Visitações a Mosteiros Cistercienses em Portugal (Séculos XV e XVI)"*, Lisboa, IPPAR, 1998, pp.233- 239.
-MARQUES, José, *O Mosteiro de Bulhente não existiu*, in *Separata de Arquivo do Alto Minho*, vol. XXVI (Tomo único), Braga, 1981, doc.3, p.27.
-MARQUES, José, *Desconhecidas instituições culturais portuguesas. Alguns scrioptoria cistercienses,* Braga, 1986, p.18.
-MARQUES, José, *Desconhecidas instituições culturais portuguesas. Alguns scrioptoria cistercienses,* Braga, 1986, p.19.

Dicionários

Atlas de Portugal, Selecções do Reader's Digest, com Cartas do Instituto Geográfico e Cadastral de Portugal, Lisboa, 1988, p.53

COSTA, Américo (1938) - *Dicionário Chorographico de Portugal Continental e Insular*, Vila do Conde, Vol. VI, pps.229-231

COSTA, Padre António Carvalho da, *Corografia Portugueza e Descripçam Topográfica do Famoso Reyno de Portugal,* Lisboa; Off. De Valentim da Costa Deslandes, 1706- 1712, Tomo I, p.261.

Portugal, Dicionário Histórico, Bibliográfico, Heráldico, Numismático e de Arte, Lisboa, Empresa Editora e Tipográfica, 1885, p.164.

LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho (1884) - *Portugal Antigo e Moderno*: *Diccionario grográphico, estatístico, chorographico, heráldico, archeologico, histórico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e grande número de aldeias,* Lisboa: Livraria Editora de Matos Moreira e Companhia (Vol. III, pp.46- 47)

VAQUERO, Q. Aldeã, MARTINEZ, T. Marin, GATELL, José Vives (1975)- *Diccionario de Historia Eclesiástica de Espana*, s/v. "Tuy-Vigo", Vol.IV, Madrid, Ins. Henrique Florez, pp.2598-2602

Enciclopédia Luso- Brasileira de Cultura, s.v. "Ermelo", vol.5, Ed. Verbo, s/d, p.791

Estudos

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1971) – "Primeiras Impressões sobre a Arquitectura Românica de Entre-Douro-e-Minho", *Revista da Faculdade de Letras – Série de História*, 1ª série, vol. II, Porto, FLUP, pp. 65-116

ALMEIDA Carlos Alberto Ferreira de (1978) - *Arquitectura Românica de Entre- Douro - e Minho*, Dissertação de Doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2 vols., Porto, ed. policopiada

ALMEIDA Carlos Alberto Ferreira de (1986) – *O Românico*, "História da Arte em Portugal", Vol. II, Lisboa, Publicações Alfa

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1987) - *Alto-Minho*, "Novos Guias de Portugal", Lisboa, Editorial Presença

ALMEIDA Carlos Alberto Ferreira de (2001) – *História da Arte em Portugal. O Românico*, vol. 1, Lisboa, Editorial Presença

ALMEIDA Carlos Alberto Ferreira de; e BARROCA, Mário Jorge (2002) – *História da Arte em Portugal. O Gótico*, vol. 2, Lisboa, Editorial Presença

ALMEIDA, Fortunato (1967) - *História da Igreja em Portugal*, edição dirigida e preparada por Damião Peres, vol. IV (Apêndices), Porto, Portucalense Editora, pp. 90-115

ALVES, Lourenço (1987) – *Igrejas e Capelas. Do século XII ao Século XVII,* "Arquitectura Religiosa do Alto Minho", 2 vols., Viana do Castelo

ALVES, Lourenço (1988) – "Património Cultural do Alto Minho - sua defesa e protecção", separata da revista *Caminiana*, Ano IX, nº 14, Caminha, pp. 9-80

ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.) (2000) - *Valdevez Medieval, Documentos*, 2 vols., Arcos de Valdevez, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez

BARREIRA, Paula [*et al.*] (1998), "200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII", *2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C. M. Tondela, pp. 145-184

BARREIROS, Manuel Aguiar (1926) - *Egrejas e Capelas Românicas da Ribeira Lima*, Porto, Ed. Marques Abreu

BARROCA, Mário Jorge (1987) – *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro e- Minho, séc.V a XV,* Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capaciade Científica apresentadas na FLUP, Porto, ed. policopiada

BARROCA, Mário Jorge (1993) – "Centros Oleiros de Entre-Douro-e-Minho (Séc. XIII). Contributo para o seu Inventário e Cartografia", *Arqueologia Medieval*, vol. 2, Porto, Ed. Afrontamento, pp. 159-170

BARROCA, Mário Jorge (2000) - *Epigrafia Medieval Portuguesa (862- 1422),* 4 vols., (dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1996), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação Ciência e Tecnologia

BRACONS, José, GUALIS, Gonzalo B., GARCIA, José L. P. (2006) - *Arte Românica e consequências do Período Românico,* "Tesouros Artísticos do Mundo", vol. 7, Amadora, Ediclube

BRÁS, A.M.S. (2009) - *A Igreja e o Mosteiro de Ermelo – Património Cisterciense esquecido no tempo*, Braga, Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa.

BRITO, Raquel Soeiro de (1994) - *Portugal. Perfil Geográfico*, Lisboa, Editorial Estampa.

CAPELA, José Viriato (2005), *As Freguesias do Concelho dos Arcos de Valdevez nas Memórias Paroquiais de 1758*, "As Freguesias do Distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758. Alto-Minho: Memória, História e Património", Arcos de Valdevez, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, pp.39-40.

COCHERIL, Maur (1965) – "Les Abbayes cisterciennes portugaises du XIIIe siècle", *Actas do Congresso Histórico de Portugal Medievo*, *Bracara Augusta*, Tomo I, Vol. XIV-XV, Braga, 281-300pp. ???

COCHERIL, Maur (1965B) - *Cister em Portugal*, Lisboa, Edições Panorama

COCHERIL, Maur (1972) - *Notes Sur L'Architecture et le Décor dans les Abbayes Cisterciennes du Portugal*, Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português

COCHERIL, Maur (1986) - *Routier des Abbayes Cisterciennes du Portugal*, Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais

COSTA, Padre Avelino Jesus da (1981a) - "Imagens, Templos e Mosteiros de S. Bento na Terra de Valdevez", *Terra de Val de Vez*, Boletim da GEPA, Arcos de Valdevez, nº3, IIº Semestre, pp. 5-42

COSTA, Padre Avelino Jesus da (1981b) – "A Comarca Eclesiástica de Valença do Minho (Antecedentes da diocese de Viana do Castelo)", *Actas do I Colóquio Galaico-Minhoto*, vol. 1, Ponte de Lima, Câmara Municipal de Ponte de Lima, pp. 69-240

DIAS, Geraldo J. A. Coelho (1997) – "Bernardo de Claraval. Apologia para Guilherme, Abade", *Mediaevalia*, nº 11-12, Porto, pp. 7-76

DIAS, Geraldo J. A. Coelho (1998) - "A importância de Cister quando a Europa nascia e Portugal se Formava", *Actas do Colóquio A Ordem de Cister – o tempo e o modo*, S. Pedro do Sul, pp. 65-81

DIAS, Geraldo J. A. Coelho (1999) – "Irradiação de espiritualidade e cultura", *Cister no Vale do Douro*, Porto, Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto / Edições Afrontamento

DIMIER, Anselme (1971) - *L'Art Cistercien. Hors de France*, Yonne, Zodiaque

DUBY, Georges (1997) - *São Bernardo e a Arte Cisterciense*, Porto, Edições Asa

FERREIRA, Maria Teresa (2008) - *Adro da Igreja de Ermelo. Estudo de Análise Antropológica,* Coimbra (relatório policopiado)

GASPAR, Alexandra (1985) – "Escavações Arqueológicas na Rua de Nª. Sra. Do Leite em Braga"*, Cadernos de Arqueologia*, Série II, vol. 2, Braga, pp. 51-125

GASPAR, Alexandra (2003) – "Cerâmicas Cinzentas da Antiguidade Tardia e Alto-Medievais de Braga e Dume", *Anexos de AESPA*, vol XXVIII, pp. 455-481

GRAF, Gerhard N. (1987) - *Portugal Roman*, 2 vols., Yonne, Zodiaque

GOMES, José Cândido (1903) - *As Terras de Valdovês. Memórias Históricas e Descriptivas do Concelho dos Arcos de Val de Vez*, Guimarães, Pap. E Typ. Minerva Galvão, Vol. IV, pps.106-112

GOMES, Saúl António (1998) - *Visitações a Mosteiros Cistercienses em Portugal (Séculos XV e XVI)*, Lisboa, IPPAR

GUSMÃO, Artur Nobre (1948) - *A Real Abadia de Alcobaça: estudo histórico-arqueológico*, Lisboa, Publicações Ulisseia

GUSMÃO, Artur Nobre (1956) - *A expansão da Arquitectura Borgonhesa e os Mosteiros de Cister em Portugal*, Lisboa

LARCHER, Tito de Sousa (1928) - "As Siglas do Monumento da Batalha", *Portucale,* Vol.I, Porto, pp.138-141

LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho (1884) - *Portugal Antigo e Moderno*: *Diccionario grográphico, estatístico, chorographico, heráldico, archeologico, histórico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e grande número de aldeias,* Lisboa: Livraria Editora de Matos Moreira e Companhia (Vol. III, pp.46- 47)

MARQUES, José (1981) - "O Mosteiro de Bulhente não existiu", separata de *Arquivo do Alto Minho*, vol. XXVI, Braga

MARQUES, José (1986) - *Desconhecidas instituições culturais portuguesas. Alguns scriptoria cistercienses,* Braga

MARQUES, José (2004) - "A fronteira do Minho, espaço de convivência galaico-minhota na Idade Média", *Estudos de Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos,* Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp.697-712

MARQUES, Maria Alegria Fernandes (1991) - *A Introdução da Ordem de Cister em Portugal,* Fundácion Santa Maria de Bujedo, Editorial La Olmeda

MARQUES, Maria Alegria Fernandes (1998) – "Os Primórdios da Ordem de Cister em Portugal"*, Actas do Colóquio A Ordem de Cister – o tempo e o modo*, S. Pedro do Sul, pp. 83-94

MATTOSO, José (1997) – " O Monaquismo Ibérico e Cluny", *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa,* Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 2ªEdição, pp.55-90.

MARTIN-ROMO, Rodrigo de la Torre (1986) - "As marcas na pedra . A Gliptografia na Província de Pontevedra", *V Colóquio Internacional de Gliptografia*, Poio- Pontevedra, Diputacion Provincial de Pontevedra e Museu de Pontevedra

MARTINS, Ana Maria Tavares (2006) – "Espaço Monástico: da Cidade de Deus à Cidade do Homem", *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias*, vol. 1, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 85-107.

MARTINS, Ana Maria Tavares (2007) - *Uma perspectiva da Ordem de Cister. O Legado Português*, Viseu.

MOREIRA, David Bruno Soares, (1922) - "As marcas de pedreiro nas fortificações de Trancoso", *O Archeologo Português*, Vol. XXV, Lisboa, pp.191- 196

NASCIMENTO, Aires A. (1999) - *Cister. Documentos Primitivos*, Lisboa, Edições Colibri

NOGUEIRA, Sandra; BARREIRA, Paula (2008) - *Sondagens de Avaliação e Acompanhamento Arqueológico no Adro da Igreja do Mosteiro de Ermelo,* (Arcos de Valdevez), Relatório da Intervenção Arqueológica, Seixezelo;

PEREIRA, Félix Alves (1902) – "Epigraphia Christiano-Latina. Uma Inscripção inédita", O *Archeologo Português,* 1ª Série, Vol. VII, pp. 81-97

PEREIRA, Félix Alves (1918) – "Uma fundação de D. Tareja", *O Archeólogo Português*, 1ª série, vol. XXIII, Lisboa, pp. 138-158

PEREIRA, Paulo (coord.) (1995) - *História da Arte Portuguesa*, vol. 1, Lisboa, Círculo de Leitores

REAL, Manuel Luís (1982) – "A organização do espaço arquitectónico entre Beneditinos e Agostinhos, no séc. XII", *Arqueologia*, nº 6, Porto, pp. 118-132;

REAL, Manuel Luís (1998) – "A construção Cisterciense em Portugal durante a Idade Média", *A Arte de Cister em Portugal e Galiza*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Pedro Barrie de La Maza, pp. 43-86

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Herman (2004) - *Geografia de Portugal, A Posição Geográfica e o Território*, Vol. 1, (organização, comentários e actualização de Suzanne Daveau), 6ª Edição, Lisboa, Edições João Sá Costa

RODRIGUES, Jorge (1995), "A Arquitectura Românica", *História da Arte Portuguesa*, coord. Paulo Pereira, Vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores

ROSAS, Lúcia Maria Cardoso (1987) – *A Escultura Românica das Igrejas da Margem Esquerda do Rio Minho,* Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica apresentadas na FLUP, Vol. I e II, Porto, ed. Policopiada.

SOUSA, Armindo (2007) -*História de Portugal,* (coord. José Mattoso), Vol. IV, Rio de Mouro, Círculo de Leitores

SOUSA, Bernardo de Vasconcelos (Dir.) (2006) - O*rdens Religiosas em Portugal. Das Origens a Trento (Guia Histórico),* Lisboa, Livros Horizonte, 2ª Edição

SOUSA, J.M. Cordeiro de (1929), "Marcas de Canteiro", *O Archeologo Português*, Vol. XXVIII, Lisboa, pp.48-54

TEIXEIRA, Ricardo *(*1999) – "Arqueologia dos espaços cistercienses no Vale do Douro", *Cister no Vale do Douro*, Porto, Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto/Edições Afrontamento, pp. 191-242

TOMÁS, Frei Leão de S. *(*1974) - *Beneditina Lusitana* (Introdução e notas críticas de José Mattoso), Lisboa, Imprensa Nacional da Casa da Moeda, Tomo I e II

TORIBIO, Luís Miguel (?), *Los signos lapidários del Monasterio de Santa Maria de Moreruela (Zamora),* s/local, pp.53-66
VIEIRA, José Augusto (1886) - *O Minho Pittoresco,* Lisboa , Tomo I, pp.341-342
WINCKEL, M. Van de (1964), "Atribuição de data a edifícios antigos pelo método das Siglas Lapidares", *Revista Municipal de Lisboa,* Nº100, 1º Trimestre, *Lisboa*, Câmara Municipal, pp. 65-68.

Internet

http://pt.wikipedia.org/wiki/Abade
http://www.udc.es/dep/rta/WebRyTA/Mosteiros/html-g/primera-g.html#4
http/www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g187105-d311447-Reviews-L_Abbaye_de_Fontenay-Burgundy.html (fotografia da igreja de Fontenai)
http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Fontenay23.jpg (capitéis de Fontenai)

ANEXO DOCUMENTAL

ANEXO DOCUMENTAL

O anexo documental visa reunir a documentação publicada sobre o Mosteiro do Ermelo, bem como alguma documentação inédita investigada no âmbito deste trabalho.

Doc. Nº1

[Primeira metade do Séc.XII]
Inscrição funerária de um confrade- D. Ordonho, encontrada na freguesia de S. Pedro dos Arcos, actual freguesia de S. Pedro do Vale, Arcos de Valdevez.

[i]N HOC LOCUM REQUI /+ ESSET FaMuLus XPI ORDO/ NIUS

ConFarteR IN ERA

Publ: PEREIRA, Félix Alves (1902) – "Epigraphia Christiano-Latina. Uma Inscripção inédita", O *Archeologo Português,* 1ª Série, Vol. VII, pp. 81-97; BARROCA, Mário Jorge (2000) - *Epigrafia Medieval Portuguesa (862- 1422)*, (dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1996), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação Ciência e Tecnologia, vol. II, Tomo I, pps. 592- 598, inscrição nº 237, Estampa LXXIV, nº3

Doc. Nº2

[1112-1128]
Inquirições de D. Afonso II no Julgado de Valdevez
Nas Inquirições de D. Afonso II, em 1220, no Julgado de Valdevez, as testemunhas referem que a rainha D. Teresa doou a sua terra reguenga de S. Martinho de Britelo (Ponte da Barca) ao mosteiro de Ermelo (c. Arcos de Valdevez).

> *"De Sancto Martino de Britelo. Johannes Pelagii abbas, Petrus Suariz, Egas, Valascus Nuniz, Petrus Salvatoriz, jurati dixerunt quod omnes alii fugierunt propter homicidium de Fernam Acha, et Rex nullum habet ibi Regalengum, quia dedit totum illum Regina domna [totum illud Regalengum domna] Tarasia Monasterio de Ermelo".*

Publ: PMH, I*nquisitiones*, Iª Alçada, pp. 38; AZEVEDO, Rui Pinto (1962) - *Documentos Medievais Portugueses- Documentos Régios*, Lisboa, Vol. I, Tomo II, p. 517.

Doc. Nº3

[1220]

Inquirições de D. Afonso II: Bens das Ordens no julgado de Valdevez.

Ermelo (c. de Arcos de Valdevez) possui um casal em S.João de Vila Chã (c. de Arcos de Valdevez).

> *"De heremita de Sancto Jacobo de Villa Plana. Don Michael abbas, Petrus Petri, Suerius Petriz, Martinus Ribeira, Alfonsus Cidiz, Petrusmaurus, jurati dixerunt quod omnes alii fugierunt propter inimiciciam de Fernam Acha. Et ista ecclesia habet senarias. Et Hospitale ij casalia. Sanctus Martinus de Crasto j. casale. Villa Nova terciam de casali. Ermelo j casale."*

PMH - Inquisitiones, Iª Alçada, p.236.

Doc. Nº4

[1220]

Inquirições de D. Afonso II: Bens das Ordens no julgado de Valdevez.

A Igreja de Ermelo (c. de Arcos de Valdevez) possui 4 casais em S.João de Vila Chã (c. Arcos de Valdevez).

> *"De Sancto Johanne de Villa Plana. Petrus monacus abbas, Alvito Ordoniz, Petrus Pelagii, Alfonsus Petri, Menendus Nuniz, Pelagius Johannis, Suerius Petris, Petrus Petri, Petrus Gomez, Petrus Garcia, jurati dixerunt quod isla ecclesia habet senarias et ij. Casalia et médium. Et Sanctus Petrus de crasto j. casale et quartam. Et ecclesia de villa Nova de Muia medium casale. Et ecclesia de Ermelo iiij. casalia."*

PMH - Inquisitiones, Iª Alçada, p.236.

Doc. Nº5

[1220]

Inquirições de D. Afonso II: Bens das Ordens no julgado de Valdevez

O Mosteiro de Ermelo (c. de Arcos de Valdevez) possui dois casais em São Martinho de Britelo (c. de Arcos de Valdevez)

> *"De Sancto Martino de Britelo. Johannes Pelagii abbas, Petrus Sueriz, Egas, Valascus Nuniz, Petrus Salvadoriz, jurati dixerunt quod omnes alli fugierunt propter homicidium de Fernando Acha. Et esta ecclesia habet senarias. Sanctus Michael ij. Casalia. Monasterium de Ermelo ij. Casalia et quantum regalengum ibi est, quia dedit ei Regina domna Tarasia de vetero."*

PMH - Inquisitiones, Iª Alçada, p.236.

Doc. Nº6

[1220]

Inquirições de D. Afonso II no Julgado de Valdevez

Nas Inquirições de D. Afonso II, em 1220, no Julgado de Valdevez, as testemunhas referem que o mosteiro de Ermelo foi construído inicialmente na freguesia de S.Salvador dos Arcos (c. Arcos de Valdevez), coutado pelo rei D.Afonso I e só mais tarde foi transferido para o lugar de Ermelo (c. Arcos de Valdevez).

"Item, in collationne Sancti Salvatoris d'Arcus. Martinus Abade prelatus, Alfonsus Suariz judex, Alfonsino, Pelagius Michaelis, Silvester Johannis, Martinus Lupi, Petrus Alfonsi, Petrus Monaco, Dominicus Alfonsi, Martinus Petri, Petrus Petri, jurati dixerunt: que el rey non é padron. Item que é couto per padroes, et que o coutou Rey don Alfonso o primeiro (et aqui seive primeiramente o moesteiro d Armelo, et dixerunt que aqui o coutou el rey don Alfonso Iº, et o abbade et fratres sacarom no d aqui et poserom no in aquel logar que chamam Armelo)."

PMH - Inquisitiones, Iª Alçada, pp.388 e 389.

Doc. Nº7

[1220]

Inquirições de D. Afonso II no Julgado de Valdevez

Nas Inquirições de D. Afonso II, em 1220, no Julgado de Valdevez, as testemunhas referem que a freguesia de S. Martinho de Britelo (c. Arcos de Valdevez), não possui reguengo pois a rainha dona Teresa deu-o ao Mosteiro de Ermelo (c. Arcos de Valdevez).

"Item, in collatione Sancti Martini de Britelo. Petrus Martiniz prelatus, Gunsalvo Gomez judex, Silvester Pelaiz, Martinus Pelaiz, Dominicus Petri, Matheus Pelaiz, Martinus Johannis, Martinus Silvestri, Martinus Petri, Petrus Petri, Laurentis Petri, Petrus Salvatoris, Dominicus Johannis, Petrus Pelaiz, Martinus Petri, jurati dixerunt: que el Rey non é padrom. Item, dixerunt que ouvirom dizer que avia in esta collatione el Rey seu Regaengo, et o deu a Raina domna Tarasia a Ermelo."

PMH - Inquisitiones, Iª Alçada, p.413.

Doc. Nº8

1221, Novembro, Santarém

Testamento do rei Afonso II, no qual o monarca determina a concessão de determinadas quantias em numerário aos mosteiros de Ermelo e de Miranda (c. Arcos de Valdevez) pela celebração do aniversário da sua morte.

"In dei nomine Ego Alfonsus dei gratia Port. Rex timens diem mortis mee incolumis existendo ad salutemanime mee et ad utilitatem filiorum meorum et totius mei et vassallorum meorumncondidi testamentum quo tam in vita meã quam post obitum meum filij mei et vassali mei et regnum meum et cuncta eu divina pietas mihi possidendo contulit in pace et tranquilitate permaneant."

"Mando et (sic) Albbati Alcup. Et supranominatis quod dent (…) Monasterio de Ermelo C morabitinos pró meo anniversario…"

Publ: ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.) (2000) - "*Valdevez Medieval, Documentos 950-1299"*, vol. I, Arcos de Valdevez, doc. Nº 30, pps.91 e 92; BRANDÃO, Frei António, *Monarquia Lusitana*, ed. Facsimilada da ed. impressa em Lisboa por Pedro Craesbeeck em 1632, introd. A. da Silva Rego, notas de António Dias Farinha e Eduardo dos Santos, parte IV, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1974, lv. XIII, cap. XXVI, fls. 113v.- 114v. (tradução) e Apêndice, doc XIII, fls. 269v.- 270v. (transcrição).

Doc. Nº9

[1258]

Inquirições de D. Afonso III no Julgado de Valdevez

Segundo as testemunhas das inquirições, o rei D. Afonso I coutou por padrões S. Salvador de Arcos (c. de Arcos de Valdevez) ao mosteiro de Ermelo (c. de Arcos de Valdevez), tendo sido ai a sua primeira edificação e só mais tarde é foi transferido para Ermelo.

> *"Item, in collatione Sancti Salvatoris d Arcos. Martinus Abade prelates, Alfonsus Suariz judex, Alfonsino, Pelagius Michalis, Silvester Johannis, Martinus Lupi, Petrus Alfonsi, Petrus Monaco, Dominicus Alfonsi, Martinus Petri, Petrus Petri, jurati dixerunt:*
> *que el Rey non é padrom. Item, que é couto per padroes et que o coutou Rey don Alfonso o primeiro (et aqui seive primeiramente o moesteiro d Armelo, et dixerunt que aqui o coutou el Rey don Alfonso Iº, et o abbade et os fratres sacarom no d aqui et poserom no in aquel logar que chamam Armelo)".*

P.M.P., *Inquisitiones*, 1ª Alçada, p.389.

Doc. Nº10

1258

Inquirições do rei Afonso III no julgado de Valdevez.

As testemunhas das Inquirições disseram que o Mosteiro de Ermelo não é padroado Real.

> *"Item in Judicato de Valle de Vice"*
> *"Estes sum os dereitus que y el Rey há "*
> *"Item, in Monasterio de Armelo. Petrus Johannis abbas, Alfonsus Suarii judex, Petrus Alfonsi, Petrus Petri, Johannes Roderici, Johannes Alfonsi, Petrus Martiniz, Petrus Petri, jurati dixerunt:*
> *Que el Rey nom é padrom. Item, dixerunt que este davandito Moesteiro é Couto per padrões, et nom fazem nen uno foro al Rey"*

PMH - Inquisitiones, I, pp.378 e 396.

Publ: ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.)- "*Valdevez Medieval, Documentos 950- 1299"*, vol. I, Arcos de Valdevez, 2000, doc. nº 48, p. 146;

Ref.: GOMES, José Cândido, *As terras de Valdovês. Memórias históricas e descriptivas do concelho dos Arcos de Val de Vez*, vols. I a III, Arcos de Valdevez, Typographia Lusitana, 1899- 1900, (Freg. De Ermelo, IV, p. 112).

Doc. Nº11

[1258- 1259][1]

Lista do padroado das igrejas do bispado de Tui no julgado de Valdevez.

> *"He sunte ecclesie totius episcopatus Tudensis, et primo hee sunt unde dominus rex est patronus."*
> *"…"*
> *" Monasterium de Ermelo, totum regis"*

[1] Segundo José Anastácio Figueiredo, esta lista, se não é resultado das Inquirições de 1258, poderá ter sido feita pouco antes delas, para servir de lembrança nas mesmas.

Publ: ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.)- "*Valdevez Medieval, Documentos 950- 1299"*, vol. I, Arcos de Valdevez, 2000, doc. nº 49, p. 147; COSTA, Avelino Jesus da, *A Comarca Eclesiástica de Valença do Minho (Antecedentes da diocese de Viana do Castelo)*, I Colóquio Galaico- Minhoto, I, Ponte de Lima, Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1983, I, pp. 158- 162; (cuja lição aqui adoptamos); idem, *O Culto de S. Bento na Terra de Valdevez*, Ponte de Lima, 1- 3 de Setembro de 1981- Actas, (Subsídios para a monografia do concelho), Braga, Correio do Minho, 1984, pp. 95- 97.

Doc. Nº12

1271, Novembro, 23, Lisboa
Testamento do rei Afonso III, no qual o monarca determina a concessão de certas quantias em numerário aos mosteiros de Ermelo e de Miranda (c. Arcos de Valdevez)

> *"In nomine sancte et individue trinitatis patris et filij et spiritus sancti Ámen Ego Alfonsus dei gratia Rex Portugalie et Algarbij timens diem mortis mee et considerans districtum iudicium iesu chiristi integro sensu et compos mentis mee et in mea salute facio testamentum meum ut deus propicietur anime mee et non consideret peccata mea qiubus offendi eum multipliciter et in multis sed respiciat ad suam magnam misericordiam et recepiat animam meam in die mortis mee"*
> *(..)*
> *"Jtem pro ad sepulturam meam et pro missis celebrandis duo milia librarum"*
> *"…Jtem monasterio de Ermelo quinquaginta libras…"*

Publ: ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.)- "*Valdevez Medieval, Documentos 950- 1299"*, vol. I, Arcos de Valdevez, 2000, doc. nº 54, pps.154- 155 (cuja lição aqui adoptamos).; BRANDÃO, Frei António, *Monarquia Lusitana*, ed. Facsimilada da ed. Impressa em Lisboa por Pedro Craesbeeck em 1632, introd. A. da Silva Rego, notas de António Dias Farinha e Eduardo dos Santos, parte IV, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1974, lv. XV, cap. XLVIII, fls. 256.- 257v. (tradução) e Apêndice, doc XXXVI, fls. 284v.- 286 (transcrição).

Doc. Nº13

1280, Setembro, 27
Apresentação régia do abade Estevão Martins para o mosteiro de Ermelo (c. Arcos de Valdevez)

> *"Era MªCCCªxviija…"*
> *"Jtem dominus Rex presentauit Stephanum martinij ad aleccionem monasterij de Ermelo in Abbatem in Episcopati Tudensis Vº Kalendas October."*

Publ: ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.)- "*Valdevez Medieval, Documentos 950- 1299"*, vol. I, Arcos de Valdevez, 2000, doc. nº 58, p.158.

Doc. Nº14

1283, Outubro, 9

Apresentação régia do abade Pedro Martins para o mosteiro de Ermelo (c. Arcos de Valdevez)

"Era MªCCCªxxjº"
"Jtem Praesentauit dominus rex Petrum Martinij rial ad Monasterium sanctae Mariae de hermelo Episcopatus Tudensis ixª die Octobris…"

Publ: ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.)- "*Valdevez Medieval, Documentos 950- 1299"*, vol. I, Arcos de Valdevez, 2000, doc. nº 61, pps.160 e 161.

Doc. Nº15

1283, Dezembro, 5, Tui

Sentença do bispo de Tui sobre a contenda entre o rei Dinis e os moradores do Soajo (c. Arcos de Valdevez) sobre o padroado do mosteiro de Ermelo (c. Arcos de Valdevez).

"Carta do padroado do moesteiro d ermello que h(…)"[2]
"padroados Alem doiro[3]*"*
"A el Rey per que os moradores do luguar de Soajo sedeeeram (sic) da demanda que traziam comtra o dicto Senhor sobre o moesteiro d ermelo no bispado de Tuy por se dizer que era seu"
" Conoscam quantos esta Carta virem Como Ante uos dom Fernando pela graça de deos Bispo de Tuy fosse contenda antre dom Joham gonçaluez Deam e dom Gonçaluo eannes Chantre desse logar procuradores do muy alto e muy nobre senhor dom Denis pela graça de deos Rey de Portugal e do Algarue da una parte e amtre os homeens de suagio da outra parte sobrelo padroaligo do Moesteiro de Ermelo que El Rey dizia a seus procuradores por el que era seu quinto del rey e que esses homeens de suagio nom Auiam por quello embargar nos fezemos citar per nossa Carta esses homeens de suagio que veessem Antre nos a dia Asinaado estar a dereyto com os procuradores del Rey sobre dictos sobrelo padraadigo desse Moesteiro E A esse dia esses homeens de suagio enuiaraom seus procuradores ante nos sobre esse feyto e os dictos procuradores del Rey fezerom lles perante nos sa demanda em scripto em a qual era conteudo que pidiam esses procuradores en nome del Rey que nos madassemos per sentença A esses homeens de suagio que nom embargassem al Rey esse padraadigo que esses procuradores diziam que era liure e quinto del Rey e entom os procuradores dos homeens de suagio pidirom o tralado dessa demanda e dia per auer com sello sobre ela E Ao dia as partes ueerom Antre nos e os procuradores dos homeens de suagio diserom que nom querriam maes contender en este preito e queriam ende estar Aa merçee del Rey e nos enuiamos los Aa merçee del Rey e posemos les dia A que parecessem ante El Rey pera estar sobre esto a sa merçee couem a saber em outro dia das Kalendas Janeyras primeyras que vêem e o Deam e o chantre procuradores del Rey sobre dictos pidirom A nos que lle déssemos desto nossa Carta Aberta seelada cum nosso seelo pendente e nos mandamos la dar em testemoio de verdade Dada em Tuy v dias Andados de Dezembro Era MªCCCªxxjª"

[2] Estaria ilegível no original e escrito a tinta preta.
[3] Escrito a tinta vermelha no original.

Publ: ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.)- "*Valdevez Medieval, Documentos 950- 1299"*, vol. I, Arcos de Valdevez, 2000, doc. nº 62, pps.161 e 162.

Doc. Nº16

1305, Julho, 29
Apresentação régia do abade João Eanes para o mosteiro de Ermelo (c. Arcos de Valdevez)

> *"Era MªCCCªR tres anos"*
> *"Jtem outorgou el Rey a Eleyçom que o convento do Ermelo fez de Joham Eanes seu frade que o elegerom por Abade. E rogou ao Bispo de Tuy per sa carta que o confirmasse hy. xxix dias de Julho."*

Publ: ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.)- "*Valdevez Medieval, Documentos 1300- 1479"*, vol. II, Arcos de Valdevez, 2000, doc. nº 5, p.24.

Doc. Nº17

1320
Determinação da taxa a pagar a el Rei D. Dinis pelos benefícios eclesiásticos do bispado de Tui, situados no território Entre Lima e Minho

> *"Incipit taxaçom omnium beneficiorum ecclesiasticorum diocesis Tudensis, que sunt infra limites Portugalie, per dictos dominós taxatores facta, (…) quam supardicti taxatores fecerunt apud civitatem Bracharensem in taxando beneficia ejusdem civitatis et diocesis."*
> *"Item prestimonium de Valdevez ad cxentum et decem libras."*
> *"Valdevez"*
> *"Item Monasterium de Ermello ad totidem*
> *Solvat abbas pró centum et viginti libris, prestimoniat vero residuum."*

Publ.: ALMEIDA, Fortunato, "*História da Igreja em Portugal",* II, Coimbra, 1910, PP. 651-656, na 2ª ed. , IV, 1971, pp. 113- 116); COSTA, Avelino Jesus da, *A Comarca Eclesiástica de Valença do Minho (Antecedentes da diocese de Viana do Castelo)*, I Colóquio Galaico-Minhoto, I, Ponte de Lima, Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1981, I, Doc. 3, pp. 163 e167; (cuja lição aqui adoptamos). [4];

Doc. Nº18

1361, Novembro, 2, Évora
Confirmação pelo rei Pedro I da eleição de frei Estêvão Lourenço para abade do mosteiro do Ermelo (c. Arcos de Valdevez).

> *" mosterio d'ermello"*
> *"Carta per que o dicto senhor consentio e outorgou a enliçom que foy fecta de frey steuam Lourenço prior e abade do seu mosteiro d ermello do bispado de tuy ect"*
> *"em euora cidade dous dias de Novembro de mjl iijRix annos"*

[4] Segundo Avelino Jesus da Costa (1981) o autor referido terá publicado uma versão do séc. XVIII bastante deficiente.

Publ.: *Chancelarias Portuguesas. D. Pedro I (1357- 1367),* org. A. H. Oliveira Marques, Lisboa, INIC- Centro de Estudos Históricos, 1984, doc. Nº 604, p. 275, (cuja lição aqui adoptamos); ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.)- "*Valdevez Medieval, Documentos 1300- 1479"*, vol. II, Arcos de Valdevez, 2000, doc. nº 42, pps.93 e 94.

Doc. Nº19

1361, Novembro, 2, Évora

Apresentação pelo rei Pedro I ao bispo de Tui, de frei Estêvão Lourenço para abade do mosteiro do Ermelo (c. Arcos de Valdevez).

> *"Dom Pedro pella graça de deus Rey de Portugal e do Algarue a uos Dom Johane Bispo de Tuy saúde…"*
> *"Sabede que os frades e C[on]uento […] meu moesteyro de Santa Maria d ermello que he em nosso Bispado m enuyarom dizer que tanto que fforom […] uigaryos que estam de […] mha presentaçom e conssentymento no meu monasteiro de sam sam saluador da torre que outrossy he no dicto vosso bispado e logo […] que sse senpre husou e Cus[tumou] de fazer quando acontecia que o dicto monasteiro era vagoo per qualquer que ffosse […] do monasteiro de Santa Maria d ermello ffrey Steuom Lourenço ffrade do dicto monasteiro Porque m[…] mj que era hydonyone perte[ncente] pêra el[o] mos[tr]ou o dicto ffrey steuam Lourenço per esta […] ffazer per vaasco estevez tabelliom ffra[dês] e conuento do dicto meu mosteiro de Santa de valde[vez] e do […] E […]vyrem […] os dictos Maria d ermello que estaua vago fferr […] dace de dar ao dicto [ffre]y Steu[am] Lourenço mha presentaçom [e con] ssentymeento per que ffosse conffirmado por abade do dicto monasteiro [e convento] de Santa Maria de ermello que estaua vago […] se […]que […] ffrey Rod[rigo a] jiras frey steuam do dicto meu momsteiro de sam ssaluador da torre tenha presentaçom e conssentymento per a guisa que [he] […] em […]"*
> *"E o que me os dictos ffrades E conuento do dicto meu monasteiro de Santa Maria d ermello em rrazom da dicta emliçom enuyarom dizer […] ffrey Steuam Lourenço ao dicto meu monasteiro de Santa Maria d ermello e conssento e dou conssentymento aa dicta emliçom que lhy per dictos ffrades e com[uento] do dicto meu monasteiro ffoy ffecta em que o em[lege]rom abade do dicto monasteiro e praz me dello e Porque uos rrogo que o conffirmedes por abade do dicto [monasteiro] de Santa Maria d ermello E na conffirmaçom que do dicto monasteiro ffezerdes fazede mençom como o conffirmades aa mha presentaçom e conssentymen[to…] dei derom em ssolido que deuedes."*
> *"Dante na cidade d évora dous das de Nou[embro] El Rey o mandou Gonçallo perez a ffez Era de myl e trezentos e noueenta e noue Anos."*

Publ: ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.)- "*Valdevez Medieval, Documentos 1300- 1479"*, vol. II, Arcos de Valdevez, 2000, doc. nº 43, pps.94 e 95; *Chancelarias Portuguesas. D. Pedro I (1357- 1367),* org. A. H. Oliveira Marques, Lisboa, INIC- Centro de Estudos Históricos, 1984, doc. Nº 1175, pp.562- 563 (cuja lição aqui adoptamos) ; *Subsídios para uma monografia do concelho de Arcos de Valdevez*, Porto, Universidade Portucalense, dact., s. d., doc. II.

Doc. Nº20

1388, Janeiro, 5, Braga

Doação pelo rei João I ao mosteiro de Ermelo (c. Arcos de Valdevez) do padroado de várias igrejas entre as quais se inclui a de São Martinho de Soajo (c. Arcos de Valdevez).

"doaçam das igreias de soajo e de britello ao abade e frades de sancta Maria de hermello"[5]

"Dom Joham ect A quantos esta carta virem fazemos saber que dom frey joham martinz abade do nosso mosteyro de sancta Maria de hermello nos dise que a Rainha dona tareija nossa bisauoo a que deus perdoe hedificara o dicto nosso moesteyro e ho nom acabara assy como ajnda agora he E ho edificara no julgado de <soajo> que he terra de montanhas hermas e lhe leixara herdades em as dictas montanhas e em outros lugares e pollas guerras que foram ata aqui e pollas grandes mortindades que elle e todo o seu conuento se nom podia manteer e posto que morrese alguu frade que pollo lugar que era de montanhas e polla mjngoa das rendas que nom aujam que nehuu queria hi entrar por frade e que a dicta Rainha mandara que se o dicto moesteyro nom pudese manteer assy per guerras como per mortindade como per outra guisa que seia que se tornase a sam Pedro d arcos que he no julgado de ualdevez das quaaes cousas nos fez certo per Lourenço anes fogaça a que dello demos encarrego que o dicto mosteyro se nom podia manteer sem algua outra ajuda E Nos fizemos pregunta ao dicto abade e elle <nos> dise que se poderia manteer se lhe desse a igreia de <soajo> e a igreja de bretello do arcebispado de bragaa que parte com a freguesia do dicto mosteyro Porem nos a honrra da virgem Maria nossa defensor <e destes Reynos em cujo termo he eedificado o dicto mosteyro> E considerando as mujtas e stremadas graças que do seu filho beento a Rogo della sempre recebemos assy em guarda do nosso corpo como exalçamento dos dictos regnos specialmente na batalha e campo que ouuemos com os castellaãos dando nso delles vitori maraujlhosa mais polla sua misericórdia que pollos nossos merecimentos e polla grande deuaçam que em ella sempre ouuemos e auemos e porque veemos que he serviço de deus lhe damos a igreia de soajo que faça della câmara pêra a mesa do dicto abade e lhe damos mais a jgreia de britello pêra os frades do dicto mosteyro e que elles possam poer em ellas capellaães que as regam e dem os sacramentos aos fregueses das dictas igreias E Nos lhe damos ao dicto mosteyro as dictas igreias deste dia pêra <todo> sempre aussy como as nos auemos e mjlhor se as elles puderem auer com todallas rendas e dirreitos e pertences que ellas rendem deste dia pêra todo sempre assy como as nos auemos E tiramos todo o dirreito e loguar que nos em ellas auemos e damo lla ao dicto mosteyro E nom se entenda se nom da morte dos dictos abades das dictas igreias E ajnda que as demos despois que nom ualha e que o dicto mosteyro e seu conuento as aia como dicto he por quanto nossa mercee e vontade he de lhe assy seer fecto como dicto he E pormetemos de nom hir contra ella e Rogamos aos reis que despois de nos vierem que assy lhe façam cumprir a dicta doaçam como suso dicto he sob pena da nossa maldiçam que aia o que contra esto for e posto que uaa que lhe nom ualha mais seia ualiosa pera todo sempre E em testimunho desto lhe mandamos dar nossa carta Dante em a cidade de bragaa V dias de Janeiro el rrey o mandou gonçallo Lourenço a fez era de mjl iiijc xxvj© annos."

[5] Nova Leitura (Amélia Aguiar Andrade)

Publ: ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.)- "*Valdevez Medieval, Documentos 1300- 1479"*, vol. II, Arcos de Valdevez, 2000, doc. nº 59, pps.108-110; (cuja lição aqui adoptamos)
Ref.: PINTOR, M. A. Bernardo, *Para a História do Alto Minho. Vale e Ermelo*, in Diário do Minho, ano XXXVIII, nº 11664, 02.07.1956, pp.1- 2; idem, *Velhos Documentos (XI),* in A Vanguarda- Quinzenário Regionalista, ano XXX, nº 733, 30.01.1977, p.4; idem, *Por terras do Soajo. São Bento do Cando. Na freguesia da Gavieira*, in Terra de Val de Vez-Boletim Cultural, nº 2, 1º semestre, 1981, nota 11, pp. 12- 13 (leitura actualizada); *Subsídios para uma monografia do concelho de Arcos de Valdevez*, Porto, Universidade Portucalense, dact., s. d., (a partir da versão de M. A. Bernardo Pintor).

Doc. Nº21

1391, Agosto, 10, Gouveia
Apresentação régia do abade João Martins para o mosteiro do Ermelo (c. Arcos de Valdevez).

> *"apresentaçam do mosterio d'ermello"*
> *"Carta per que o dicto senhor apresentou ao seu mosteiro de sancta maria d ermello do bispado de tuy frey Joham martjnz sacerdote ect em gouuea dez dias d Agosto de mjl iiij^{a}xxix annos"*

Publ: ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.)- "*Valdevez Medieval, Documentos 1300- 1479"*, vol. II, Arcos de Valdevez, 2000, doc. nº 63, p.112.

Doc. Nº22

[1441], Julho, 8, Coimbra
Apresentação régia do pároco Afonso Eanes para a igreja do mosteiro de Ermelo (c. Arcos de Valdevez)

> *"apresentaçam da igreja de santa marja d armelo d amanistracam de tuy"*
> *"Jtem outra carta na dicta forma de Afonso annes clérigo per que o apresentam ao mosteiro de Sancta Maria d armello d admynistrado (sic) do bispado de tuy vaga por morte de Afonso estevez prestumeiro Rector ect em forma dada em coymbra biij dias de julho filipe afomso a fez Era sobre dicat."*

Publ: ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.)- "*Valdevez Medieval, Documentos 1300- 1479"*, vol. II, Arcos de Valdevez, 2000, doc. nº 114, pps.170 e 171.

Doc. Nº23

1441, Novembro, 6
Registo do auto de extinção e redução do mosteiro cisterciense de Sta Maria de Ermelo a igreja paroquial, em que foi confirmado o presbítero Afonso Eanes, capelão de Leonel de Lima.

> *"Mosteiro de Santa Maria d' Armello.*
> *Item aos sseis dias do mês de Novembro foy tornado e rreduzido o mosteiro de Santa Maria d'Armello da hordem de Sam Bento porque era de muy poucas rrendas e nom se podia manter em egreja parrochial e esto com consentimento e rrequerimento de nosso ssenhor el Rey cuja aapresentaçom do dicto mosteiro e egreja he. E em o dicto dia foy comfirmado a Affonso Annes clérigo de misa capellam de Lionel de Lima a presentaçom do dicto senhor Rey."*

Arq. Dist. De Braga, Registo Geral, L.º 313, fl. 54v;
Publ.: MARQUES, José, *"O Mosteiro de Bulhente não existiu"*, in Separata de Arquivo do Alto Minho, vol. XXVI (Tomo único), Braga, 1981, doc.3, p.27.

Doc. Nº24

1448[6], Agosto, 3, Santarém
Apresentação régia do abade Rodrigo Gonçalves para o mosteiro de Ermelo (c. Arcos de Valdevez)

> *"Apresentaçam do Moesteiro d ermelo na amanistraçam de tuy"*
> *"ALfonsus dei gratia Portugalie et Algarbij Rex Cepteque dominus Reuerendo in christo patri atque domino domino administratori Tudensis ex parte Portugalie seu locum eius tenenti Salutem et sincere dilectionis affectum ad Monasterium nostrum d ermelensi vestre diocesis uacans per Renuntiationem Alfonsi ioannis ultimi et immediati ipsius Monasterij Rectoris Rodericum gundisalui presentamus rogantes uos Quatenus prefatum Rodericum gundisalui in predicto Monasterio confirmetis Et in litteris confirmationis quas sibi dederitis fiat mentio quod ipsum ad nostram presentationem confirmatis siue instituitis in eodem Dattis sanctere (sic) tercia die mensis Augusti Petrus barcellorum fecit anno domino Milésimo Quadringentésimo Quadragésimo octauo"*

Publ: ANDRADE, Amélia Aguiar (Coord.)- "*Valdevez Medieval, Documentos 1300- 1479"*, vol. II, Arcos de Valdevez, 2000, doc. nº 125, pps.179 e 180.

[6] O mosteiro de Ermelo foi reduzido a igreja paroquial em 1441, contudo não foi irreversível. Confirmar Avelino Jesus da Costa, 1983.

Doc. Nº25

1497

D. Manuel I confirma ao Mosteiro de Ermelo todos os privilégios e mercês que outros reis lhe forneceram.

> *"todalas honras, privilégios, liberdades, graças e mercês que pelos reis de gloriosa memória…lhes foram dadas…e as tiveram delas uzaram ate o tempo del Rey dom Joham segundo."*

TT., *Dalém Douro,* Livro I, fl.33 V;
Ref.: BARREIROS, Manuel Aguiar, *Egrejas e Capelas Românicas da Ribeira Lima*, Marques Abreu, Porto, 1926, pps.75-76

Doc. Nº26

1502

Listagem de bens pertencentes ao Mosteiro de Ermelo que o frade D. Pedro mandou fazer.

Item Este he ho livro do tombo dito dellas e dali e casas / E nos --- e foros que sam pedro darquos sam / salvador de vall de fora tem E --- per --- o quall / mandou fazer dous frey pedro e dous abade do mosteiro / de sancta maria de ermello // de abade --- de fora e / foy nomeado por mym Joham Ribeiro abade de Sam / lourenso de --- de Sam salvador e notaryo o / proprio aos xxiiy dias do mês de dezembro da era de / mill e quinhentos E dous anos /

--- da demarcacam em --- / per --- de parte e de marcar / ho couto e freguesias antre Sam pedro / E sam jorge /

Anno do nacimento de noso Senhor jesu christo de / mjll quinhentos E dous anos aos xxiij dias / do mês de dezembro da ---- --- --- --- / por --- de mym Joham Ribeiro notaryo o proprio E de / afonso Vaasquez abade de oliveira e do Ruy goncalvez de / sam jorge pasou ambos beneficiados em tera de / vall de vez --- --- sy he onrado dous / frey pedro dous abades de Sancta maria de ermello / Eu Joham Ribeiro notario proprio apostalico E o --- / afonso Vaasquez abade de oliveira do Ruj goncalvez abade de / sam pajo --- --- [1] lobo Vaz / Da --- e --- --- --- de campo / de saa /

Como testemunhas // o quall dous abade apresentou nos / dito Joham --- Joham Ribeiro como notaryo / de afonso Vaasquez de Ruy goncalvez anboos --- em que / --- --- E as --- dictas testemunhas com hua carta / de comjsam do Senhor Joham Alvarez --- --- / --- --- --- --- --- Vigairo forall na / --- --- --- --- --- --- christo pasei / Senhor dous --- - dous --- e --- do / --- de sam vicente de fora da erdade de lixbooa / dos --- antigos do --- de --- no / sso Senhor bispo de --- e primor --- / --- --- que nos ----- que --- ha / paga --- todas as erdades e casaes e --- / E cousas que ao dicto mosteiro e Igreja per terem --- / Do posesamos dous tombo como nos foy mandado / da qual carta de comjsam he esta que se roguem / por messans /

A qual carta de comisans do dicto Senhor por / visor asy apresentada --- citados que --- /

1 – Riscado sem leitura;

--- apagase E de marcasons e constasons todo / o que per --- ao dicto mosteiro e a dicta Igreja /

--- da demarcacam E --- / per --- de parte todo o couto / deIgreja de Sam Salvador e sam / pedro --- dito parte /

Item per --- se remeta na foz dauga de sam / --- para --- --- --- vay ter ao --- / E dali vay ter a villa de --- e daly vay / ter a vjlla da foos // e daly --- --- de / prados // E daly vay ter a cabeca de --- // E aly / parte a freguesia de sam jorge com esta de sam pedro / --- e asy parte aly --- Santa maria de ermello / E daly vay ter --- --- --- // E daly / vay ter a cabeca de --- e daly parte com / Sam martinho de cabana --- e dali vay ter / a portella de --- --- que he --- que he do couto / E daly per cima do foro ho ball E dali vay ter / por cima do monte longo E do – do monte longo / vay ter acima da cabeca da --- a portella de / ---// E daly vay pelo a metade do --- do monte / ao --- do couto e --- ao do porto vay ter aos / --- // dali parte com Santa maria doliveira / E dali --- --- --- --- E dali vay ter pelo / --- longo e vay ter outra vez a foz / dauga de sam --- // Dali acabaa //

--- do azenpto da fonte / Dicta Igreja

Item per meramente auga que he de vida e guarda da dicta Igreja /

Item per meramente hua adegaa de ter vinho de hum --- / de pam E hua cozinha E hua salla --- / E hua camara todo ---// hua sorte --- / --- e gado da outra sorte de ter --- todo ta / pado e sercado por huas portas --- //

Item hua vinha que leva dez --- de cana / E toda sercada e tapada por muro e vallo / por dentro faz hua --- de --- /

Item a cortinha do souto toda serquada e murada sobre si / e leva de semeadura xbiiy alqueires// E faz contra / ho monte da parte da nacente //

Item a cortinha da cova que faz de --- --- toda serquada / E murada sobre sy // e faz contra ho --- E leva de / semeadura xbij alqueires //

Item a erdade da --- que parte per o Ribeiro da --- / cova e da parte do --- parte com as --- E / contra ho poente em testa nas casas de pazinho E / Da parte do nacente em testa com as --- de sobrida / --- E leva de semeadura biij alqueires /

Item outras dali que chamam ho --- e parte com erdade do outro da / parte do poente e da pa parte do nacente com erdade do casall / do --- da parte do abrigo em testa no Ribeiro que vay para Rendada / E de contra ha --- --- vem em testa na Riba da veiga de sam / pedro --- E leva de semeadura hum alqueire de trigo /

Item hua lata que esta na --- das --- que esta / contra venda vall E --- hum caro e latas /

Item hum pomar que esta de traz as casas contra ho nacente / todo serquado E tapado per per muro e vallo /

Item hum souto todo vallado e serquado todo de castinheiros / E parte hua --- de carvalhos toda --- do / Dicto souto em --- traz outro --- antre elles //

Item outra --- na --- que esta --- monte --- / que he toda da dicta Igreja //

Item na cortinha do casall dos --- que ha na freguesia de Sam / jorgee tem a dicta Igreja hua --- de erdade que --- / --- as --- de baixo // E parte com a erdade do casall / dos --- que he contra ho abrigo // E parte com esta erdade / E de contra ho poente parte por hum Rego que vay para o lou / reiro E de contra ho nacente parte com a Ribaa da --- / --- --- E leva de semeadura dous alqueires e meio //

Item do casall de --- que he da dicta Igreja que todo sercado sobre sy / --- hum --- dentro E --- que leva xiij alqueires//

O das erdades de fora que / fora mandada a dicta Igreja /

Item ho quartilho da fonte que testa contra ho nacente / vya a cortinha das nogueiras // E da parte do abrigo faz / ho largo do --- dalens posta // E de contra ho --- / parte com --- da --

- que he do mosteiro do erme / llo E leva de semeadura hum alqeire // E de contra / poente em testa na posta dalens posta dauga / na lagoaa //

Item a poente das --- // no carpo do tourall no / --- delle esta hua leira que he da igreja e parte / contra do abrigo em testa no mejo da ---- / do tourall E da parte do --- em testa no ---- do / Ribeiro que esta contra as casas das --- / E leva de semeadura hum alqueire de trigo /

Item nas --- tem a dicta Igreja a metade de hua --- / hua do dicto casall das --- com suas --- --- / --- --- entradas E saidas e --- --- /

Item --- das erdades de villarinho //

Item em --- hua leira que parte com a erdade de --- / --- // E da parte do nacente parte com ho Ribeiro / De Villarinho E contra ho --- em testa --- / --- --- E leva de semeadura dous alqueires e meio /

Item na poça da quortinha estam duas nogueiras E a/ da poça das nogueiras todo he dicta Igreja //

Item a erdade do --- --- que he da dicta Igreja faz todo / serquado E tapado sobre sy E leva de semeadura hum / alqueire e meio de trigo E da parte do --- o longuo asy / como vay parte com --- da --- //

Item na [2] cortinha dentro que he de villarinho faz hua erdade / E da parte da nacente em testa com ho souto de villarinho e /Da parte da --- em testa com erdade --- --- E da / parte do abrigo parte com ho --- da --- // E da / parte do --- parte per ho --- --- E leva de / semeadura hum alqueire e meio de trigo //

Item hua --- --- -- que parte com outra leira / --- --- da parte do poente E da parte --- / parte com a Riba E da parte do nacente em testa na de / --- E da parte da --- com erdade --- do outro / E levara de semeadura meio alqueire de trigo /

Item no souto de villarinho esta hum castinheiro de fora que he / da dicta Igreja //

Item a erdade da --- que he da dicta Igreja e parte de / per --- com a erdade do penedo da dicta Igreja e erdade fique / contra --- de Riba --- // E contra ho --- em / testa com a --- de pena cova // E de contra ho abrigo / Em testa acima de Riba --- E leva de / semeadura meio alqueire de trigo //

Item parada faz hua leira que mandou --- de --- a / Igreja E faz por outras casas de funde acima / E leva de semeadura hum alqueire //

Item a ponte de --- faz hum campo todo tapado / e murado de muro e vallo todo de redor E contra ho --- / E contra ho poente e contra ho nacente parte pelo Rioo / E leva de semeadura biij alqueires //

Item na quortinha da qujnta que he casall do Rioo --- / faz hua leira marcada por --- -- e leva / de semeadura hum alqueire /

Item na quortinha do --- faz hua leira que he da dicta / igreja de contra ho abrigo faz a erdade de branca de / vinhall E leva de semeadura hum quarto //

Item mas dous moinhos da dicta Igreja que estam no Rioo / de fora que sam couto de sam pedro --- /

Item este couto de sam pedro / --- todo se --- de / pagar ao dicto mosteiro / de quarto e de --- ao / Dito mosteiro se ho --- / do vinho --- [3] e de / todo o que --- /

--- demaracam / da --- do couto / E freguesia do mosteiro de Sancta / maria de ermello //

Item se comta couto e freguesia do dicto mosteiro nas lagoas das Cruzes / E daly vay ter ao Rioo do porto das lapas E dali pelo / ho Rioo de --- acima o porto da carvalha e daly / --- --- --- do mosqueiros Emtam vay pelo / a metade --- de mosqueiros acima --- do monte / E daly as cruzes do mezioo parte com cabana --- / Dalli --- do --- // E ahy parte

2 – Riscado sem leitura; *3 – Riscado sem leitura;*

com sam pedro --- / E daly por ho --- --- --- // E daly --- --- / E daly parte com sam jorge // E daly vai ter / a Villarinho da garça // E dali ho --- por cima dos / --- E dali outra vez a lagoa das Cruzes // por dali vay se por --- abaixo // E vay se meter / no poco --- monte no Rioo de lima //

--- do azenpto [4] / da fonte do dicto mosteiro /

Item ho mosteiro que he todo sercado do meyo por huas portas / Com sua casa --- Com seu canall no / Rioo de lima //

Item --- --- vinhas sercadas de muros e vallo E levam / de canadura --- /

Item as erdades do dicto mosteiro levam de semeadura / xxx alqueires estas erdades nom partem com nimguem / salvo com ho Rioo e com somente --- qais erdades --- / --- dous --- que he mora com as ditas vinhas /

Item Villarinho do souto que he freguesia do dicto mosteiro / E moram he tres --- --- que sam fregueses / de caseiros do dicto mosteiro os quaes todos tres / tem mjnha que levarom quatro --- de cana //

Das erdades --- levam de semeadura / --- alqueires E com estes caseiros nom partem senom ho / monte //

--- da --- /

Item a --- que he freguesia do dicto mosteiro e casaes / Do dicto mosteiro de sam --- //

Item paredelho que ha na dicta freguesia que sam casaes do / dicto mosteiro de sam --- /

Item vjllas do --- todo do dicto mosteiro todo / se pagara por maoo do mordomo de quarto no / Dicto mosteiro /

Item --- de vjllas de --- --- do Ribeiro / ataa --- duas --- vesadas que sam / Do dicto mosteiro // a --- E na de --- / E sam estas das do dicto mosteiro /

Item parada do monte he --- couto do dicto / mosteiro do --- de todo se partera por / maoo do mordomo de quarto em de quijto / todo o que lavrarem nom dicto couto e não hum nom / metera --- --- na dicta --- se ho / mordomo Do dicto mosteiro e --- se --- /

Item escumungado da major escumunhom E pagara --- / --- mill soldos de moeda corrente do --- ao / dicto dous abade // E toda esta contada e mando por estas / Demarcasoes dous --- se da foz do Rio da lagoa / pelo Rioo dos moinhos de --- acima como vam / topar no --- do monte e tem por ho --- do monte / augas vertentes tudo ate llama do carvalho E / Dalli por --- - abaixo como se vay meter --- / puro da quebrada no Rioo de cima E por ho Rioo a / da lagoaa //

4 – Riscado sem leitura;

--- dos casaes erdade de ---

Item ho casall de campolho /

Item do casall da porta com suas vinhas erdades que tem / Dentro todo sercado e murado de parede E tem / vinhas que levam bij --- de cana E de redor / destas vinhas tem erdade que levam de semeadura / tres alqueires de pam /

Item ho casall de --- todo sercado e murado de pedra / E suas vinhas que levam tres --- de cana //

Erdades que levarom dous alqueires de pam E hua de / nosa dentro no azenpto esta todo //

Item na aldea do soajo a erdade do forno E erdade da / --- E leva seis alqueires de semeadura //

--- do casaal dalens

Item por --- hua cozinha e hum celeiro e hum / curall // duas cortes e hum palheiro /

Item hua cozinha serquada sobre sy E hua --- / que em testa na dicta --- e leva [5] cana / biij --- de cana // E dentro --- desta / cortinha faz erdade que leva xxx alqueires de semea / dura E esta --- por muro e vallo --- / tado //

Item outra erdade que se chama pousada que he toda serquada / por muros e vallo sobre sy e leva de semeadura / nove alqueires /

Item contra ho nacente de redor do casall de fora / E estam --- de castanheiros E carvalhos / E de redor da tapada tem de redor --- e carvalhos / E castinheiros e suas saidas entradas / E augas do --- //

--- dos casaes das nogueiras //

Item per – hua cozinha E dous seleiros // E antre ho curall / Esta a casa do lagar e esta a maoo do nacente //

Item outra cozinha // E --- outro seleiro que esta contra ha / --- -- E tem quatro cortes de --- E de gado /

Item hua cortinha que he toda sercada E murada e tapada / de muro e vallo sobre sy esta cortinha esta abaixo das / casas contra ho abrigo // E leva de semeadura xbj alqueires / E dentro a esta cortinha faz hua vinha que leva de / canadura --- --- E de

5 – Riscado sem leitura;

redor da parte de / --- esta hua booa --- E de redor tem / carvalhos e castinheiros de fora como de dentro do va / llo da dicta cortinha //

Item na vinha da Villa faz dous campos que leva / sete alqueires de semeadura // --- contra / ho abrigo parte com ho Rioo e da parte da --- / parte com erdade de villa nova //

Item nas caldas das nogueiras faz hua erdade na veiga / que leva de semeadura b alqueires //

Item na erdade da pousada faz hua ---- E de contra / ho nacente faz em bracos com a --- da lama per / --- a Ribaa --- parte e da parte do --- faz / antre a erdade da pousada e leva de semeadura / hum alqueire //

Item outra leira nas --- que faz outra erdade / --- --- E leva de semeadura hum alqueire /

Item outra leira ao porto do --- que que se chama / a maratinha E faz toda sobre sy serquada / E leve de semeadura dous alqueires /

Item a --- de fora todo --- e tapado per muro / E vallo todo sobre sy e dentro faz hua eyra e hum / palheiro e dentro esta erdade que leva de semeadura / dous alqueires /

Item no porto --- esta hum souto que parte com ho souto / Dos moinhos E outra na raza em que / parte com a --- do milho // E abaixo da --- / de fora --- faz hua --- e parte com a / --- dos moinhos da parte do nacentes este / lugar tem auga de --- // E entradas e saidas /

--- do casall de --- / De cima //

Item por --- hua cozinha e hum seleiro e duas / cortes /

Item hua eira que ho --- lugares esta --- / da cortinha de hum palheiro //

Item Dentro na cortinha faz --- toda sercada e / --- de redor E leva de semeadura --- alqueires /

Item hua vinha dentro dentro cortinha que leva / sete --- de cana //

Item outra lleira que se chama --- --- --- / E parte em o lugar dos mojnhos da parte do monte / E parte do nacente outra leira que se chama as / a meleiros e parte com a erdade do dito mosteiro E leva / De semeadura dous alqueires //

Item hua leira que se chama lenhares que fazem bracos com / erdade do dicto mosteiro e leva de semeadura meio alqueire /

Item do casall de baram de baixo por --- hua / cozinha E hum seleiro e tres cortes e hua casa / com hum lago E o lagar ho --- os lugares /

Item hum hua vinha que leva que leva hua de cana sete / --- [6] cana // E dentro na

6 – Riscado sem leitura;

cortinha faz erda / De que leva de semeadura de onze alqueires //

E faz tapada e sercada toda sobre sy por muro e / vallo com outra cortinha de --- --- /

Item na --- hua leira que leva quatro alqueires e parte / com o casall de --- de cjma //

Item outra leira ---- a meleiros que parte com outro casall / de --- E leva de semeadura quatro alqueires //

Item em lenhares fazem bracos com este casall de cima de / --- E leva de semeadura hum --- alqueire //

Item a bouca de cjma he toda tapada e murada / sobre sy e leva de semeadura dez alqueires e / Do --- --- hua leira de sam pedro que leva meio alqueire / E estes lugares tem auga de vida --- -- / e suas emtradas e sajdas /

--- do casall da lama

Item por --- hua cozinha e hum celeiro E duas / cortes e hum palheiro com hua eira E hua casa com / hum lagar //

Item hua cortinha toda cercada e murada sobre sy / E tem hua vinha dentro --- que leva / dez --- de cana //

Item no --- do dito lugar com as por do--- tem erdade / dentro no serquado da vinha que faz todo murado / por muro vallo sobre sy e leva de semeadura xxxij / alqueires // E este luguar nom tem maijs erdade de fora / salvo a da esta veigaa //

Item a da --- de sam pedro faz hua leira da / folgosa que leva de meadura sete alqueires //

Item outra leira da pedra que leva douz alqueires de / semeadura // hum campo dos lenhares que / leva douz alqueires de semeadura e tem hum / souto que se chama a lama todo he do dicto casall / E tem suas augas de vjda e --- com suas / emtradas e saidas //

--- do casall de pazinho

Item por --- hua cozinha e hum seleiro e quatro / cortes E hua eyra com hum palheiro //

Item contra ho poente esta hua cortinha toda serquada / E murada de muro e vallo e tem dentro vinha / que leva de semeadura biij --- de cana //

E dentro faz hum --- de erdade que leva de semea / dura dous alqueires //

Item na veigaa de sam pedro --- faz hua / leira que leva de semeadura dous alqueires //

Item outra leira que se chama da pedra leva de / semeadura dous alqueires /

Item nas a meleiros hua leira que leva de se / meadura hum alqueire E estas erdades da / veiga todas fazem com erdades do dicto mosteiro //

Item as --- que he todo sy --- que leva de se / meadura sete alqueires //

Item ho --- de moura todo murado e sercado sobre sy / por muro e vallo e leva e leva de semeadura / quatro alqueires //

Item a erdade de Riba --- toda serquada sobre sy / de muro e vallo e foy a podada a oyto alqueires / De semeadura // E nas --- faz hua --- / com suas --- --- e com suas sao ha das E esta / erdade de --- --- foy posta xbj por / tanto esta --- --- --- --- e foy --- per / --- quebrarom a metade da semeadura / por tanto --- --- --- --- --- --- / --- E --- --- dos oyto alqueires de semeadura //

--- do casall do queimado que / na freguesia de ---

Item per --- ho campo de --- todo serquado e / murado sobre sy como hua -- --- e / levara de semeadura xxij alqueires //

Item majs outra erdade que chamam pumar de tras hua / que leva bj alqueires E toda sercada sobre sy /

Item na veigaa de --- hua leira que faz per / cima esta Riba dos --- e he toda marcada / E leva de semeadura dous alqueires //

Item em casall queimado hum campo todo serquado / sobre sy E leva de semeadura tres alqueires / --- --- ho faz todo serquado com sua --- / ---- ha casa do casall que he esta dos --- /

Item na cortinha da cabana faz hum --- er / dade na metade maior tinha marcada de --- / E contra ho abrigo parte para Riba dous a erda / de Joham --- que he do casall de Villa --- /

Item contra ho nacente com a erdade da --- ---- / --- em testa --- E da parte do --- e erdade / da dicta igreja E contra a --- E contra / ha --- em testa fora no caminho que vem / Da igreja de --- // e leva de semeadura / sejs alqueires // E estam dentro carvalhos / E castinheiros //

--- do casall de paredes

Item todo o casall de paredes todo sercado sobre sy que nom / Emtra com elle nimguem // Em taes erdades que / levam de semeadura em tudo hum anos --- alqueires /

Item --- e ---[7] do mosteiro e - --- / --- de pagar de parte o qusto por maoo do mordomo /

7 – Riscado sem leitura;

Item ho --- todo do mosteiro e --- --- pagar --- --- / de --- E --- --- --- para cada pam de hum / alqueire /

Item o --- que he no Reino da galiza que todo fora de fez / --- e --- do dicto mosteiro E ali --- --- --- / --- os sacramentos //

Item aldea de villarinho --- do mosteiro --- --- / ho mosteiro --- --- de pam e de vinho --- / --- --- /

Item toda a pena do dicto mosteiro marcada / della portella -- --- pelo ha --- --- --- /como vem -- - - // E --- --- todo au / gas vertentes per monte --- E per --- / de monte do --- --- --- --- / --- --- toda auga vertentes --- --- --- todas /os que ally --- --- --- ho quarto de que --- / ao mosteiro // De santa maria de ermello //

Item quall quer que se aly meter --- --- / murar --- --- --- de velhas ou outra quall / quer --- som de conta de dicta ordem seja mall / Dito escumungado da major escumunhom E pagara / Despesa quallquer que se ally meter sam Com/ ta da ordem pagar bem para --- --- da / moeda corrente //

Item ho casall de suberbos com suas --- / que faz abaixo do penedo todo do dicto mosteiro //

Item ho casall de figueiredo do dicto mosteiro de / santa maria de ermello // E de todo --- --- / dous --- --- --- --- --- que / he do dicto mosteiro /

--- ---- --- --- amem Saibam quantos este --- estormento / do apegamento virem que no ano do nacimento de noso Senhor Jusu / christo de mill e quinhentos e dous anos // aos xxiij dias / do mês de dezembro na igreja de sam pajo --- de / fora nas casas do dicto dous abade // em persenca de mym / --- notaryo // E das testemunhas avante escriptas pa / --- ho dicto dous abade E pedioo a mym dicto notaryo / hum e mujtos estormentos // --- --- --- lho / mandarom dar para --- da dicta sua pesoa / E do dicto seu --- e sua igreja em --- / --- --- dado que elle dicto dous abade d ermello /

E afonso Vaasquez abade de oliveira E Ruj goncalvez abade de / sam pajoo --- por mando do Senhor / --- do Senhor bispo --- E por sua carta de / comosam verom e apegarom com os dictos homes / --- // os quaes homes --- --- este que / se seguem // --- --- Vaasquez --- --- E --- de --- / homes --- de vooas com --- // elles assy / --- --- dos santos a nosso filhos --- --- / --- de my --- notaqryo --- --- E apegarom o que / juramento do dicto mosteiro E da dicta igreja // com / --- na dicta carta de --- --- E --- que /all nom --- --- E ho que dicto --- --- no dicto / tonboo e apegado --- que per fonte serom ho afonso --- / abade de de sam jorge E estarom no campo de --- / forma da --- e outros --- Joham Ribeiro --- / notarjo que este tonboo atraz --- -

-- per man / dado dos dictos comisarjos E aquy neste --- de / seu -- e aquy --- fynall --- --- ---- / ora e --- ut supra /

Joham Ribeiro

--- E de campo
Afonso Vaasquez

Lourenco / afonso

--- dos casaes de nobriga / que estam na freguesia de sam / Joham de villa --- //

Item ho casall de qujnteiro que he todo --- com / suas vinhas erdades E --- --- dentro / no dicto azenpto E --- --- de cana b / --- E tem erdade de fora e de dentro xxiiij / alqueires E este fora se de ---- todo de quarto / E --- /

Item ho casall do loureiro todo --- e murado / todo sobre sy E com suas casas e vinhas [8] er / Dades --- --- dentro // E leva de / semeadura xxij alqueires E --- / levara xiiij --- de cana //

Item E todos --- de paga --- do quarto e --- / --- /

Senhor o quall nos --- --- Senhor que nosa / Senhora --- --- de --- --- estes / casaes --- --- de --- / --- para --- para este mosteiro que asy / esta --- --- --- --- --- --- a nosa / Senhora cuja --- --- he E a mym mujta --- /

--- ---

Item ho --- [9] que e na freguesja do soajo todo / he do mosteiro de santa maria de ermello --- / todo marcado ahy vera --- --- --- --- / --- daly bj carteyras de centro E a --- / e maes xii --- centros cada pam da / hu alqueire e cada hua seu e --- / por dya da --- seys dias de / --- o mosteyro --- --- /

--- do casall da --- que ha na freguesia / de sam jorge

8 – Riscado sem leitura; *9 – Riscado sem leitura;*

Item per --- tem hua cozinha he hua adegaa --- --- /

Item hum palheiro E --- cortes //

Item hua vinha que leva tres --- de cana //

Item ho --- todo serquado de muro e vallo ./. --- --- quall / de --- E dali vay ter para --- ao Rego da --- / E daly vay ter por Rego do mollar e daly vay ter a --- e vay --- / por ho --- ao casall da --- E daly por ha Riba --- --- e / vay ter --- de --- --- E dali vay ter por ho --- / Dante sy E --- de – e vay --- fora da --- / que vem da coutada E daly por --- --- e vay --- / na quall depois --- --- --- faz erdade que / leva de semeadura tres alqueires e meio E dentro --- / --- --- de castinheiros e carvalhos //

Item outra cortinha que faz da parte do poente e --- --- --- / --- --- por --- ---que vay ter ao souto de --- que he --- / E daly vay por ho --- --- ao --- e vay a poça da Rua e / dali vay ter por ho caminho ---- da ---- e --- --- --- / na e hum vallo velho que estam --- ---- faz erdade / que leva de semeadura dez alqueires e meio //

Item hua cortinha do dicto casall que em testa contra ho --- com ho casall de --- / --- de contra ho nacente faz com --- --- contra ho abrigo / Em testa com hua leira da --- de sam jorge // E da parte do --- / faz com a erdade --- de fora E he toda serquada sobre sy E leva / de semeadura xij alqueires //

Item a leira da pedra da foz que vem em testar na --- que vem per / seu ho campo de saa e de contra ho abrigoo parte per hum --- / Com a erdade do campo de saa per seu --- e da parte do --- / Em testa na erdade de --- --- E leva de semeadura bj alqueires /

Item a leira de --- que parte com ho Ribeiro que vay para o casall --- que / parte com a erdade de --- e esta na --- da foz contra ho --- / E de contra ho poente parte --- --- e leva de semeadura hum / alqueire de trigo //

Item na veiga de --- faz hua leira que parte do abrigo com a / erdade do --- de Villa e de contra hua --- parte com a erdade do lugar / e campo de saa e contra ho poente em testa --- e levara de / semeadura hum alqueire e meio /

Item hu --- leira --- de dentro a par da pedra parte per meioo / --- da lama e contra ho abrigo e contra ho --- parte com a erdade de / Joham do --- ---- sua … … E de contra ho nacente / parte com erdade do lugar de --- --- que he da --- e leva / de semeadura hum alqueire //

Item hua leira que faz as portas das --- E parte com a erdade / do lugar e campos e saa // E contra ho abrigoo per --- / E contra ho --- parte com --- --- de campo de saa / E contra ho nacente em testa com a erdade de Joham de cjma --- / E com a erdade do --- --- E contra ho poente em testa com ho --- / E --- e leva de semeadura dous alqueires e meio //

Item --- per boucas hum --- de erdade vaddado todo sobre sy --- / parte do --- em testa com erdade de --- --- --- contra / ho nacente faz --- com erdade de --- da villa E de contra --- / E abrigoo toda vaddado sobre sy E leva de semeadura / E levara de semeadura bj alqueires //

--- de sam pedro --- ho casall da --- que he tododo mosteiro

Item ho casall da --- hua cozinha e hua adegaa e hum curall de / gado todo tapado per huas portas --- e hum palheiro E / ho azenpto do lugar esta todo serquado de muro e vallo e --- / --- e fortes e vem ter para --- abaixo vay ter / no Ribeiro da --- vay per o – abaixo vay ter ao campo / dauga --- e dali per o meyo que vay antre elle e --- da / lly vay ter antre ho --- --- de sam semam per --- / e vallo --- tapado e Dali vay ter a --- --- //

--- --- --- --- faz vinha que leva sejs --- de cana / E no dicto azenpto faz erdade que leva de semeadura xxij alqueires /

Item mais da outra parte --- contra ho --- estam huas cortinhas / todas serquadas de muro e vallo e partem hua com outra por --- / E leva de semeadura xxxij alqueires //

Item mais --- souto e de --- todo serquado per vallo --- [10] --- /

Item majs --- sua --- de --- de --- E suas em redor / E --- /

--- do casall da --- posta

Item hua vooa casa que he cozinhas celeiro E lagar na casa / de baixo que he contra ho --- // outra cozinha que esta contra // hum --- que --- --- // este he --- do dicto casall / E se --- --- --- --- --- --- --- --- e vay ter / todo de --- --- --- e por ally vay ter --- --- e / --- se --- --- --- --- E ho --- --- --- / ao --- que vem per antre --- saa e daly vem por ho Ribeiro /

A cortinha das --- e --- se toma para cima e vem / ter nas testa dos --- E dali a --- --- / E asy que este lugar todo he serquado e murado sobre sy / E tem erdade que leva de semeadura --- alqueire /

Item a vinha que esta dentro --- que leva quatro / --- de cana e a asy tem --- --- --- / E suas em --- e --- //

--- do casall da ---

Item per – tem hua casa cozinha // E hum celeiro e tres / cortes hum palheiro // da parte do --- esta hua cor / te he serquada e murada sobre sy E dentro nesta cortinha / faz vinha

10 – Riscado sem leitura;

que leva hum --- de cana e dentro faz erdade / que leva sete alqueires de semeadura // outra cortinha / da parte de --- toda murada e tapada sobre sy e den / tro neste --- faz vinha que leva quatro --- de / cana //

Item na veiga de sam pedro --- faz hua --- --- / que leva xj alqueires de semeadura // outro --- / que chamam os --- toda serquada sobre sy e leva de semea / dura doze alqueires // ho --- que chamam as --- / que he todo serquado sobre sy E leva de semeadura quatro alqueires /

Item hum souto de --- carvalhos e castinheiros que faz / --- --- -- que sam do --- casall /

--- do casall ---

Item per --- hua cozinha E hum celeiro e duas cortes / E hum palheiro e hum curall que --- hua cortinha sercada / e murada toda sobre sy e tem dentro vinha que leva de cana / sejs -- // E dentro esta a erdade que leva de semeadura / quatro alqueires --- --- --- --- que na / --- --- --- //

Item abaixo da --- faz hua cortinha toda serquada / que leva de semeadura --- alqueires // hum --- abaixo / ---- sam pedro --- que --- --- --- que leva de se / meadura hum alqueire de --- --- auga de vida e --- de / E suas emtrada /

---- do casal do outeiro

Item hua cozinha --- e outra e outra cozinha --- --- / --- e hum curall e hum palheiroo // hua cortinha toda ser / cada e murada da --- das casas e tem outra vinha / que leva de cana de --- E erdade da --- da dicta vinha / que leva quatro alqueires //

Item contra ho nacente outra cortinha que se chama ho pomar da / vinha que leva dous --- de cana e --- erdade dentro que le / va quatro alqueires E dentro --- faz de --- dita / nesta de castanheiro e carvalho // outra cortinha contra ho / abrigoo toda serquada sobre sy per muro e vallo e leva de semeadura / xij [11] alqueires e --- --- --- --- --- --- ---- / que estam --- e dentro e fora E se chama --- /

Item na --- de sam pedro --- faz hua leira que se chama / --- --- -- --- e parte com erdade do mosteiro / E leva de semeadura tres alqueires e meio // hua erdade / que se chama --- que testa com as cortinhas da --- / que leva de semeadura quatro alqueires e meio //

Item hua erdade que se chama os fortes todo serquado e vadado / sobre sy e leva de semeadura xij alqueires e fora tem / hua --- que esta antre o campo ---- --- que faz

11 – Riscado sem leitura;

serquado / sobre sy E leva de semeadura sinquo alqueires E --- / --- deste campo faz erdade que --- --- --- //

Tombro --- de frey manoel
Valença

Arq. Dist. De Braga, *Colegiada de Valença, 65, Mç. 3.*

Doc. Nº27

[1514- 1532][7]
Censuais do Bispo D.Diogo de Sousa- Rendimentos eclesiásticos da Comarca de Valença para o Arcebispado de Braga.

> *"Titullo do que rende cada huua das igrejas baixo scriptas ao arcebispado"*
> *"Julgado de Val de Vez"*
> *"Item o moesteiro d´Armello Vc LXXII reis"*

Arq. Dist. De Braga, Registo Geral, Lº 330 (Censual de D. Diogo de Sousa), fls. 380- 485.
Publ.: COSTA, Avelino Jesus da, *A Comarca Eclesiástica de Valença do Minho (Antecedentes da diocese de Viana do Castelo)*, I Colóquio Galaico- Minhoto, I, Ponte de Lima, Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1981, I, doc. 12, pp. 187 e 192.

Doc. Nº28

1533, Janeiro, 20, Ermelo
Visitação feita por D. Edmundo, abade de Claraval, ao Mosteiro do Ermelo, em versão portuguesa elaborada em pública - forma, a pedido de Fr. António de Aljubarrota, abade de Tomaréis e prior de Alcobaça, e do licenciado André Lopes, ouvidor nos coutos alcobacenses, de 9 de Março de 1546, Alcobaça. Anexa está uma carta de protesto e desistência da comenda deste Mosteiro dada pelo licenciado João de Mendonça, em Alcobaça, a 5 de Janeiro de 1581.

> ***Doc. A)*** *"…A que fazemos saber que visitando nõos por prouissão e mandado del Rei o mosteiro de sancta Maria d ermello situado na diocesi de bragua jmedeato sujecto ao mosteiro de fiais da mesma ordem ho achamos e, tanta deneficaçam quanto aos edeffiçios das offecynas Regulares e muy deficultosamente podemos antre nos determinar o que acerca delle aviamos de ordenar contodo por alguã enxecuçam do offiçio a nos cometido depois que jnquirimos segundo melhor podemos do estado do dicto mosteiro, achamos por Relaçam de muytas pessoas ahi vizinhas que em nossa presença estauão e principallmente por autentica certeza do reverendo senhor come*[8] *datarjo da mesma cassa com o seu solene juramento comfirmada que as Rendas da dita casa nom passauam a soma de vynte e cynquo ducados d ouro e que mujntos dirreitos bees e possisoes do mesmo mosteiro nom se sabemdo por que modo aviam perecydon e que outrosi eram perdidos mujtos titullos e espriturας e outras lembarnças do dito mosteiro e por isto nom ser ahy convento de Relegiossos pera haverem de fazer ho offiçio devyno nem ajmda hum soo monje: ho que nos todo vendo e ouvymdo ordensmos por serujço de deus o que se segue,*
> *Primeiramente que o sobredicto senhor comendatarjo faça celebrar em Jgreja do dito mosteiro ho offiçio divino segundo custume da ordem de Cister como se contem em alguns liuros da ordem que ahiachamos…"(…) "…e mandamos ao dicto comentarjo que segundo o que amte nos e outros voluntarja e claramente comfesou que elle conserue e defenda ho dito mosteiro e suas terras exentações e liberdades*

[7] Segundo Avelino Jesus da Costa (1981) este Título não está datado, mas deve ter sido redigido entre a incorporação da comarca eclesiástica de Valença no Arcebispado de Braga, em 1514, e a morte de D. Diogo de Sousa, em 1532.
[8] Nota do autor: no documento original, neste ponto, aparece um espaço não preenchido.

segundo sua proujssão apostólica que sobre o dito mosteiro tem as cousas perdidas Recobre por todalas vias e modos Razoaues jnvocamdo ajnda pera isto ho conselho socorro e fauordel Rey e de quaesquer outras pesoas seculares. Amoestamos ainda ho dicto senhor comendatarjo e sobre isto sua conscençia encarregamos que soportado ho encarreguo de fazer ho offiçio divjno se alguã cousa das Remdas do dito mosteiro Remaneçer elle se trabalhe de ao menos Repairar alguã parte dos edefficios da casa na quall convynhauellmente possão estar dous ou menos hum relegiosso e asi menistre esse moesteiro no espriturall e temporall de maneira que ante deus e os homes possa dar boa conta pera que asi Receba a eterna Remuneraçam".

Doc. B) *"…tanto que ho dito mosteiro nam Rendya mais em cada hum anno que sem myll Reais…"(…) "…ho dito Licenciado Joam de mendonça hobrygou seus bens e Rendas moveis e de Rais aujdos e por aver e em fe e testemunho de verdade asy ho llouvou outorgou [e] mandou dello ser feito ho presente estromento de disystensya…"*

Publ: GOMES, Saúl António, "*Visitações a Mosteiros Cistercienses em Portugal (Séculos XV e XVI)"*, Lisboa, IPPAR, 1998, pp.233- 239.

Doc. Nº29

[1545- 1549]
Avaliação dos benefícios da comarca de Valença do Minho.

"Foy este memorial feito em tempo de Dom Manuel de Sousa [1545- 1549] por Rui Fagundez, vigário da comarca de Valença"
"Concelho de Soajo"
"O mosteiro ou igreja de Santa Maria do Armello vinte e dous mil reis"

Arq. Dist. de Braga, Registo Geral, L.º nº 330, fls.336- 340v;
Publ.: COSTA, Avelino Jesus da, *A Comarca Eclesiástica de Valença do Minho (Antecedentes da diocese de Viana do Castelo)*, I Colóquio Galaico- Minhoto, I, Ponte de Lima, Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1981A, I, doc. 13, pp. 193 e 205.

Doc. Nº30

1546, 4, Julho
Visitação que fez Frei António Palhas ao Mosteiro de Ermelo a pedido do Cardeal D. Henrique.

Indei nominei Amen. frey antonio palhas per mercer de deos he da Santa / Igreja de Roma em que hua comissam do muy illustrissimo Senhor dom / enrrique Infante e cardeal de portugall de derigida per ao muy / Reverendo em este noso padre frey --- --- - dom abbade do mosteiro de / Samta Maria de feães em que hua comissam do dicto dom abbade de / regido ao dicto frey antonio palhas por quanto o dicto dom / abbade estava emfermo e nom sayr de cassa de estar em / como // Pela quall comisam do dicto dom abbade e provisam / Do dicto Senhor Imfamte ho dicto frey antonio palhas

estamdo / no dicto mosteiro de Santa maria dermelo da ordem de / --- ho vissitou no espirituall e temporal /

Item primeyramente que emformarom de omens antigos se achou / que no dicto mosteiro se nom dezia misa nenhuma no dicto mosteiro / atee ho tempo que ho muy Reverendo padre frey edmundo dom abbade / do mosteiro de --- ho vissitou no quall mandou que dice / sem duas missas per semanal assy como he de ordem sendo / padre sua soma na cada dia hua missa he este por achar / há cassa muyto desbaratada e as remdas muy --- he / desbaratadas que fora ora treze ou quatorze annos he sem / embarguo de que ho dicto dom abbade ho vissitador mandara / o dicto padre frey edmundo // achou que ho ou nom dezia missa / ou no dominguo he alguas festas no anno e nom se ssedia ne / nhu padre da dita ordem no dito mosteiro amtes resedia / hum abbade cleriguo que tinha outras igrejas e vivja fora / do dito mosteiro //

Item Se acha no dito mosteiro dermelo de ornamentos don no altar mayor / hua ymajem velha de Samta maria e outra de sam bento velhas / he majs dous candeeiros de ferro e hua cruz de latom de / majs hua arca velha e dentro nela hua vertimenta de linho / per festa e mais hua pedra dora e corporaes he huns pa / nos pimtados de cobrjr os altares e mais hua campajnha e / outra --- major dependurada na dicta capela e mais / hum mesal branquo --- /

Item Alvaro preto morador no dicto mosteiro dice e em Juramento que tinha gonçalo anes / mordomo do dito mosteiro em seu poder e um calez de plata e hum frontal / vermelho e hua vertimenta das festas //.

Item afomso Vasquez vezinho do dito mosteiro dice em seu Juramento que ho dicto calez / e vestimenta em frontal tinha ho dicto goncalo anes mordomo do dicto / mosteiro em seu poder e mais que --- dizer que ho vinho que fecara / no dicto mosteiro que ho tomara ho dito goncalo anes mordomo que seriam / obra de qujnze almudes //.

Item goncalo anes mayor domo do dito mosteiro dice e sob Juramento que tres pipas / e na delas que tinha ate --- almudes de vinho ate cinquo he que ho --- / --- amdre he --- --- ambos do abbade passado e hum cobertor / velho e hum lamcol velho e que detinha hua das ditas pipas / em sua casa he que hua fora pera casa de Vasco he mais dice que / tinha huas calez que tem a copa de Riba de prata e hua / vertimenta de seda branca toda acabada //.

Item Vasco estevez vezinho he morador no dicto mosteiro dice em seu Juramento / que avia no dicto mosteiro de seda e calez e frontal e que tudo tinha / goncalo anes mayor domo e mais dice que --- he joane --- que / foram do abbade passado he vemderam hua pipa he hua / arca velha e que ja fora arendada há Remda do dito mosteiro / atee trjmta mjl Reaes /

Item Joham lopez morador no dicto mosteiro dice em seu Juramento que no dito mosteiro / avia duas vestimentas hua de festas de seda branca e outra da / semana e o mais acima e he mais que nom sabia outra cousa somente / que amdara arendado ho dicto mosteiro em trjmta mil Reaes //

Item Se chamas na cassa do mosteiro duas arcas de pam e huns / banqujnhos //

Item mais vessetamdo o dicto padre frey amtonjo palhas vissitador / ho dicto mosteiro he offiçinas achou tudo --- nas cassas do / dicto mosteiro lavradores cassados e filhos he molheres he gados / porcos/ ovelhas / e cabras / E boys tudo dentro nos claustros do dicto / mosteiro he por tamto nom podia prever do presemte / atee ho fazer saber a sua alteza e sua contra pera nisso / mandar o que ouvesse --- de deos e da ordem e de sua alteza / he quanto ao ofiçio devera mandar ho dicto vissitador que estes no / dicto mosteiro dous Religiosos da ordem pera fazerem os

ofiçios devemos fasendo / manda sua ordem e Regra pera admenistrador os sacramentos da Samta / madre igreja aos freguesses por ho dicto mosteiro estar pobre mamda / ho dicto vessetador sob penna escomunhom ao dicto abbade da cassa / dermelo ho cumpra //

Item mais mamda sobe pena de escomunhom a todolos fregueses casseyros he fireyros / do dicto mosteiro que lhe deverem quaesquer foros he pemsoes assy / de dizimo como cabedal per --- e dinheiro ou outra qualquer / pensom que acordaram ao dicto abbade he Religiossos do dicto mosteiro / que com ele estavam com has ditas coussas //

Item mais manda ho dito vessetador sob penna descomunhom ao dicto / abbade que como eventualmente com seus Religiossos /

Item mais manda ho dito vessetador que se rezen he façom todolos / ofiçios de este no dicto mosteiro segumdo manda suas ordem he / por quanto nom crydor misterjo que hos padres se reachar en hua / cassa onestamente // Recta foy esta vissitaçom aos vymte / e catro dias do mes de Julho da era de mjll e quinhentos he / corenta e seis anos per ho dicto padre frey antonjo palhas / per comissam he porson dos ditos senhores atras escritos he o / dito padre frey antonjo palhas asynou de seu final acusto / mado com frey bernardo da castanheyra notaryo a par / --- E jurado pella autorjdade appostolica a tudo fuy presente / que ho --- my e outro tal como este fica em mjnha mao // E digo eu frei amtonjo palhas e a nosa emfanti em --- la firme / de mjncumbir /

Frey amtonjo
Palhas

--- --- /

Vessitacam que se fez no / moesteiro dermelo por man / dado do senhor cardeal /

Arq.Nac. Torre do Tombo, *Fundo de Santa Maria de Fiães, Maço 5, caixa 14*

Doc. Nº31

1547, 20, Janeiro

Juramento de Frei António em como não renunciará ao msoetrio de Ermelo após ter sido nomeado seu abade.

--- --- --- amenj diguo Eu frey antonjo / --- --- eleyto que son Do mosteiro de Santa / --- que pormeto a deos a Samta maria sua / --- --- frey --- De --- dom abade do / mosteiro de Santa maria de ffeans e aos padres / dele que son presentes he despois virem que pro / meto como dicto tenho de mim em nenhum / tempo Renunciar a dita casa dermelo se nom --- / --- proffeso de nossa ordem he fazemdo / ho contrayo nom valha e fique de nenhum valor / E asy prometo fe me deos der a dita abadia / dermelo prometo de vos proferir a vos dito frey / --- de --- dom abade do dito mosteiro de feaes todo / ho dinheyro que se faltar do dicto mosteiro de feães / he que vos ou outro abade de feães possaes embar / gar as Rendas do dicto mosteiro dermelo atee / se page de tudo o que gastado foi // he por que assy / prometo e per meu Juramento faço mandey --- --- / este alvara e cerdidom --- mym asinado //. Testemu / nhas que estavam presentes que as marcom com / ho dicto frey antonjo de --- padre --- e / ey --- e --- da costa e outros muitos he / eu frey bernardo notario a proprio e jurado pela / autorjdade appostolica que a todo frey presente e / tambem asiney com as ditas

testemunhas de meu / synal faso aos vjnte de janeiro de mjll / e quinhentos e corenta e sete anos .//

frey antonio

--- ---

--- de frey antonjo / da --- em eleyto / por abbade dermello
[1] riscado

--- --- y biij djas do mes de março de 550 --- / tenho ao frej antonjo de --- abbade desse mosteiro de feães --- / --- deste djcto mosteiro com --- da do mosteiro do mosteiro / dermello --- mjm nos --- --- --- --- per --- / e majs que Recebeo do casal de Vilarjnho que he deste mosteiro que tras o senhor duque / de --- Recebeo o dito frey antonio de --- --- deste casal bij --- / e de duarte de campo morador em viana do casal de tras deste mosteiro Recebeo o djto bj --- / E de goncalo de monteiro em ssalvaterra de que traz deste mosteiro Recebeo --- / E de manoel Vaasquez morador em valença de mjnho Recebeo o dito --- / --- --- --- per mandando de dous do senhor --- tomar a --- duas as que --- --- /

ermelo

Arq. Nac. Torre do Tombo, *Fundo de Santa Maria de Fiães, Maço 5, caixa 14*

Doc. Nº32

[1550- 1581][9] - Braga

Censuais de D.Frei Baltazar Limpo- Situação canónica dos benefícios eclesiásticos da Comarca de Valença do Minho.

"Terra de Valdevez annexas im perpetuum"
"It. Arcos, São Pedro de Valdevez. Diz o livro sumario, ao moesteiro de Sancta Maria d' Ermello da Ordem de Cister. E no registo amtiguo se diz que lhe foy annexada a metade com cura, e a outra ametade sem cura se colige do dito registo ser de padroeiros, posto que em algua parte se confunde. E no registo das confirmações do Arcebispo Dom Dioguo, hás fol. 56 foy confirmada a capelania de São Pedro d' Arcos hà presentaçao do comendatário de Sancta Maria d' Ermello con sua annexa São Pedro de Arcos. E no mesmo livro estão muitas doações que leigos dizendo ser padroeiros fizerão ao visconde do padroado desta igreja. E forão confirmadas pelo Arcebispo Dom Dioguo de Sousa. E no livro das mostras dos titullos do Cardeal Inffante na fol. 290, se diz que foy unida em vida a igreja de São Pedro d' Arcos, aliás São Salvador ao mosteiro d' Ermello. E diz o livro do uigario que esta agora se chama por outro nome Nossa Senhora do Valle e que hé d'apresentação de padroeiros a metade sem cura e que a outra a metade com cura dizem ser d'apresemtação do moesteiro d' Ermello e de São João d' Arga".

[9] Segundo o Padre Avelino Jesus da Costa (1981) a cópia dos Censuais de Frei Baltazar Limpo utilizada por ele para transcrição destes documentos tem acrescentos do tempo de D. Frei Bartolomeu dos Mártires (1559- 1581), embora o Censual original tenha sido organizado em 1551. Assim, 1580 é indicada por ele como a data possível da sua redacção.

Arq. Dist. de Braga, Registo Geral, Livro nº 335, (*Censuais de D. Frei Baltazar Limpo)* fl. 124 e 154v.
Publ.: COSTA, Avelino Jesus da, *A Comarca Eclesiástica de Valença do Minho (Antecedentes da diocese de Viana do Castelo)*, I Colóquio Galaico- Minhoto, I, Ponte de Lima, Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1981A, I, doc. 14, pp. 207 e 235.

Doc. Nº33

[1550- 1581][10] - Braga
Censuais de D.Frei Baltazar Limpo- Situação canónica dos benefícios eclesiásticos da Comarca de Valença do Minho.

"Terra de Valdevez, da apresemtação de padroeiro"
"It. Ermello, Samcta Maria moesteiro da Ordem de Cister, del Rey."

Arq. Dist. de Braga, Registo Geral, Livro nº 335*, (Censuais de D. Frei Baltazar Limpo),* fls. 155 e 157v.
Publ.: COSTA, Avelino Jesus da, *A Comarca Eclesiástica de Valença do Minho (Antecedentes da diocese de Viana do Castelo)*, I Colóquio Galaico- Minhoto, I, Ponte de Lima, Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1981A, I, doc. 14, pp. 235 e 238.

Doc. Nº34

1619, 17 de Janeiro, Braga

Certidão executada a pedido do Abade do Mosteiro de Fiães que pretendia saber a quem cabia as apresentações das igrejas que lhe pertenciam.

Aos que a presente Certidão dada por / mando da hauthoridade de Justissa / Com o theor E treslado de serto Registo / do Cartorio desta Santa See de braga / virem certefiquo E dou fee eu feli / ciano de carvalho barreto escrivão da / Camara da Comarca e administração / de Vallença nesta Corte de braga pellos Reverendo Senhores do cabido della primas das hes / panhas he de Valante E --- que por parte / do padre dom Abbade e Convento do mos / teiro de santa Maria de feães foi feita / huma petição ao Reverendo Senhor doutor porvisor / desta Corte disendo nella que a elles lhes / era necessario do cartório desta Santa / See tirar huma Certidão em modo que / fizese fee das apresentações das Igrejas / que pertencião ao dito seu mosteiro / pello que lhe pedião lha mandasse / passar e Receberião mercê Com tudo / asi E tão largamente era Comtheudo / na dita peticão a qual vista pello dito / Reverendo Senhor doutor porvisor mandou por seu / despacho que na dita peticão fes que / os Reverendos Coneguos deputados de cem copia / delle ao escrivão da Camara E lhe pa / sasse Certidão do que Constasse por / bem do quall despacho hem comprimento / delle eu escrivão fui ao dito cartorio / Com os ditos Reverendos Ceneguos deputados delle o qual / esta a bom Recado no thesouro desta Santa / See E se abriu huma Arqua grande de / tres fechaduras de que cada Coneguo / deputado tem huma chave de diferentes / guardas E de dentro della eu escrivão / tirei hum livro e Caderno de pasta / vermelha que se Intitulla livro summario / das Constituições dos benefficios deste / Arcebispado que fez o Arcebispo dom bal / thasar limpe E as folhas cento e sincoenta / e sete na volta delle esta

[10] Igual à nota 9.

o Registo / Seguinte // Hem hermello Santa Maria / Mosteiro da ordem de Cister; del Rei // . Como tudo asi Consta do dito livro que / esta no dito Cartorio que teslladei por / minha mão bem e fielmente Sem Cousa / que duvida faca o que em e por tudo / me Reporto Esta Certidão E Registo Com / certei com o dito profio e com o notario / Comiguo ao diante asinado e por ver / a passei e asinei de meu sinal Mo Rogue / tal hee oje dezesete dias do mês de / Janeiro de mil he seis Centos E desanove / annos /

porque desta E busca
respeito bcxiii ---

Concertada comigo notario
Guaspar ---

Torre do Tombo: *Fundo de Santa Maria de Fiães, Maço 5, caixa 14*

Doc. Nº35

1619, 2 de Fevereiro

Lembrança de títulos de correspondência entre o Mosteiro de Ermelo e o Mosteiro de Fiães.

Lembrança das escritu-/-ras e papeis que se man-/-darão ao ……Abbade/ de Fiães por Leonardo / …….ao direito (?) que tem / aquelle mosteiro na Abba-/-dia d'Armello.
(……..)

Nº1- Carta do Cardeal Infante pera o Abbade de Fiães sobre a / confirmação de frey António de Coz (?) eleito em Abbade de / Armello.
Nº2- Translado(?) de há breve que o Padre frey Pedro Abbade de / Armello ouve sobre se lhe havese e restituir diversas / cousas usurpadas.
Nº3- Translado da sentença por que o padre frey António de Cós (?) foi / restituído a Igreja de Armello.
Nº4-Conhecimento de como Dom João de Mello Abbade de / Alcobaça recebeo certa (?) quantidade de dinheiro do / Abbade de Armello de contribuições que lhe foram lançadas.
Nº5-Lembranças que faz o padre frey António de Coz (?) em como o / mosteiro de Armello he da Congregação de Cister, e / pois elle estado dado em Abbade deve ser conservado / na tal posse.
Nº6-Comissão dos……pera o Abbade de Fiães pera que / visite o mosteiro d' Armello pella qual consta ser o dito / mosteiro da filiação e provisão de Fiães.
Nº7-Enstrumento de posse do Mosteiro d'Armello que tomou / o padre frey António de Coz em que consta ser o tal mosteiro / da filiação e provisão do mosteiro de Fiães.
Nº8-Citatoria (?) pera o Abbade d'Armello contra António Gonsalves / entruso na dita Abbadia.
Nº9-Titolo de confirmação do Mosteiro de Armello do …… / pello que se mostra ser da provisão do Mosteiro / de Fiães.
Nº10-Titolo de Santa Maria do Vale.
Nº11-Enformação do Abbade d' Alcobaça da Abbadia de Santa / Maria de Armello que he de filiação e apresentação/ do Abbade do convento de Fiães.

São….estes papeis acima e atrás…….2 de / Fevereiro de 1619. (Cruz) Estevão Gabriel (?) ao qual lhes en-/- treguei (cruz) elle me escreve em sua carta que / em….segura[11].

(assinatura:…….Gabriel….)

Última página: ……Gabriel da ……..procurador Geral da Congregação de / S.Bernardo faço procurador o senhor Estevão Henriques/ em hua causa.

Arq. Nac. Torre do Tombo, *Fundo de Fiães , Maço 5,Caixa 14*

Doc. Nº36

1630, Março, 5

Petição sobre o mosteiro de Ermelo ao Rei D. Sebastião sobre o direito que existia sobre este mosteiro.

Senhor

"Diz o abbade geral da ordem de S.Bernardo que o Papa Pio V/ a petiçam do Senhor Rei Dom Sebastiam instituio de novo hua congregação/ neste reino, de todos os mosteiros da dita Ordem que antes estavam sogeitos/ ao abbade do mosteiro de Cyster em França, com declaraçam que os ab-/-bades dos ditos mosteiros se elegessem de três em três annos em capitulo geral/ E nessa conformidade foram reduzidos a dita congregaçam todos os mos-/--teiros da dita Ordem excepto o mosteiro de Hermelo ora/ esta vago por fallecimento de António da …… que Vossa Magestade nelle/ apresentou no anno de 1608 a que a religiam não accudio/ por não ser sabedor disso devendo o dito mosteiro nesse tempo de ser/ reduzido a dita congregaçam conforme os breves apostólicos do/ dito Papa Pio v e Gregorio xiiy. Alem do que ha outra/ resam e he que o dito mosteiro de Hermelo he da filiaçam do/ mosteiro de fiaens da dita Ordem; E sempre o dito mosteiro de fiaens/ apresentou nelle abbade regular, de que foi derradeiro abade frei/ António de Cós que tomou posse no anno de 1546 por/ ordem do Infante Cardeal dom Henrique abbade que era perpetuo/ do mosteiro de Alcobaça. E redussindosse o dito mosteiro de fiaens a/ dita congregaçam como houvesse entre Vossa Magestade E a Ordem/ duvidas sobre ele se fez hua tresançam em que a Ordem/se obrigou a pagar a capella de Vossa Magestade quarenta/ mil…. Cada ano como em effeito paga E Vossa Magestade demithio/ na Ordem todo o direito que no dito mosteiro tinha E assi he/ visto demittio tambem o direito que tinha no dito mosteiro de/ Hermello que he filiaçam E annexa do dito mosteiro de fiaens. E/ assi per todas as mais compete a dito mosteiro a dita ordem em/ especial por ser regular, E não poder andar em pessoas se-/-culares pelo que,

Pede a Vossa Magestade havendo respeito ao que dito/ he,

[11] Nota do documento: Nam se sabe seja/ esse eo todos os papeis / de que aqui se faz menção fora/ os que tam neste masso.

haia por bem declarar que o provimento do dito/ mosteiro pertence a dita Ordem. E se a Vossa Magestade/ parecer conveniente para desfazer duvidas acres-/-centar a pensam que o dito mosteiro de fiaens paga/ a capella estam presentes para a aceitar com beneplácito de Sua Sanctidade Receberam-m-"

……vista o procurador das Capellas/
E responda em cinco Março do/
Anno 1630
…../ HSalazar

Arq. Nac. Torre do Tombo, *Fundo de Santa Maria de Fiães, Maço 5, caixa 14.*

Doc. Nº37

1630, Novembro, 14

"Senhor
A coroa está em posse de appresentar neste/ mosteiro como assim presente(?) confessa, se preten-/-de ter algum direito na apresentaçam del-/-le deve saver(?) promisas(?) para estar o pro-/-curador da coroa a que defensam desta/ casa ssa pertence: E se por via da graça de/ merçe pertender A appresentaçam de que…-/-requerer pella secretaria das Mer-/-ces por onde Vossa Magestade lhe mandava deffe-/-rir como for servido. Lisboa, 13 de Novembro de 1630.
(assinatura)
……..

Arq. Nac. Torre do Tombo, *Fundo de Santa Maria de Fiães, Maço 5, caixa 14.*

Doc. Nº38

1630, Agosto, 10
Certidão do Escrivão da Câmara de Valença para que conste que a Abadia de Ermelo é de Padroado Real.

Certifiquo eu feliciano de carvalho / barreto escrivão da Camara da Comarca / E admenistração de Vallenca nesta corte / de braga pello Illustrussimo Arcebispo primas / Elle que eu tenho eu meu poder dous / feitos de Causa benefficial sobre o mosteiro / de hermello E sua Enneixa nossa Senhora / do valle da Comarca de Vallenca dos quais / autos Consta el Rei dom Sebastião apresen / tar per Abbade do dito mosteiro E enneixa / ao Cabido João de mendossa no anno de mil he / quinhento he setente he seis E dizer / na dita appresentassão que era de seu pa / droado In Solidum E o dito João de Mendossa / a dita apresentassão del Rei // . E dos outros / autos Consta que per falecimento do dito / João de mendossa el Rei dom felipe apre / sentar per Abbade do dito mosteiro E enneixa / a Antonio da brunhosa no anno de mil he / Seiscentos E oito E dis na dita apresenta / ssão por ser do padroado Real in Solidum / Como tudo asi mais largamente Consta / dos ditos autos E apresentações que ficão / em meu poder a que me Reporto e por me / ser pedida esta Certidão a dei na verdade / oje dez dias do mês dagosto de mil he seiscentos / E trinta annos /

Feliciano de carvalho barreto /
porque desta E buscas /
Trazentos ---

*Certidão do escrivão / da Cemera de Vallenca / porque consta ser a Ab / badia de Ermell*o / do padroado Real /

Arq. Nac.Torre do Tombo: *Fundo de Santa Maria de Fiães, Maço 5, caixa 14*

Doc. Nº39

1754, Setembro, 10

Visitação do Dr. Marcelino Pereira Cleto, Abade de S. Miguel de Entre - Ambos os Rios e suas anexas Santiago de Vila Chã e S. Silvestre da Ermida, no qual observa o estado de degradação da igreja e mosteiro e manda fazer obras para evitar a sua ruína.

"…Esta Igreja que em outro tempo foy mosteyro de Religiosos é edificada com muita grandeza, por ser de três naves e toda a sua cantaria, se acha reduzida no estado mais indecentes a que pode chegar qualquer templo dedicado ao culto Divino, porquanto o pavimento está sem ser coberto de pedra ou madeira e o tecto està há muitos annos ameaçando ruína e só há nelle algumas traves e barrotes, grande parte dos quaes apenas sustentam alguma telha, e he mayor o perigo de ruína…" ; " que se proceda às muitas obras reclamadas, ou então se reduza a dita Egrega a menor grandeza, o quanto baste para o povo da dita freguesia…".

"…mande o dito Reverendo Abade fazer nella o que for preciso para se evitar a sua ruína, e ficar com decência sob pena de se proceder a sequestro no que baste para fazer menor a Egrega, ou se se reformar a antiga, como mais útil for à mesma Egrega e ao Reverendo Abade.".

Arq. Dist. de Braga, *Visitas e Devassas de Valença,* Informações da Visita – 2ª Parte Ordinária., 1775. Registo de Ofícios e Títulos, Livro 723.
Publ: BARREIROS, Manuel Aguiar, *Egrejas e Capelas Românicas da Ribeira Lima*, Marques Abreu, Porto, 1926, pps. 75 e 76. [12]

Doc. 40

1758, Abril, 06

"Ermelo
António Esteves, cura actual da egreja de Santa Maria de Ermello, anexa de Sam Pedro do Valle, da comarca de Vallença do Minho, Arcebispado de Braga Primaz das Hespanhas, etcª, certifico em como por virtude de huma ordem do Muito Reverendo Senhor Doutor Dezembargador vigário Geral da dita comarca, que recebi com a carta de interrogatórios a resoeito da terra, serra e rio de ter o seguinte: 1.Hé esta igreja da freguezia de Santa Maria de Ermello, do concelho de Soajo, Província do Minho,

[12] Quando consultamos o referido Livro de Visitas e Devassas deparamo-nos que faltavam o documento de Santa Maria de Ermelo, as folhas tinham sido arrancadas.

comarca de Vallença, Arcebidpado de Braga. 2. Hé do Padroado Real. 3. Tem noventa e sette vezinhos, duzentas e quarenta e huma pessoas. 4. Está situada ao pé do rio Lima, que corre por baixo della pella parte do Norueste e da parte do Poente parte com o monte em hum concabo que senão descobrem povoaçons algumas. 5. Hé do concelho do Soajo, além do lugar da Egreja, tem o lugar de Villarinho do Souto. Tem o conselho mais duas freguesias que são, a de São Martinho de Soajo e a de São Salvador da Gavieira, tem a de Soajo quatrocentos e quarenta e hum vezinhos, mil cento e quarenta pessoas, tem a da Gaviera, noventa e sette vezinhos e duzentas e sassenta e sinco pessoas. 6.Está esta perochial igreja no fundo do mesmo lugar contíguo à igreja e tem o lugar de Villarinho doSouto e não consta de mais a freguezia. 7. O orago desta egreja hé Santa Maria. Tem um altar somente, tem três naves e não tem irmandade alguma. 8. O parocho hé cura anual, aprezentado pelo reverendo abbade de São Pedro do Valle, tem a renda o pé de altar e seis mil réis da constituição. 9. Não tem benefícios alguns. 10. Não tem conventos de religiozos, nem religiozas. 11. Não tem hospital algum. 12. Não tem caza de mizericordia. 13. Tem o lugar de Villarinho huma ermida com a invocação de Nossa Senhora dos Remédios. 14. Está no altar maior da mesma egreaj matriz a imagem de São Bento, que em vinte e hum de Março e onze de Julho, dias em que hé festejado tem romagem. 15. Os frutos que os moradores recolhem para o seu sustento são milhão, centeio e vinho e algum azeite. 16. O juiz do conselho hé ordinário, tem câmara sogueitos ao corregedor da comaracde Vianna. 17.Hé este conselho todo couto por exemçons reais de previlegios que goza que os livra de soldados, guerras, fintas e amis opressons, somente pagam sizas reais e somente obrigados a guardar os portos secos, que são o Pontão e o porto a Bargia e o Salto. 18. Não há memória que daqui sahissem homens de Letras, nem de Armas. 19. Não tem feiras, nem francas, nem captivas. 20. Não tem correio algum, só se valle do da villa da Barca que hé da distancia de duas legoas. 21. Está distante da cidade de Braga, capital deste Arcebispado, seis legoas e da de Lisboa, capital do Reino sassenta e seis. 22. Tem esta terra previlegios antiguos, como acima fica dito no interrogatório decimo settimo. 23. Não tem esta terra lagoa, só se diz que debaixo da mesma igreja na margem do rio Lima está huma fonte coberta das mesmas agoas, que dizem tem visrtude para os gados. 24. Não há nesta terra porto de mar. 25. Não hé murada, nem tem praça de armas. 26. Pela bondade de Deus não padeceu ruína alguma no Terremotu do anno de mil settecentos e sincoenta e sinco. Não há nesta terra couza alguma digna de memória."

"Serra
Chama-se esta Serra do Pião. 2. Tem huma legoa de comprido, que pricipia ao Pelouro de Prado e acaba ao marco de Mezio e terá dous quartos de legoa de largo, que principia no Poullo da Avelheira e acaba nas Bouças do Corssido. 3. Os nomes dos principais barcos della são a lage Negra e o Combo do Vermelho.4. Regatos que nascem desta terra são o ribeiro de Corbação, que principia em Mosqueiros e se recolhe no rio Lima, a ponte de Ermello que em parte devide esta freguezia da de São Martinho de Soajo e o ribeiro da […] que nasce no meio da mesma serra no sítio de Ordonho e se recolhe ao rio Lima nos Moinhos Velhos, assim chamado, sem os haver. 5. Não tem villas próximas assi, só si tem próximos o lugar de Villarinho do Souto, que hé desta freguezia e o lugar de Paredes do Valle e o de São Martinho da Villa de Soaj. 6. Não tem a serra fontes de propriedades. 7. Não tem minas de metaes, nem pedras de quantaria, nem de outros materiaes. 8. Não tem plantas, nem ervas medicinaes, so hé povoada de fragas, ervedeiros e urze. Não se cultiva nella couza alguma. 9. Não tem mosteiros nem egrejas. 10. A qualidade do seu temperamento são pedraços e neves nosmezes de Eiverno e no Estio calor grande. 11. Apastoram-se nella rezes, que são baças, cabras e ovelhas e caça de coelhos, perdizes,

lobos, rapozas e alhusn porcos brabos. 12. Não tem lagoa alguma, só tem hum tojo notável para o caçar lobos. 13. Não acho outra couza nella digna de memoria."

"Rio
1. Chama-se rio Lima por ser o principal e de nome. Nasce no reino de Galiza na Serra chamada da Lima. 2. Hé caudelozo e corre todo o anno. 3. Entram neste rio os regatos acima declarados, o rio dos Arcos de Valdevez, por baixo da villa da Barca. 4. Não hé navegável ente a villa de Ponte de Lima. 5. Hé de curso arrebatado desde baixo do castelos de Lindozo emté a freguezia de S. Jorge, distancia de três legoas. 6. Corre de Nascente ao Sul. 7. Cria peixes que são bogas, escalos e trutas, salmão e lampreas. 8. Há nella pescaria todo o anno. 9. As pesacrias são livres, excepto as de algumas paredes em que se arma naças à ordem de senhorios. 10. Algumas margens delle se coltivam e tem alguns arvoredos sem fruto. 11. Não tem virtude alguma as suas agoas, mais do que para banhos para gente e animaes. 12. Tem este rio e sempres teve e conserva do o seu nome de Lima. 13. Morre no mar por baixo do Castello de Vianna Foz do Lima. 14. Hé parte delle de cachoeira, tem paredes assim de pescaria como de azenhas que lhe embaraçam o ser navegável. 15. Tem duas pontes de quantaria, huma na villa da Barca e outra em Ponte do Lima. 16. Não tem moinhos nem lagares de azeite, só algumas azenhas, como são huma na freguezia de Virtello e outra em Corbeira, fins desta freguuzia. 17. Em nenhum tempo consta que se tirasse ouro ou prata de suas agoas. 18. Em nenhuma parte delle uzam os povos de suas agoas para a coltura dos campos e sem pensão. 19. Desde o castello de Lindozo, sítio em que entra nos lemites deste reino até Viana serão outo legoas. As povoaçons por donde passa as de nome são a villa da Barca e a de Ponte de Lima. 20. Não acho outra couza a respeito delle mais digna de memoria. E feitas assim as deligencias do mesmo modo e maneira que os dos interrogatórios consta além das informaçoins que para tudo comecei, certefico ser tudo verdade que sendo necesario o juro in verbo sacerdotis, estando a esta prezentes que comigo assignaram o reverendo abade de Sam Martinho de Soajo, António Gonçalves Gomes e o reverendo apdre Manoel Rodrigues, seu cura, que comigo assignaram, hoje Santa Maria de Ermelo e Abril 6 de 1758. O cura Antonio Esteves. Cura o padre Manoel Rodrigues. O abbade António Gonçalves Gomes."
IAN/TT, *Memórias Paroquiais*, vol.13, memória 31, pp.249-254.
Publ: CAPELA, José Viriato (2005), *As Freguesias do Concelho dos Arcos de Valdevez nas Memórias Paroquiais de 1758*, "As Freguesias do Distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758. Alto-Minho: Memória, História e Património", Arcos de Valdevez, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, pp.39-40.

Doc. 41

1758, Maio, 7, S. Jorge

"Vale
8.O parocho desta ditta igreja hé o abbade e hé apresentação de El Rei Nosso Senhor, por ser seo Padroado Real. Esta referida igreja foi em outros tempos anexa da de Santa Maria de Ermello, que tendo sido dos padres de Cister e mandada fazer pela Sereníssima Rainha Dona Tereja ou Theresa, esta senão acabou e pelo desemparo em que a declaram aquelles religiozos por ser em citio montuozo veio arruinar-se de sorte que tomando da ditta igreja ou do seu padroado posse os senhores Reis deste Reino a foram conferindo e dando com o titolo de dom abbade a clérigos seculares como ocularmente vi nos estados da mesma igreja por huma carta que nelles se ha escripta ao reverendo cabido de Santa Sé Primaz por hum dos senhores Rei deste reino dando o tratamento de Dom Abbade ao

seu aprezentado e reconhecendo os dittos abbades a impureza dos ares ou rigor do citio de Ermello, vieram a fazer a sua rezidencia na dita anexa São Pedro do Valle ou Arcos, ficando na de Santa Maria de Ermello, aliás São Bento, reduzida a hum curato que anualmente aprezenta pelo São João o ditto abade, ficando desta sorte hoje sendo anexa da de Nossa Senhora, aliás São Pedro do Valle e ambas do Real Padroado. Rende esta igreja com a ditta sua anexa pouco mais de seiscenttos para seteccentos mil réis, desta quantia se extraguiam as quartas nonas partes para a Santa Igreja Patriarchal de Lisboa. 9. Tem hum beneficiado ou beneficio simples, posto nos dízimos desta igreja do Valle somente dos quais precebe meios dízimos e promissas, porém não nos da anexa a Santa Maria de Ermello. Este tal beneficio ou prestimonio hé da aprezentação dos ilustríssimos e excelentíssimos senhores Biscondes de Villa Nova de Cerveira, não se sabe com que titolo o aprezentam, tem sim uma immemoriavel posse, desfrutam hoje o ilustríssimo Nuno da Silva Tellas, do concelho de Sua magestade e do Geral do Santo Officio isto hé ficando livres so settecentos mil réis pouco mais ou menos, ao abbade e à fabrica da Santa Igreja Patriarchal, vindo finalmente a render mais o ditto beneficio simples duzentos e sincoenta mil réis de sorte que todo elle com o da sua anexa a Santa Maria de Ermello poderá passar de novecentos e sincoenta mil réis."

(…)

"Frei Jozé António Leite de Carvalho, professo na sagrada religião de Malta e nelle beneficiado pelo emenentissimo Grão Mestre, comissário do Santo Officio e abbade das parochiais igrejas do Valle e da de Ermello do Real Padroado por Sua Magestade Fedelissima, atesto e certifico…"

IAN/TT, *Memórias Paroquiais*, vol.13, memória 31, pp.249-254.

Publ: Capela, José Viriato (2005), *As Freguesias do Concelho dos Arcos de Valdevez nas Memórias Paroquiais de 1758*, "As Freguesias do Distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758. Alto-Minho: Memória, História e Património", Arcos de Valdevez, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, pp.98-99.

Doc. 42

1760

Dr. Gonçalo Pinto de Carvalho Medeiros, protonotario Apostólico e Comissário do Santo Oficio, abade de Santa Marinha de Gontinhães confirma que as obras de redução já estavam concluídas.

"Acho feita de novo esta Egrega e não com pequena despeza, para que concorreu o Reverendo Abbade do Vale em satisfação e cumprimento dos capítulos de há muitos annos deixados já em vida do seu antecessor e também feita a residência."

Publ.: BARREIROS, Manuel Aguiar, *Egrejas e Capelas Românicas da Ribeira Lima*, Marques Abreu, Porto, 1926, p. 75.

Doc. 43

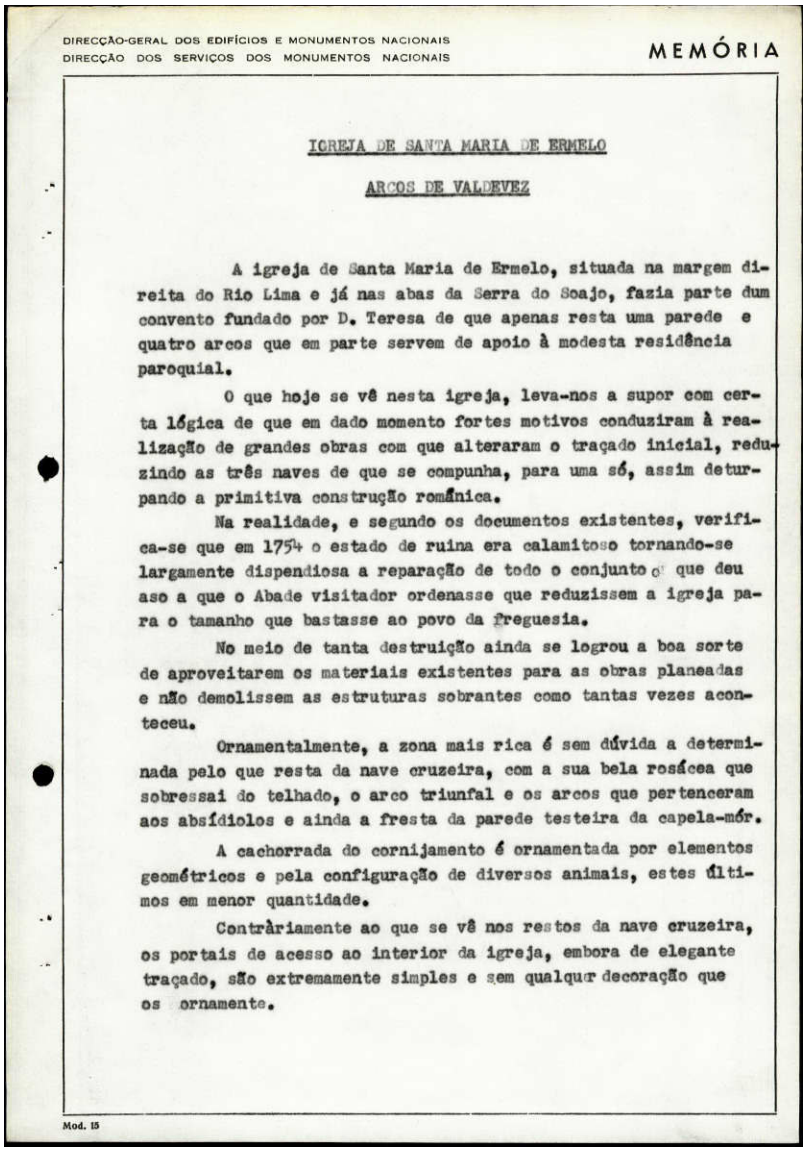
1824

O visitador Padre Isaac da Silveira, pároco de Sampriz, Ponte da Barca, refere que o Mosteiro de Ermelo está abandonado.

"Está parecendo à vista mais hua cabana do que templo sagrado, no que providenciei como estendi. (…) A culpa de tal abandono era do abade de Vale, de que Ermelo era então curato, o qual recebia os dízimos e não tratava do asseio e das reparções do templo".

Publ.: Costa, Avelino Jesus (1981b), "Imagens, templo e mosteiros de S. Bento na Terra de Valdevez", *Terra de Valdevez.* Boletim Cultural da G.E.P.A., Arcos de Valdevez, IIº Semestre, nº3, p.38

Doc. 44



DIRECÇÃO-GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DOS MONUMENTOS NACIONAIS

MEMÓRIA

IGREJA DE SANTA MARIA DE ERMELO

ARCOS DE VALDEVEZ

A igreja de Santa Maria de Ermelo, situada na margem direita do Rio Lima e já nas abas da Serra do Soajo, fazia parte dum convento fundado por D. Teresa de que apenas resta uma parede e quatro arcos que em parte servem de apoio à modesta residência paroquial.

O que hoje se vê nesta igreja, leva-nos a supor com certa lógica de que em dado momento fortes motivos conduziram à realização de grandes obras com que alteraram o traçado inicial, reduzindo as três naves de que se compunha, para uma só, assim deturpando a primitiva construção românica.

Na realidade, e segundo os documentos existentes, verifica-se que em 1754 o estado de ruina era calamitoso tornando-se largamente dispendiosa a reparação de todo o conjunto o que deu aso a que o Abade visitador ordenasse que reduzissem a igreja para o tamanho que bastasse ao povo da freguesia.

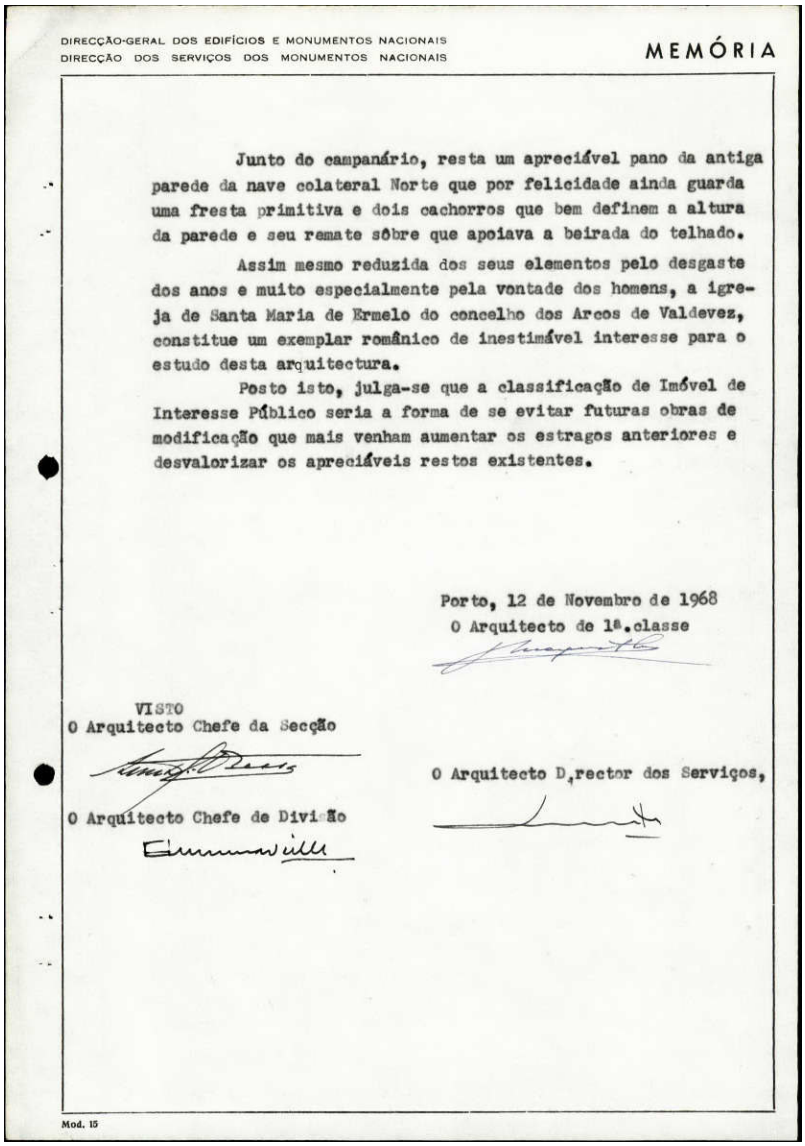
No meio de tanta destruição ainda se logrou a boa sorte de aproveitarem os materiais existentes para as obras planeadas e não demolissem as estruturas sobrantes como tantas vezes aconteceu.

Ornamentalmente, a zona mais rica é sem dúvida a determinada pelo que resta da nave cruzeira, com a sua bela rosácea que sobressai do telhado, o arco triunfal e os arcos que pertenceram aos absídiolos e ainda a fresta da parede testeira da capela-mór.

A cachorrada do cornijamento é ornamentada por elementos geométricos e pela configuração de diversos animais, estes últimos em menor quantidade.

Contràriamente ao que se vê nos restos da nave cruzeira, os portais de acesso ao interior da igreja, embora de elegante traçado, são extremamente simples e sem qualquer decoração que os ornamente.

Mod. 15



DIRECÇÃO-GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DOS MONUMENTOS NACIONAIS

MEMÓRIA

Junto do campanário, resta um apreciável pano da antiga parede da nave colateral Norte que por felicidade ainda guarda uma fresta primitiva e dois cachorros que bem definem a altura da parede e seu remate sôbre que apoiava a beirada do telhado.

Assim mesmo reduzida dos seus elementos pelo desgaste dos anos e muito especialmente pela vontade dos homens, a igreja de Santa Maria de Ermelo do concelho dos Arcos de Valdevez, constitue um exemplar românico de inestimável interesse para o estudo desta arquitectura.

Posto isto, julga-se que a classificação de Imóvel de Interesse Público seria a forma de se evitar futuras obras de modificação que mais venham aumentar os estragos anteriores e desvalorizar os apreciáveis restos existentes.

Porto, 12 de Novembro de 1968
O Arquitecto de 1ª.classe

VISTO
O Arquitecto Chefe da Secção

O Arquitecto Chefe de Divisão

O Arquitecto Director dos Serviços,

Mod. 15

Extraído de http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B2.aspx?CoHa=2_B1 (documentos digitalizados pela DGEMN sobre o Mosteiro de Ermelo)

Doc. 45

[…]

"Frei Gonçallo de Amarante dahi natural monge de Hermello escreveo hum livro em pergaminho que conthem Divus Bernardus de Laudibus Virginis Mariae. Hugo a Sancto Victore- Expositio Regulae Sancti Augustini. Basilius Capadociae episcopus- Doctrina ad Monachos. Vita Sancti Rudencindi Episcopi."

Publ.: MARQUES, José, *Desconhecidas instituições culturais portuguesas. Alguns scrioptoria cistercienses,* Braga, 1986, p.18.

Doc. 46

[…]

"Frei Nicomede de Barcelos dahi natural monge de Hermello escreveo hum volume em pergaminho em que se conthem o seguinte Hugi de meditatione. Sermo Fausti episcopi et monachi. Sententiae de Opusculis S. Hieronymi: de virtude orandi. Vita Sanctae Eufrosinae."

Publ.: MARQUES, José, *Desconhecidas instituições culturais portuguesas. Alguns scrioptoria cistercienses,* Braga, 1986, p.19.

ANEXO GRÁFICO

ANEXO GRÁFICO



Fig.1-Mapa de Portugal com indicação da Bacia do Rio Lima (extraído de *Atlas de Portugal,* 1988, p.53)

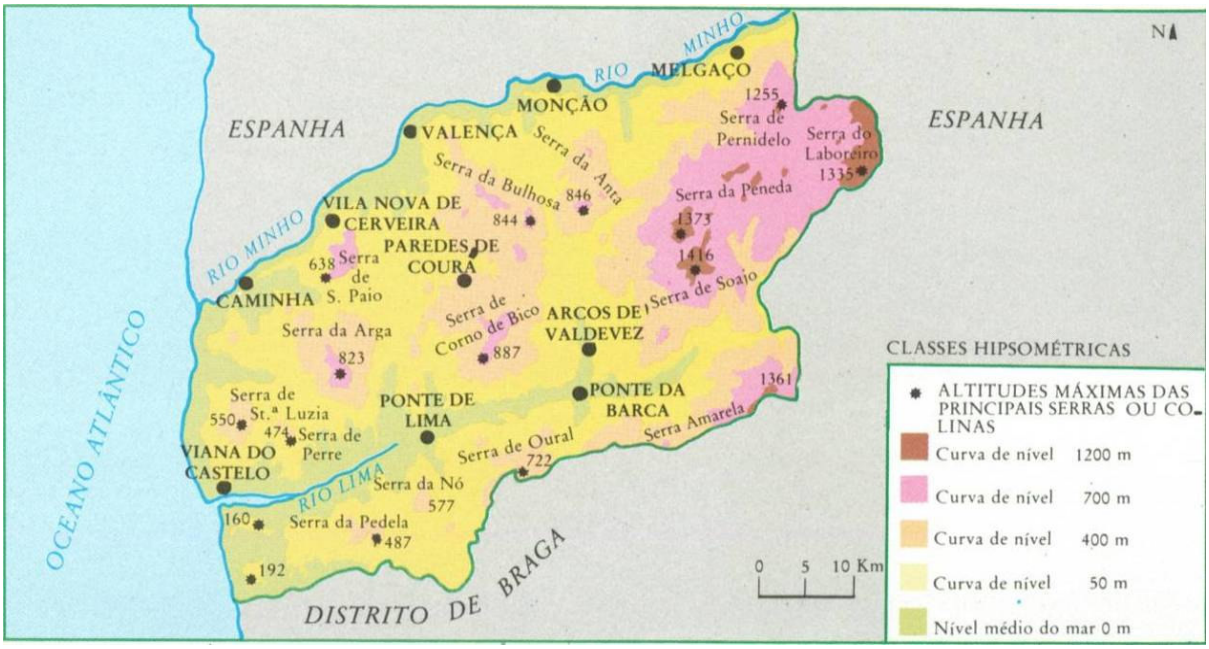


Fig. 2- Carta Hipsométrica do Alto-Minho (extraído de Almeida, 1987b)

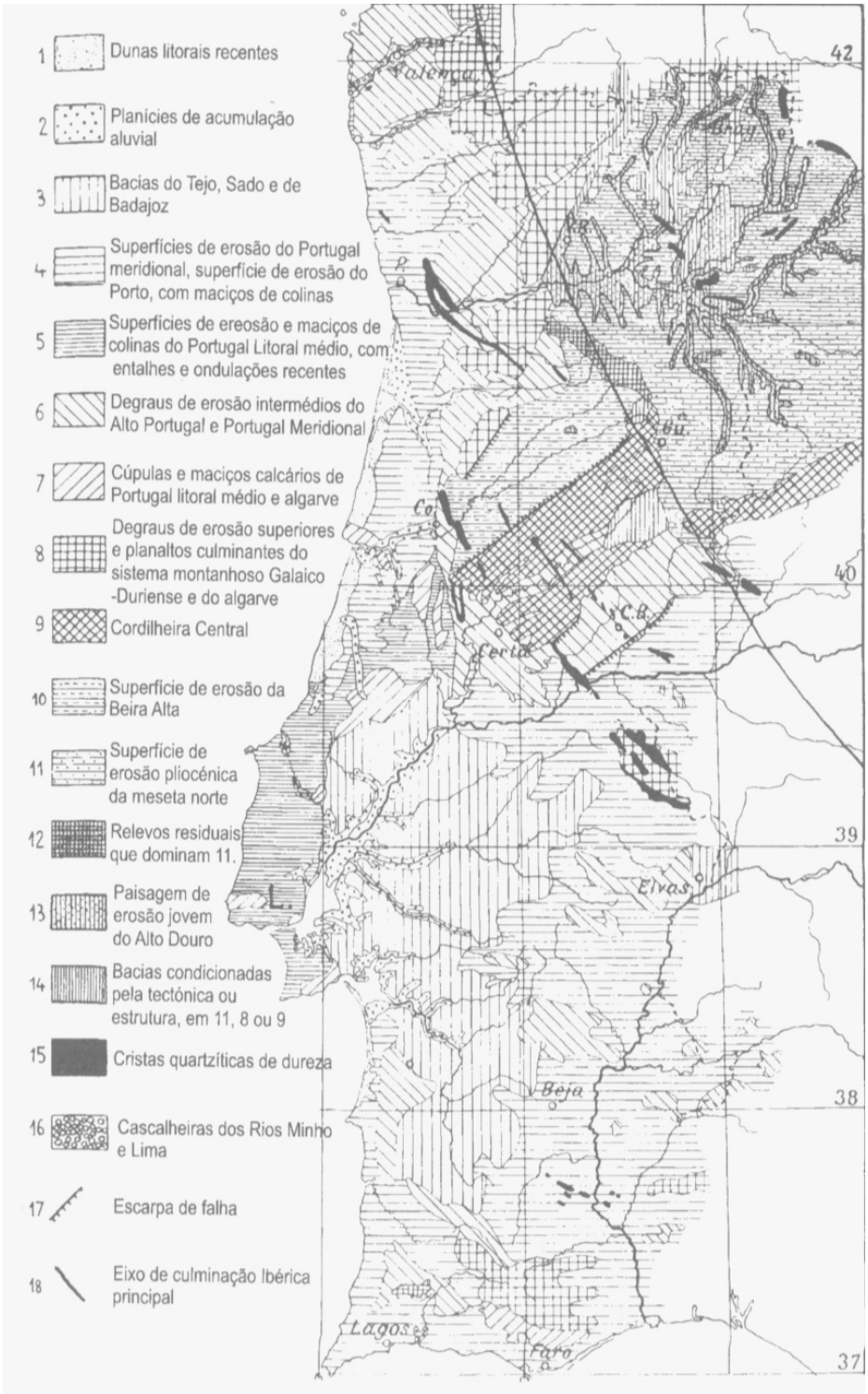


Fig. 3- Mapa morfológico de Portugal de Herman Lautensach, 1932 (extraído de Brás 2009,p. 61)

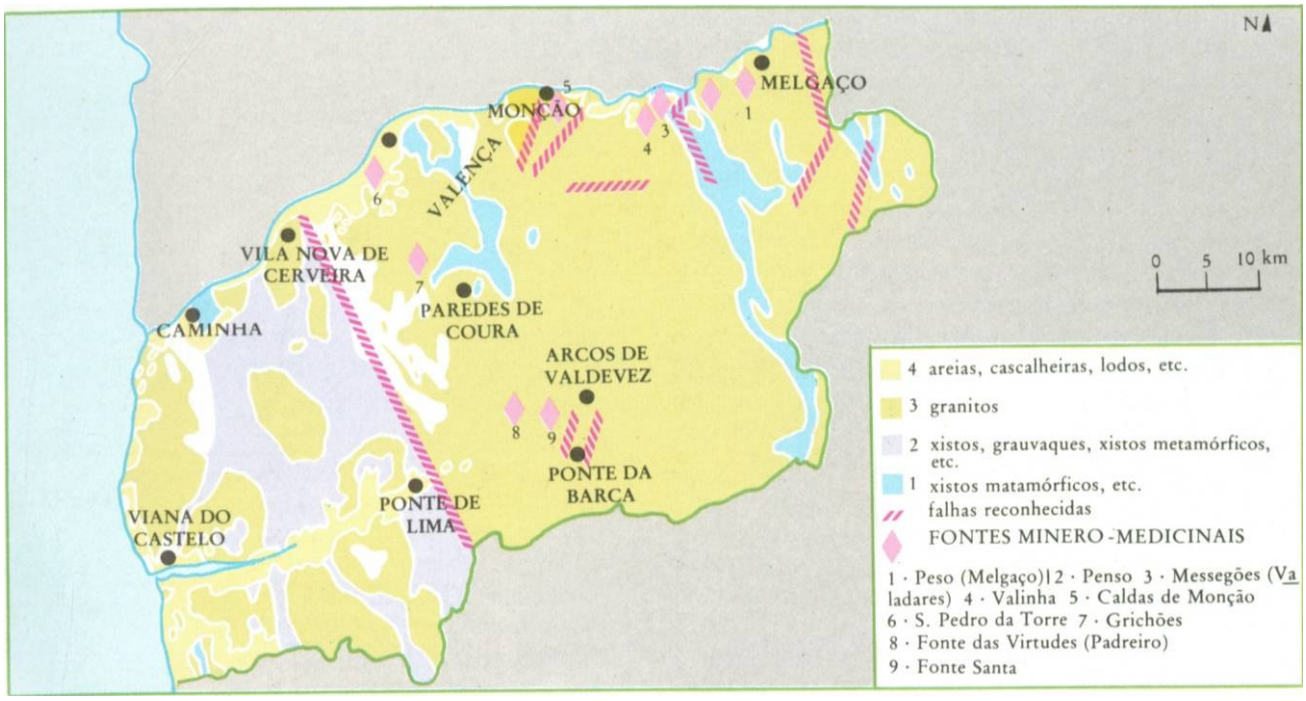


Fig. 4- Mapa Geológico do Alto-Minho (extraído de Almeida 1987b, p.17)

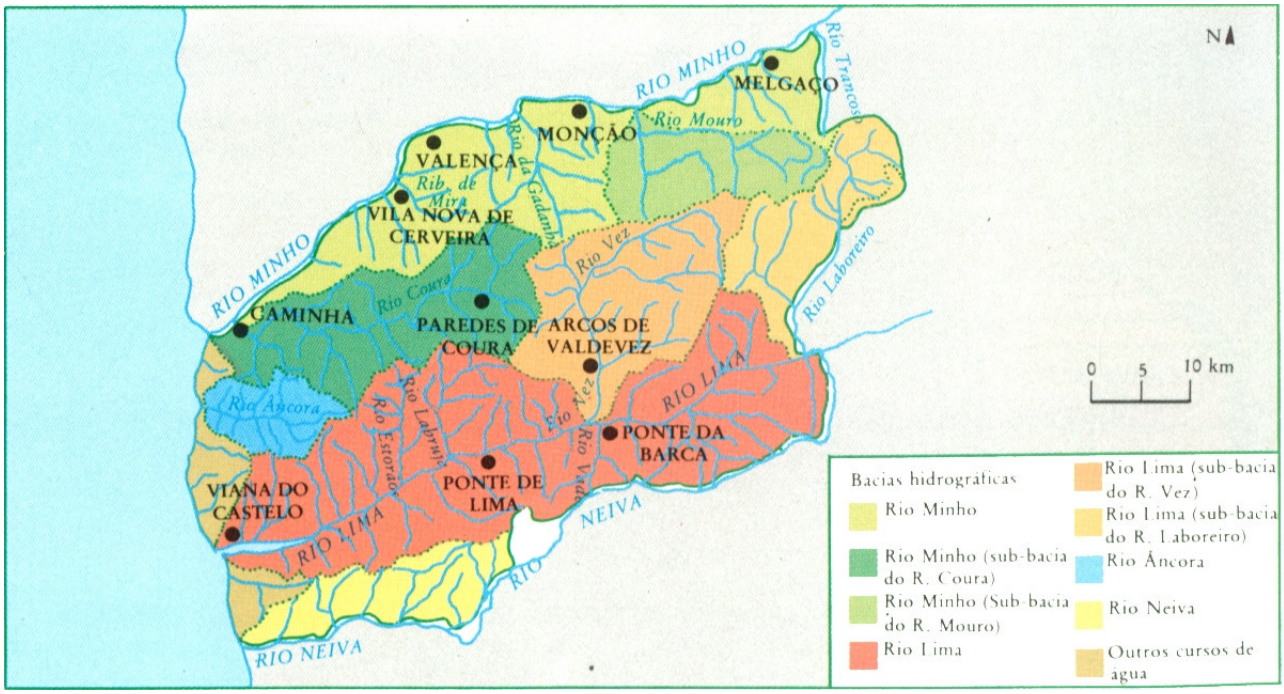


Fig.5- Bacias Hidrográficas do Alto-Minho (extraído de Almeida 1987b,p. 13)

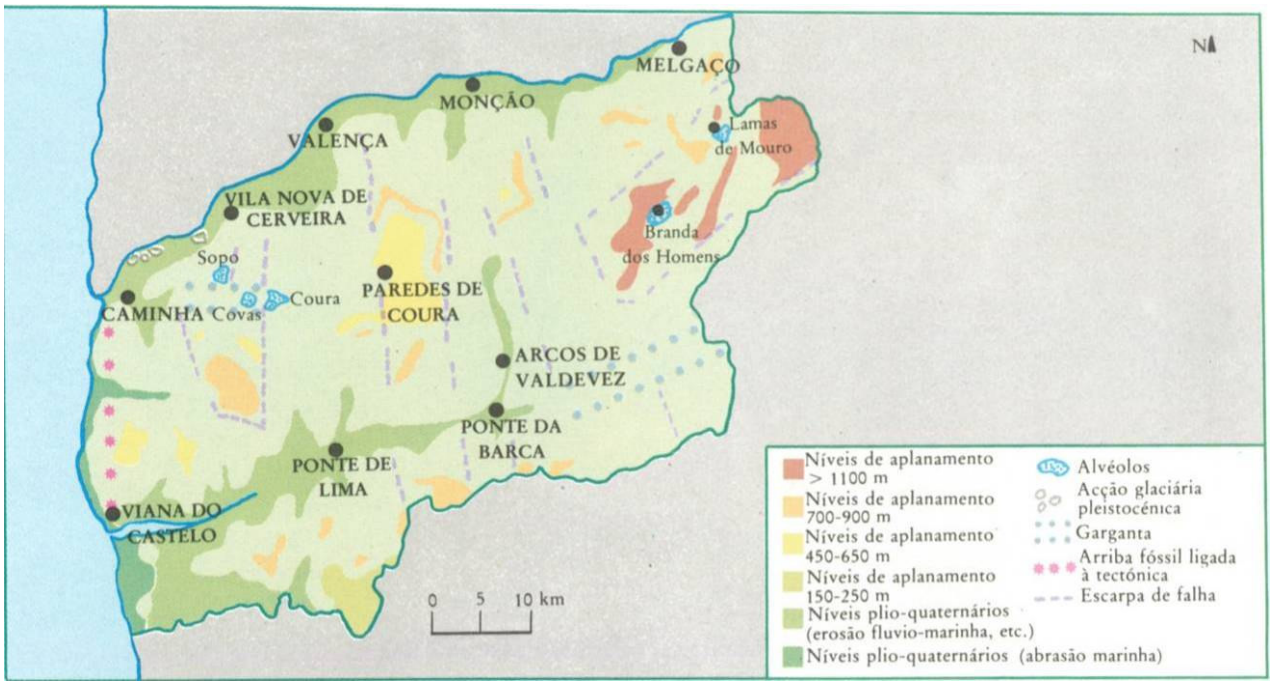


Fig. 6- Esboço geomorfológico do Alto-Minho (extraído de Almeida 1987b, p.18)

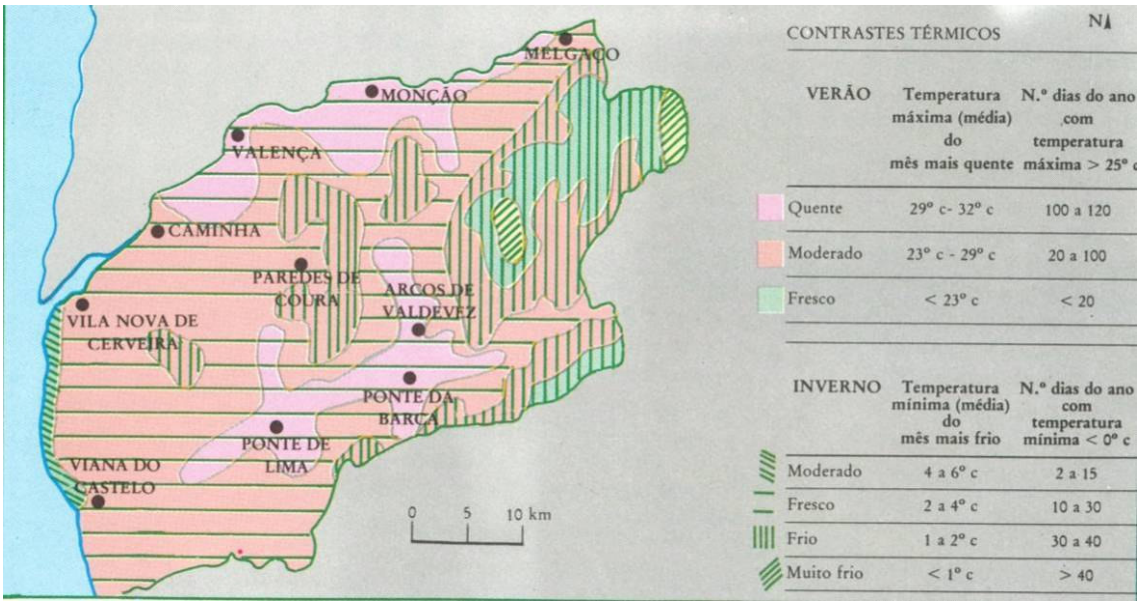


Fig. 7- Contrastes Térmicos no Alto-Minho (extraído de Almeida 1987b, p.14)

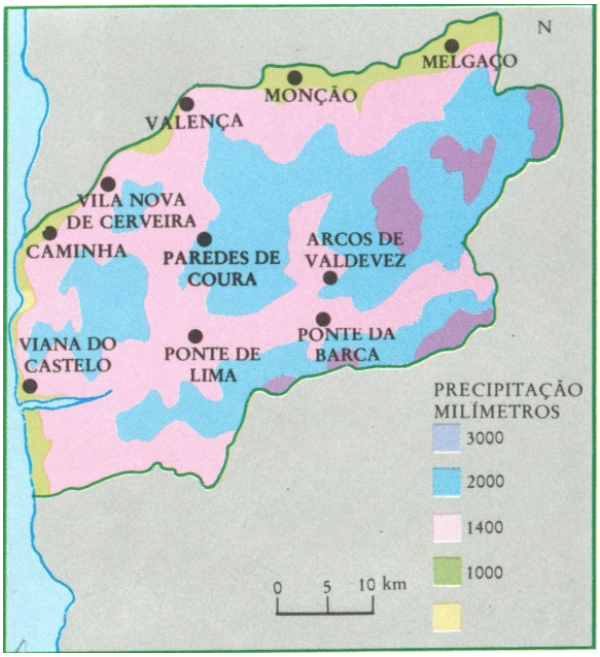


Fig. 8- Precipitação anual no Alto-Minho (extraído de Almeida 1987 b,p.15)

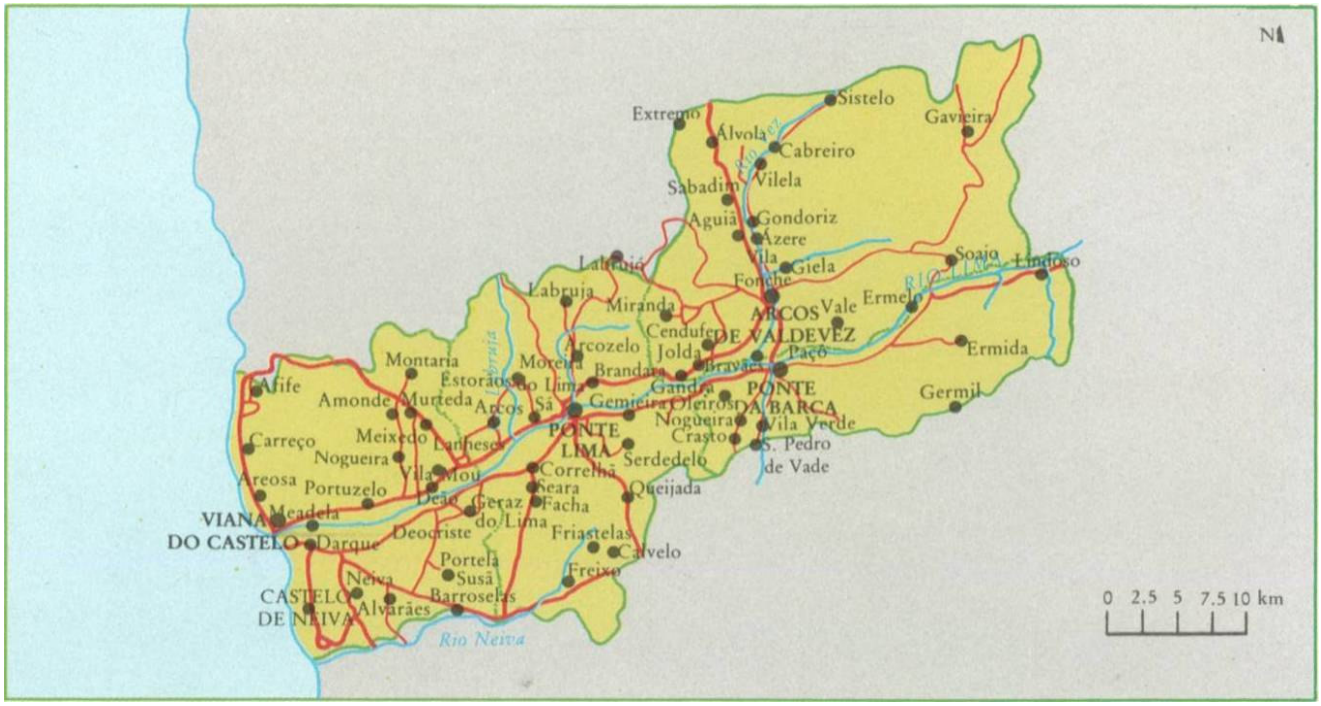
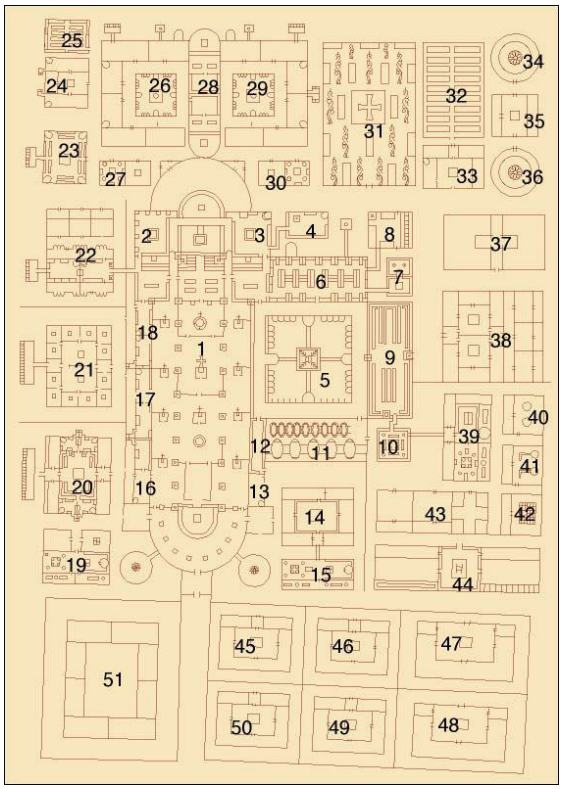


Fig. 9- Bacia do Rio Lima do lado português (extraído de Almeida 1987b, p.68)



1Igreja abacial
2 Sala de trabalho (biblioteca por cima)
3 Sacristia (duas plantas)
4 Sala óleos e hóstias
5 Claustro
6 Calefactório (dormitório por cima)
7 Banho
8 Latrinas
9 Refeitório (sala por cima)
10 Cozinha
11 Adega (despensa por cima)
12 Locutório
13 Administração
14 Residência de peregrinos
15 Cervejeira dos peregrinos
16 Portaria
17 Residência do abade
18 Residência monges de passagem
19 Cervejeira dos visitantes
20 Residência dos visitantes
21 Escola exterior
22 Abadia
23 Sala de sangrias
24 Consultório médico
25 Jardim plantas medicinais
26 Hospital
27 Cozinha, banho do hospital e da sala de sangrias
28 Capela dupla para hospital e noviços
29 Noviciado
30 Cozinha e banho dos noviços
31 Cemitério e jardim
32 Horta
33 Casa do jardineiro
34 Galinheiro dos gansos
35 Casa do guarda
36 Galinheiro
37 Silo
38 Oficinas
39 Cervejeira dos monges
40 Moinho
41 Moagem
42 Forno
43 Sala de grão
44 Corte de bois e cavalos
45 Curral de ovelhas
46 Curral de cabras
47 Vacaria
48 Sementeiras
49 Pocilgas
50 Alojamento dos criados
51 Alojamento dos companheiros de viajem dos senhores

Fig. 10- Planta de Saint Gall, extraído de http://www.udc.es/dep/rta/WebRyTA/Mosteiros/html-g/primera-g.html#4)

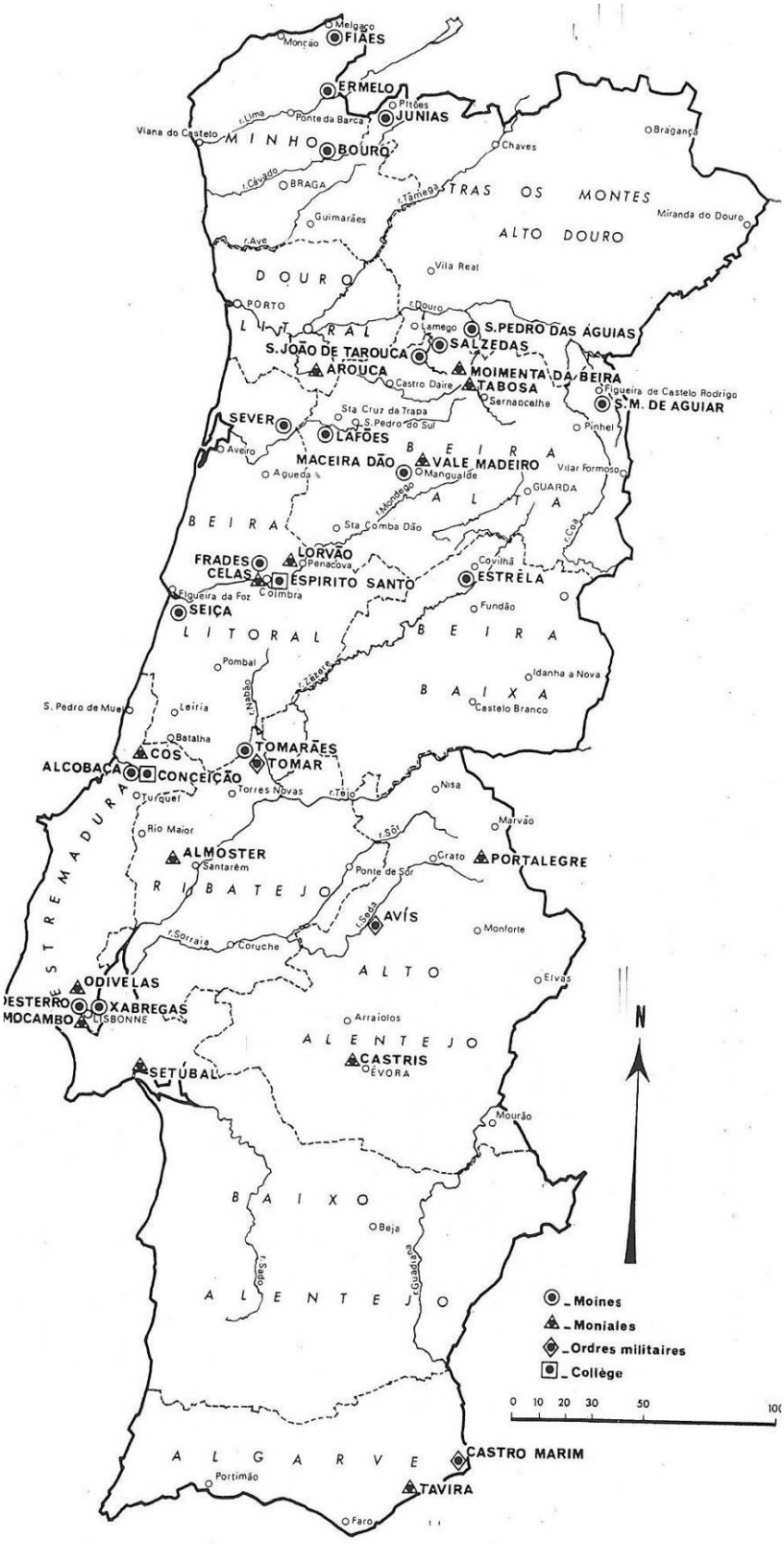


Fig. 11. Mapa dos Mosteiros Cistercienses em Portugal (extraído de *Routier des Abbayes Cisterciennes au Portugal,* de Dom Maur de Cocheril, 1986*)*



Fig. 12- Igreja do Mosteiro de Fontenai (Extraído de http/www.tripadvisor.com.br/ L_Abbaye_de_Fontenay-Burgundy.html)



Fig. 13- Pormenor da simplicidade dos capiteis do claustro de Fontenai (Extraído de http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro: Fontenay23.jpg)

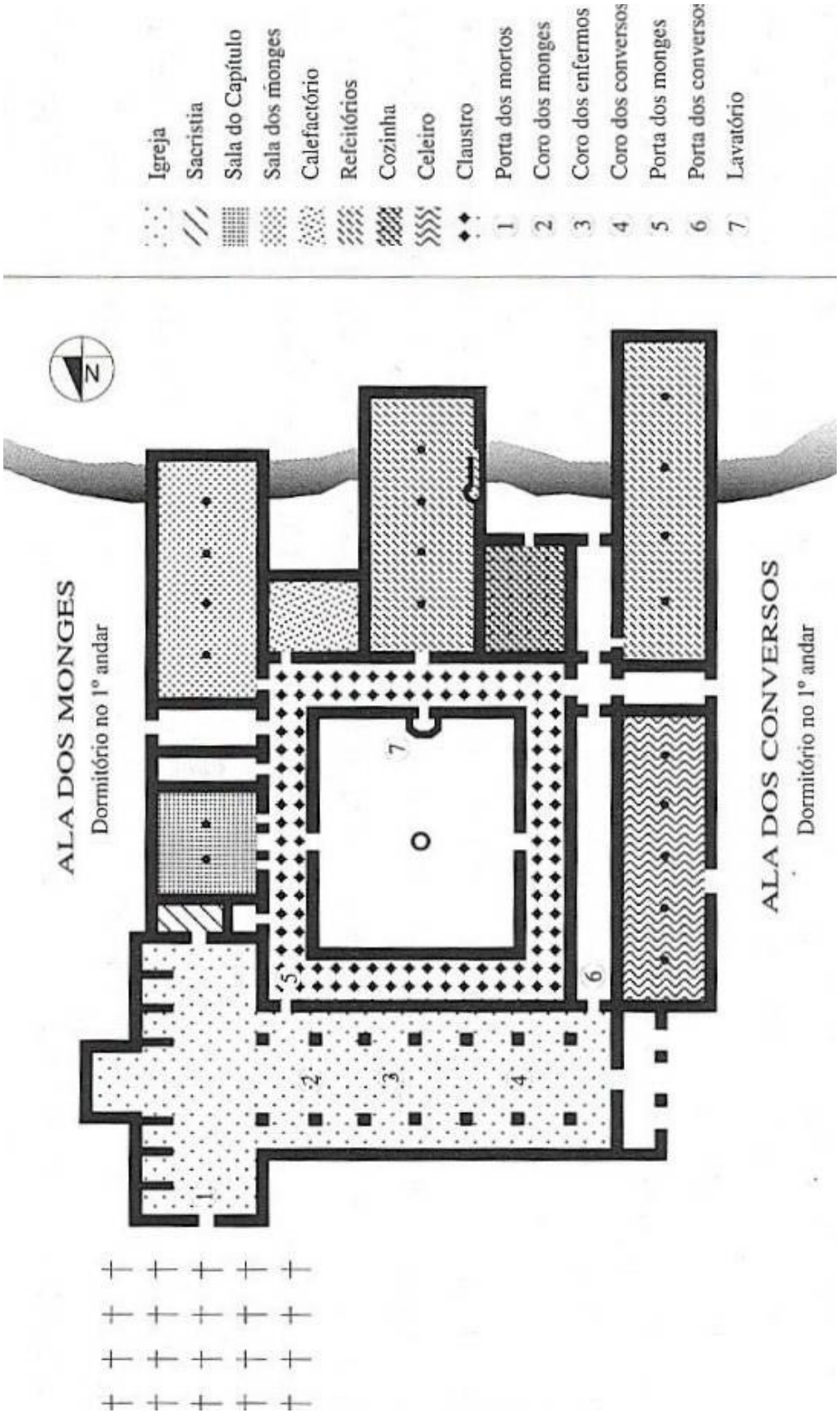


Fig. 14- Planta Tipo de Abadia Cisterciense (Desenho extraído de Teixeira, 1999, p. 216)

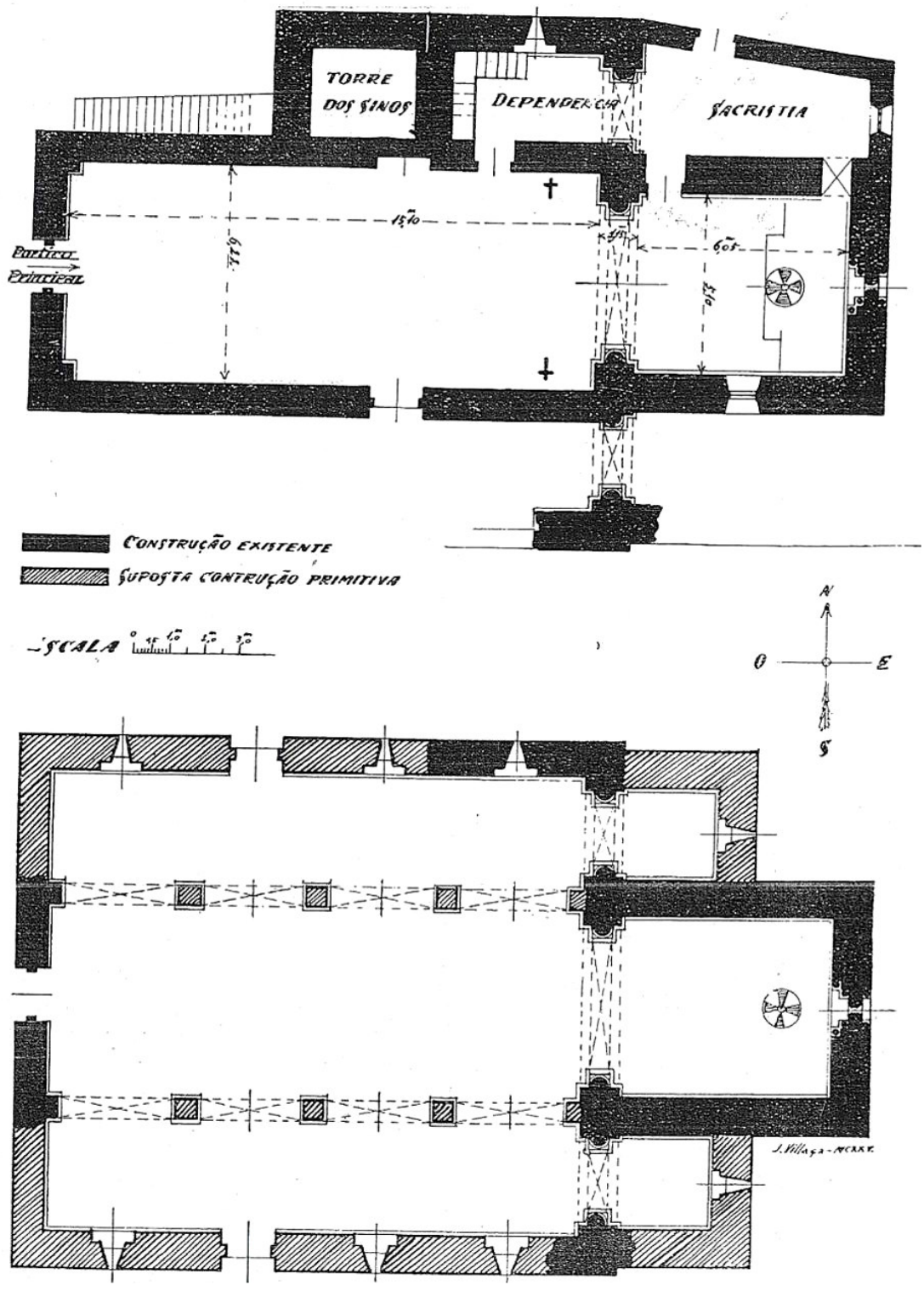


Fig.15. Planta da Actual Igreja e proposta de uma planta da Igreja Medieval (extraído de Barreiros 1926, p.74)

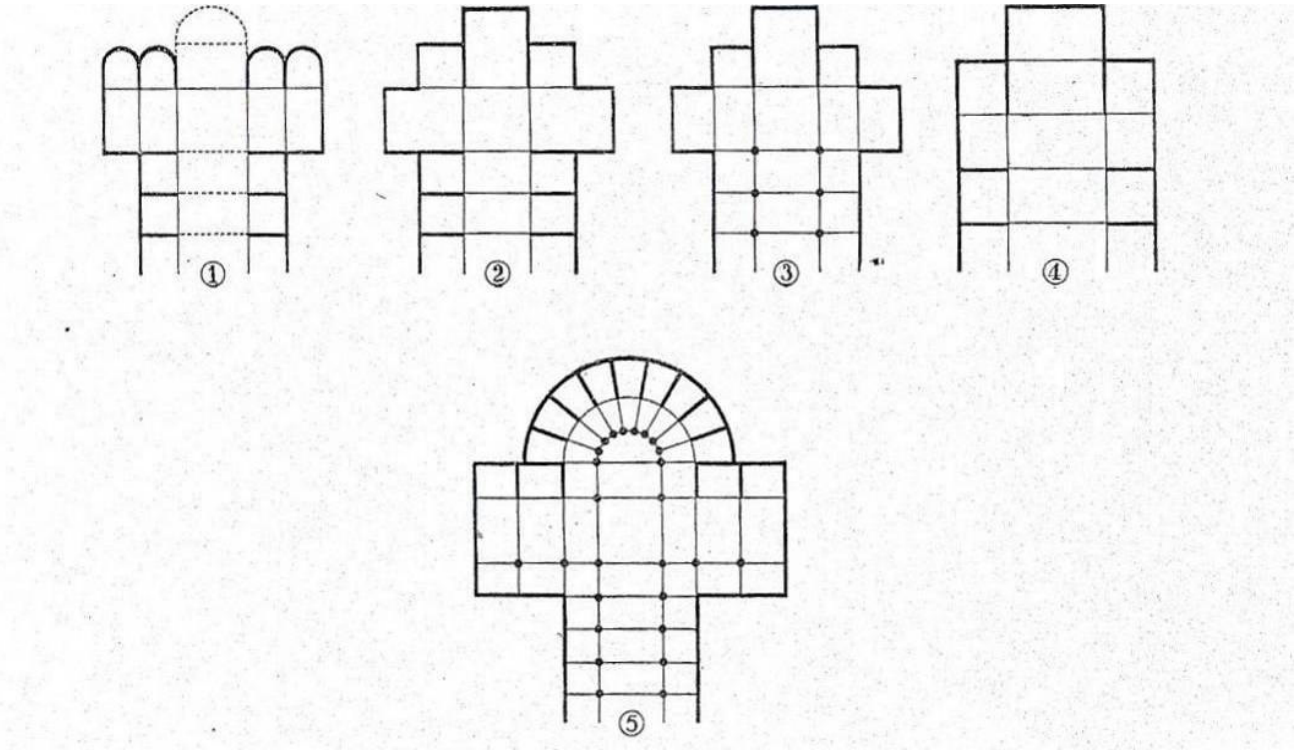


Fig. 16- Plantas de cabeceiras de Igrejas Cistercienses: 1- Stª Mª de Salzedas, 2- Sº João de Tarouca, 3- Stª Mª de Aguiar, 4- St.ª Mª de Fiães, 5- Stª Mª de Alcobaça (seg. Gusmão 1956, p. 335)

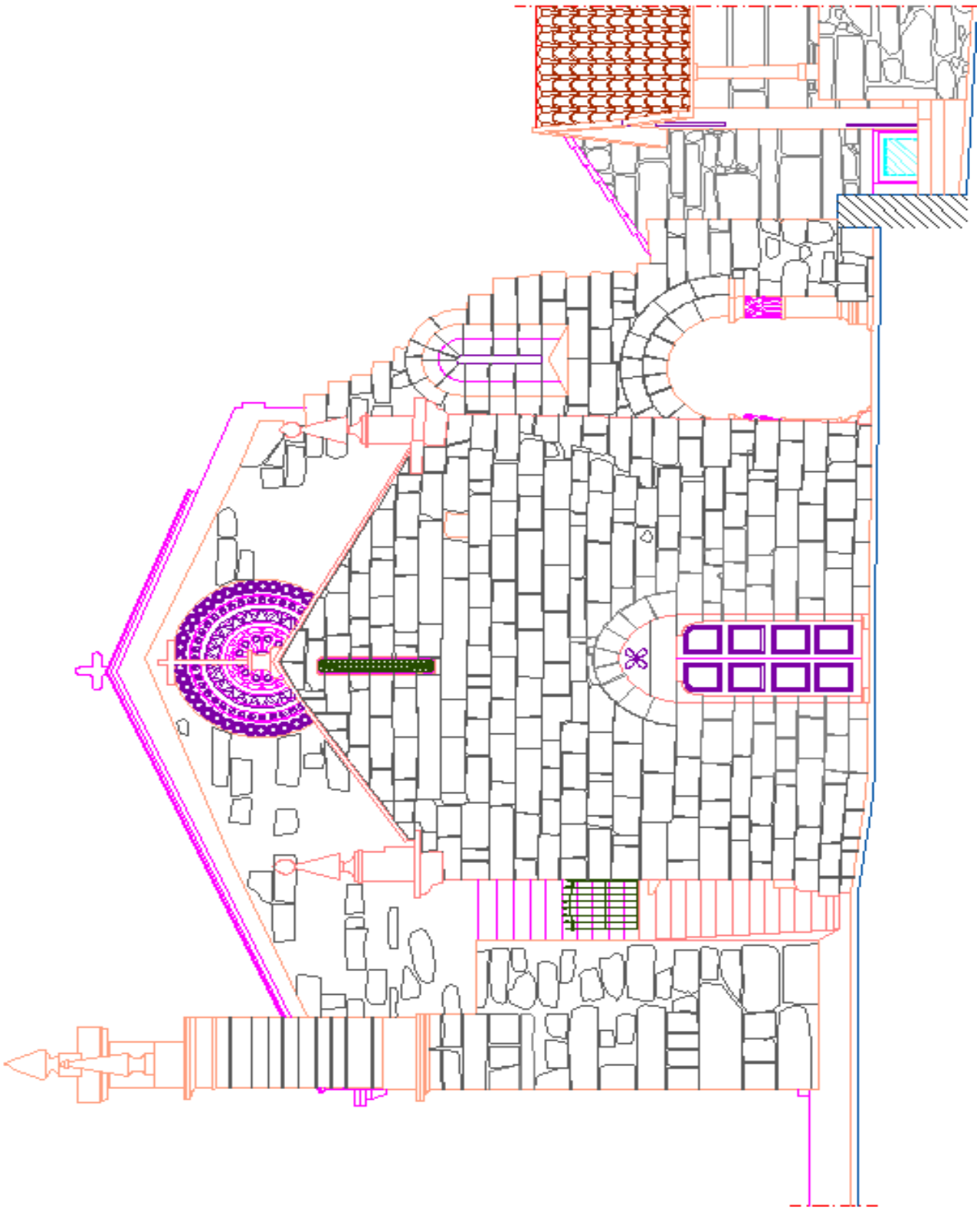


Fig. 17. Fachada Principal da Igreja do Mosteiro de Ermelo.



Fig.18. Modilhões parede exterior lateral Sul (1)



Fig.19. Modilhões parede exterior lateral Sul (2)



Fig.20. Modilhões parede exterior lateral Sul (3)



Fig.21. Modilhões parede exterior lateral Sul (4)



Fig.22. Modilhões parede exterior lateral Sul (5)



Fig.23. Modilhões parede exterior lateral Sul (6)



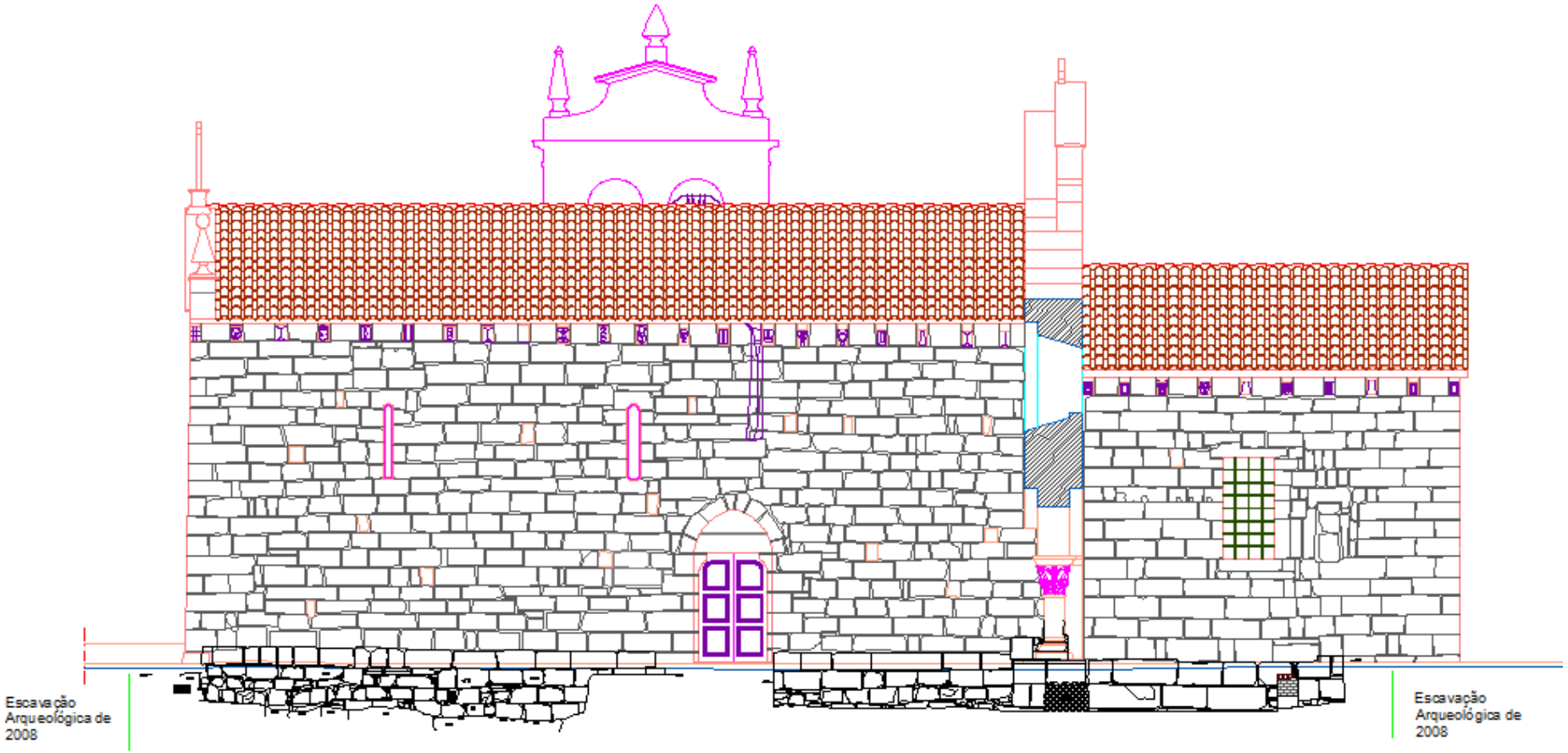
Fig.24. Modilhões parede exterior lateral Sul (7)



Fig.25. Modilhões parede exterior lateral Sul (8)



Fig.26. Modilhões parede exterior lateral Sul (9)


Escavação Arqueológica de 2008
Escavação Arqueológica de 2008

LAT. DIREITO

Fig.27.Parede exterior lateral Sul



Fig.28- Inscrição na parede exterior lateral Sul

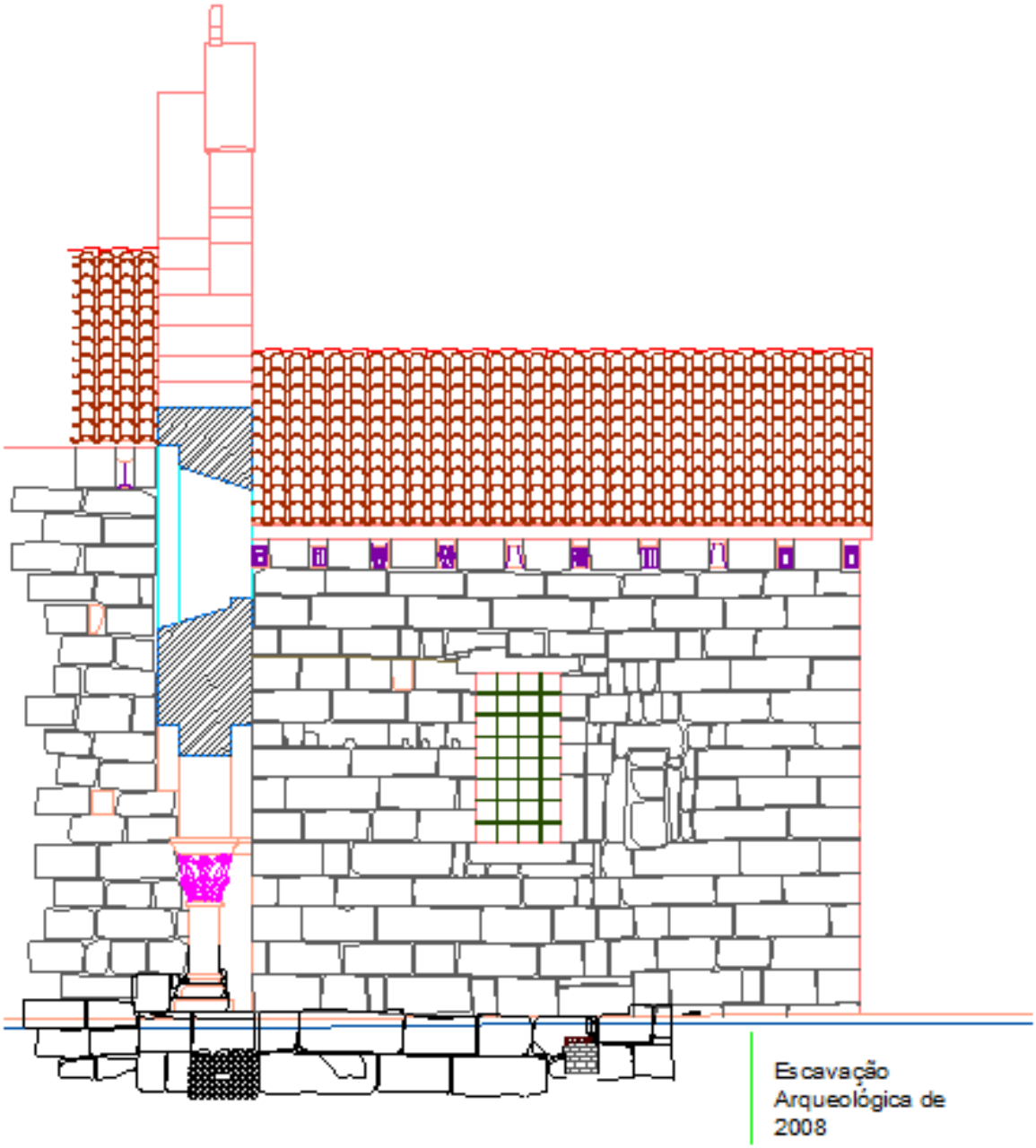


Fig.29. Parede exterior lateral Sul (2)



Fig.30. Modilhões na parede exterior Sul, a Este do pórtico da capela (1)

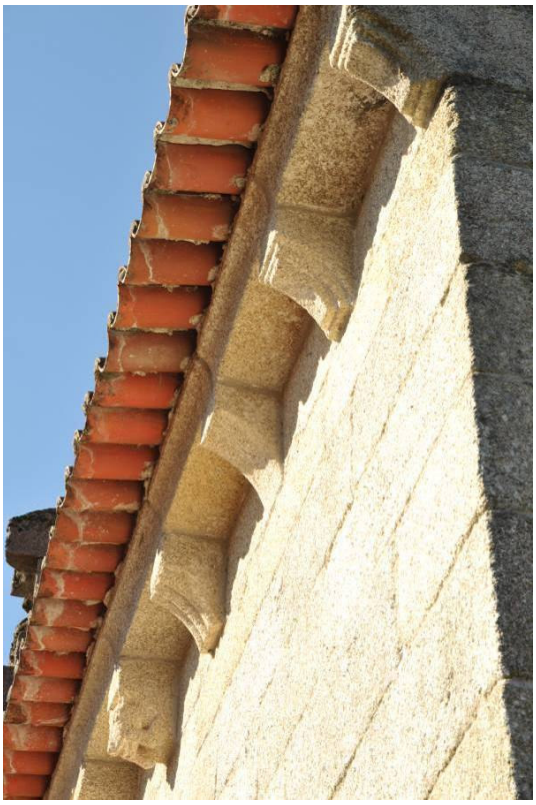


Fig.31. Modilhões na parede exterior Sul, a Este do pórtico da capela (2)

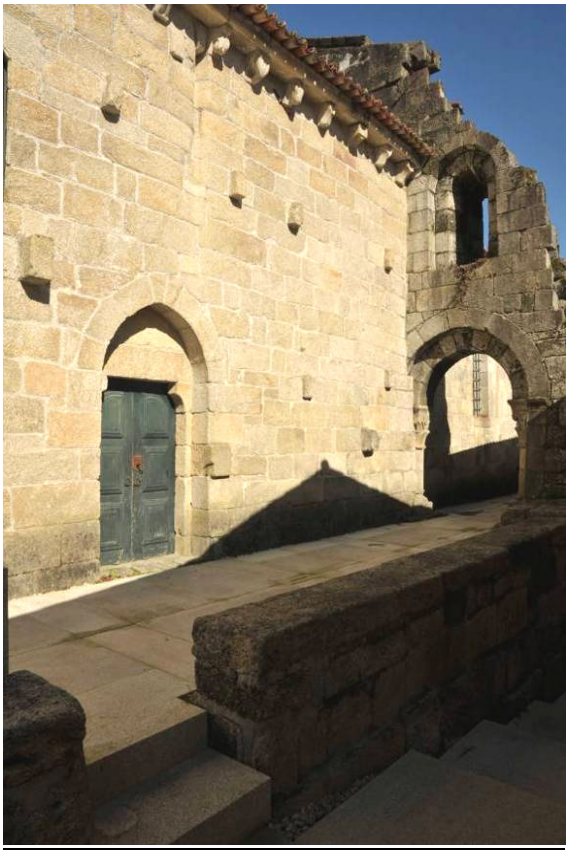


Fig.32. Perspectiva do pórtico da capela Sul.



Fig.33. Pormenor da flor (quadrifólio) no centro superior da fresta



Figs. 34 e 35- Pormenores do capitel e base do lado Norte do pórtico da capela lateral Sul



Fig.36- Coluna do lado Norte do pórtico da capela lateral Sul



Figs.37 e 38. Pormenores do capitel e base do lado Sul do pórtico da capela lateral Sul



Fig.39. Coluna do lado Sul do pórtico da capela lateral Sul



Fig.40. Arranque da nave lateral Sul no sentido Oeste.



Fig.41. Ressalto do alicerce e embasamento fachada lateral Sul da igreja Medieval (O-E)



Fig.42. Ressalto do alicerce e embasamento da da fachada lateral Sul da igreja Medieval (E-O)

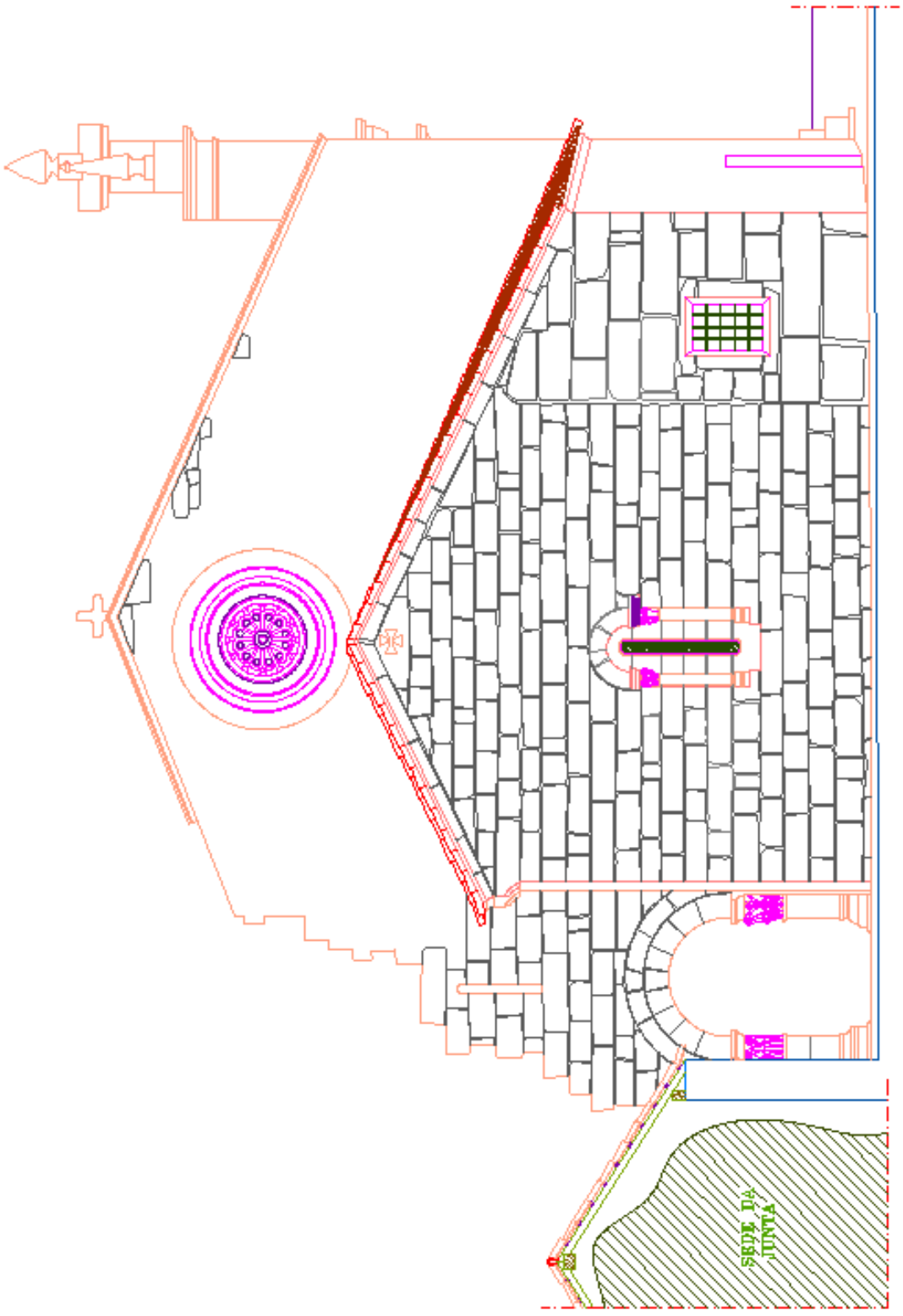


Fig.43. Parede exterior Este.



Fig.44.Pormenor da Cruz de Malta



Fig.45. Fresta na Parede Exterior Este



Figs. 46 e 47. Colunelos Sul e Norte da fresta da Parede Exterior Este

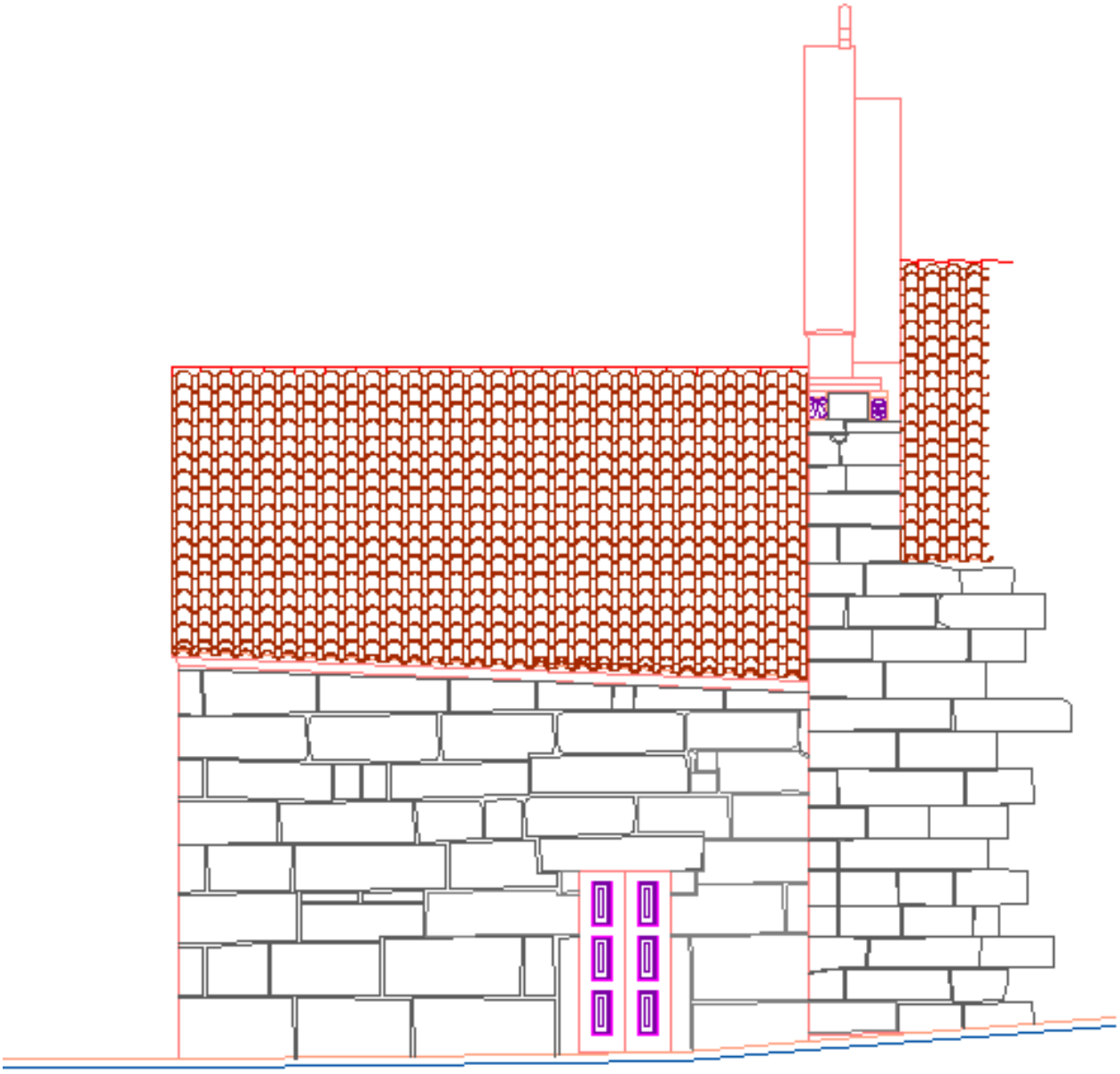


Fig. 48. Face Exterior da Parede Norte (1)

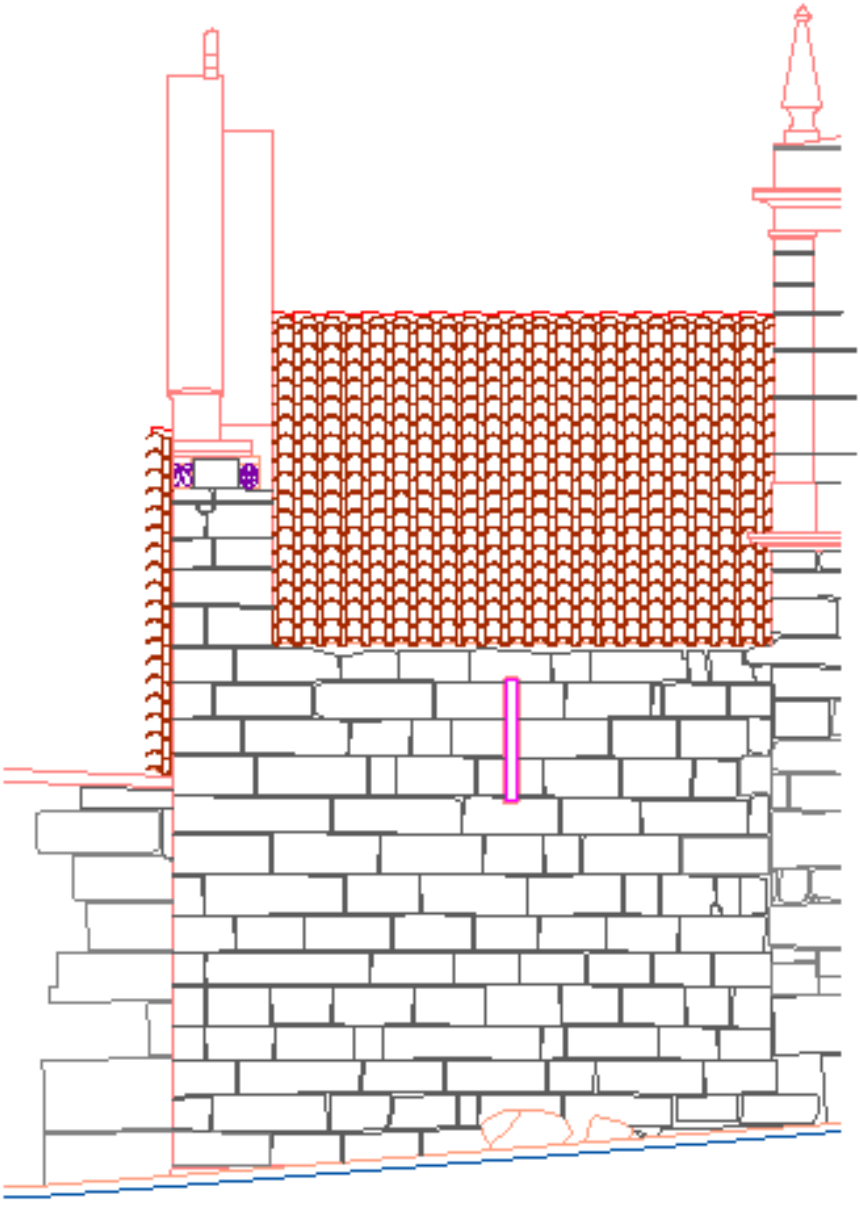


Fig. 49. Face Exterior da Parede Norte (2)



Fig.50- Pormenor da rosácea.



Fig.51- Pormenor de um dos modilhões da parede exterior Norte (tramo medieval)

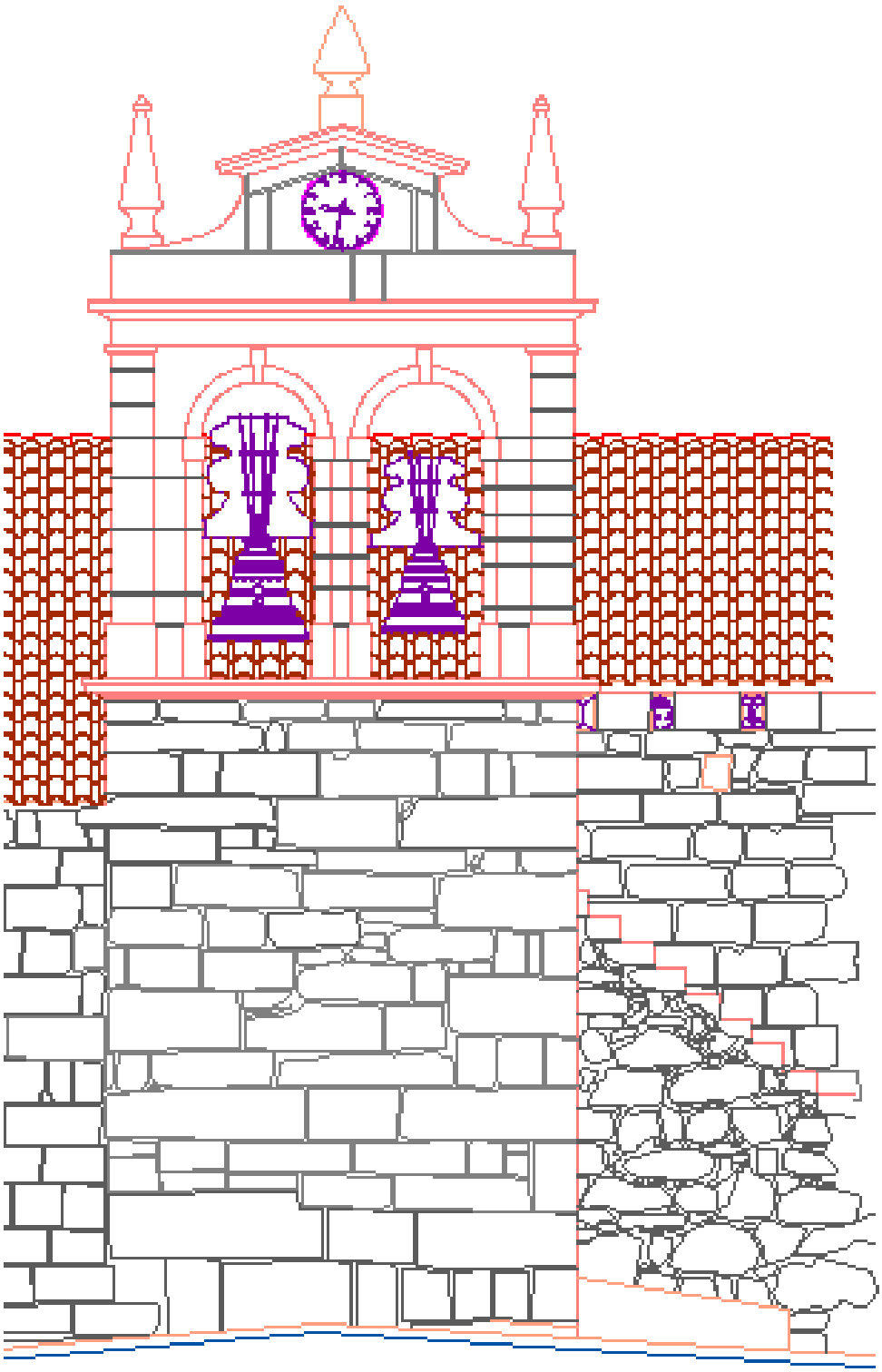


Fig. 52. Face Exterior da Parede Norte (3)

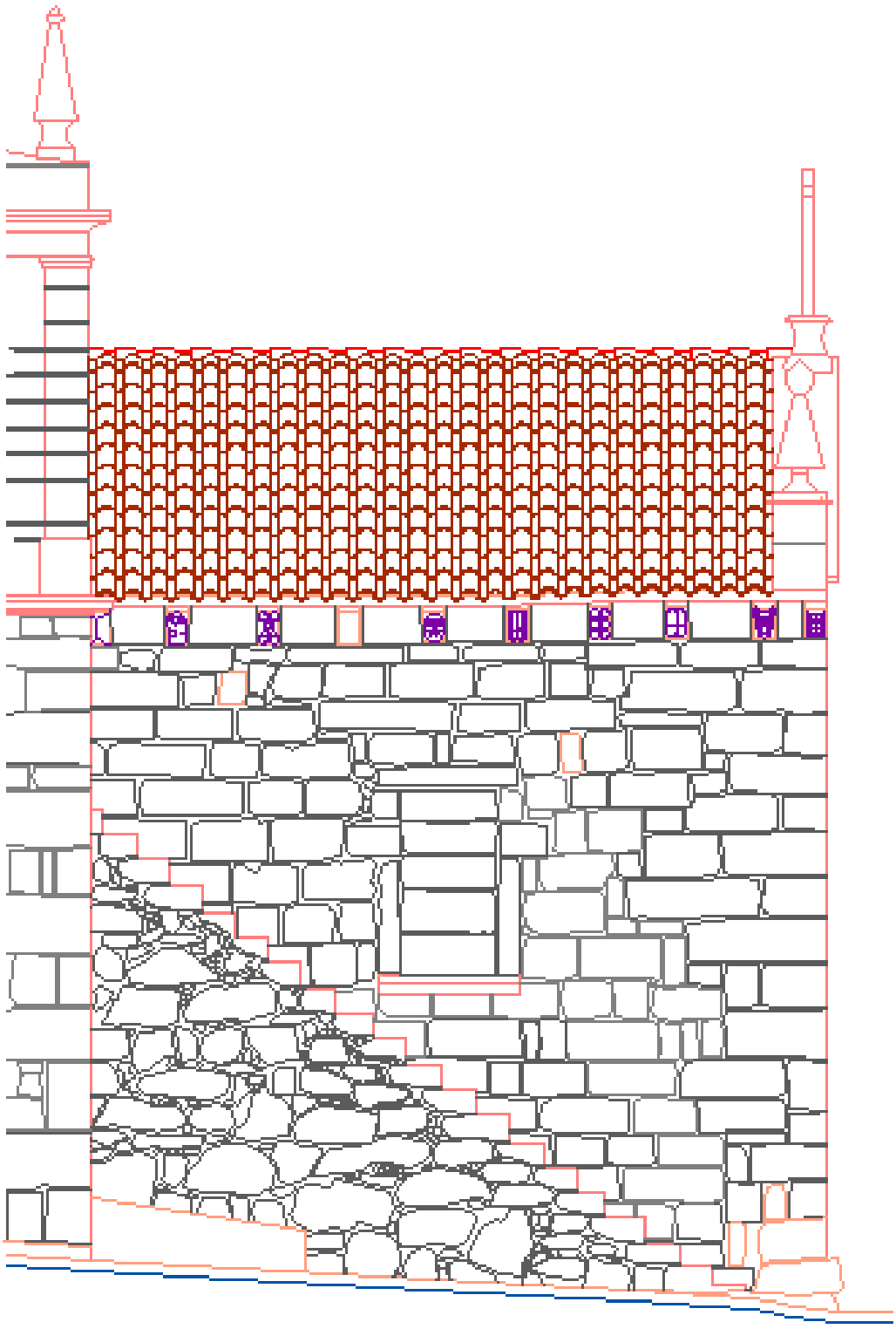


Fig. 53. Face Exterior da Parede Norte (4)



Fig.54. Modilhões da parede exterior Norte (1)



Fig. 55. Modilhões da parede exterior Norte (2)



Fig.56. Modilhões da parede exterior Norte (3)



Fig.57. Modilhões da parede exterior Norte (4)



Fig.58. Perspectiva geral da parede interior Ocidental



Fig.59.Pormenor do animal esculpido no topo central da fresta.



Fig.60. Pilares que suportariam o arranque das naves laterais (lados esquerdo e direito)



Fig.61- Pormenor de pilar e arranque de arco do lado Sul (vista do centro da igreja)



Fig.62. Pormenor de pilar e imposta do lado Norte (vista do centro da igreja)



Fig.63. Pormenor de ressalto junto ao cunhal com a parede Norte (interior)



Fig.64. perspectiva da parede interior Sul (1)



Fig.65. perspectiva da parede interior Sul (2)



Fig.66. Pormenor da decoração da fresta (lado Oeste).



Fig.67. Pormenor da decoração da fresta (lado Este)



Fig.68. Porta de acesso ao coro alto, actualmente entaipada.



Fig.69.Pormenor da fresta da parede interior Norte, actualmente entaipada.



Fig.70. Porta da parede interior Norte.



Figs.71 e 72. Pormenores dos lintéis do lado Oeste (esquerda) e Este (direita) da porta da parede interior Norte da Igreja.



Fig. 73. Acesso inferior à sacristia e abertura do púlpito



Fig. 74. Perspectiva da Capela-Mor.



Fig. 75. Pormenor do capitel do lado Norte.



Fig. 76. Pormenor do capitel do lado Sul.



Fig. 77. Pormenor da base do lado Sul



Fig. 78. Pormenor da base do lado Norte.



Figs. 79 e 80. Perspectiva das colunas do lado Norte (esquerda) e do lado Sul (direita) do Arco Triunfal.



Fig. 81.Porta de acesso à sacristia na parede interior Norte da Capela-Mor



Fig. 82.Pormenor da janela e pequeno nicho na parede interior Sul da Capela-Mor

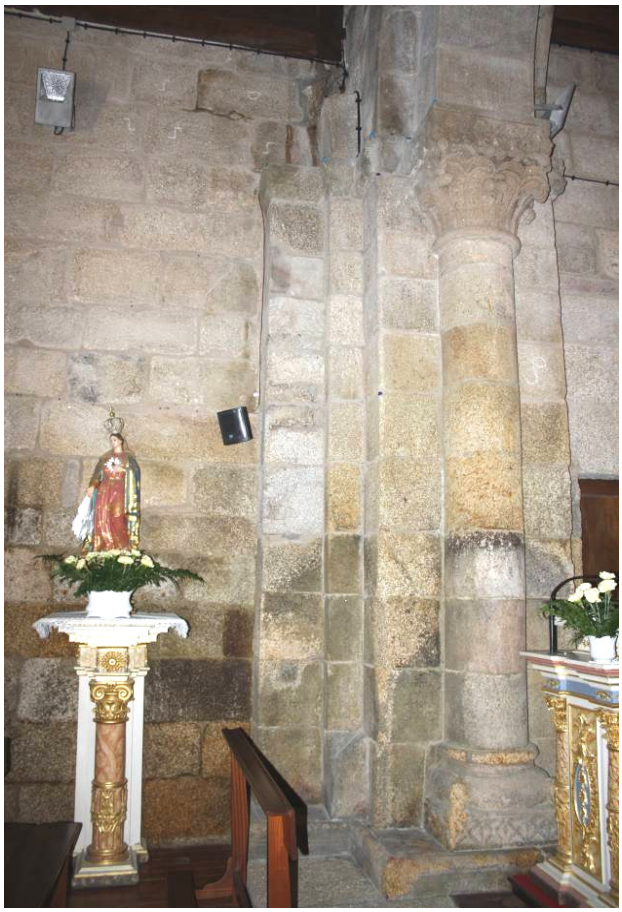


Fig. 83. Pilares junto ao arco do lado Norte.



Fig. 84. Pilares junto ao arco do lado Sul



Fig. 85. Perspectiva do retábulo com talha dourada.



Fig. 86. Representação de Santo Abade? (S.Bento)



Fig. 87. Cena da Anunciação.



Fig. 88. Representação do Apóstolo Santiago

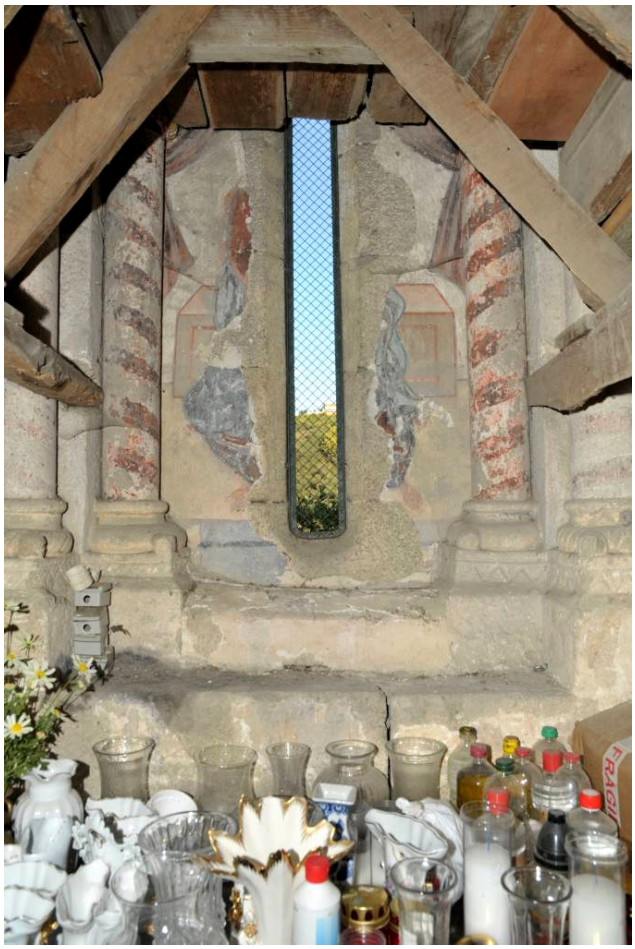


Fig. 89. Fresta da cabeceira da igreja.



Fig. 90. Pormenor dos capiteis do lado Sul do arco da fresta da cabeceira.



Fig. 91. Pormenor das bases do lado Sul



Fig. 92- Pormenor dos capiteis do lado Norte.



Fig. 93. Pormenor das bases do lado Norte.

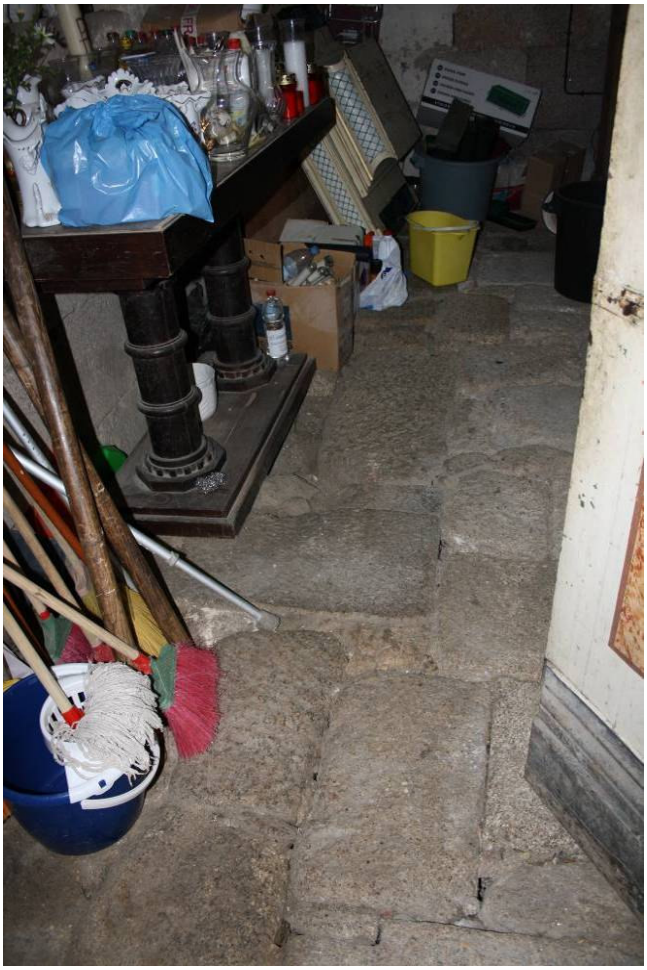


Fig. 94. Pormenor do lajeado do tardoz do retábulo.



Fig. 95. Perspectiva da Sacristia (W-E).

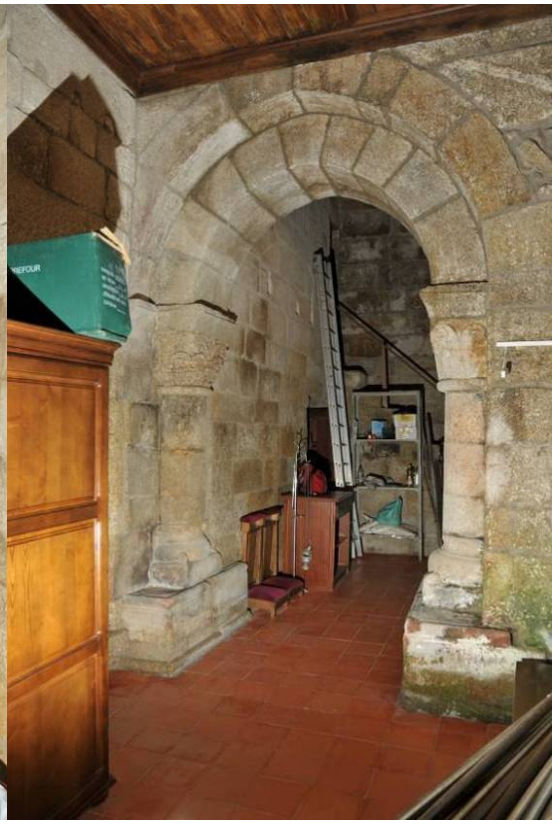


Fig. 96. Perspectiva da Sacristia (E-W).



Fig. 97. Pormenor do aparelho e fresta da parede interior Norte da sacristia.



Fig. 98. Pormenor do ressalto do embasamento da parede interior Norte da sacristia



Fig. 99. Capitel do lado Norte do pórtico da capela lateral



Fig. 100. Base da coluna do lado Norte do pórtico da capela lateral.

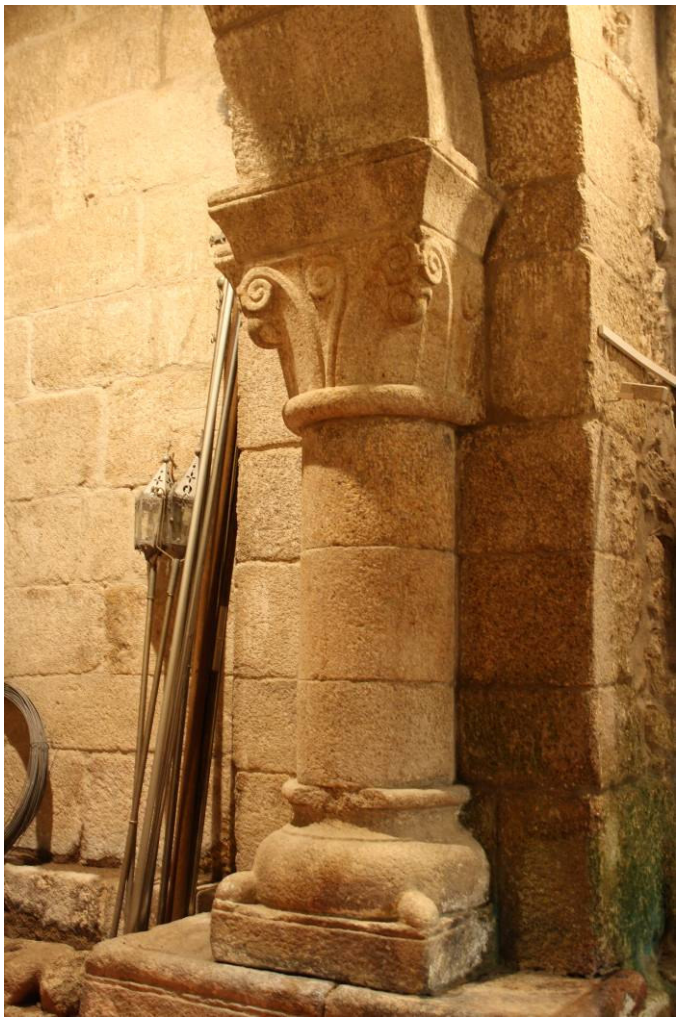


Fig. 101. Coluna Norte do pórtico da capela lateral



Fig. 102. Capitel do lado Sul do pórtico da capela lateral



Fig. 103. Base da coluna do lado Sul do pórtico da capela lateral.

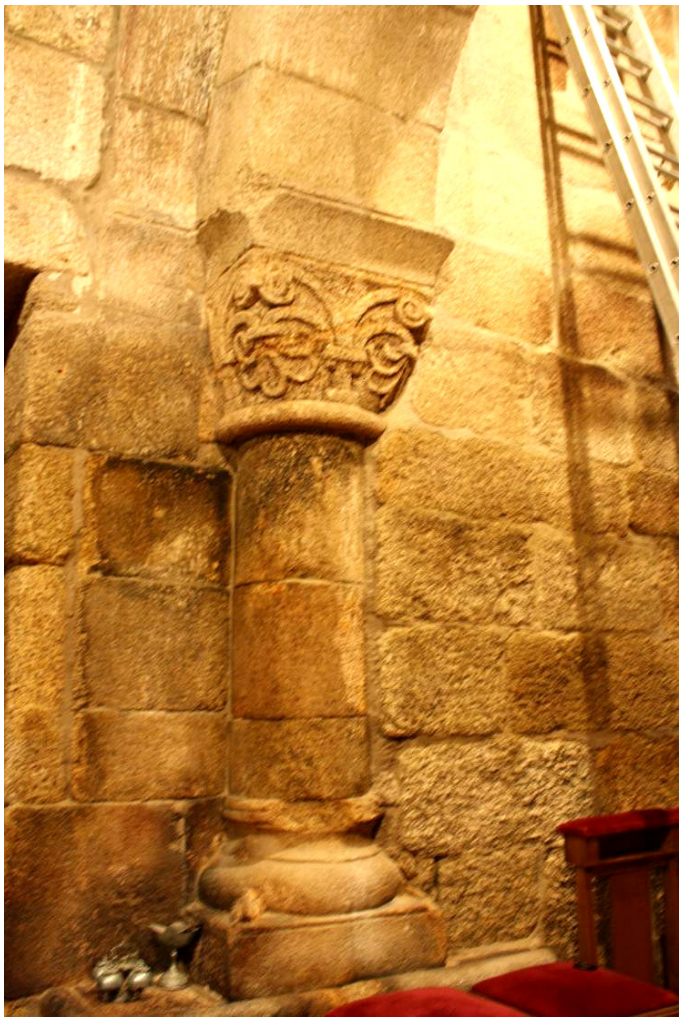


Fig. 104. Coluna do lado Sul do pórtico da capela lateral



Fig. 105. Fresta que encima o pórtico da capela lateral.



Fig. 106. Abertura entaipada que daria acesso ao tardoz da capela-mor.



Fig. 107. Abertura entaipada. Poderia corresponder ao arranque da parede Este da capela original.



Fig. 108. Capitéis do pórtico da capela Sul da igreja de Ermelo.



Fig. 109. Capitéis da fresta da parede exterior Este da igreja de Ermelo



Fig. 110. Capitéis do Arco cruzeiro da igreja de Ermelo



Fig. 111. Capitéis da fresta da parede interior Este da igreja de Ermelo



Fig. 112. Capiteis do pórtico da capela lateral Norte da igreja de Ermelo



Fig. 113. Capitéis dos portais da Igreja de Paderne, Melgaço



Fig. 114. Capitéis do portal da Igreja de Orada, Melgaço



Fig. 115. Cachorros da igreja de Ermelo- cabeças de animais.



Fig. 116. Cachorros da igreja de Ermelo- motivos geométricos.



Fig. 117. Cachorros da igreja de Ermelo- figuras humanas.

Designação	Dimensões	Largura (m)	Altura (m)	Espessura (m)
Nave	Parede Ocidental	6,26	7,77	0,95
	Parede Lateral Norte	14,42	5,25	0,65
	Parede Lateral Sul	14,46	5,40	0,80
Capela-mor	Parede Lateral Norte	4,10	5,15	
	Parede Lateral Sul	4,20	5,15	1,03
	Arco triunfal	3,90	6,20	1,30
	Cabeceira	5,05		1,13
Capelas Laterais	Pórtico Lateral Norte	1,68	3,30	
	Pórtico Lateral Sul	1,66	3,05	
Sacristia	Parede Interior Norte	13,65		0,68
	Parede Interior Sul	11,21		1,45
	Parede Este	2,30		
Estrutura Medieval detectada em escavações	Parede Ocidental	3,32	0,98	1,05
	Parede Interior Oeste	2,27	0,67	
	Parede Lateral Sul	7,57	0,89	1,09
	Parede Interior Norte	6,59	1	

Fig. 118- Quadro Métrico das paredes da Igreja do Mosteiro de Ermelo.

Obras Promovidas pela DGEMN		
Ano	Tipo de obra	Localização
1982/83	Levantamento e posterior assentamento do telhado; no ripado de madeira de carvalho dos beirados	Capela-mor, sacristia e anexo
	Demolição do telhado, picagem e limpeza	Cabeceira do arco cruzeiro
	Picagem e demolição de rebocos, abertura de juntas em profundidade e seu reenchimento	Cabeceira sobreposta ao arco cruzeiro
	Colocação de chapa de zinco nº14 no telhado	Capela-Mor e sacristia
1984	Vários trabalhos de carpintaria	Nave
1986/87	Limpeza e descasque da cal em paramentos exteriores e interiores	Fachadas, nascente, poente, paredes interiores e sacristia
	Demolição de telha, incluindo abertura de juntas, lavagem e reenchimento com argamassa	Arco cruzeiro, cabeceira
	Picagem e demolição de pavimento, incluindo remoção de entulhos e construção de infra-estrutura para o mesmo	Tardoz do retábulo da Capela-Mor
	Trabalho de carpintaria	Nave
1989	Aplicação de escova de arame de aço, abertura de juntas em profundidade e enchimento com argamassa de cal hidráulica e areia	Nas fachadas da nave e capela-mor
	Picagem e demolição do pavimento incluindo remoção dos entulhos e revestimento dos mesmos em tijoleira vasada	Anexo e sacristia
	Reconstrução de parte do tecto com ferro de madeira de castanho	Nave
	Obras de carpintaria	Tecto da nave, capela-mor, sacristia e anexo
1990	Aplicação de escova de arame de aço, abertura de juntas em profundidade e enchimento de cal hidráulica e areia	Sacristia, antecâmara
	Reparação geral do telhados com substituição de telha em falta ou partida	
	Trabalhos de carpintaria: portas interiores	
	Construção do tecto curvo de traçado idêntico ao da nave, de tábuas de madeira de Kambala	Capela-mor e sacristia
1993/94	Levantamento e demolição dos beirados, compreendendo a impermeabilização do coroamento das paredes	Capela-mor e nave
	Levantamento e posterior assentamento do telhado, incluindo colocação de peças de platex e novo ripado de madeira de carvalho	Nave
	Fornecimento e assentamento de cumes	Nave
	Assentamento de chapa de zinco nº14	Nave

Fig. 119. Obras promovidas pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

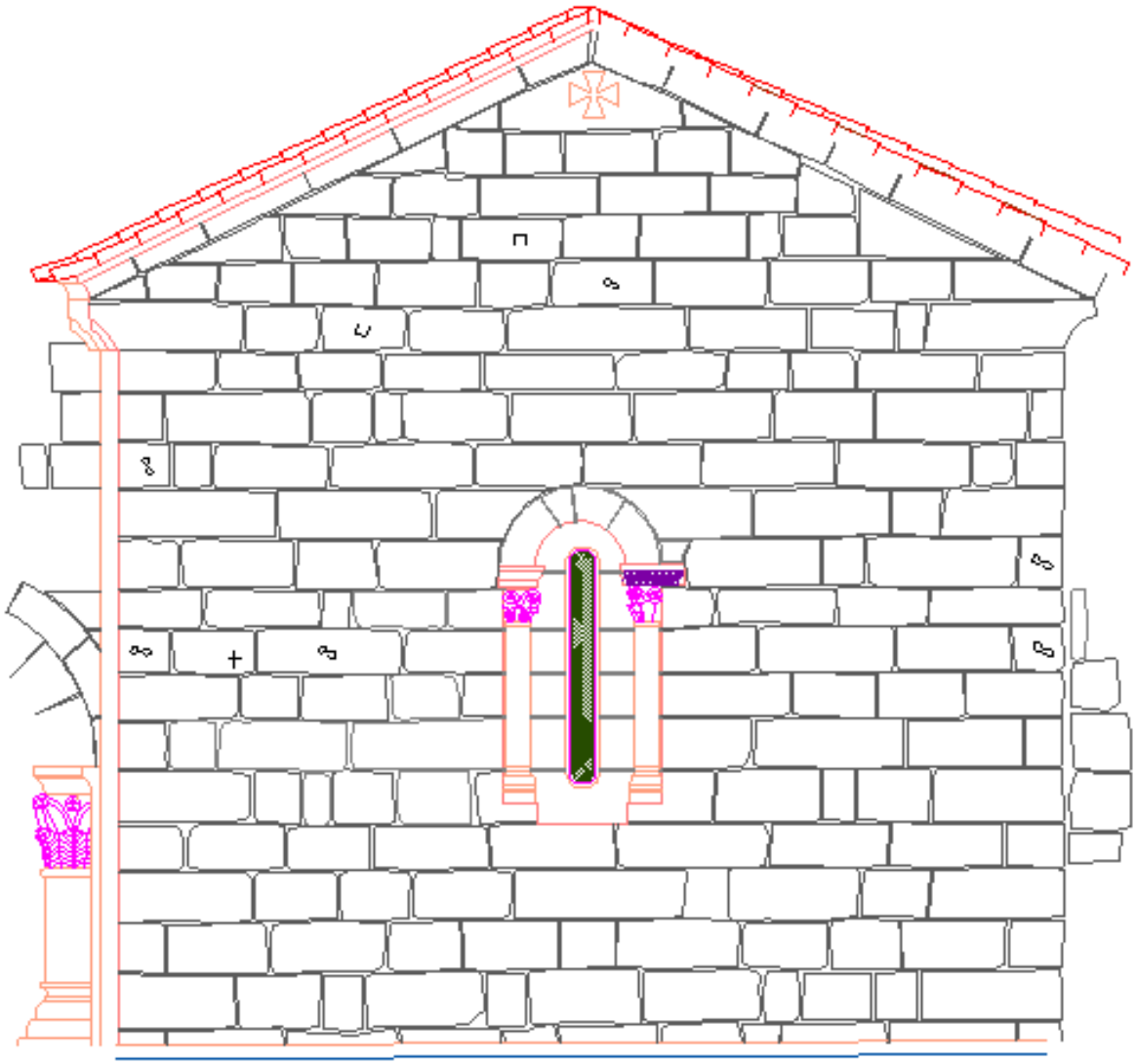


Fig. 120. Siglas de pedreiro presentes na face da parede exterior Este

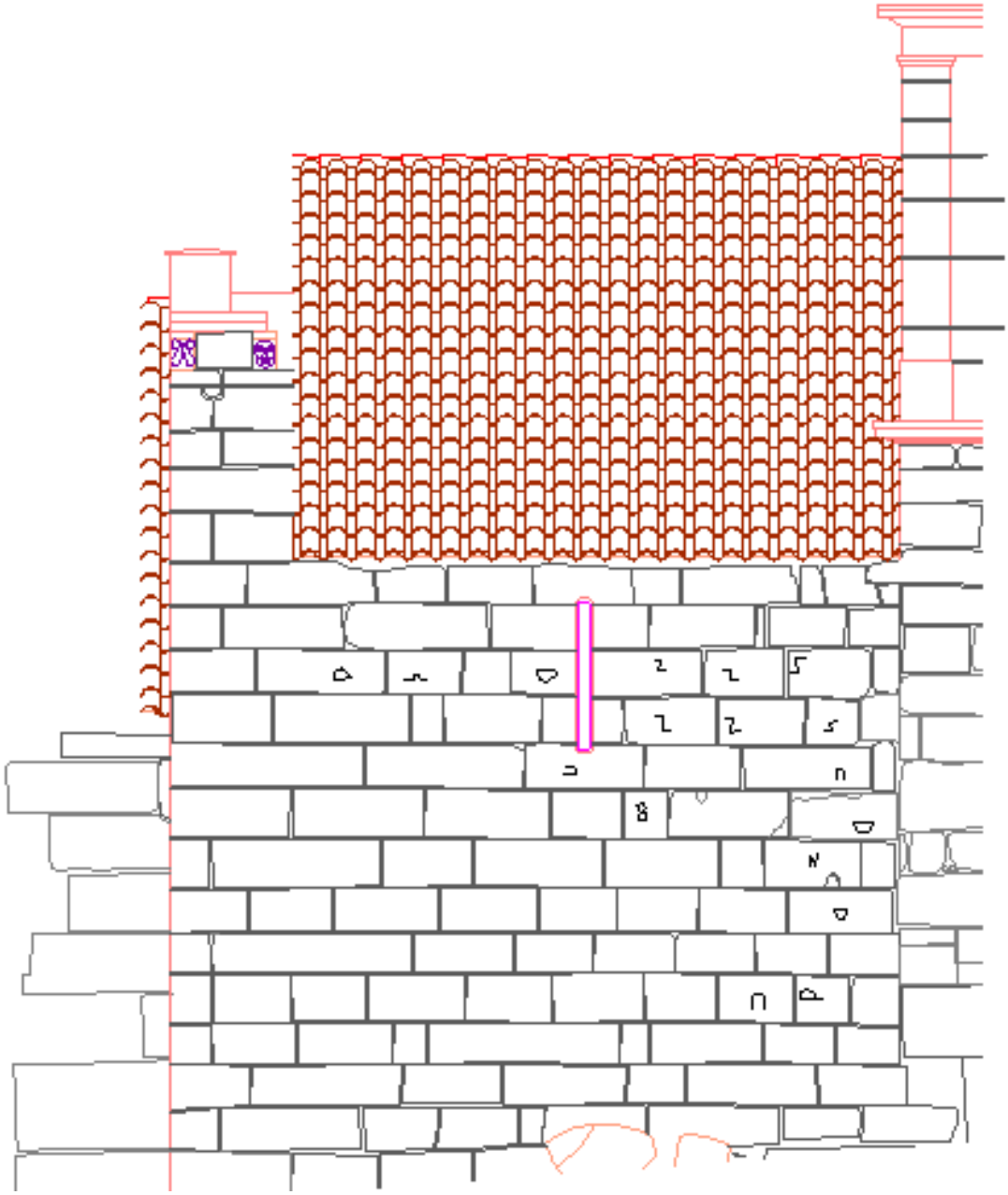


Fig. 121. Siglas de pedreiro presentes na face da parede exterior Norte (1)

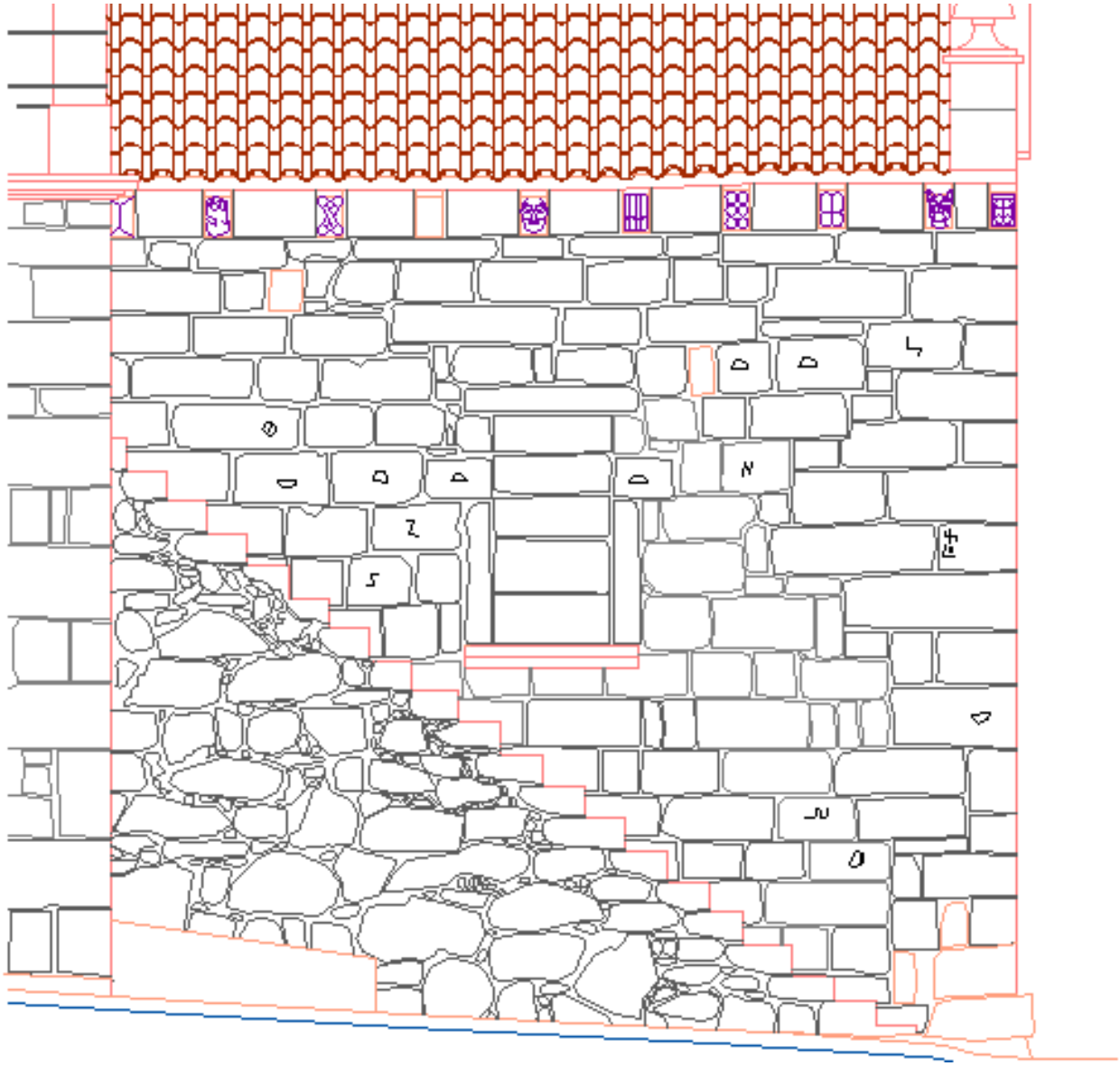


Fig. 122. Siglas de pedreiro presentes na face da parede exterior Norte (2)

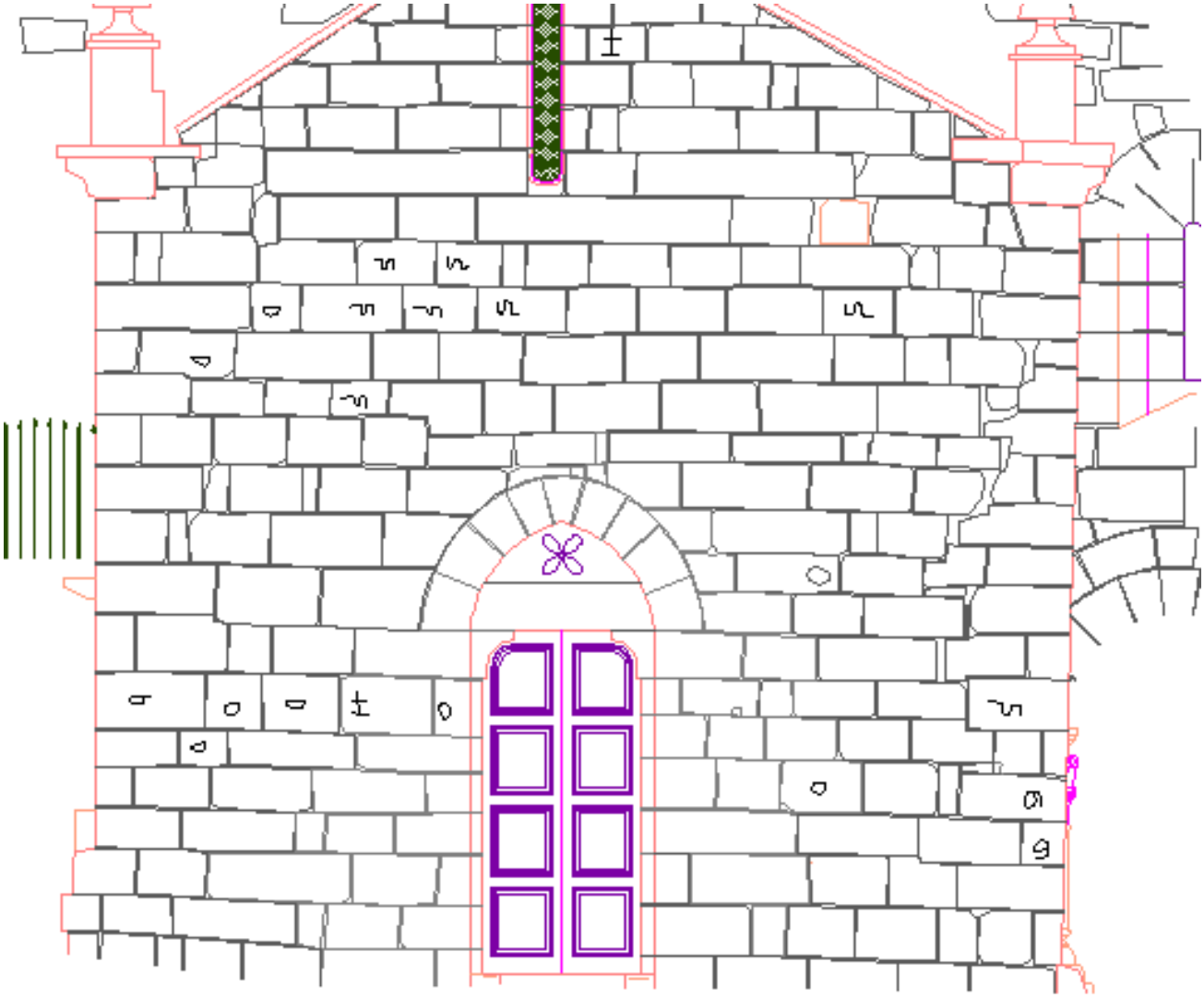


Fig. 123. Siglas de pedreiro presentes na Fachada Ocidental

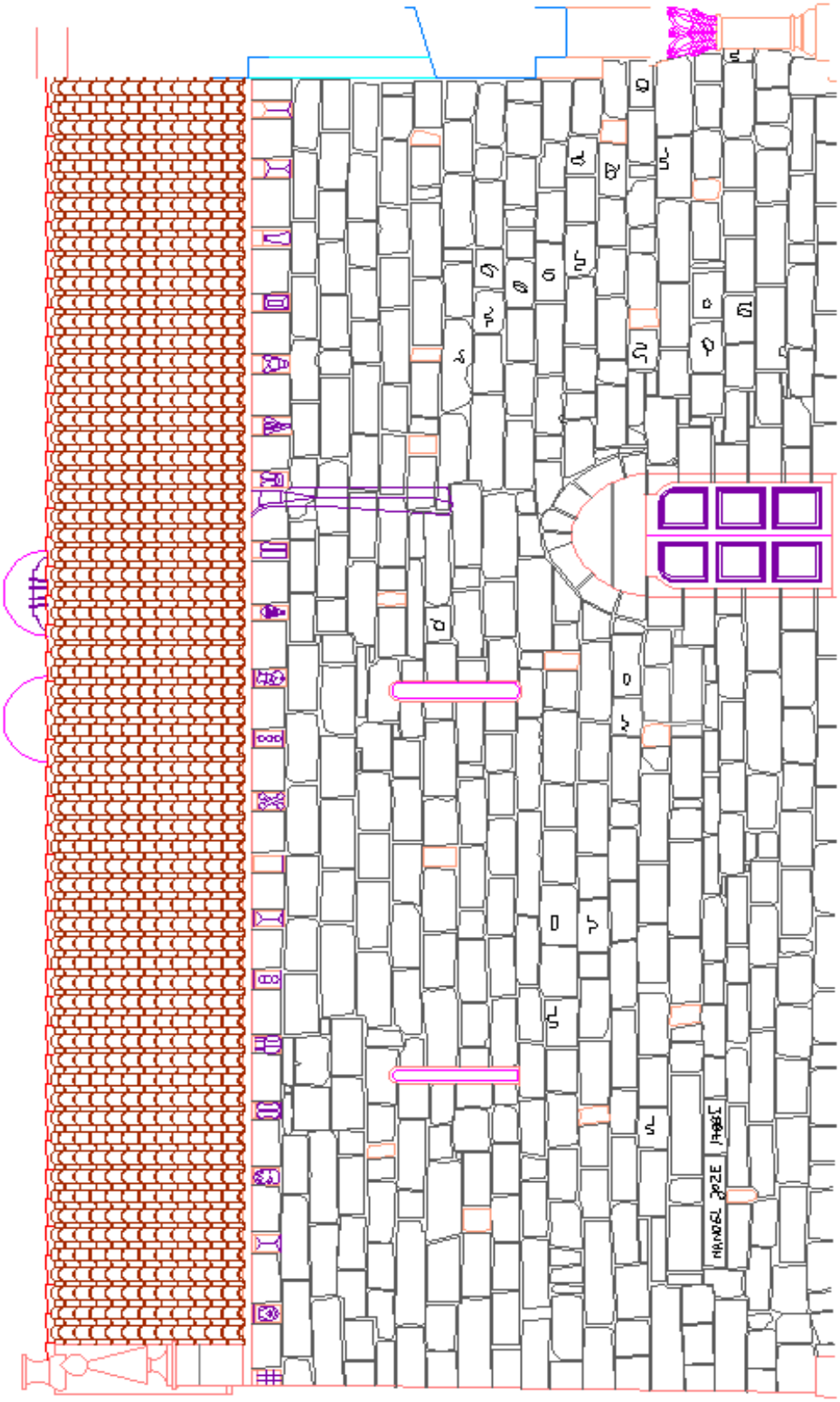


Fig. 124. Siglas de pedreiro presentes na face exterior da parede Sul (1)

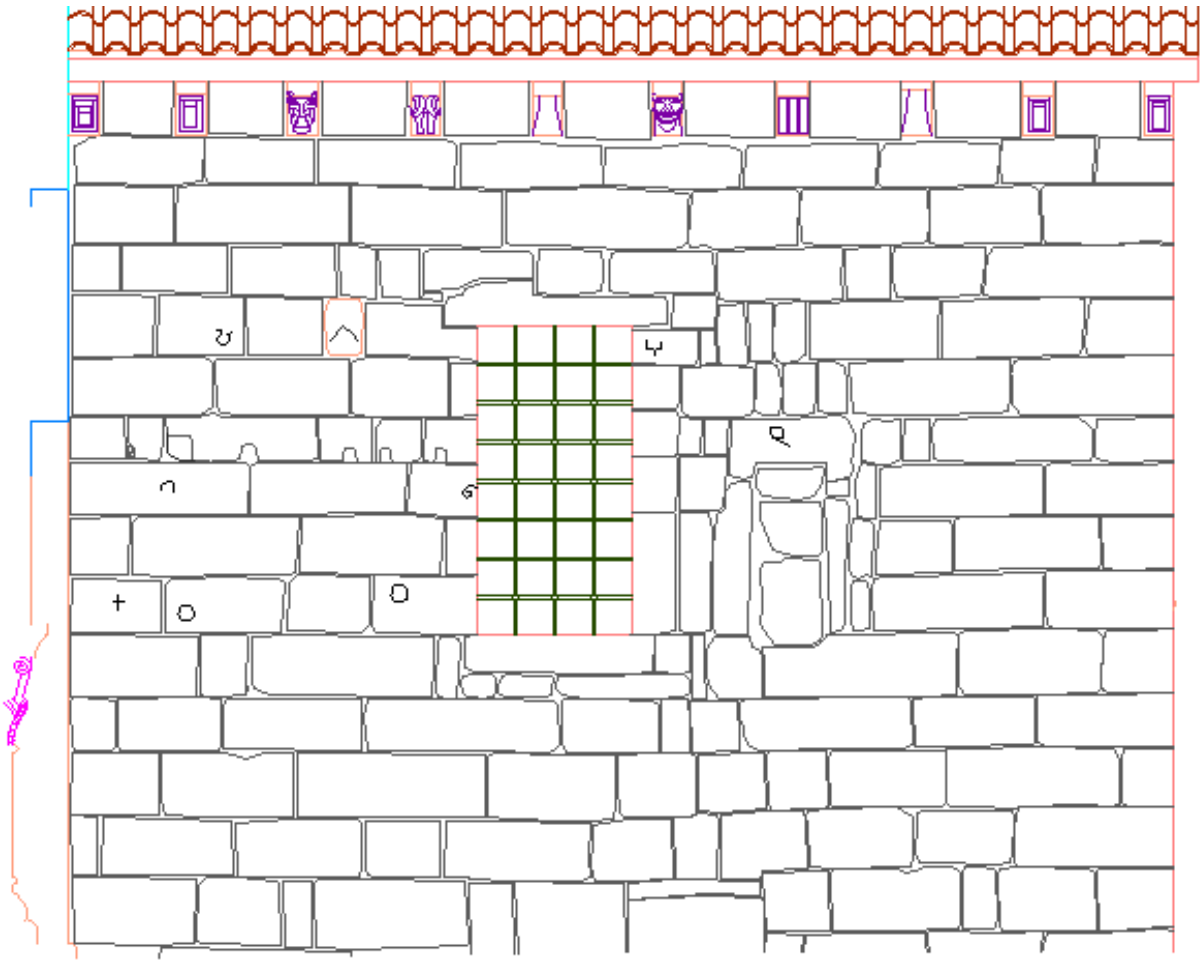


Fig. 125. Siglas de pedreiro presentes na face exterior da parede Sul (2)

	Sigla	Nave			Capela Mor		Arco Triunfal		Sacristia		Capelas Laterais		Est. Med. detectada a escavações	P. Exterior	P. Exterior	P. Exterior	P. Exterior	
		Parint.Oc.	P.int.Norte	P.int.Sul	P.int. Norte	P.int. Sul	L. Este	L.Oeste	P.int. Norte	P. intSul	Portão Sul	Portão Norte		Sul	Norte	Este	Oeste	TOTAL
1		7	3	11									1	8	1		8	39
2		2							1					3				6
3		4	1	6					3				1	5			2	19
4		3	7	4	1									3	11		5	37
5						1		2					2	1		1		7
6		1																1
7		1																1
8				5	1					1	1				1			9
9			4	1														5
10				2	2			1	1	1	1	1		3			1	13
11				1														1
12			8	1				1	2	2					11			25
13		1												1				2
14				6										4	1			11
15			3						1						2			6
16			1		1		1		4	3		1	1	1	1		1	15
17						1												1
18					2	1				1	1			2	3	2		12
19					1	2	1	8	1		2	2	1	2	1	6		27
20						2			1									3
21					4				2									6
22								1	1				1					3
23					1													1
24									1									1
25										4								4
26													1					1
27															1			1
28																	2	2
29														1				1
30																		

Fig. 126. Quadro de distribuição das siglas nas paredes da Igreja de Ermelo.

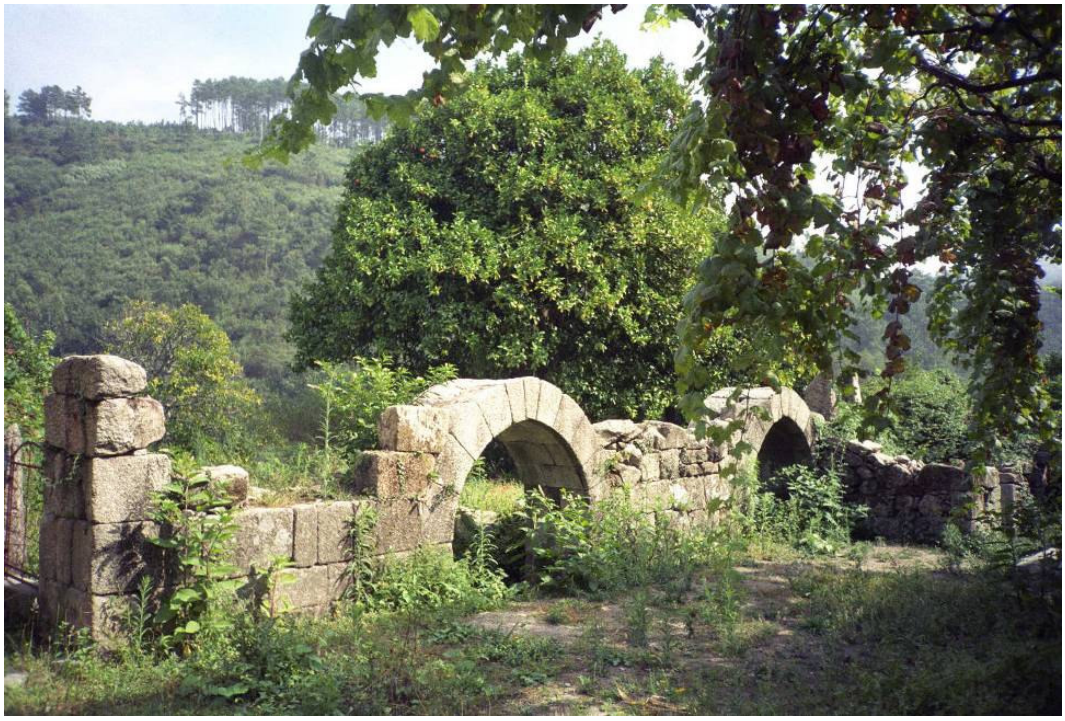


Fig. 127. Arcadas do claustro que ainda subsistem a Sul da Igreja (extraído de www.monumentos.pt)

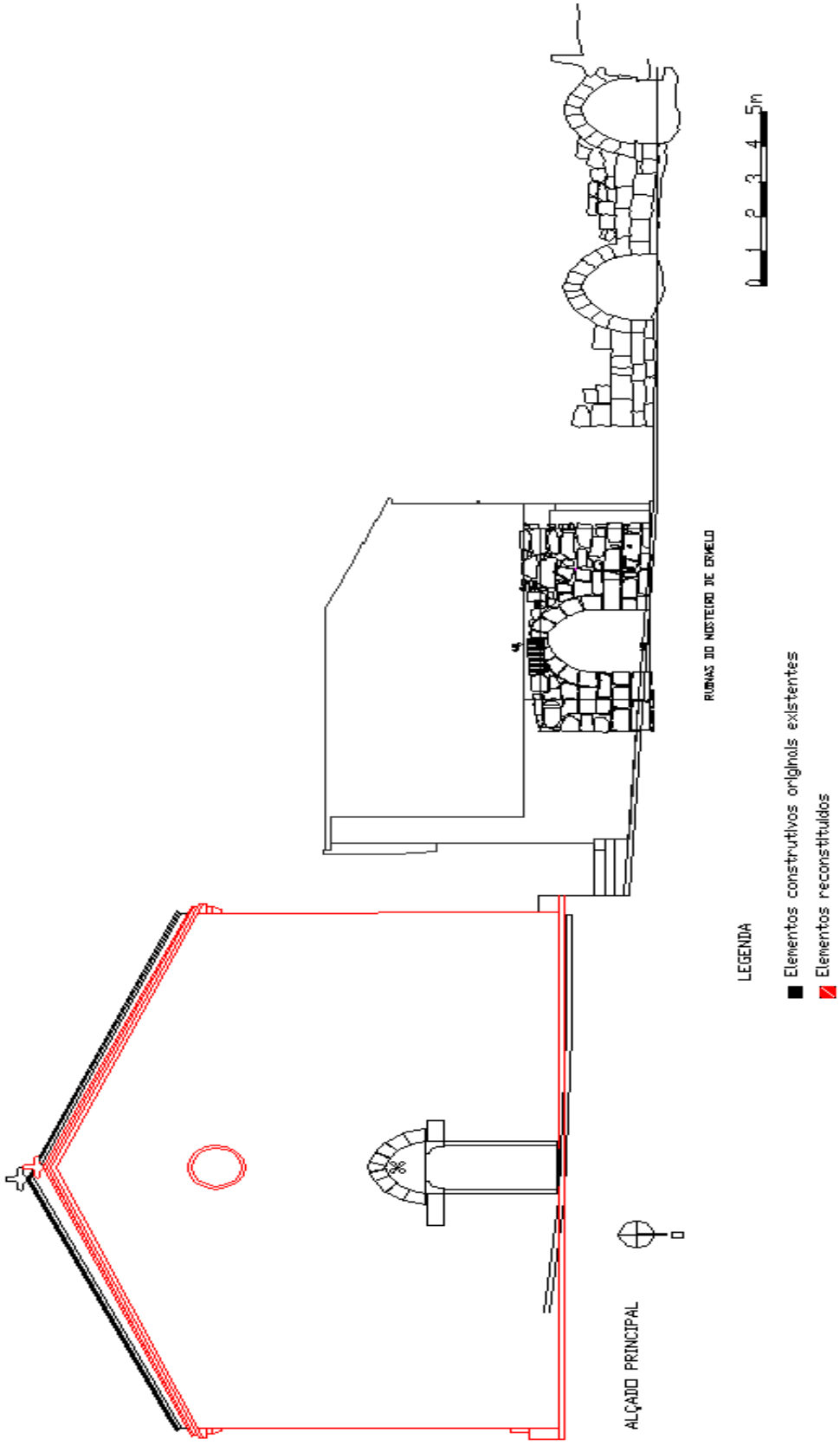


Fig. 128. Perspectiva do alinhamento da Parede do Claustro, em desenho fornecido pelo Arquitecto António Brás.



Fig. 129. Arco do claustro que se observa no interior da Casa Paroquial.



Fig. 130. Outra perspectiva do arco que se observa no interior da Casa Paroquial.



Fig. 131.Alinhamento da parede do claustro que ligaria o espaço monacal à igreja, detectada no acompanhamento arqueológico.

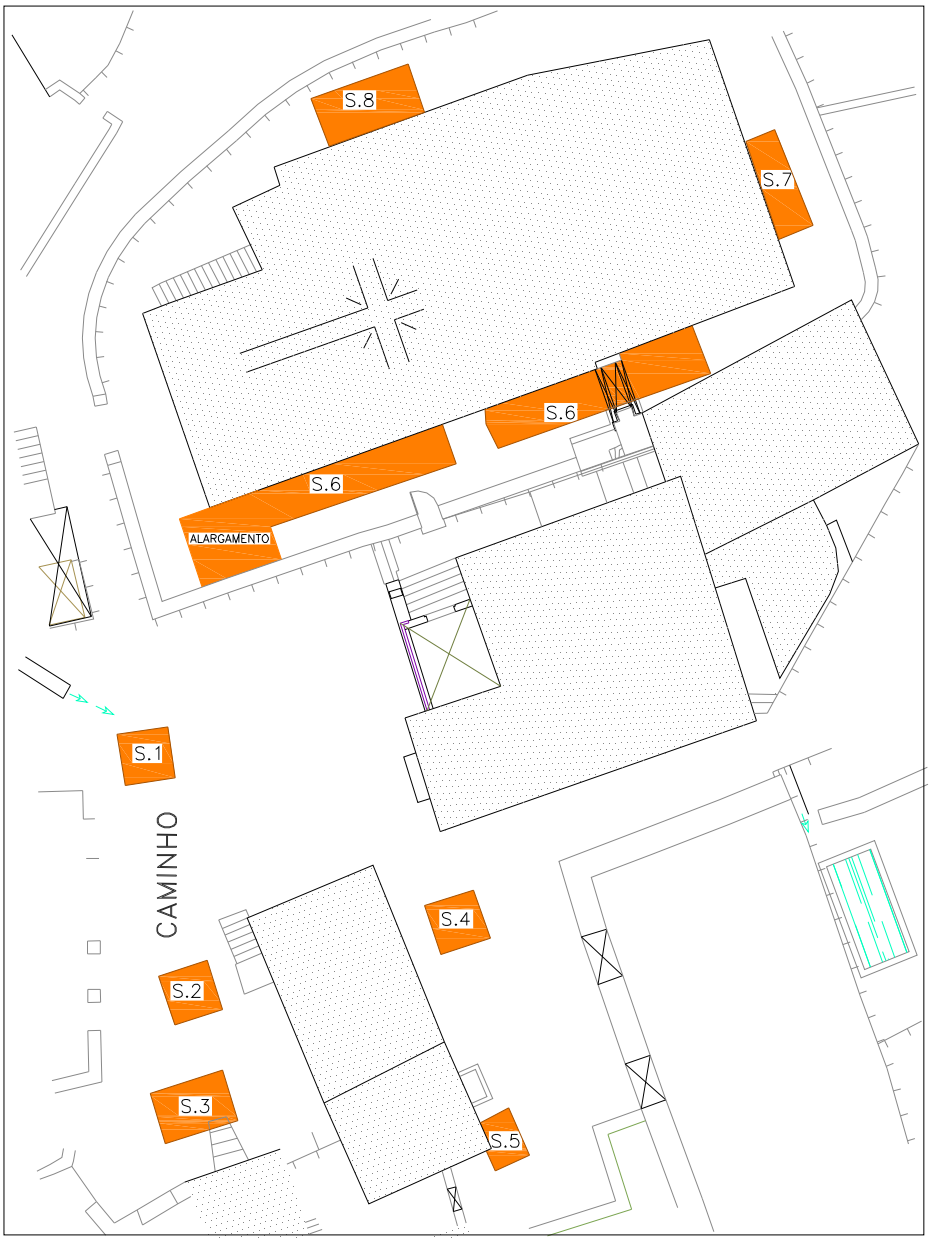


Fig. 132. Planta da implantação das sondagens arqueológicas na envolvente da Igreja e ruínas do Mosteiro de Ermelo



Fig. 133. Sondagem 1-Rocha Base

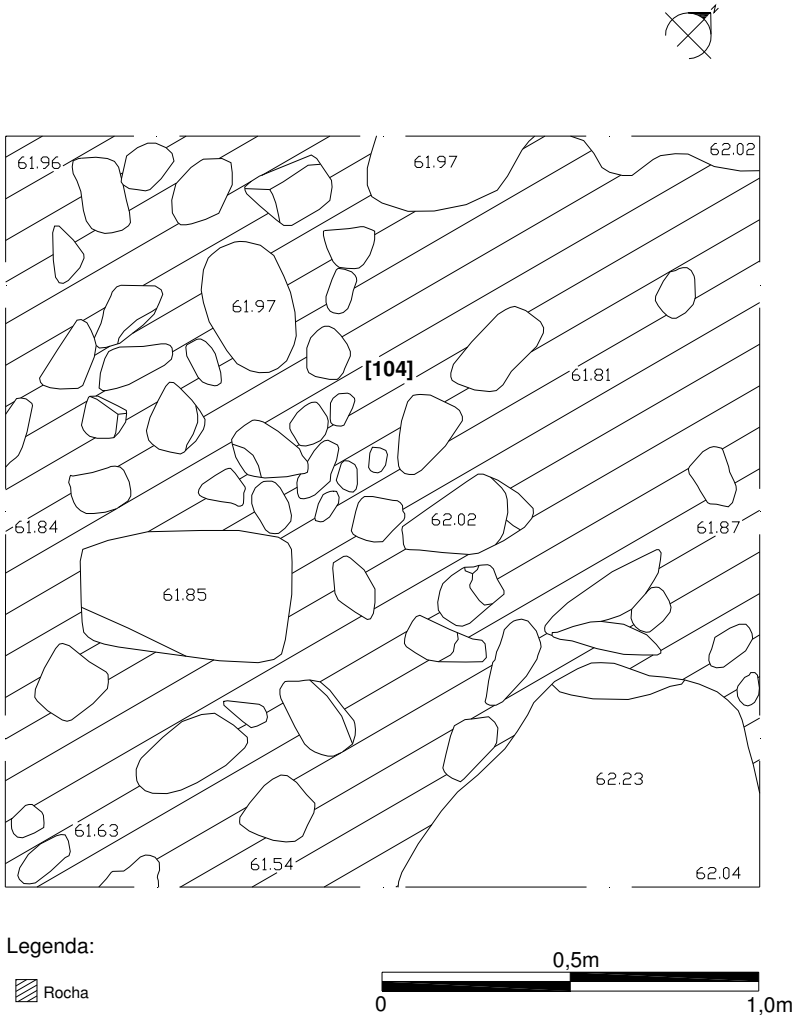


Fig. 134. Sondagem 1 – Plano final

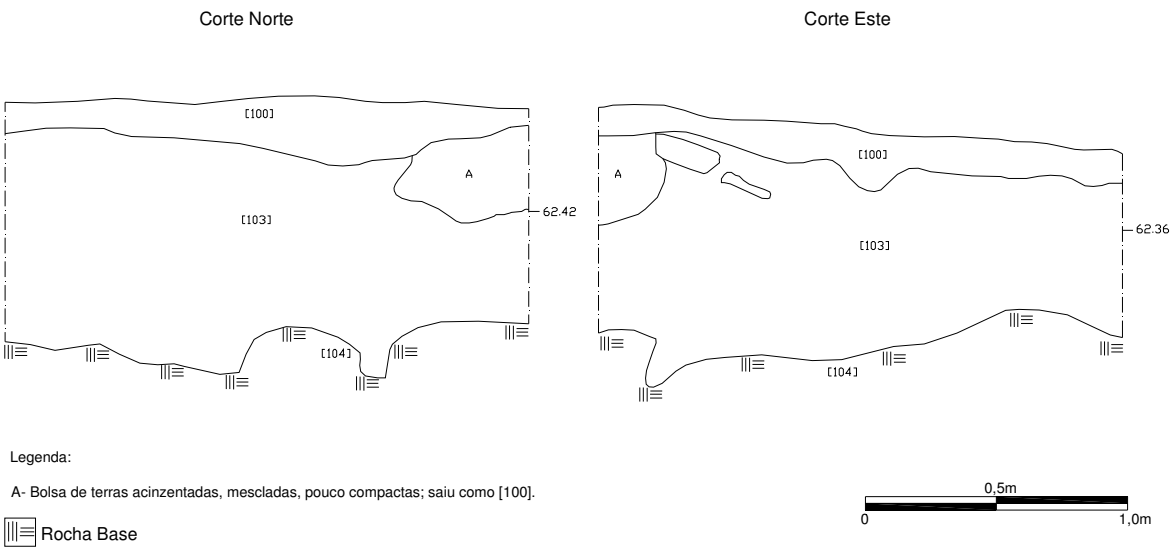


Fig. 135. Sondagem 1 – Cortes Norte e Este



Fig. 136. Sondagem 2- Rocha Base

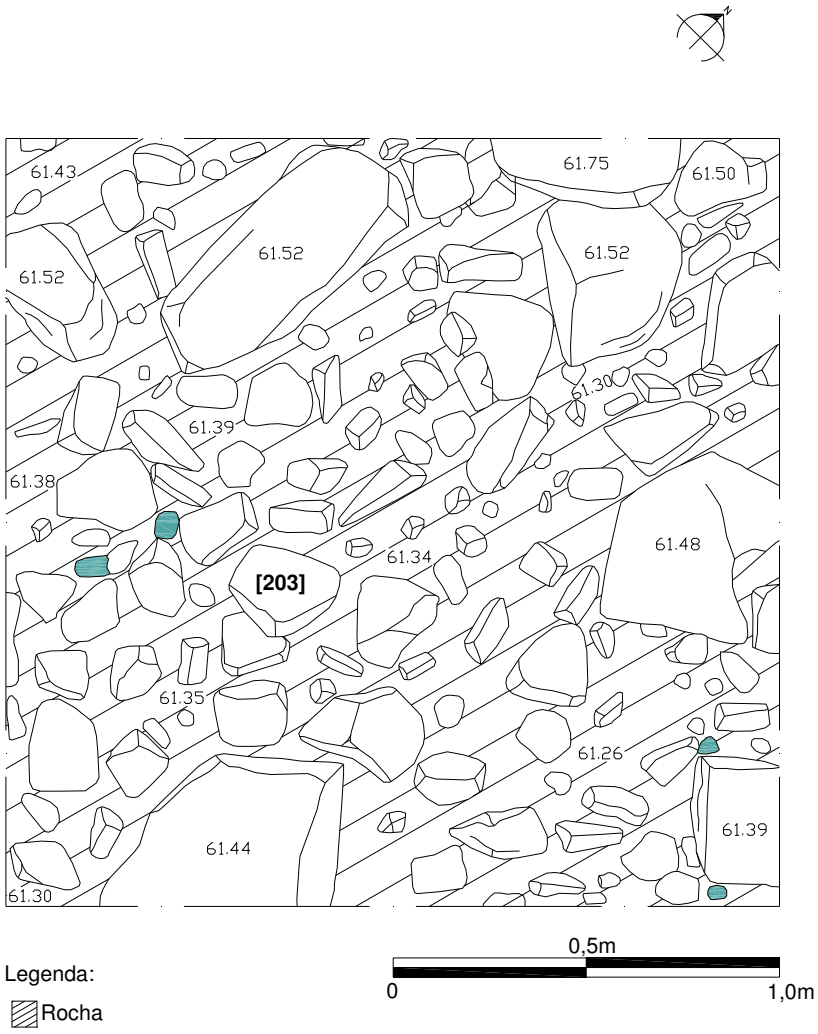


Fig. 137. Sondagem 2 – Plano final

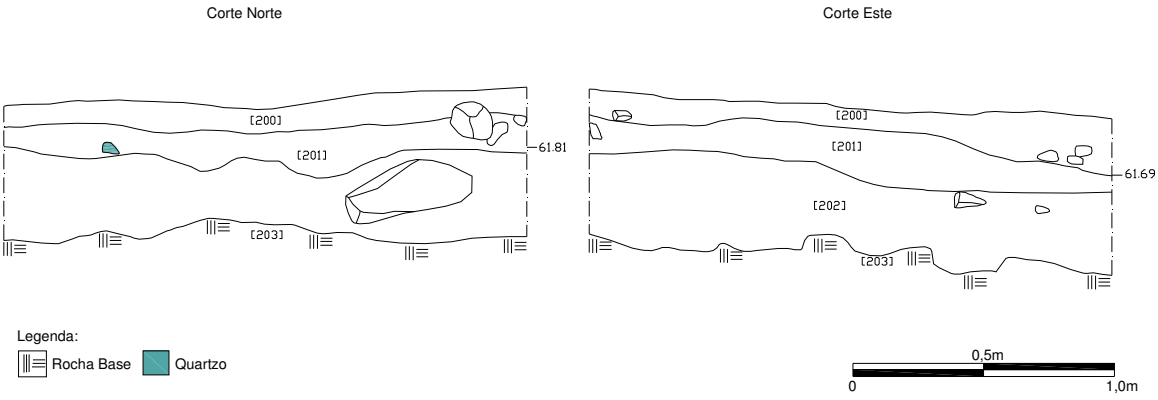


Fig. 138. Sondagem 2 – Cortes Norte e Este



Fig. 139. Sondagem 3- Rocha Base

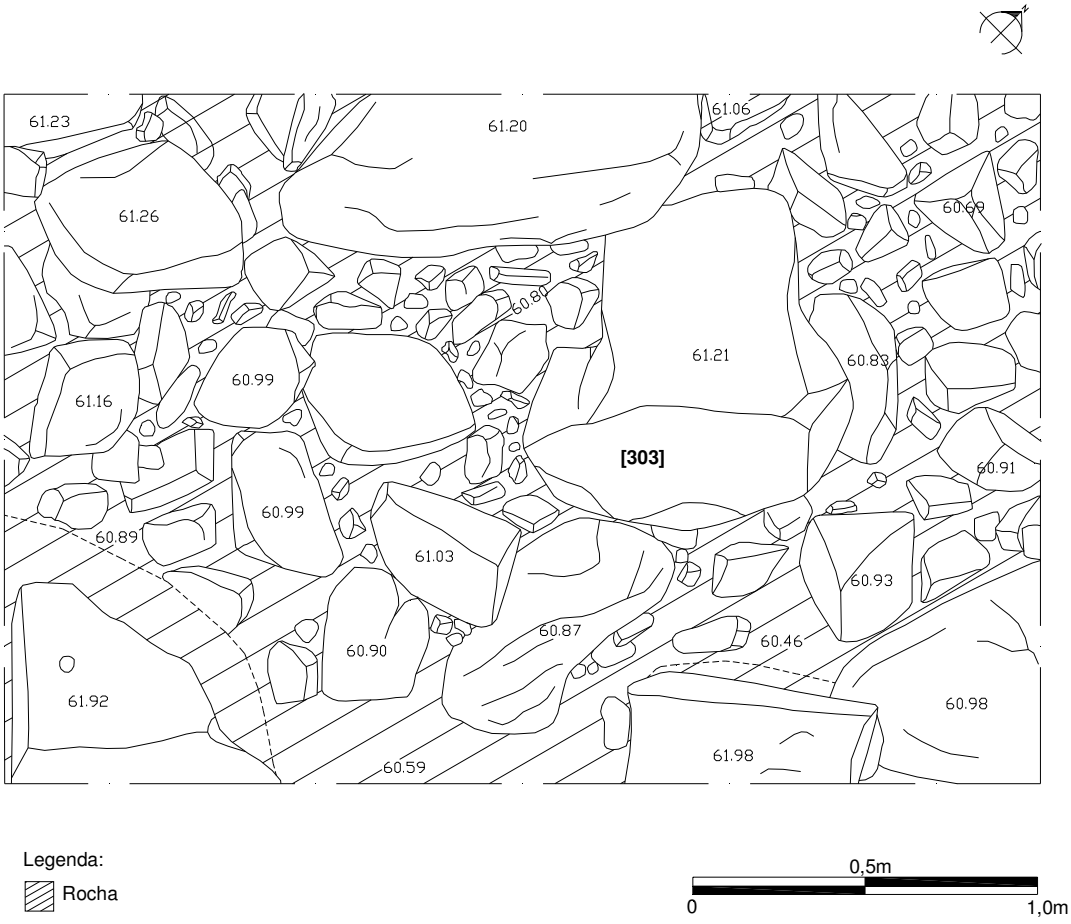


Fig. 140. Sondagem 3 – Plano final

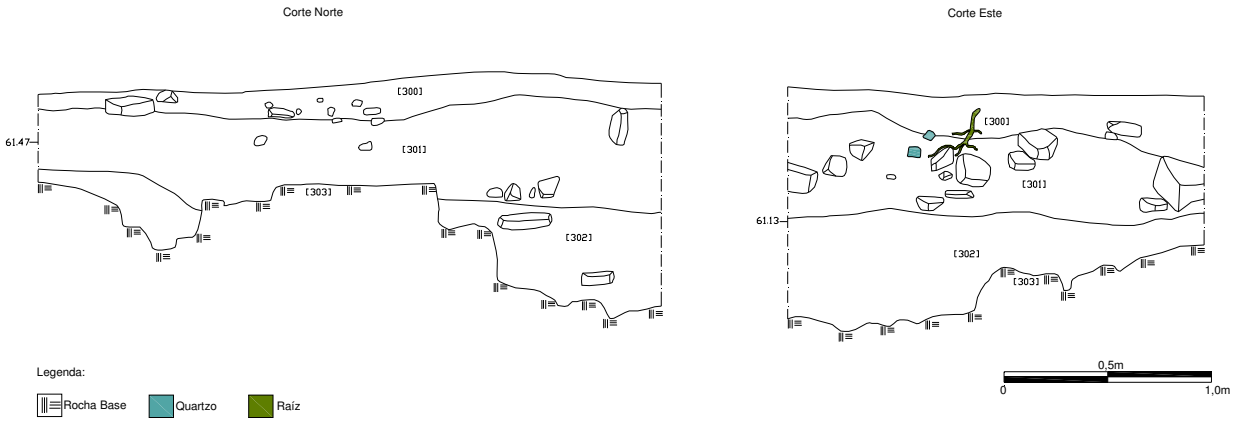


Fig. 141. Sondagem 3 – Cortes Norte e Este

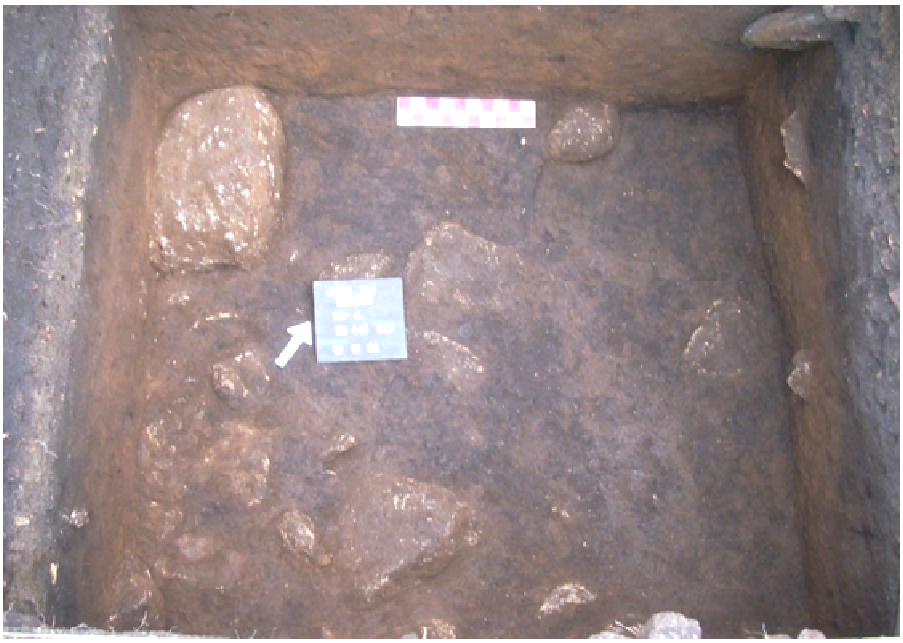


Fig. 142. Sondagem 4 – Rocha base



Fig. 143. Sondagem 4- UEs 411 e 412 - Valas abertas na UE.413

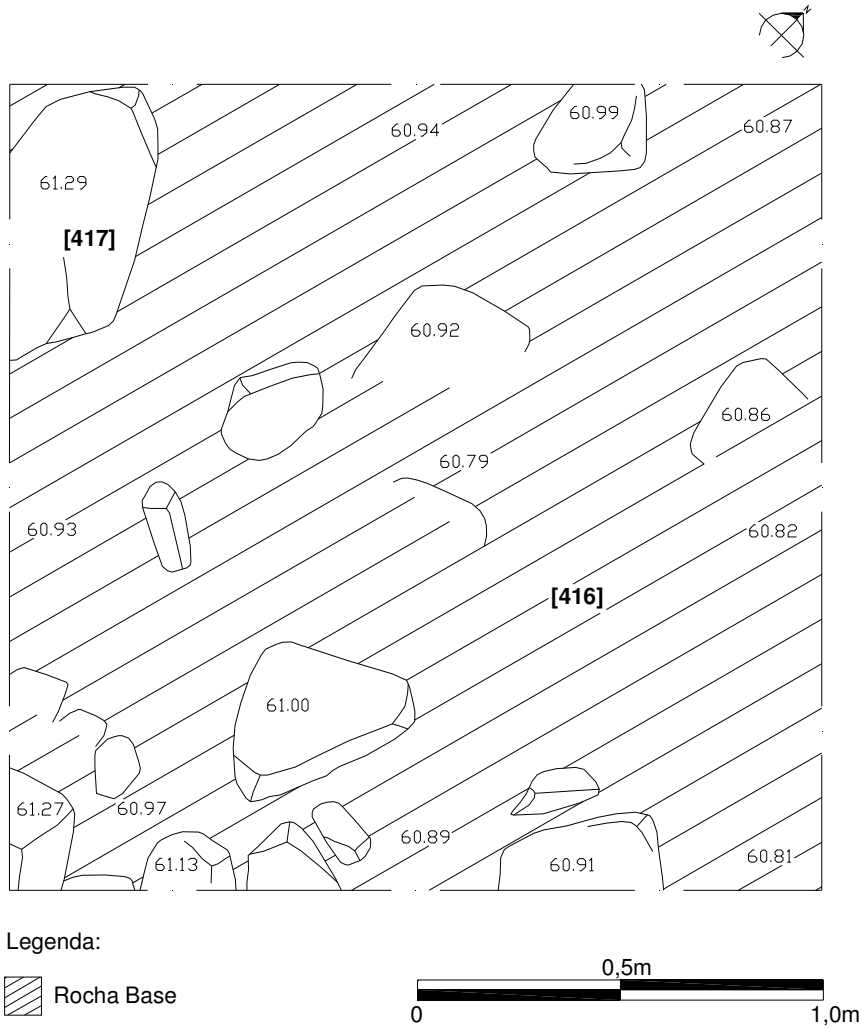


Fig. 144. Sondagem 4 – Plano final

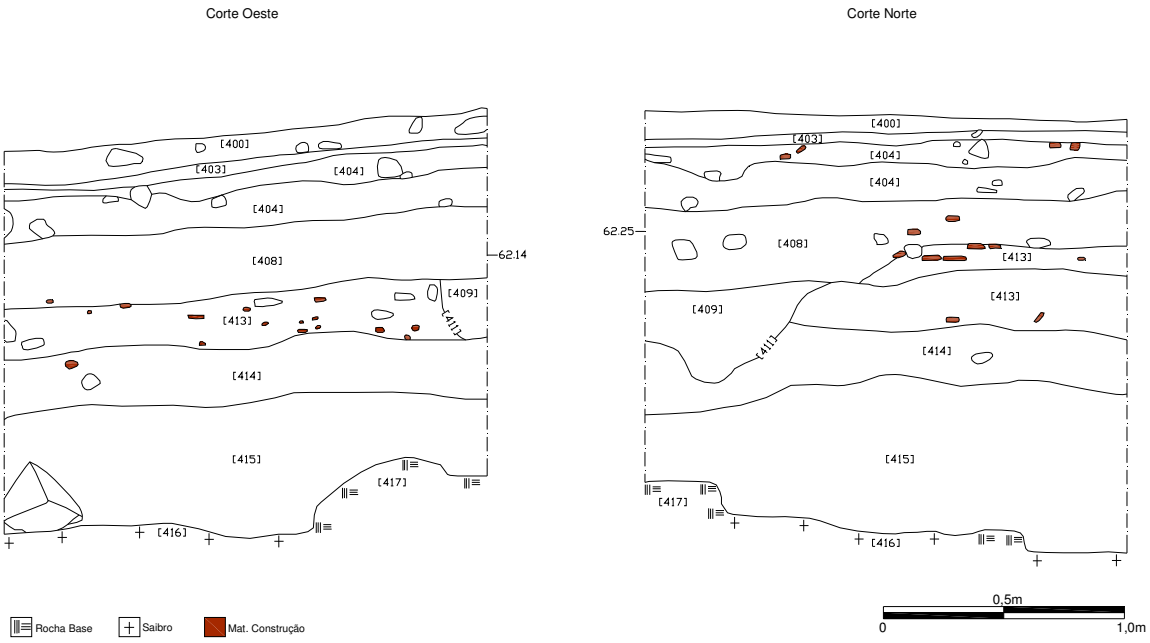


Fig. 145. Sondagem 4 – Cortes Oeste e Norte



Fig. 146. Sondagem 5 - Pormenor das pedras de grande porte e tubo de água que atravessa a sondagem.



Fig. 147. Sondagem 5 - Plano Final.

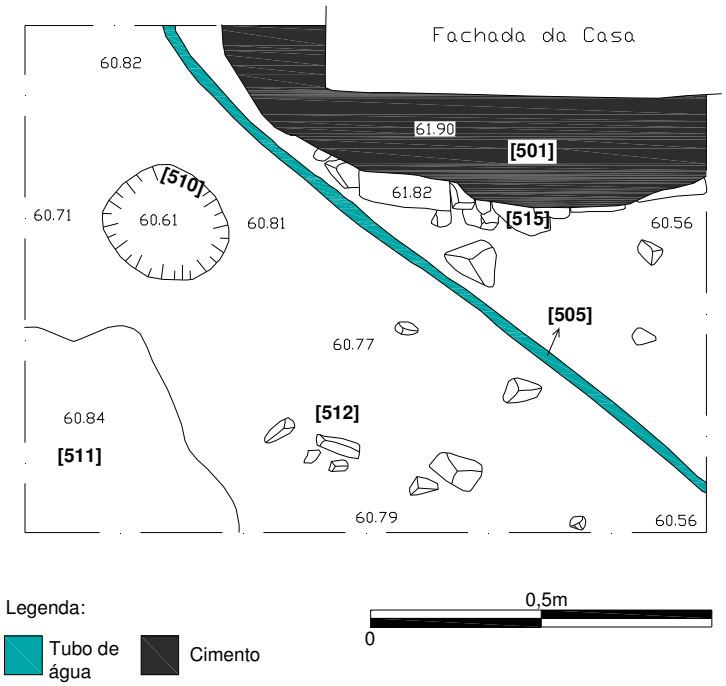


Fig. 148. Sondagem 5 – Plano final

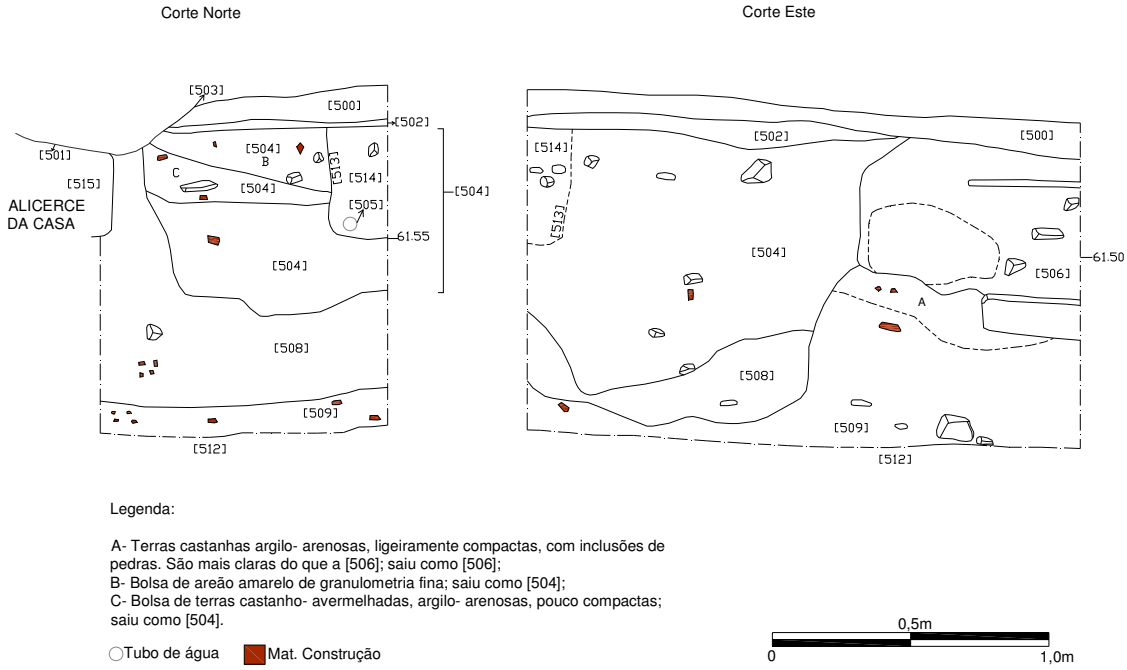


Fig. 149. Sondagem 4 – Cortes Norte e Este



Fig. 150. Sondagem 6 - Alinhamento da estrutura medieval



Fig. 151. Sondagem 6 - UE. 621 - Sepultura com orientação O-E.



Fig. 152. Sondagem 6- UEs. 1055 e 634 - Sepultura com orientação O-E



Fig. 153. Sondagem 6 - UE.1003 - Sepultura parcial, com orientação S- N.



Fig. 154. Sondagem 6- UE.639- Sepultura com orientação O- E, cortada pela UE. 631



Fig. 155. Sondagem 6 – Plano Final

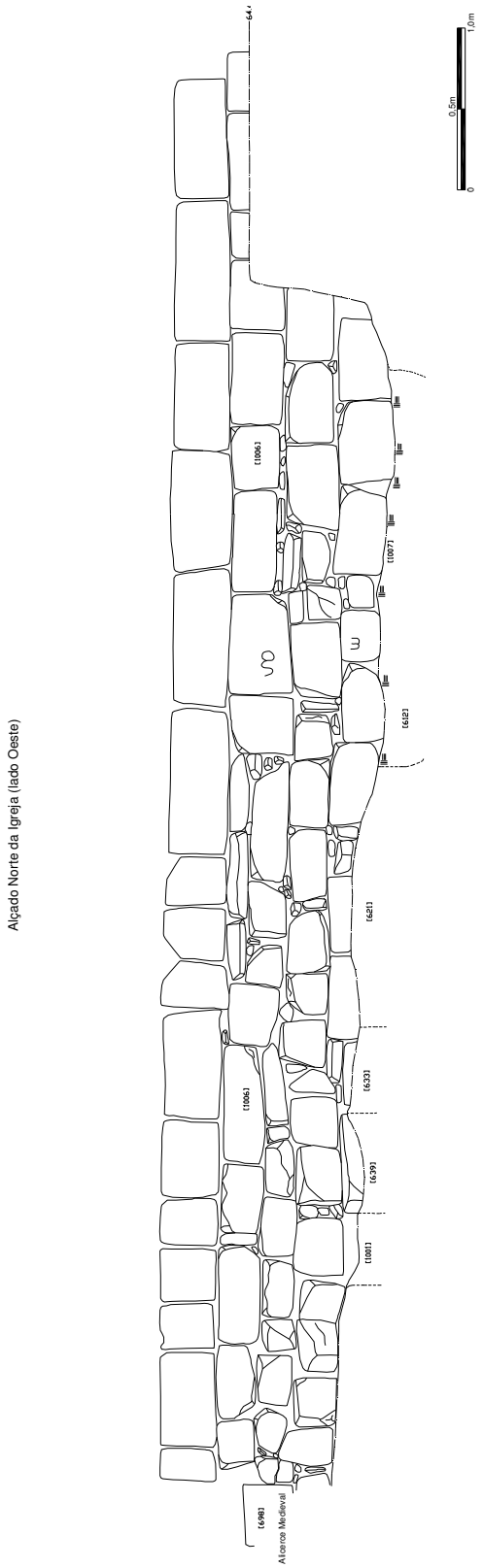


Fig. 156. Sondagem 6 – Lado Oeste – Alçado Norte da Igreja



Fig. 157. Sondagem 6 Lado Oeste- Alçado Norte

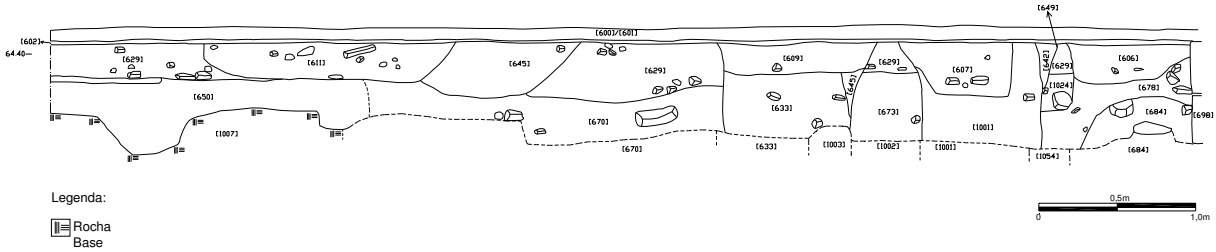


Fig. 158. Sondagem 6 – Lado Oeste – Corte Sul



Fig. 159. Sondagem 6- UE. 626- Lajeado.



Fig. 160. Sondagem 6- UE. 626- Lajeado



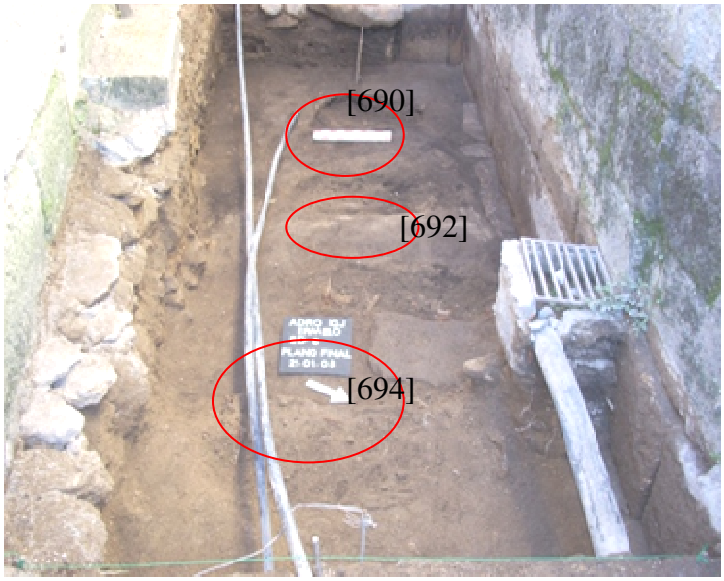
Fig. 161. Sondagem 6 - UE.624 - Sepultura com orientação O-E.



Fig. 162. Sondagem 6 - UE. 636 - Sepultura em vala, com orientação S- N.



Fig. 163. Sondagem 6 - UE. 1013. Sepultura em vala, muito destruída



.

Fig. 164. Sepulturas em vala



Fig. 165. Sondagem 6-Alçado Norte. Aparelho pseudo- isódomo da parede Sul da Capela Lateral



Fig. 166. Sondagem 6- Alçado Norte. Aparelho da parede exterior Sul da Igreja.

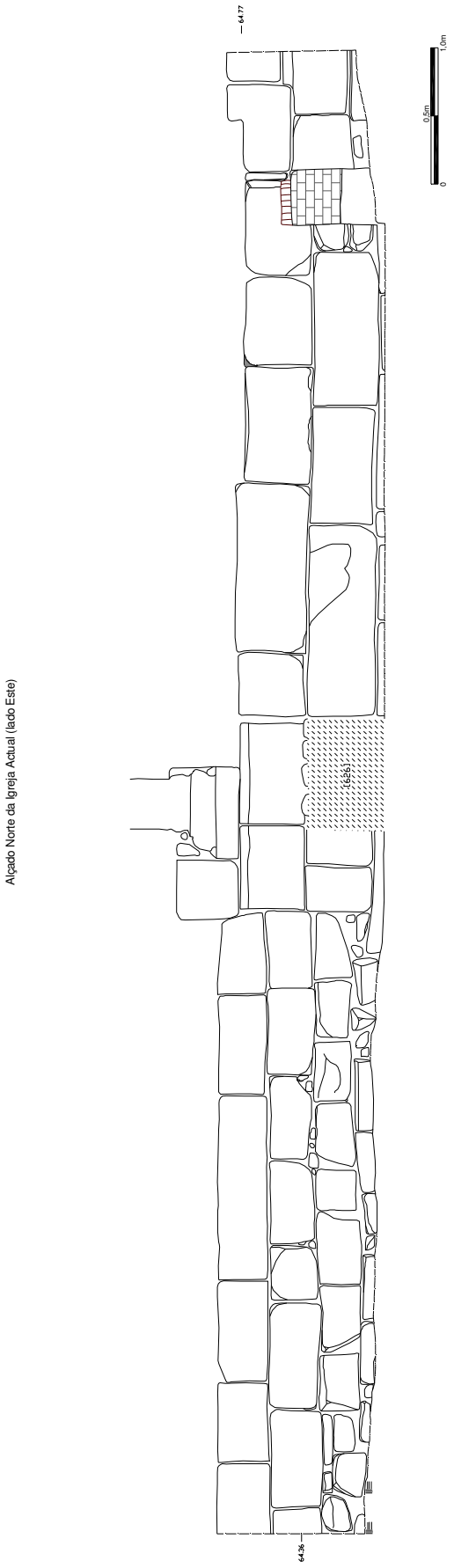


Fig. 167. Sondagem 6 – Lado Este – Alçado Norte da Igreja

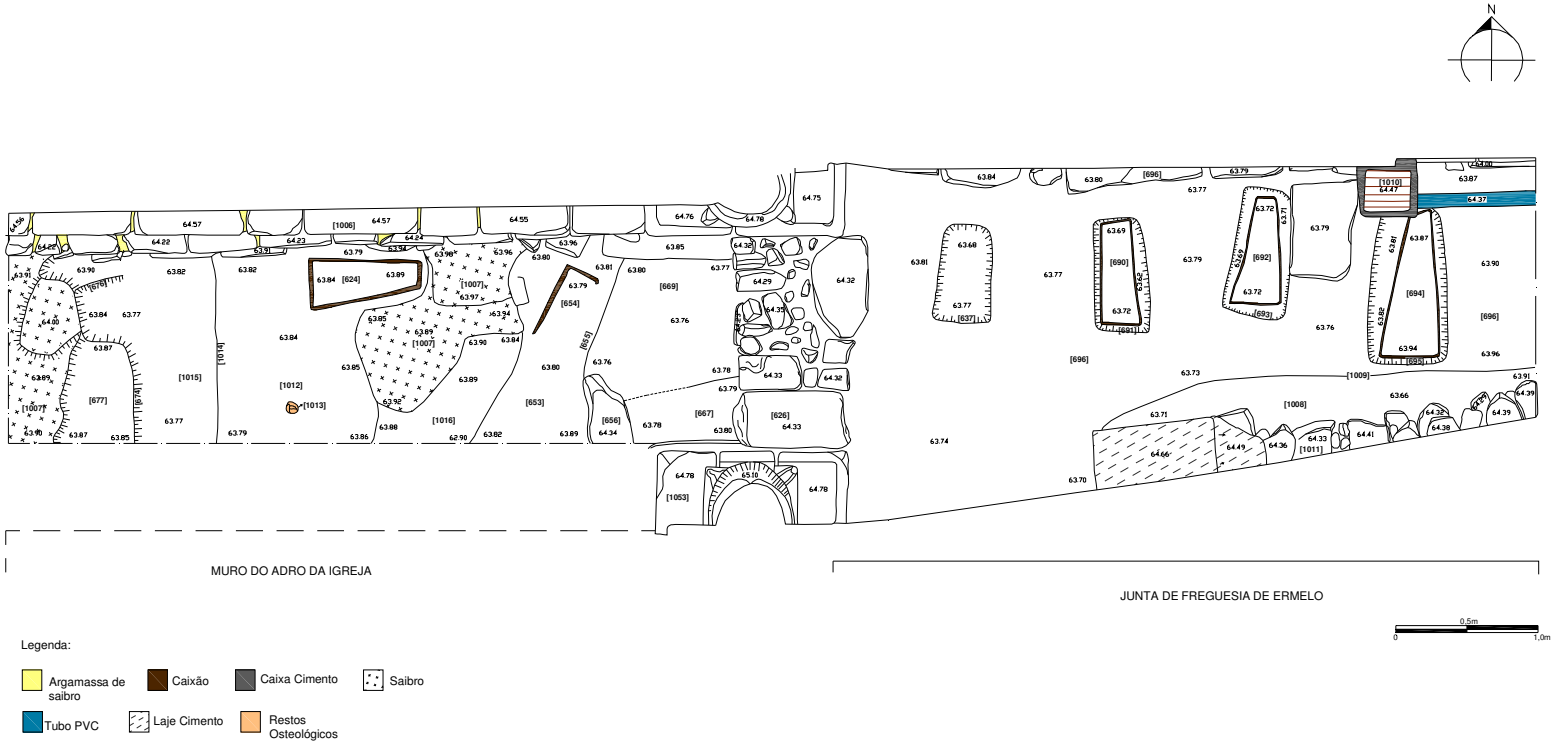


Fig. 168. Sondagem 6 – Lado Este – Plano Final

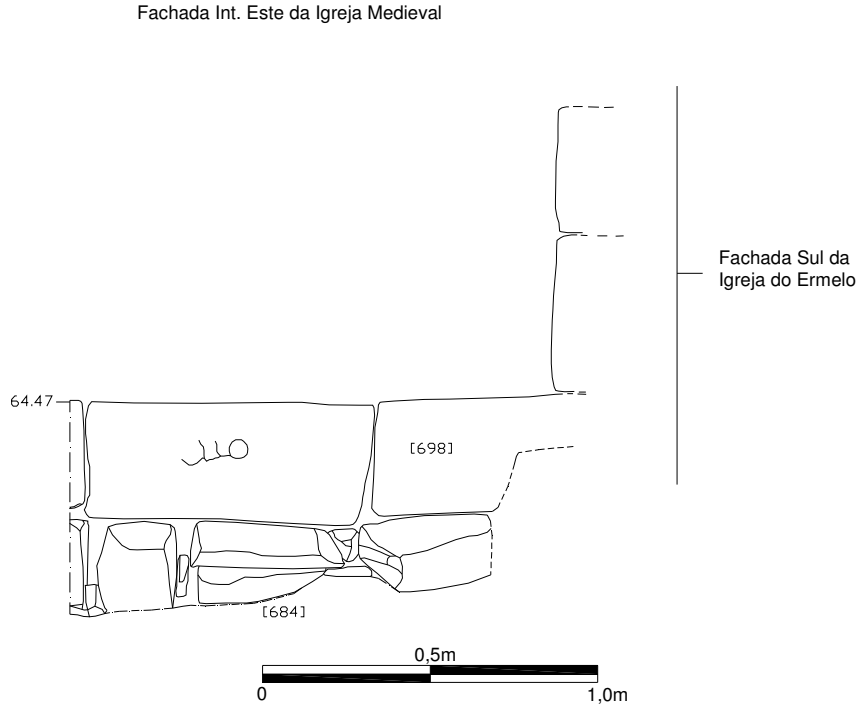


Fig. 169. Sondagem 6 – Lado Oeste – Fachada interior Este da Igreja medieval



Fig. 170. Fragmentos de cerâmica romana tardia ou Alta Idade Média de tradição local



Fig. 171. Sondagem 6 - alargamento - início dos trabalhos de escavação.



Fig. 174. Sondagem 6- Alarg.- UEs. 1019 (caixão) e 1020 (Interface) – sep. com orientação O- E.



Fig. 172. Sondagem 6 - Alarg.-UE.1027 – Sepultura com orientação O- E.



Fig. 173. Sondagem 6 - Alarg. - UE.1039- Sepultura embutida no Corte Oeste



Fig. 175. Sondagem 6 - Alarg-.UE.1035 - Sepultura com orientação S-N.



Fig. 176. Sondagem 6 - Alarg.-UE.1040 - Sepultura embutida no Corte Oeste.



Fig. 177. Sondagem 6 - Alarg.-UE.1048 (= UE.699) e UE.1054- Sepulturas escavadas no solo



Fig. 178. Sondagem 6 - Alargamento - Plano Final.



Fig. 179. Sondagem 6 - Alarg. - UE. 1042 - Vala de fundação da Igreja Medieval - fachadas interiores N. e E.



Fig. 180. Sondagem 6 - Alarg. Alçado Oeste da Igreja Medieval



Fig. 181. Sondagem 6 – Alarg. Alçado Este da Igreja Medieval.



Fig. 182. Sondagem 6 - Alarg. - UE. 1051 - Vala de fundação da Igreja Medieval - fachada exterior Oeste.



Fig. 183. Sondagem 6 alargamento – Plano final



Fig. 184. Sondagem 6 – Lado Oeste e alargamento – Plano Final

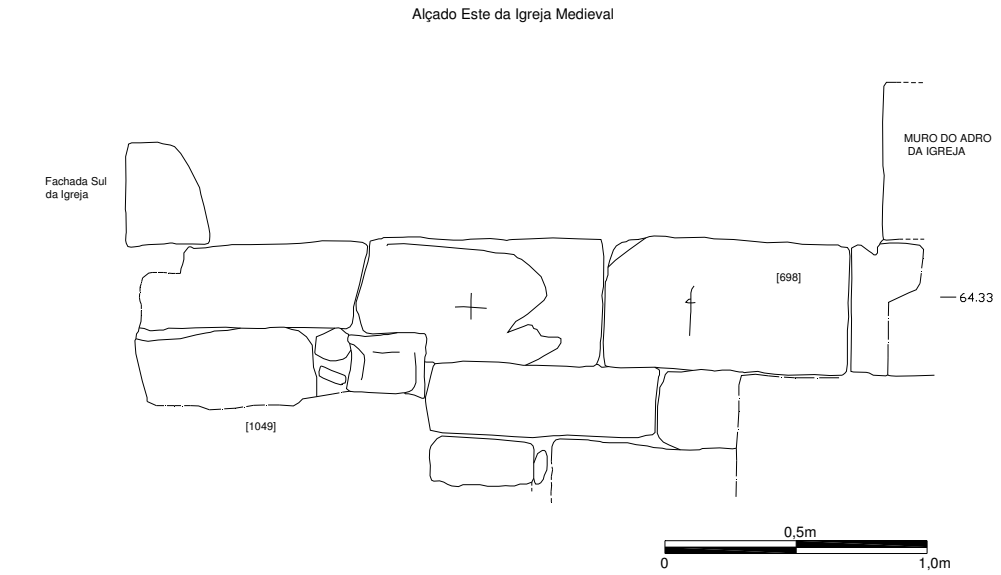


Fig. 185. Sondagem 6 alargamento – Alçado Este da Igreja medieval

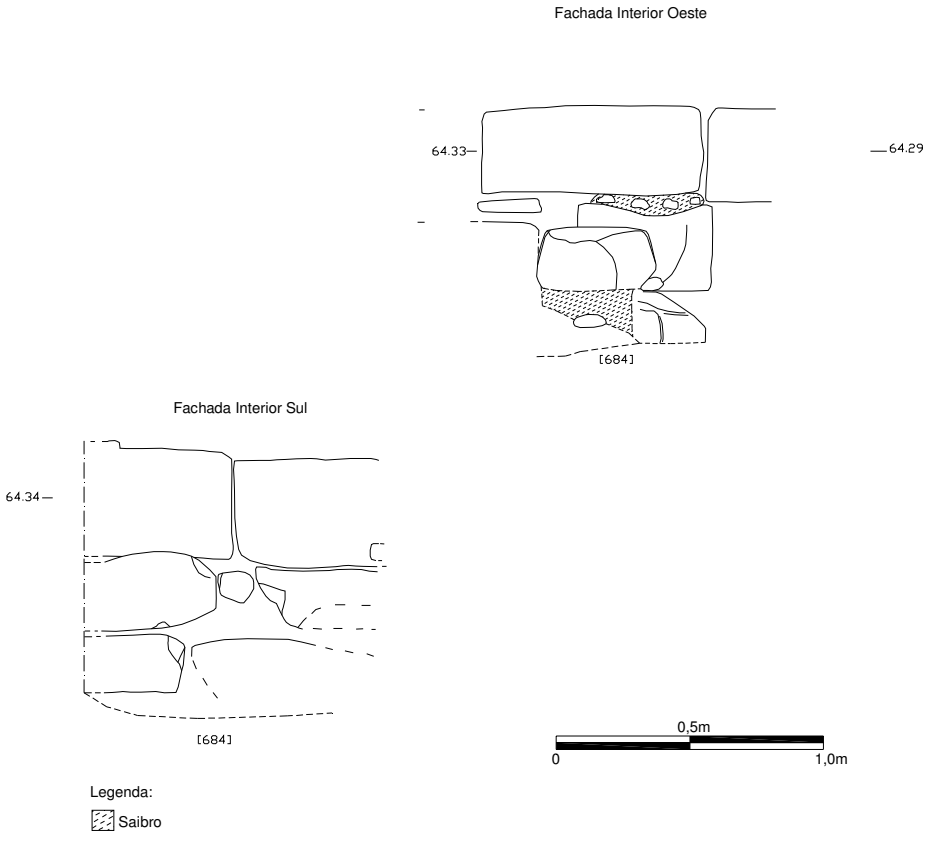


Fig. 186. Sondagem 6 alargamento – Fachadas interior Oeste e Sul



Fig. 187. Sondagem 7-UEs. 710 e 711 - Caixão e vala de enterramento inseridos no corte Sul



Fig. 188. Sondagem 7 - UEs. 712 e 713 - Caixão e vala de sepultura com orientação N – S.



Fig. 189. Sondagem 7 - UE. 716 - Vala de sepultura, totalmente no corte Este.



Fig. 190. Sondagem 7 - UE.718 - Plano final

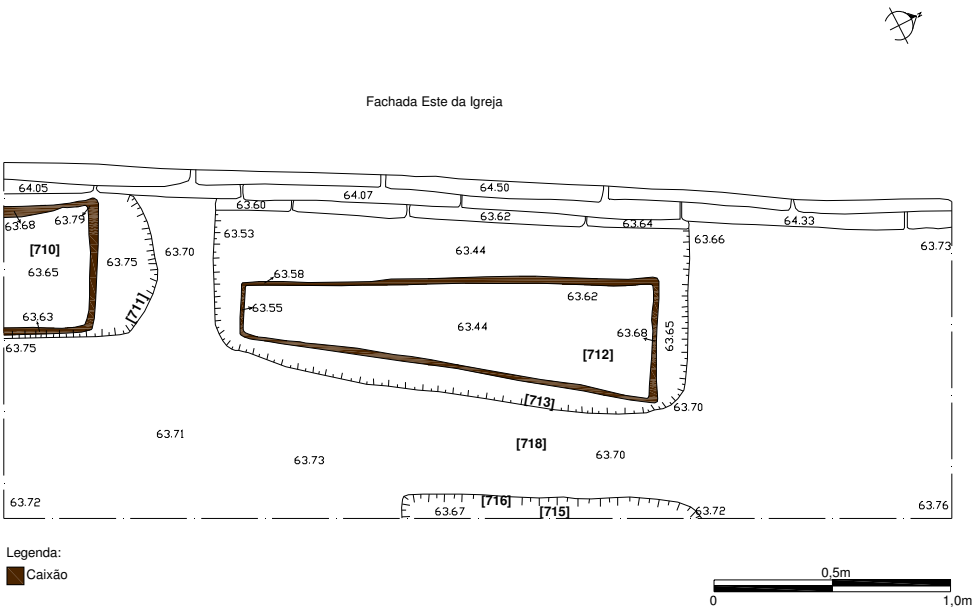


Fig. 191. Sondagem 7 – Plano final

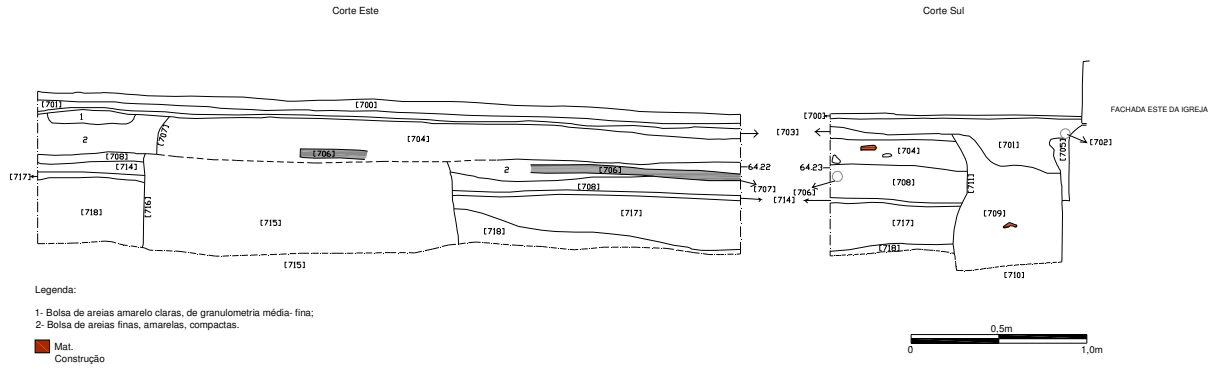


Fig. 192. Sondagem 7 – Cortes Este e Sul



Fig. 193. Sondagem 8 - UE. 815 - Ossos revolvidos.



Fig. 194. Sondagem 8 - UE.820 - Caixão em madeira com orientação N – S



Fig. 195. Sondagem 8 - UES. 829 e 830 - Caixão em madeira com orientação W - E e enchimento de sepultura.



Fig. 196. Sondagem 8 - UE.1007 - Rocha Base - Plano Final

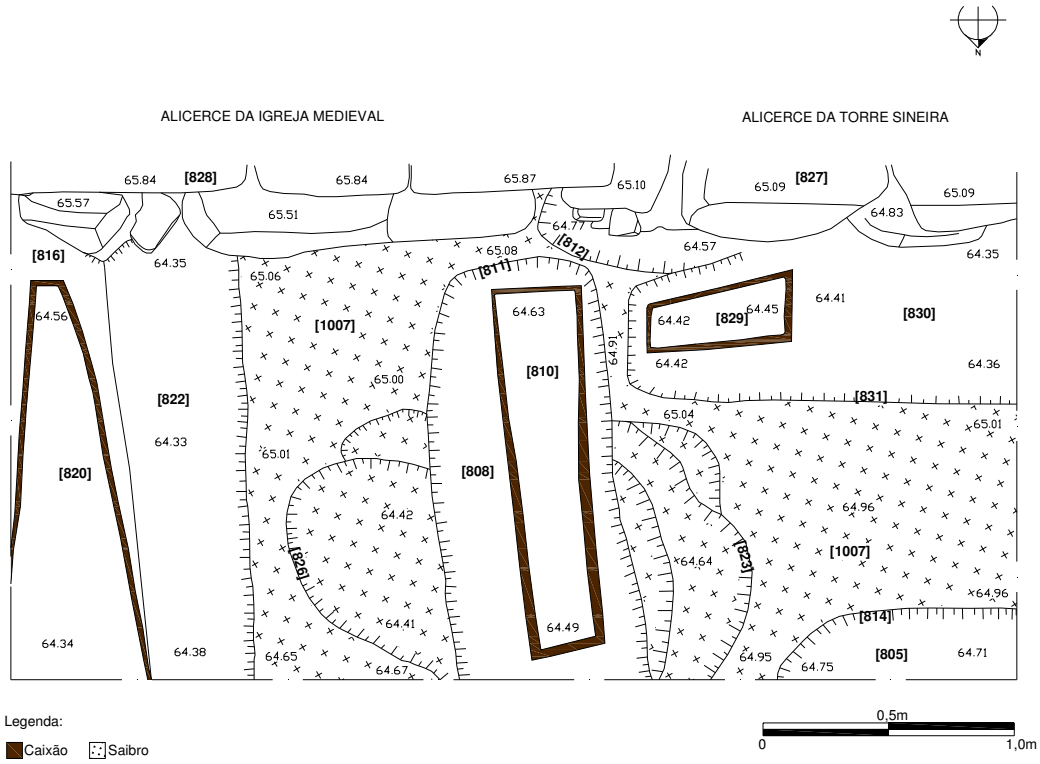


Fig. 197. Sondagem 8 – Plano final

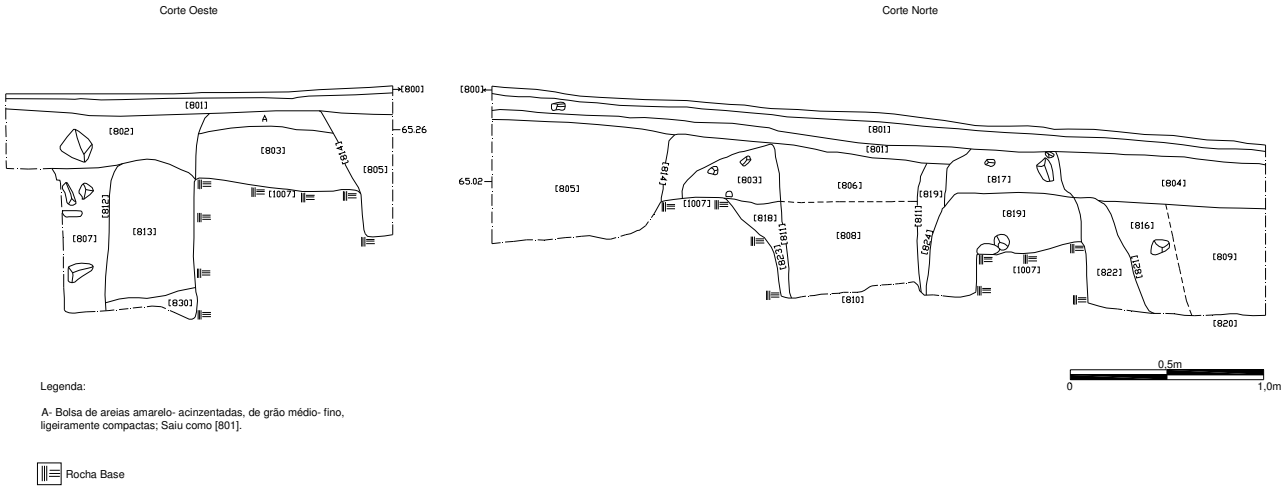


Fig. 198. Sondagem 8 – Cortes Oeste e Norte

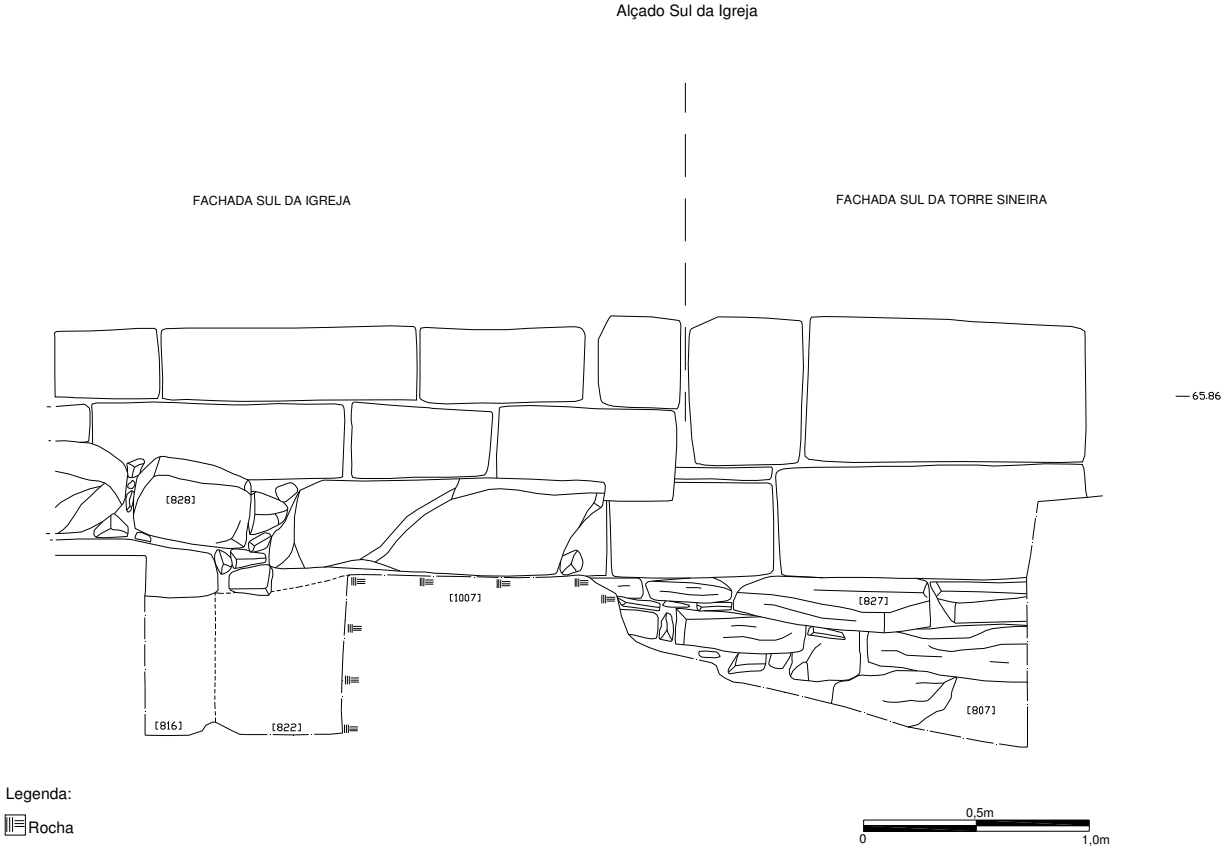


Fig. 199. Sondagem 8 – Alçado Sul da Igreja



Fig. 200. Aspecto geral dos alicerces da Igreja medieval após levantamento do cimento



Fig. 201. Perspectiva do muro do adro do lado Oeste antes dos trabalhos de desmonte



Fig. 202-204. Perspectiva do muro do adro do lado Sul antes do trabalhos de desmonte



Fig. 205. Perspectiva geral do muro após 1ª fase de desmonte



Fig. 206. Perspectiva do lado Oeste da igreja após desmonte total do muro oeste do Adro



Fig. 207. Muro de betão no lado Oeste da igreja



Fig. 208. Alicerce Oeste e Sul da igreja medieval após desmonte parcial do muro do adro



Fig. 209. Sondagem 9 - Perspectiva da vala de fundação da fachada sul da estrutura medieval.



Fig. 210. Sondagem 9- Perspectiva do alicerce do muro medieval, vista de Norte.



Fig. 211. Sondagem 9 - pormenor de uma das siglas de pedreiro

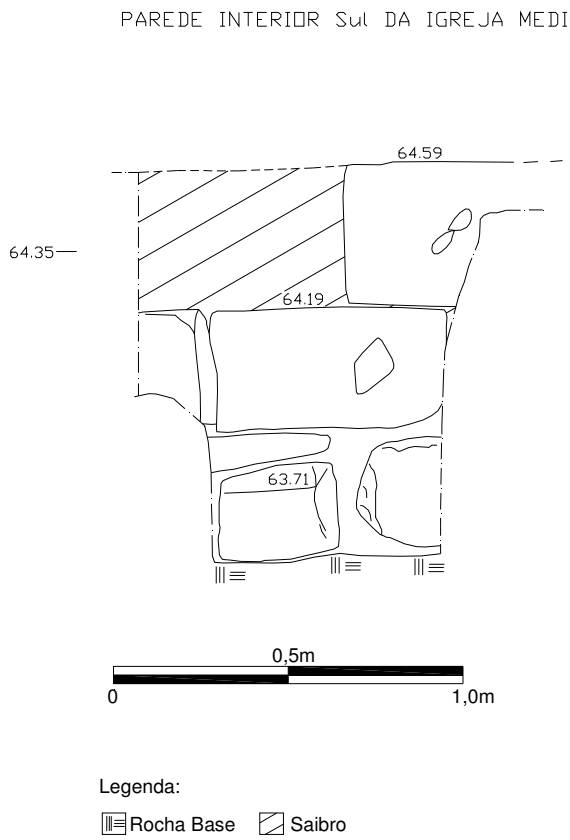


Fig. 212. Sondagem 9 – Alçado interior da parede Sul da Igreja medieval.



Fig. 213. Cerâmica cinzenta tardo-romana ou altimediévica de tradição local.



Fig. 214. Local onde se detectou o alicerce



Fig. 215. Perspectiva do alicerce com sentido Sul - Norte.



Fig. 216. Outra perspectiva do alicerce com orientação Sul- Norte.

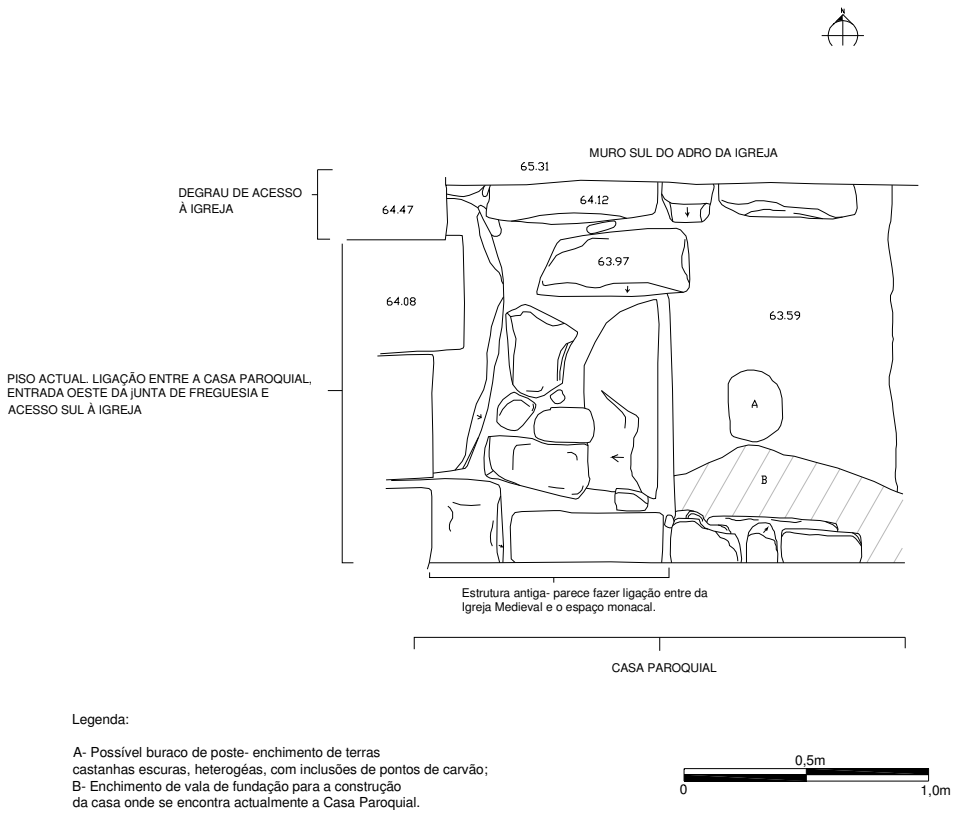


Fig. 217. Perspectiva do muro de ligação da igreja ao espaço monacal

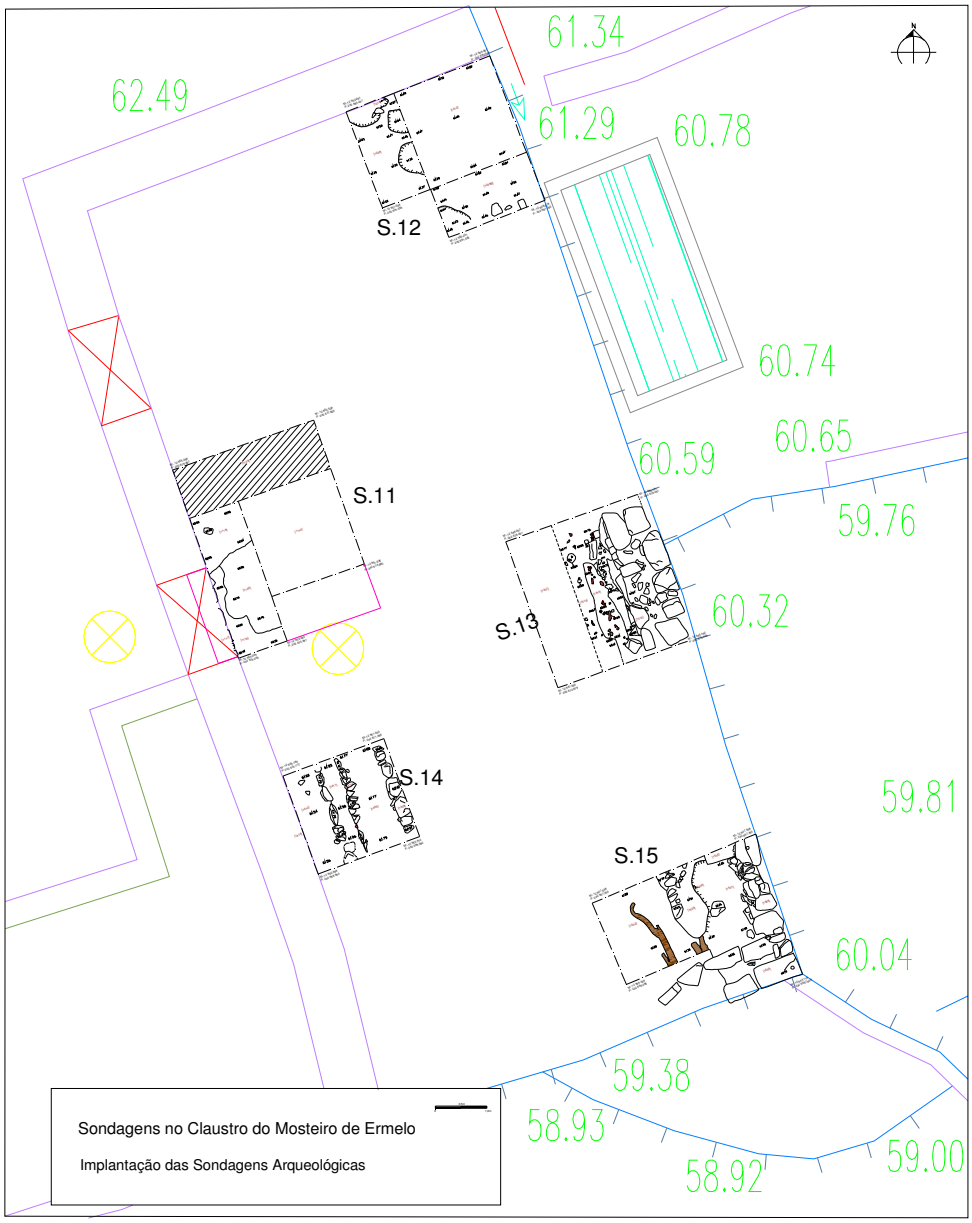


Fig. 218. Implantação das sondagens no terreno da Paróquia



Fig. 219. Perspectiva geral das sondagens arqueológicas no terreno da Paróquia



Fig. 220. Sondagem 11. Rego de água que atravessa a sondagem

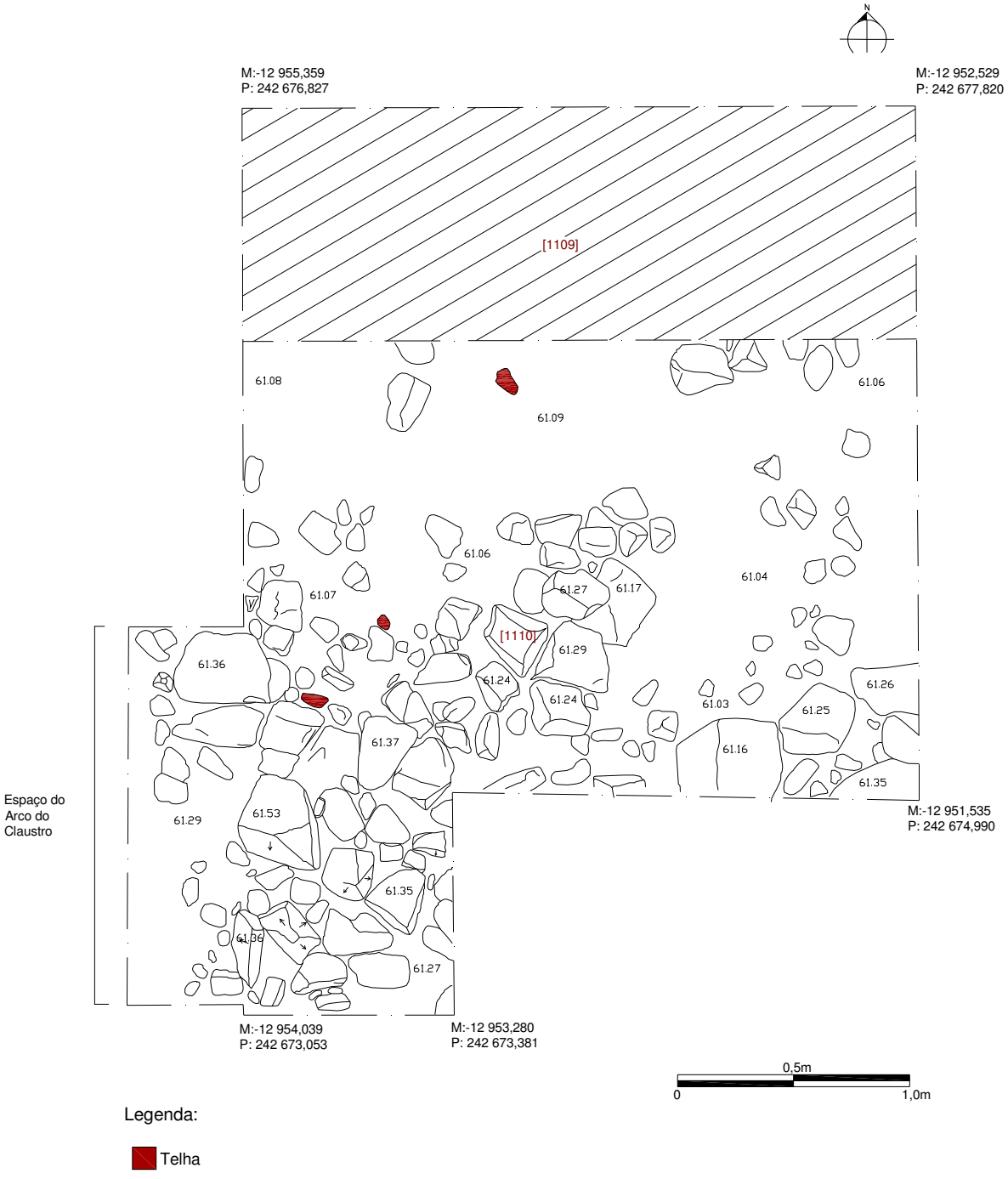


Fig. 221. Sondagem 11- Nível de derrube de pedras [1110].



Fig. 222. Sondagem 11. Nível de colapso do telhado do mosteiro

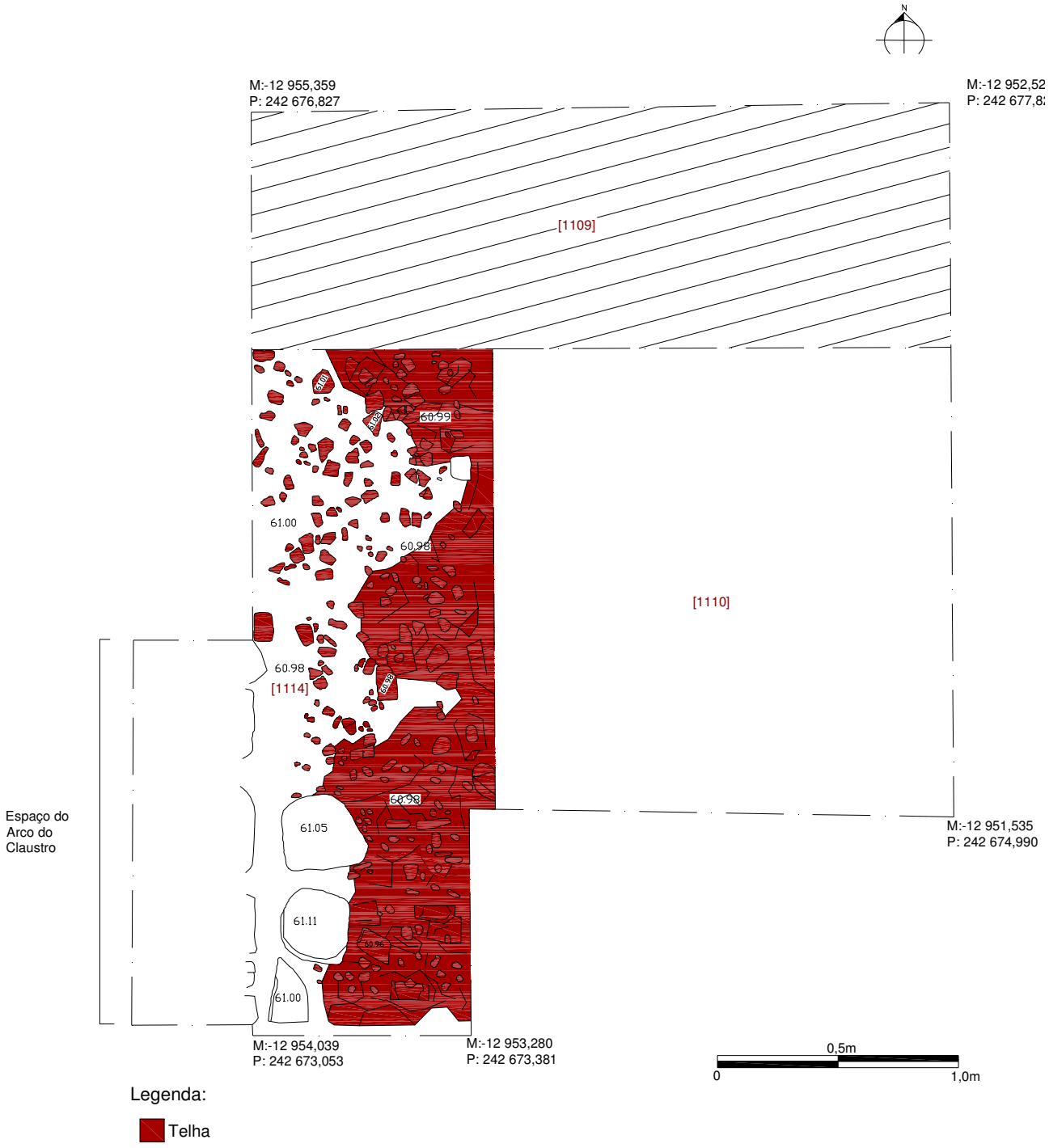


Fig. 223. Sondagem 11- Nível de colapso do telhado do mosteiro [1114].

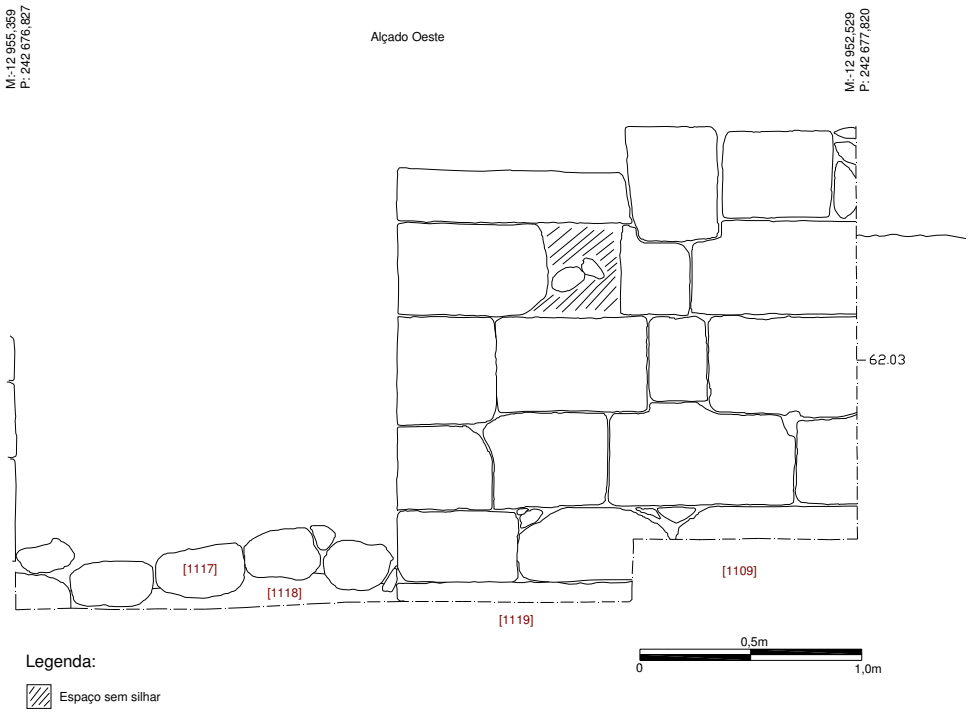


Fig. 224. Sondagem 11- Alçado Oeste do Claustro.

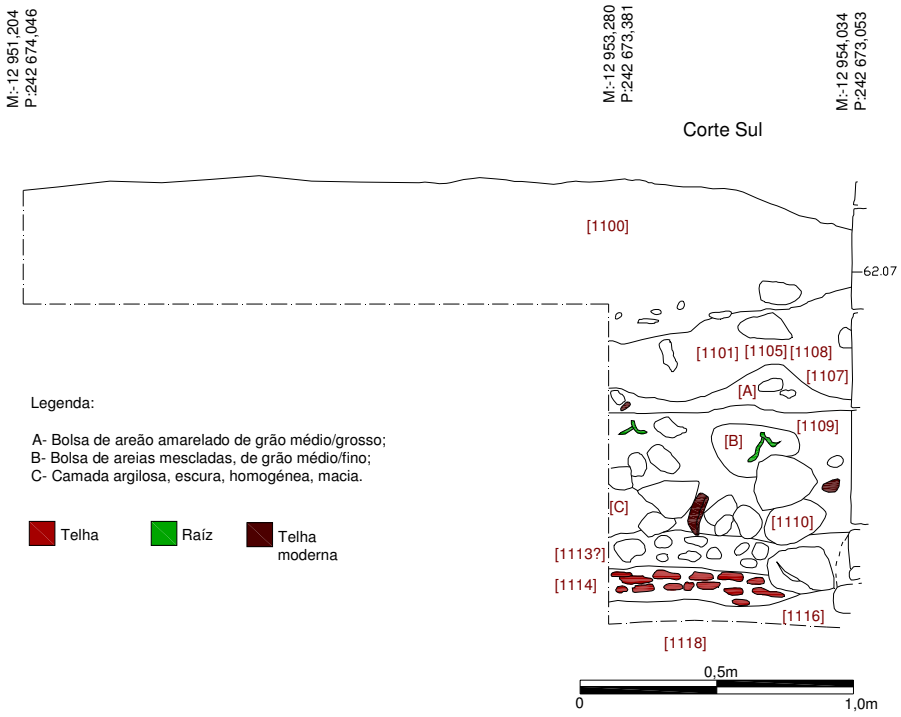


Fig. 225. Sondagem 11- Corte Sul.

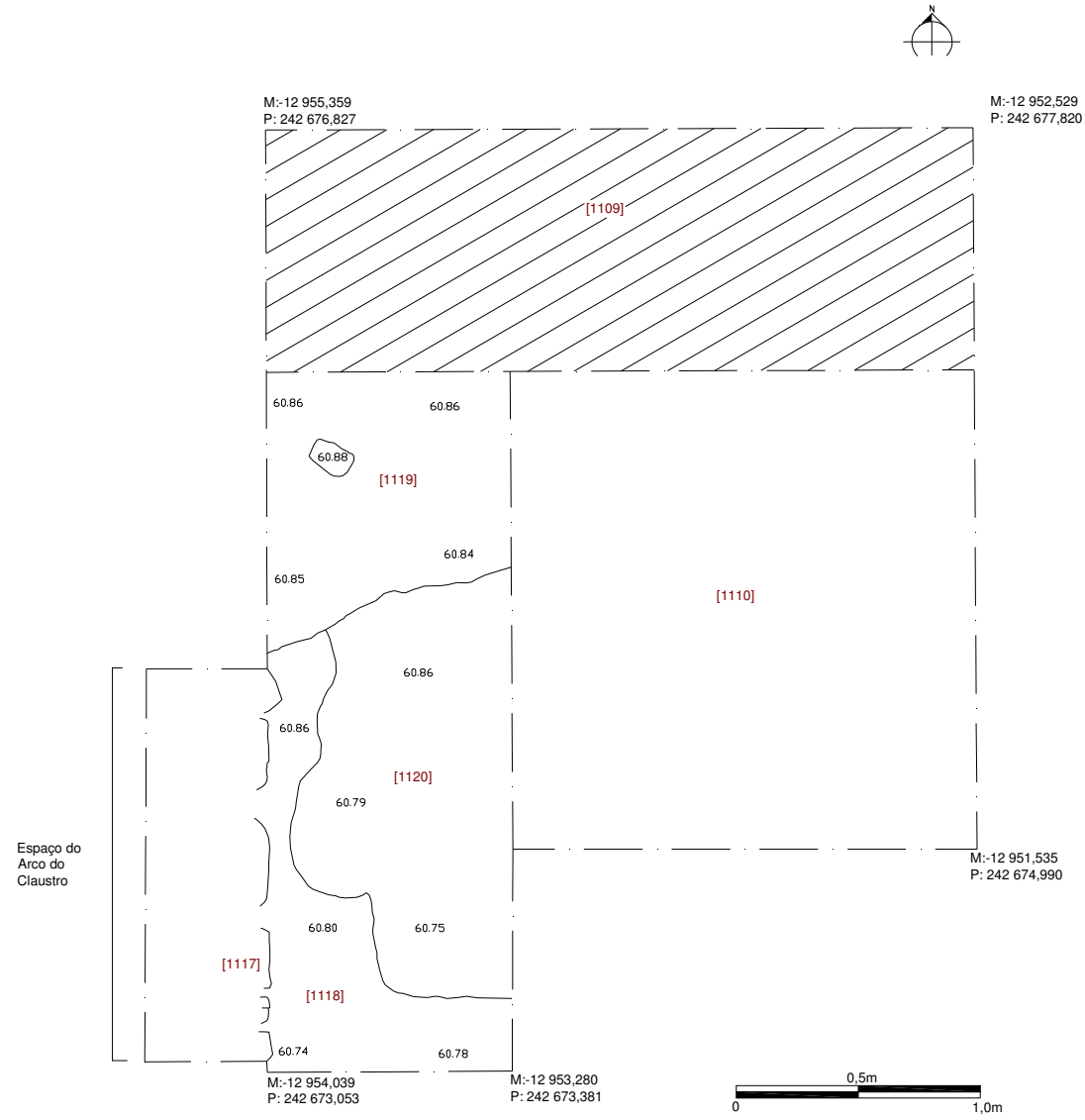


Fig. 226. Sondagem 11- Plano Final.



Figs. 227-228. Pequeno fragmento de prato ou testo.

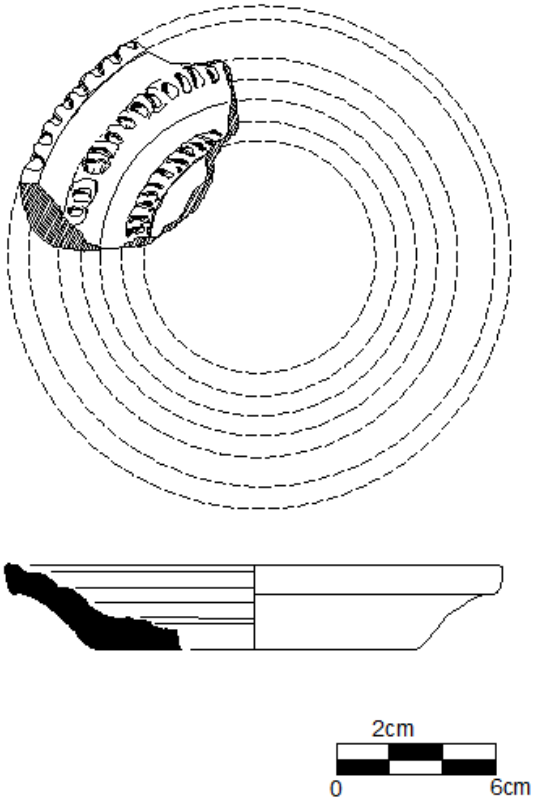


Fig. 229. Pequeno fragmento de prato ou testo

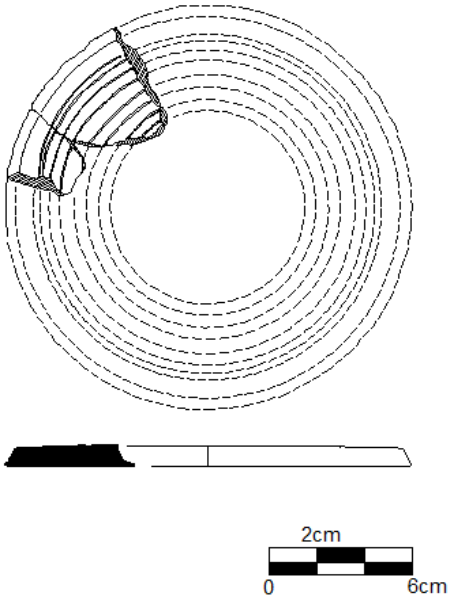


Fig. 230. Fragmentos de um testo.

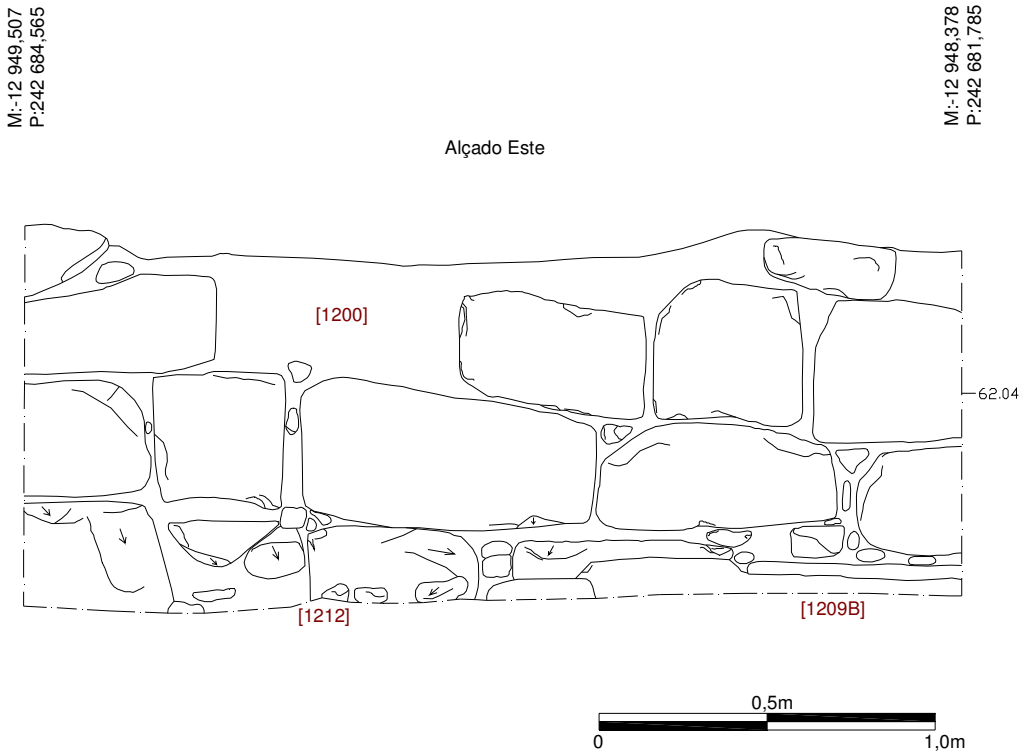


Fig. 231. Sondagem 12- Alçado Oeste do muro do terreno da paróquia.

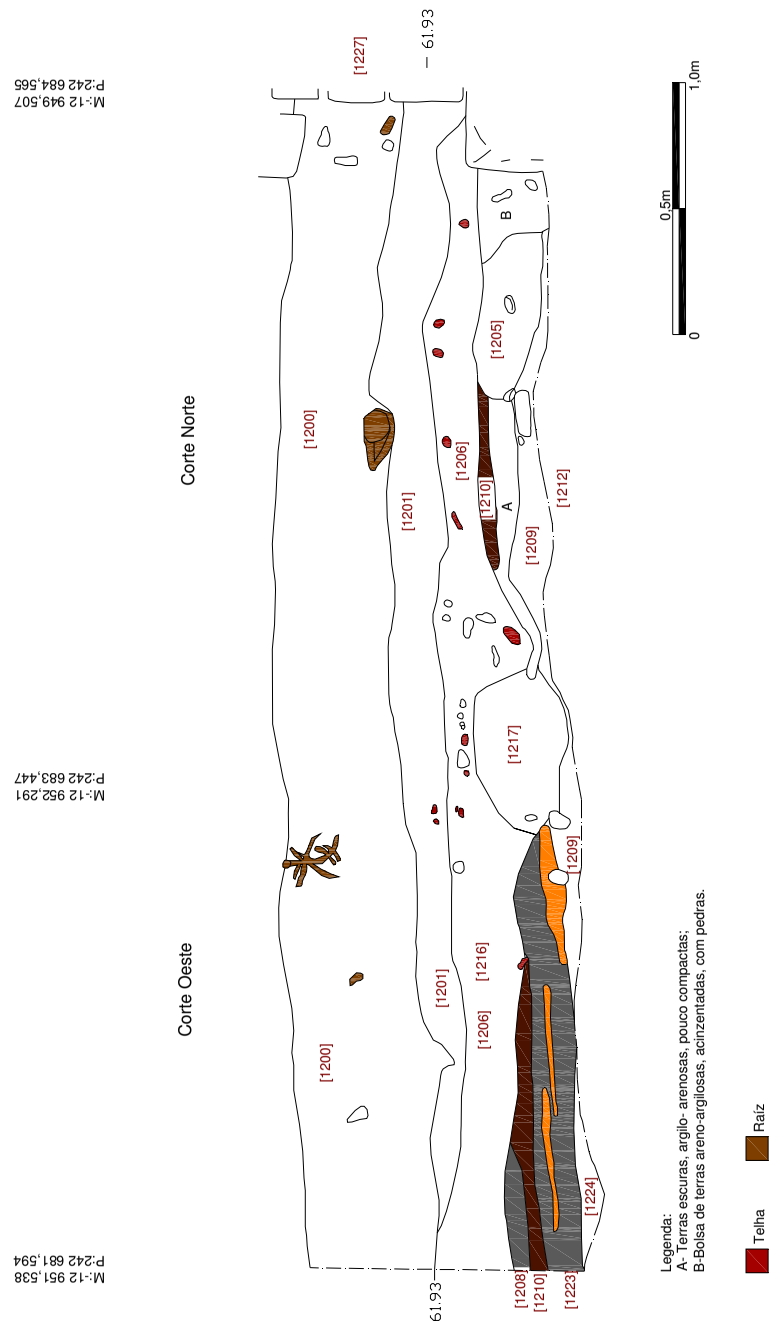


Fig. 232. Sondagem 12- Cortes Oeste e Norte.

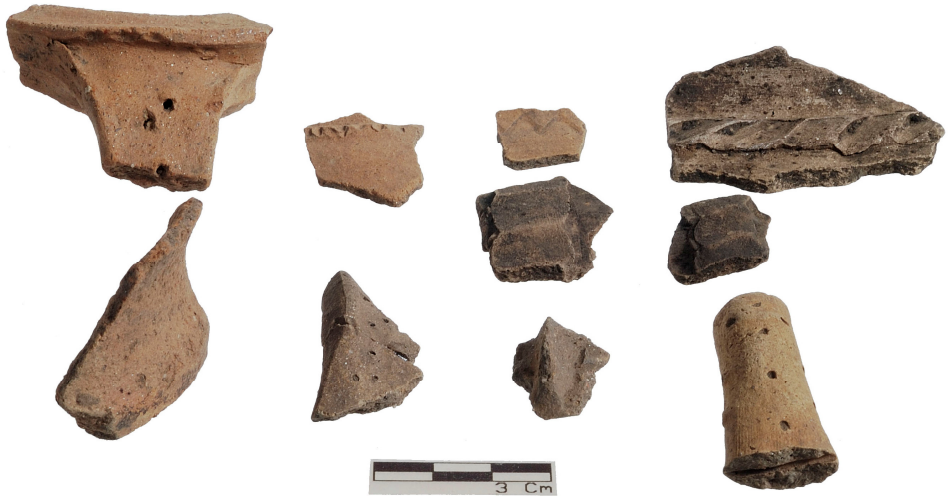


Fig. 233. Sondagem 12. Fragmentos com decorações de cerâmica Tipo Prado

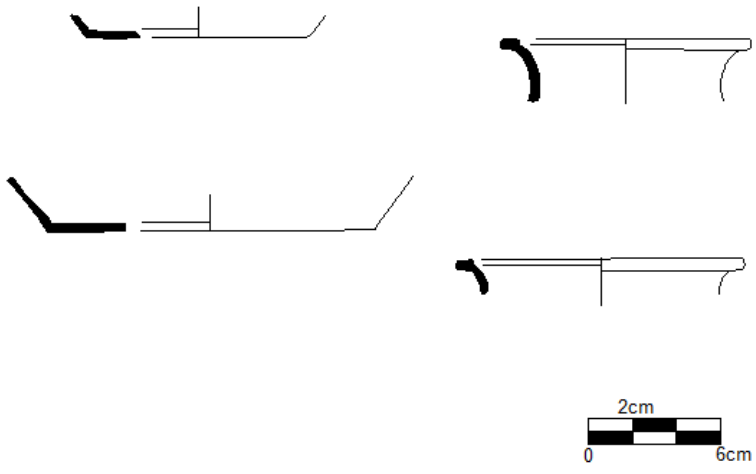


Fig. 234. Sondagem 12- UE.1226- Bordos e Fundos de cerâmica Tipo Prado.



Fig. 235. Sondagem 13. Alinhamento de pedras muito tosco.

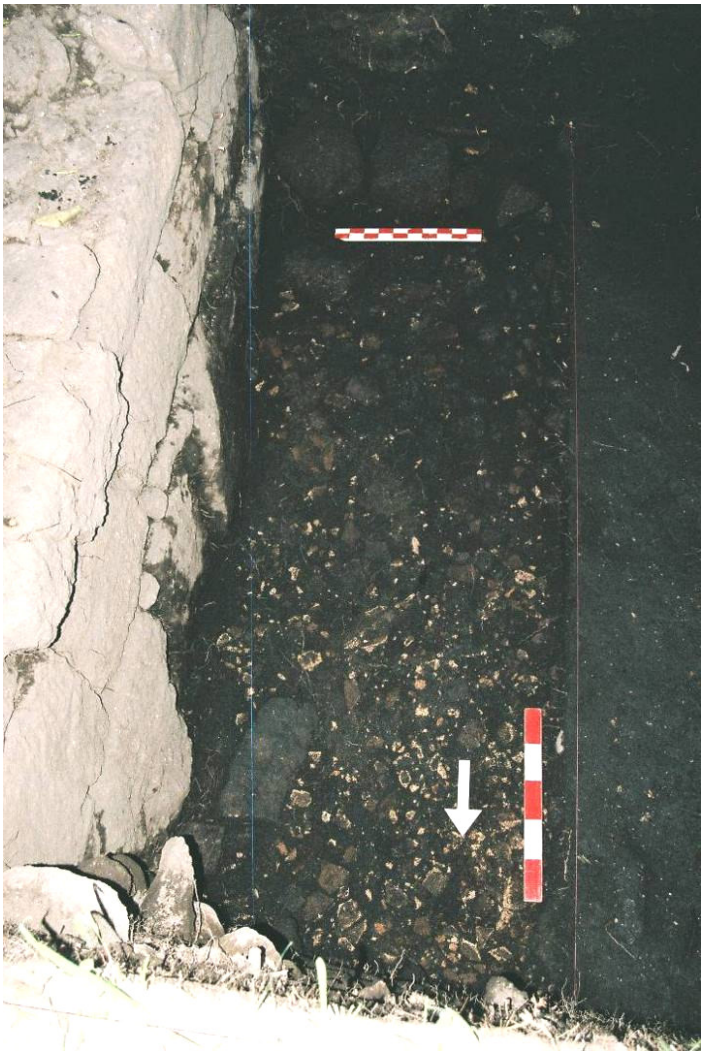


Fig. 236. Sondagem 13. Nível de colapso do telhado.



Fig. 237. Sondagem 13- UE.1311- Fragmentos de cerâmica Tipo Prado (alguma decoração)

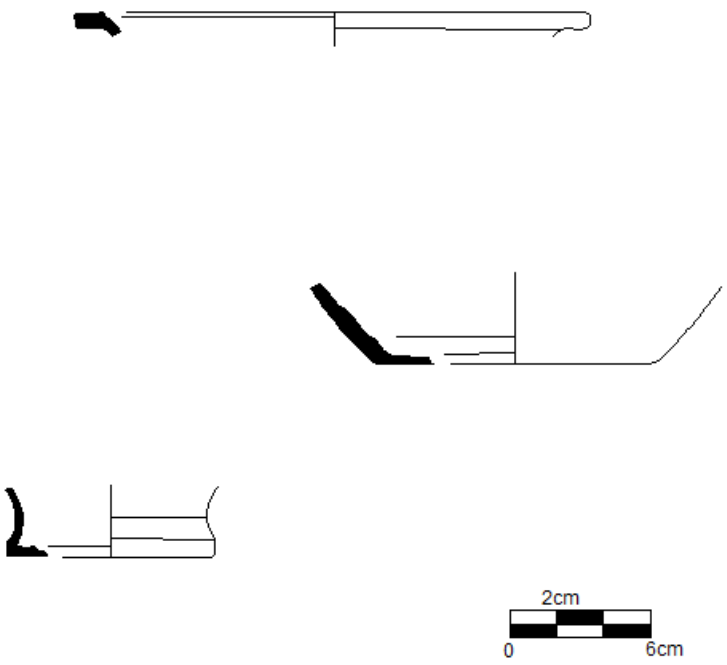


Fig. 238. Sondagem 13- UE.1311- Bordo e fundos de cerâmica Tipo Prado



Fig. 239. Sondagem 13. Plano Final.

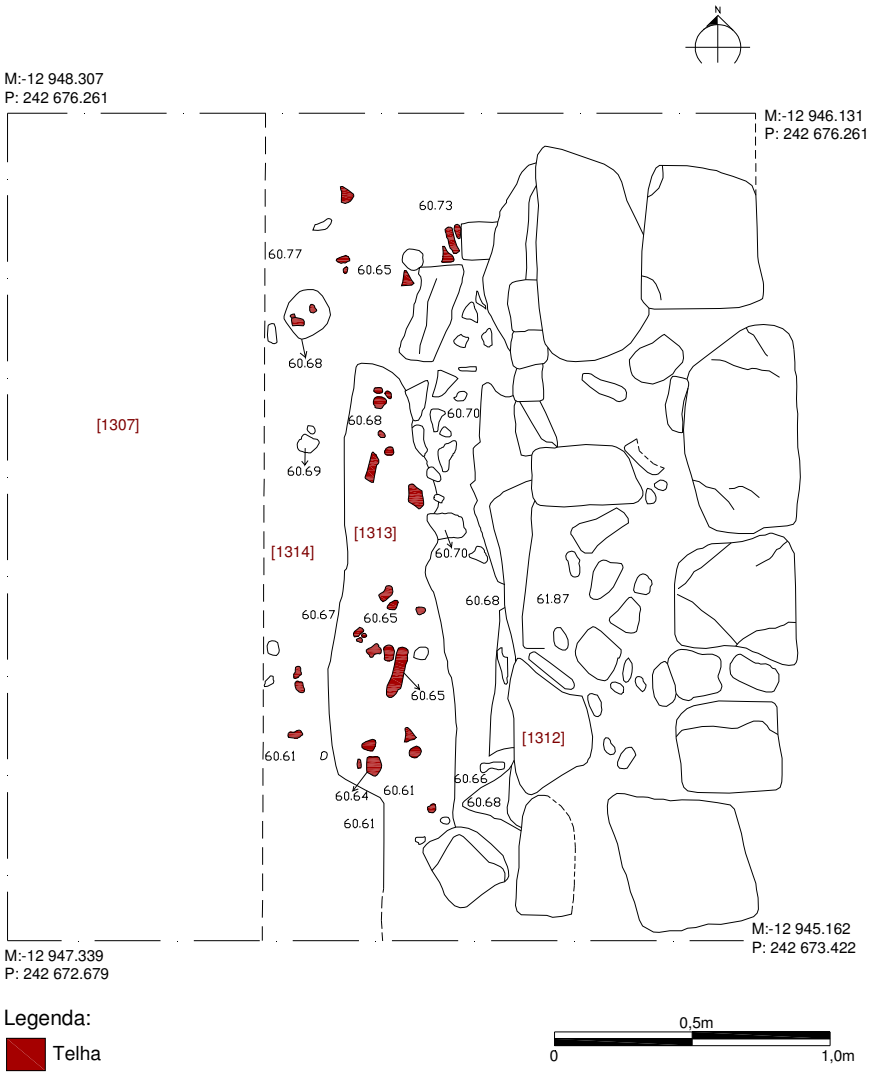


Fig. 240. Sondagem 13- Plano Final.

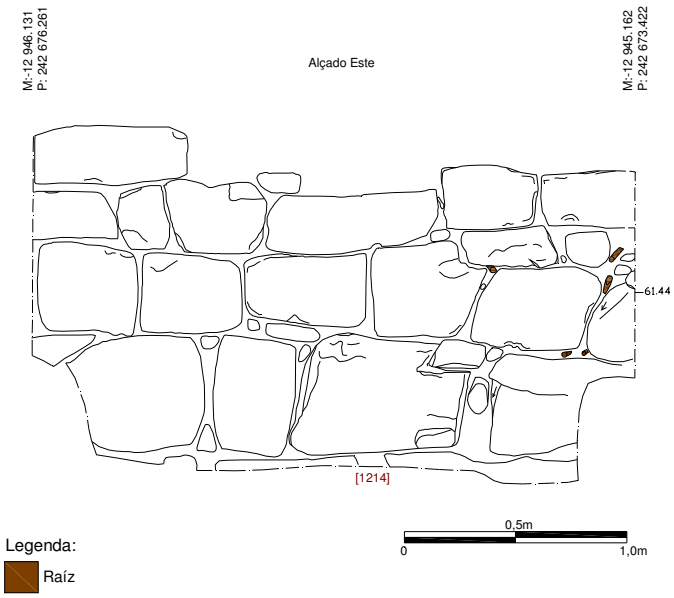


Fig. 241. Sondagem 13- Alçado Este do muro do terreno da paróquia.

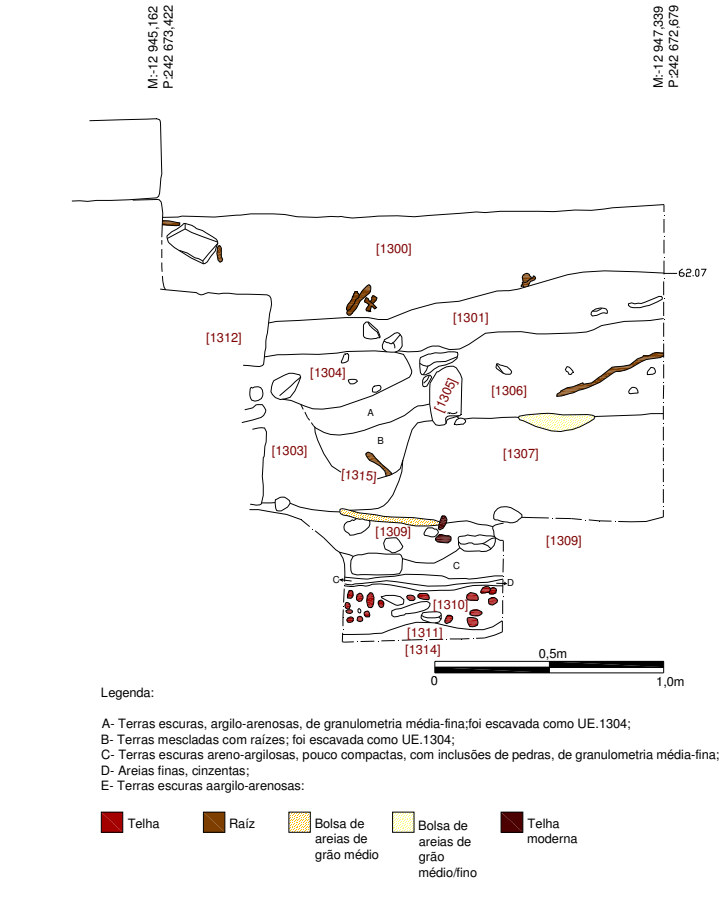


Fig. 242. Sondagem 13- Corte Sul.



Fig. 243. Sondagem 14. Estrutura tosca

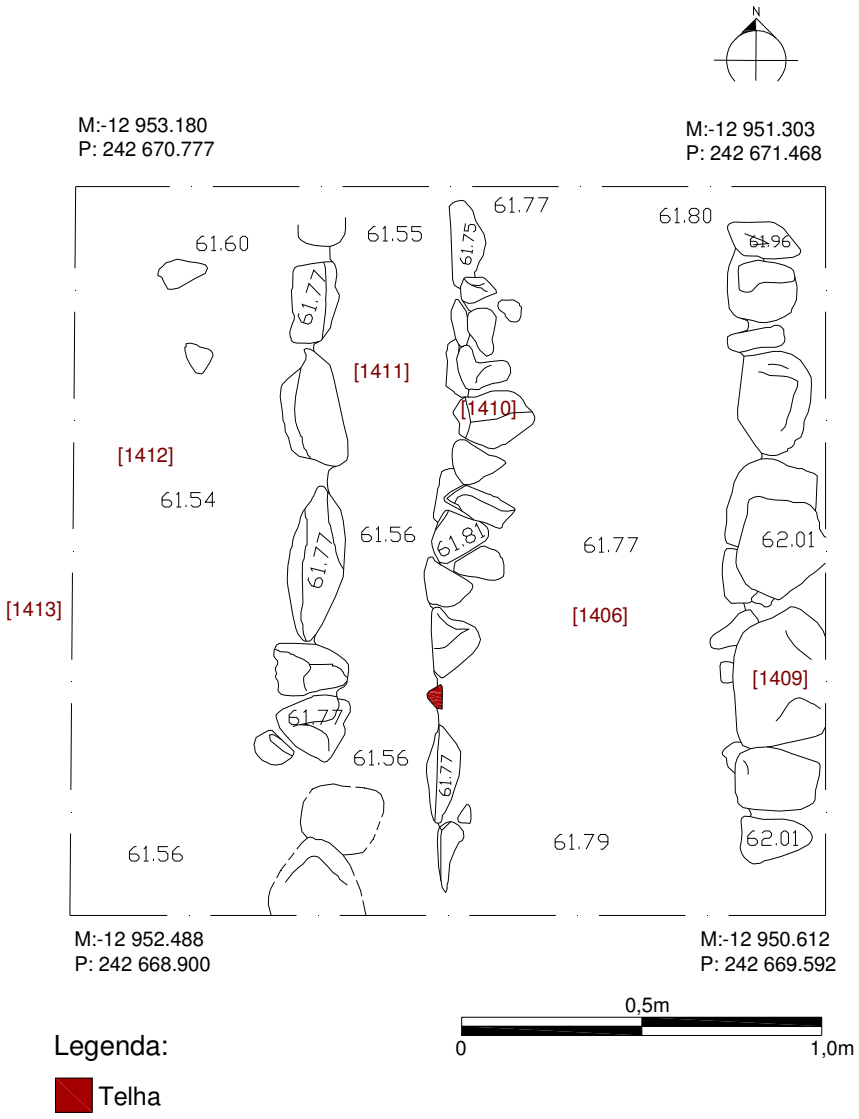


Fig. 244. Sondagem 14- Plano Final.



Fig. 245. Sondagem 15. UE.1501.

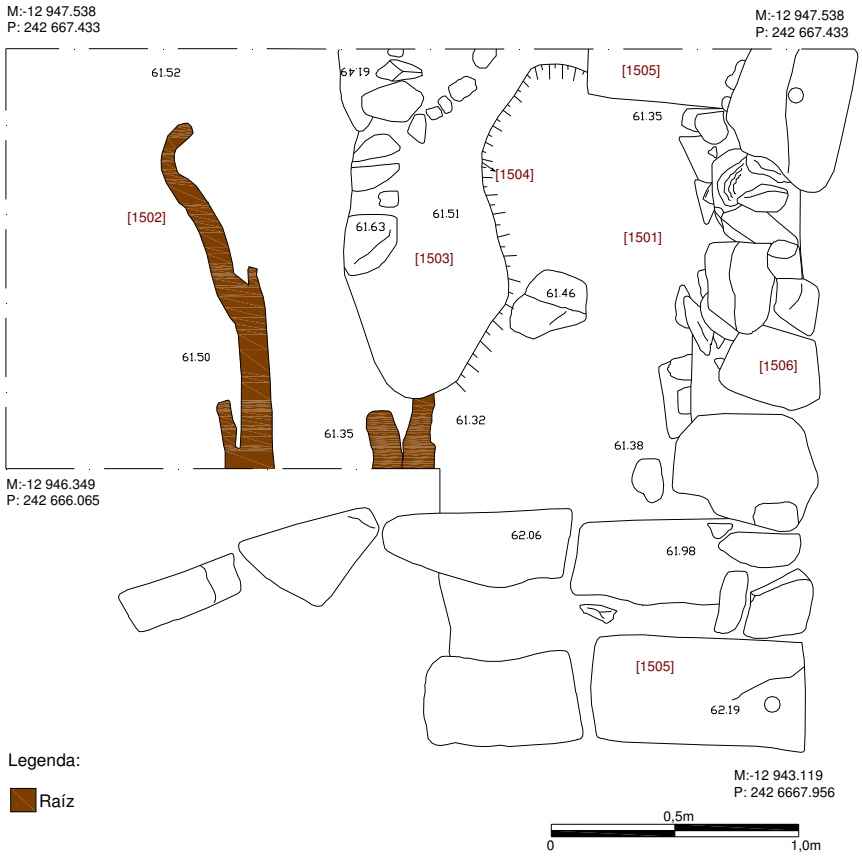


Fig. 246. Sondagem 15- Plano Final.



Fig. 247. Sarcófago 1



Fig. 248.Perspectiva do Sarcófago 1

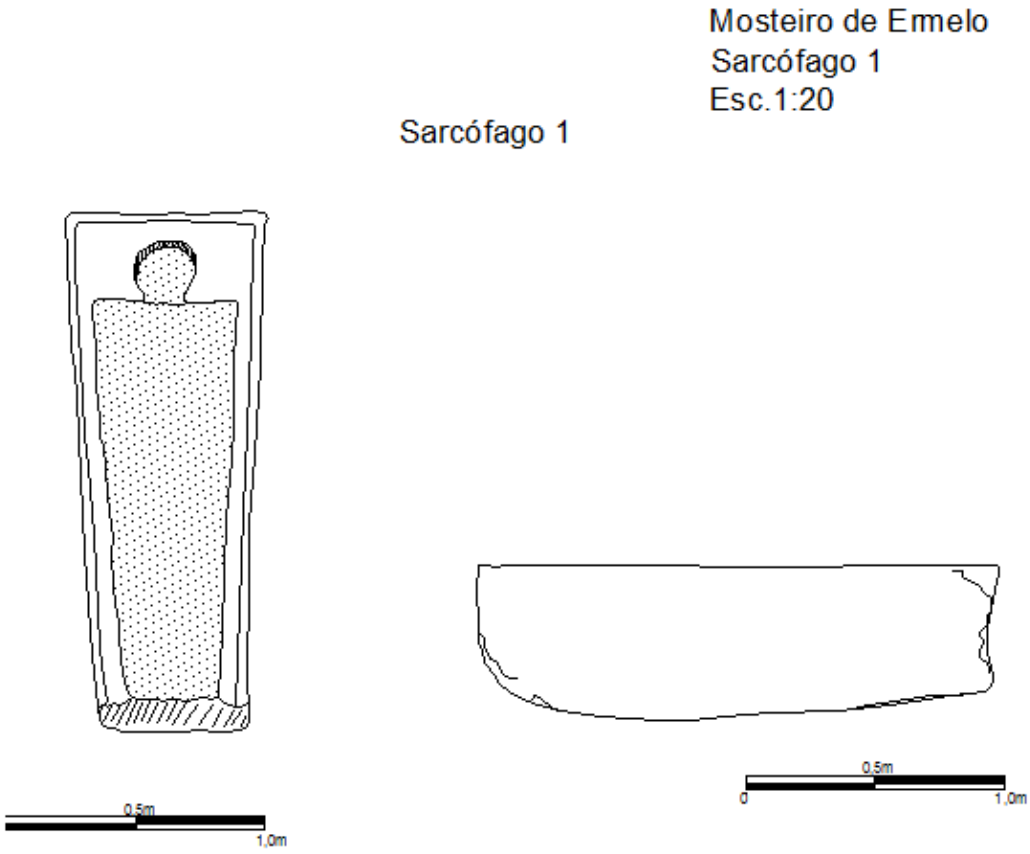


Fig. 249. Sarcófago 1- desenho



Fig. 250. Sarcófago 2

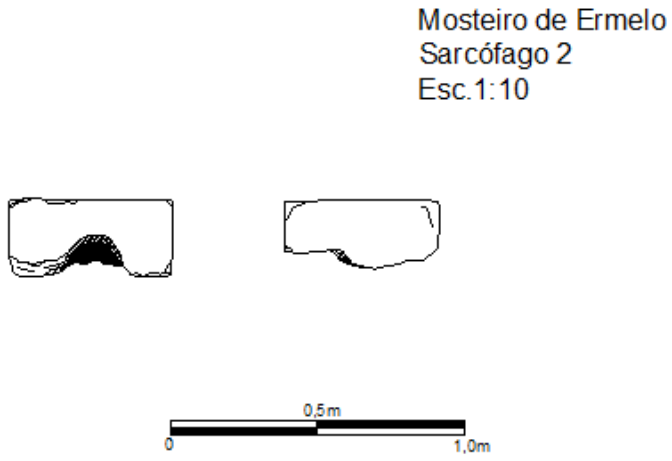


Fig. 251. Sarcófago 2- desenho